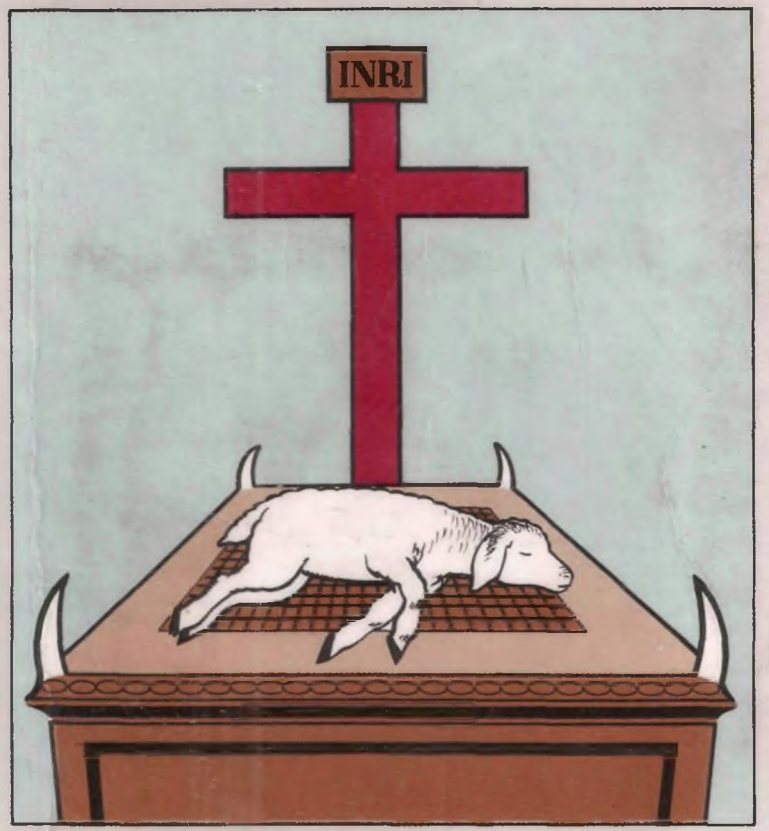
O CULTO NO ANTIGO TESTAMENTO

SUA RELEVÂNCIA PARA OS CRISTÃOS



Jonathan F. dos Santos

O CULTO

NO

ANTIGO TESTAMENTO

Sua Relevância para os Cristãos

Jonathan F. dos Santos

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486 - 04698 São Paulo - SP

Crédito: Mazinho Rodrigues.
Doação Exclusiva para:
http://entretextosteologicos.blogspot.com.br/



Copyright © 1986 - S. R. Edições Vida Nova

Revisão de provas: Vera Lúcia dos Santos Barba

Capa: Íbis R. Pereira

Primeira edição: agosto de 1986

MAZINHO RODRIGUES

Publicado com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486 - 04698 São Paulo - SP

CONTEÚDO

Cap. *Página*

AGRADECIMENTOS VI

PREFÁCIO VII

1. INTRODUÇÃO 1

2. MOISÉS, O HOMEM VOCACIONADO PARA RECEBER E COMUNICAR GRANDES VERDADES DE DEUS 7

3. A NAÇÃO ISRAELITA, CHAMADA PARA SER TESTEMUNHA ENTRE OS POVOS, É FORJADA EM AMBIENTES HOSTIS 15

4. LEVÍTICO: O MANUAL DO CULTO ISRAELITA 42

5. OS SACRIFÍCIOS NO LIVRO DE LEVÍTICO 63

6. A SEQÜÊNCIA DO CERIMONIAL DO CULTO NO TABERNÁCULO 113

7. AS RAZÕES PARA OS ATOS DE CULTO REALIZADOS NO TABERNÁCULO 130

8. O CULTO NO TABERNÁCULO TEM SEU CUMPRIMENTO NA PESSOA E NA OBRA DE CRISTO 149

9. CONCLUSÃO 176

BIBLIOGRAFIA 187

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Richard Julius Sturz, sob cuja orientação foi feito este trabalho, pela sua disposição em prestar toda a colaboração que lhe foi solicitada e pelos conhecimentos que me transmitiu durante o Curso de Mestrado pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo;

aos demais professores, que me ajudaram a ampliar a visão geral no campo da teologia;

aos autores que consultei para fazer a análise de Levítico, que me deram imprescindíveis informações sobre esse livro e sobre a história de Israel, e de quem recebi vasto material sobre o culto no Tabernáculo;

aos que me deram condições materiais para a realização deste curso;

aos meus familiares e amigos tão chegados que têm se tornado parte da minha família, que me auxiliaram nas diversas etapas deste trabalho;

a DEUS, de quem procede "toda a boa dádiva e todo dom perfeito";

A minha profunda gratidão.

Jonathan F. dos Santos
Novembro de 1978

PREFÁCIO

É com real prazer que estamos apresentando mais um trabalho no nível de Mestrado em Teologia para os nossos leitores. Jonathan F. dos Santos cursou o programa de mestrado na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, em 1978, e o presente livro é fruto do seu labor. Ele nota, com razão, que o livro de Levítico é quase completamente ignorado pelos crentes por não ser de fácil leitura. É uma pena, porque o livro, estudado em conjunto com Hebreus, é uma mina de tesouros sobre o significado da paixão de Cristo.

Aqui o autor ajuda o leitor a descobrir e apreciar as verdades reveladas no ritual dos sacrifícios, na consagração dos sacerdotes, e no culto de Israel. O livro explica como um povo pecaminoso pode viver na presença de um Deus santo. O ensino sobre confissão, arrependimento e perdão é relevante aos nossos dias.

Assim, queremos recomendar a leitura cuidadosa deste excelente trabalho.

São Paulo, junho de 1986.

Prof. William A. Stoll
Edições Vida Nova

Mazinho Rodrigues

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

Somente aqueles que se detêm num estudo mais demorado do livro de Levítico é que podem penetrar no significado de seu conteúdo. Esse livro, por sua natureza, não se constitui matéria de leitura fácil. Pode-se dizer que, a não ser uns poucos capítulos que exercem maior atração sobre o leitor apressado, a maior parte desse livro só pode ser devidamente apreciada por alguém que se demora na análise de suas declarações, conceitos e orientações sobre os sacrifícios, alimentos, enfermidades, festas e outros aspectos da vida religiosa de Israel. Entretanto, quem se decide pelo estudo pormenorizado de Levítico verifica bem cedo que é altamente recompensado.

DUAS VANTAGENS NO ESTUDO DE LEVÍTICO

São duas as vantagens que obtêm os estudiosos de Levítico. Primeira, ganham maior visão de todo o Velho Testamento. Os fundamentos da religião israelita estão em Levítico. Começar o estudo do Velho Testamento com esse livro é, portanto, da maior vantagem, uma vez que desse modo o estudante estaria partindo da base para chegar ao topo. Até poder-se-ia dizer que é contrasenso o estudo de conceitos expressos em livros posteriores do Velho Testamento sem a compreensão dos fundamentos da religião judaica, que estão assentados em Levítico. Mas, além dessa compreensão maior do Velho Testamento, o estudante que recebe os ensinamentos de Levítico terá mais facilidade em entender o Novo Testamento. A encarnação, os sofrimentos de Cristo, sua morte sacrificial, o valor de seu sangue, o recebimento da expiação, a vida de santificação e outros temas expressos no Novo Testamento, podem ser muito mais claramente entendidos se o estudante puder compreender os conceitos expressos em Levítico sobre esses assuntos.

O que ocorre, nesse sentido, é que Levítico apresenta o protótipo do Cordeiro de Deus e Sua obra vicária em figuras, tipos e símbolos. É como se o conteúdo de Levítico fosse o ensinamento ministrado em um jardim da infância, onde usa-se procedimento bem simplificado para que os pequeninos compreendam as verdades que se lhes deseja transmitir. De fato, os israelitas estavam nos primeiros degraus da revelação progressiva. Os crentes do Novo Testamento já estão em estágio bem mais avançado. Se uma pessoa chega aos degraus mais altos da revelação levando consigo compreensão clara do que está na base da escada, com toda certeza terá maior facilidade para discernir o que lá em cima lhe é apresentado.

Turnbull, em seu livro *Estudando o Livro de Levítico e a Carta aos Hebreus*, diz:

Não há nenhum livro do Velho Testamento que nos faça melhor compreender o Novo, que o de Levítico. Não há em toda a Bíblia nenhum livro que nos conduza mais diretamente à Cruz, que o de Levítico. Ele é o Evangelho do Velho Testamento. Um estudo cuidadoso desse livro nos habilitará a compreender mais claramente e apreciar mais profundamente o Evangelho do Novo Testamento. Se quiser perceber, do modo mais claro possível, a relação vital entre o Velho e o Novo Testamentos, estude esse livro. Se quiser adquirir um sentimento mais profundo de horror ao pecado e entender a sua hediondez, estude Levítico. Se desejar entender mais enfaticamente a absoluta necessidade da Cruz, estude Levítico. Se desejar adquirir uma apreciação mais profunda da santidade, da misericórdia e da graça de Deus, então estude Levítico.[1]

Pfeiffer, apontando as razões pelas quais se deve estudar Levítico, declara que:

Os conceitos de sacrifício, sacerdócio, altar e Tabernáculo são usados no Novo Testamento com relação a Cristo. Para compreendê-Lo, e Sua obra expiatória feita por nós, devemos procurar compreender aqueles tipos e cerimônias que antecipadamente falavam dEle e que serviam como estrelas na noite, até que o Sol da Justiça se levantasse.[2]

Este estudo fundamenta-se nessa convicção. E essa tem sido a experiência do próprio autor. À medida que se aprofunda no estudo do culto de Israel melhor pode compreender o restante do Velho e Novo Testamentos no que se relaciona a Jesus Cristo e sua obra redentora.

AS LIMITAÇÕES DESTE TRABALHO

Nesta obra não se conseguiu tocar em todos os aspectos daquele culto extraordinário apresentado em Levítico. Observe-se que se disse "tocar". Isto significa que não se conseguiu, mesmo de passagem, estudar certos pormenores dos sacrifícios, das festas, dos votos, do ano sabático, do jubileu, do sacerdócio e outros assuntos. Além disso, o autor restringiu-se ao culto como expresso em Levítico. Seria preciso muito mais para uma análise dos desdobramentos das bases fundamentais do culto israelita no tempo dos juízes, dos reis e profetas, do exílio e da reconstrução. Para um estudo pormenorizado desse assunto como um todo, o leitor poderá encontrar rico material em *Festas de Israel*, de Alfredo Edershein (São Paulo: União Cultural Editora Ltda.).

Não se fez também estudo do lugar onde o culto era realizado, isto é, o Tabernáculo. Assim como o culto era de tremenda significação, o lugar onde era prestado também o era. Mas isto nos levaria a um estudo do Tabernáculo em si, analisando sua estrutura, móveis, utensílios e o material de que eram feitos. Essa análise foge ao escopo deste trabalho. Para a compreensão daquela parte, o leitor, desejoso de melhor compreensão dessa matéria, poderá estudar *O Tabernáculo*, um manual programado que procura analisar o lugar onde o culto de Levítico era realizado.[3]

ESBOÇO GERAL

Com o objetivo de apresentar um panorama geral da situação política e religiosa de Israel no período em que os diversos aspectos do cerimonial do culto no Tabernáculo foram revelados, fez-se uma introdução ao livro de Levítico. Aí procura-se examinar o levantamento de Moisés para ser o instrumento usado por Deus para a transmissão a Israel de todos esses conceitos. Aborda-se também a formação de nação israelita e as possíveis influências das culturas babilônica, egípcia e cananéia sobre a instituição do culto judaico. São os capítulos dois e três.

No capítulo quatro há uma visão panorâmica de Levítico. Verifica-se que santidade é o tema central desse livro. Observa-se também que o culto no Tabernáculo diferia em tão grande medida dos cultos das outras nações, com as quais Israel esteve em contato, que não se pode imaginar que sua religião fosse o resultado

da evolução de práticas pagãs para os conceitos bíblicos. Ao contrário disso, há todo um peso de evidências de que o culto de Israel é o resultado da revelação direta de Deus. É verdade que essa revelação lançou mão de conceitos já conhecidos por Israel, mesmo porque a compreensão do que estava sendo outorgado não seria possível sem que fossem usadas expressões, figuras de linguagem e mesmo costumes já conhecidos pelo povo. Contudo, os conceitos de Levítico são tão diametralmente opostos aos conceitos expressos nas religiões e costumes em geral dos povos vizinhos de Israel, que de maneira alguma se poderia concluir que foi lançado mão daqueles para formar a base do cerimonial de adoração de Deus no Tabernáculo. Turnbull lembra que a expressão "O Senhor falou a Moisés" é repetida cinqüenta e seis vezes em Levítico, "o que torna claro o fato de que era o Senhor Rei de Israel quem outorgava aquelas leis".[4] Leva-se em conta também que havia certos atos de culto que eram a expressão de conceitos que tinham sobrevivido à degeneração religiosa na raça humana. O sistema sacrificial do Tabernáculo regulamenta essas cerimônias, ao mesmo tempo que expande a revelação.

A análise dos sacrifícios realizados no Tabernáculo é feita no capítulo cinco. Parte de uma visão geral deles e da verificação do significado do sangue. É apresentada então descrição detalhada de cada sacrifício. Aponta-se também o propósito imediato de cada sacrifício para a nação israelita. Eles não eram vazios e formais. Havia razão particular em cada ato daquele culto.

O capítulo seis é uma descrição da seqüência do cerimonial do culto no Tabernáculo. Aquele cerimonial era um bem elaborado programa no qual havia atos de culto para cada dia, para os sábados, para as luas novas e para as comemorações anuais. Havia cerimônias de natureza individual, outras que envolviam a família e também aquelas para toda a coletividade.

Ao se examinar Levítico e o contexto em que foi dada a revelação nele contida, pode-se verificar claramente que havia razões fortes para todos os atos de culto do Tabernáculo. Isto é apontado no capítulo sete. A vivência constante com Jeová era um dos objetivos daquele culto. Havia também o ensinamento primário de grandes verdades espirituais. Por último, nota-se que os atos de culto do Tabernáculo eram a resposta às necessidades de perdão e expiação, tão reais hoje como naquele período da história do povo de Deus.

Por fim, no capítulo oito, mostra-se que o culto no Tabernáculo tem cumprimento final e completo na pessoa e obra de Jesus Cristo. É espantosa a similaridade entre a natureza de Jesus Cristo e as qualidades daquilo que era oferecido a Deus no Tabernáculo. Não menos notável é a semelhança entre os sacrifícios de animais e o oferecimento da Vítima Perfeita no Novo Testamento. Realmente, o Novo Testamento, e especialmente Hebreus, mostra que Jesus Cristo e Sua obra são o pleno cumprimento do sacerdócio, dos sacrifícios e de todos os atos de culto do Tabernáculo.

A ÊNFASE NO SIGNIFICADO DO CULTO NO TABERNÁCULO PARA ISRAEL

Em geral, os tratados sobre o Tabernáculo e o culto nele realizado, são uma aplicação ao Novo Testamento e à Igreja dos seus significados. Neste trabalho procurou-se dar atenção primeiramente ao significado do culto no Tabernáculo para o próprio israelita. Estudando-se cada sacrifício, cada oferta, cada festa, enfim, todo o cerimonial daquele culto, tentou-se verificar o que representavam para a nação israelita. Depois disto fez-se a ligação de todo aquele cerimonial com Jesus Cristo e Sua obra.

OS ALVOS DESEJADOS COM RELAÇÃO A ESTE TRABALHO

O autor tem observado que Levítico é pouco estudado tanto nas instituições teológicas como nas igrejas. Em alguns seminários e institutos bíblicos esse livro somente recebe alguma atenção dentro da matéria de Introdução Geral à Bíblia, quando se discute autoria, data e esboço geral de cada livro. Assim, passa-se por ele em duas ou três aulas, quando muito. É verdade que algumas escolas o incluem na lista de livros a serem analisados durante o curso, mas estas são exceções. Com relação à pregação, poucos obreiros tomam textos de Levítico como base para seus sermões. Ocorre ainda que, não sendo livro de leitura fácil, a não ser poucos capítulos, a maioria dos crentes não o lê com tanta freqüência. Entretanto, o estudo deste livro traz grandes benefícios para todos aqueles que desejam compreender melhor o restante do Velho Testamento e também fornece base firme para o entendimento da obra redentora de Jesus Cristo, no Novo Testamento. Assim sendo, um dos alvos deste trabalho é procurar despertar o leitor para o estudo desse livro extraordinário.

Por outro lado, há poucos livros em português sobre o Tabernáculo (descrito em Êxodo) e sobre o culto no Tabernáculo (descrito especialmente em Levítico). Esta pesquisa visa oferecer algum subsídio a mais nesse sentido.

Espera-se portanto que o leitor possa ser despertado para começar a cavar nessa mina preciosa que é Levítico, e que encontre neste trabalho um auxílio para sua nova tarefa. Com toda a certeza será muito abençoado enquanto trabalha nesse sentido e, aos poucos, perceberá que sua apreensão de várias doutrinas, expressas tanto no Velho como no Novo Testamento, estará se ampliando.

NOTAS

1. M. Ryerson Turnbull, *Estudando o Livro de Levítico e a Epístola aos Hebreus* (São Paulo: Editora Presbiteriana, 1954), p. 13.

2. Charles F. Pfeiffer, *The Book of Leviticus* (2a. Ed.; Grand Rapids: Baker Book House, 1963), p. 1.

3. *O Tabernáculo,* de Jonathan F. Santos (Londrina: Missão Antioquia, 1978).

4. M. Ryerson Turnbull, *op. cit.*, p. 15.

Capítulo 2

MOISÉS, O HOMEM VOCACIONADO PARA RECEBER E COMUNICAR GRANDES VERDADES DE DEUS

A figura ímpar de Moisés sobressai em todo o Pentateuco. A descrição do relacionamento desse homem com Deus demonstra que poucos na história da humanidade conseguiram chegar tão perto do Senhor como ele. "Falava o Senhor com Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo", declara Êxodo 33:11. Quando Jeremias estava intercedendo pelo seu povo, rogando Sua misericórdia para Israel, a resposta que recebeu do Senhor pode dar a profundidade do relacionamento entre Deus e Moisés. Deus disse: "Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, meu coração não se inclinaria para este povo" (Jr. 15:1). Séculos mais tarde, Moisés, juntamente com Elias, vem encontrar Jesus Cristo no monte da transfiguração (Mt. 17:3). Estas e outras referências à pessoa desse servo de Deus falam da profunda intimidade que ele gozava com o Senhor. Ao lado disso são tão extraordinários os feitos que se relacionam com esse herói da fé, que muitos críticos da Bíblia têm a tendência de vê-lo quase que como uma figura mitológica. Contudo, não se pode negar que de fato Moisés é uma pessoa que realmente viveu e que liderou o povo de Israel por cerca de oitenta anos. Esse homem foi vocacionado e preparado para receber e comunicar grandes verdades da revelação de Deus. De maneira erudita, e com unção especial, ele transmitiu à sua gente aquilo que recebera do céu.

No conjunto geral dos livros do Pentateuco, onde está registrada essa revelação, encontram-se verdades preciosas a respeito do culto que Israel deveria prestar a Jeová. Era o culto que seria feito no Tabernáculo e, mais tarde, no templo construído por Salomão. Assim, todo o restante do Velho Testamento é um desenvolvimento daquilo que foi comunicado à Moisés e que ele legou ao seu povo. Como todo o conjunto de verdades expressas no Velho Testamento tem seu cumprimento em o Novo, Moisés é figura

de destaque nas duas porções da Bíblia. Não é de se estranhar que o nascimento e a vida de uma pessoa assim, que ocuparia lugar tão proeminente no tratamento de Deus com a humanidade, fossem cercados por fatos tão extraordinários.

SEU NASCIMENTO FOI CERCADO POR FATOS ESTRANHOS

Jonathan Ben Uzziel, citado por Adam Clarke, diz que Faraó teve um sonho no qual viu uma balança, tendo em um dos seus pratos toda a terra do Egito e um cordeiro no outro. O prato que continha o cordeiro era mais pesado do que o que continha a terra. Chamou imediatamente os principais sábios da corte. Janes e Jambres (nomes que aparecem em II Timóteo 3:8) disseram a Faraó que dentro de pouco tempo nasceria uma criança das famílias dos hebreus cuja mão destruiria toda a terra do Egito.[1] Por isso, então, veio a ordem para que os meninos fossem mortos. A informação de Flávio Josefo, historiador judeu que viveu no século primeiro, é de que

> *Um dos doutores da sua lei, ao qual eles dão o nome de escribas das coisas santas e que passam entre eles por grandes profetas, disse ao Rei que naquele tempo deveria nascer um menino entre os hebreus, cuja virtude seria admirada por todo o mundo, o qual elevaria a glória de sua nação, humilharia o Egito e cuja reputação seria imortal. O Rei, assustado com essa predição, publicou um edito, segundo o conselho daquele que lhe fazia essa advertência, pelo qual ordenava que se deveriam afogar todos os filhos dos hebreus do sexo masculino.*[2]

Antes de tomar posição, tratando todas essas informações como fábulas, deve-se lembrar que a vida e a obra de Moisés estavam destinadas a ser revestidas de tanta glória e de tão tremendas conseqüências que uma movimentação intensa das hostes espirituais devia ser esperada naquele período. Lembremo-nos ainda que a mente humana pode detectar fatos extraordinários e expressá-los em forma de sonhos, visões e outras maneiras. Por outro lado, um grande império estava chegando ao fim de sua hegemonia. Nada mais natural do que haver sinais de pressentimento, entre os seus sábios, das crises que envolveriam essa nação. Além disso, uma grande nação estava sendo formada nesse período. Essa nação teria influência espiritual sobre muitos povos. A Bíblia viria por seu intermédio e o Salvador do mundo surgiria de sua descendência. Por

tudo isso, deveria haver mesmo certos movimentos naquele período, tanto nas regiões celestes como entre os homens.

Suscintamente, como sói acontecer, a Bíblia diz que "entrementes se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José. Ele disse ao seu povo: eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós. Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique". A primeira medida tomada foi colocar "sobre eles feitores de obras, para os afligirem com suas cargas". Essa medida não deu resultado. Quanto mais oprimidos, mais se multiplicavam e se espalhavam. Na providência divina estava havendo uma explosão populacional com objetivos bem definidos. Uma outra medida, ainda mais cruel, foi tomada. O rei ordenou às parteiras que matassem todos os meninos que viessem a nascer, deixando vivas apenas as meninas (Ex. 1:8-16). Isto dava a esse período da história certa semelhança com o período do nascimento de Jesus, quando também ocorreram fatos extraordinários, *como o aparecimento de anjos, sinais nos céus, matança de* crianças e outros.

O AMBIENTE DE ESCRAVIDÃO NO QUAL MOISÉS NASCEU

Haviam decorrido aproximadamente trezentos anos desde que Jacó e sua família passaram a morar em Gósen, sob a proteção de José, um dos filhos daquele patriarca. Como se sabe, esse filho de Jacó tornara-se alto dignitário do Egito.

Os israelitas viviam agora um período negro nesse país. Ainda que poucas, as informações do texto bíblico deixam claro que os anos que antecederam o nascimento de Moisés foram caracterizados pela cruel escravidão de seu povo. Josefo diz que eles foram empregados

> *Em cavar vários diques para deter as águas do Nilo e diversos canais para levá-las. Faziam-nos trabalhar na construção de muralhas para cercar as cidades, levantar pirâmides de altura prodigiosa e mesmo os obrigavam a aprender com dificuldade artes e diversos ofícios.*[3]

Quando Deus encontrou Moisés na sarça, disse-lhe que viu a aflição do seu povo e ouviu o seu clamor. "Conheço-lhe o sofrimento", asseverou o Senhor (Ex. 3:7).

Toda escravatura é dolorosa mas imagine-se como é terrível a escravidão determinada a quebrar a fibra de um povo, com temor de que este se sublevasse. Ou, se Josefo tem razão em dizer que o Faraó sabia que um salvador poderia aparecer em breve no meio dos hebreus, como isto teria feito recrudescer a tirania?

O MENINO QUE VIRIA A SER O LÍDER DE SEU POVO

"E, vendo que era formoso, escondeu-o por três meses" (Ex. 2:2). Isto porque, nascido durante a vigência do decreto que mandava matar todos os meninos e deixar vivas tão somente as meninas, seus pais resolveram desobedecer o mando real ainda que isso significasse arriscar suas próprias vidas. O fato de ser a criança formosa seria motivo para tanto? Adam Clarke lembra que "ele não era somente uma criança perfeita, bem formada, mas que era muito belo".[4] Estevão afirma que ele "era formoso aos olhos de Deus" (At. 7:20). Matthew Henry levanta a possibilidade de que "ele tinha um lustro em seu semblante que era alguma coisa mais do que humana, e era uma amostra do brilho de sua face mais tarde".[5] Assinala ainda que algumas vezes Deus dá sinais antecipados de seus dons naqueles por quem fará grandes coisas. É o caso da força precoce de Sansão e o zelo do menino Samuel (Jz 13:24-25, I Sm. 2:18).

O escritor da carta aos Hebreus declara que seus pais o esconderam pela fé (Hb. 11:23). Um toque de Deus, por certo, fazia com que compreendessem o propósito que o céu tinha com aquela criança e, então, arrostando todas as dificuldades o preservaram. Sim, o Senhor estava dirigindo cada detalhe e por certo deu sinais visíveis de seu interesse naquele menino.

PARA UMA MISSÃO SUMAMENTE GRANDE, UM GRANDE PREPARO

Quando Anrão e Joquebede perceberam que não mais poderiam conservar Moisés em sua casa, resolveram entregá-lo à Providência Divina. Colocando-o num cesto de junco, que fora calafetado com betume, o deixaram no carriçal à margem do rio. "Sua irmã ficou de longe, para observar o que lhe haveria de suceder" (Ex. 2:4). Nem ela e nem seus pais poderiam imaginar o que viria a ocorrer. Possivelmente foram horas de fervente intercessão. E o imprevisível aconteceu. A filha de Faraó o encontrou e decidiu

tomá-lo para si. Por intervenção de Miriam, a própria Joquebede tornou-se sua mãe-ama. A pedido da princesa, ela cuidou da criança até que "sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha de Faraó" (Ex. 2:10). A princesa mesmo o chamou Moisés (Ex. 2:10), que é um nome de origem egípcia. Josefo diz que MO significa "água" e ISES significa "preservado".[6] "O menino", diz Lange, "durante aquele período tinha ingerido não somente o leite maternal, mas também o espírito hebreu, e tinha sido instruído com o segredo de sua descendência e de como escapou à morte".[7]

Mas teria sido possível comunicar-lhe tanto em sua infância? Como guardaria um segredo? Teria sido permitido à sua mãe, nos anos subseqüentes, visitá-lo e, então, de alguma maneira comunicar-lhe o que lhe era essencial saber para que viesse no futuro a identificar-se como israelita? Ou, na sua juventude, sabendo-se filho adotivo, procurou descobrir seu parentesco e tudo se aclarou? Nem a Bíblia, nem os historiadores, deixam clara esta questão. Mas, pelos acontecimentos posteriores de sua vida, fica evidente que "legal e formalmente ele tornou-se filho da filha de Faraó enquanto no íntimo tinha se tornado o filho de outra mãe".[8]

Pode-se dizer que o preparo de Moisés desenvolveu-se em três círculos de influência. A de seu próprio lar, recebida na própria casa, ou mesmo no palácio, de forma indireta. Dessa influência ele capacitou-se do espírito hebreu e desenvolveu-se nele o chamamento divino para ser o libertador do seu povo. O palácio foi o segundo círculo de influência. Ele foi "instruído em todas as ciências dos egípcios, e tornou-se forte em palavras e obras" (Atos 7:22)[9]. A opinião de Schultz é que

> *Eram usadas extensas dependências na corte egípcia durante o período do Novo Reino para treinar herdeiros reais de príncipes tributários... Se um príncipe distante morria, um filho a quem tivesse sido exposta a cultura egípcia era designado para o trono com a esperança que ele fosse um leal vassalo de Faraó. É altamente provável que Moisés recebeu seu treinamento egípcio ao lado de herdeiros reais da Síria e outras terras.*[10]

Sem dúvida Moisés desenvolveu-se no campo da filosofia, religião, legislação, geometria, escrita e tudo o que os mais sábios de então poderiam oferecer-lhe. Era a provisão de Deus para o homem que deveria ser príncipe de um povo em formação durante

quarenta anos em um deserto. Mas sua missão era ainda maior do que a de um príncipe. Seria o portador da revelação divina e o iniciador do seu registro; introduziria conceitos de pecado, redenção, perdão e santificação que formariam o arcabouço para toda a revelação divina posterior; assentaria as bases da religião judaica, a qual conteria em si os princípios das verdades divinas que seriam desenvolvidas nos séculos seguintes e alcançariam sua plenitude na vinda do Messias. Mais que príncipe entre os homens, ele seria príncipe do Reino de Deus. Assim, deveria receber preparo espiritual suficiente para torná-lo varão de Deus. Onde melhor que um deserto?

Aos quarenta anos, com grande bagagem cultural, "poderoso em palavras e obras" (Atos 7:22), tendo o coração inflamado pela certeza de que Deus o constituira defensor do seu povo e, mais ainda, constrangido pelas aflições que se abatiam sobre sua gente, arrojou-se à sua tarefa na expectativa de que sua hora havia chegado e de "que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar, por intermédio dele" (Atos 7:25). A morte do egípcio, a interferência na briga de dois hebreus, a determinação de Faraó em matá-lo, sua fuga para o deserto, são indicações de que, se por um lado o povo ainda não estava suficientemente preparado para sair do Egito, por sua vez, faltava a Moisés amadurecimento suficiente para a obra que tinha a fazer.

Fugindo do Egito exilou-se em Midiã, uma região a leste da península no Sinai, do outro lado do que é hoje chamado Golfo de Akaba, onde se situa atualmente a Arábia Saudita. Aí passou a viver com Jetro, provavelmente príncipe e sacerdote da terra, tendo-se casado com uma de suas filhas. A maioria dos eruditos pensa que os habitantes de Midiã eram parentes de Moisés. Seriam descendentes de um dos filhos de Abraão e Quetura (Gn. 25:1-4). "Quando Moisés veio aos midianitas ele entrou nas fronteiras onde viveram seus pais", afirma Buber[1]. Este fato tornou o retiro de Moisés mais seguro e confortável. Estava no meio de um povo que conhecia o mesmo Deus e que falava a mesma língua da sua gente, ou, pelo menos um dialeto daquela. Seu serviço era pastorear o rebanho de seu sogro. Então, em contato com a natureza, num ambiente em que tudo contribuia para a meditação e comunhão com Deus, estava se formando o homem que seria capaz de dialogar com Deus no Monte Horebe. Tem-se que estar certo que nenhum mortal suporta grandes visões do sobrenatural a menos que tenha sido forjado para isso. Quando se diz de Abraão, Gideão,

Maria ou Pedro, que estiveram em contato tão direto com mensageiros das regiões celestes, é preciso que se lembre que eles foram feitos capazes para isso em preparo mais curto ou mais longo.

Alguém que seria profeta, no grau mais elevado permitido ao ser humano, sendo o mediador entre Deus e o homem, comunicando a este a vontade e os desígnios dAquele, sem mistura, deveria ser forjado através de anos de comunhão com Deus e de um processo longo de meditação. Mais tarde Deus daria testemunho dele, dizendo: "... se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele me faço conhecer, ou falo com ele em sonhos. Não é assim com o meu servo Moisés... boca a boca falo com ele, claramente, e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor..." (Nm.12:6-8).

A CRISE FINAL DO CHAMAMENTO

O homem de oitenta anos, que morreria aos cento e vinte, sem que suas forças se abatessem (Dt.34:7), estava apascentando o rebanho na península do Sinai e foi até Horebe. Em que estariam seus pensamentos, suas aflições e apreensões! O oleiro divino estava concluindo o preparo de Seu vaso e a crise final prestes cairia sobre ele. De fato, ela veio com o aparecimento do Senhor numa visão própria daquela hora; um arbusto fraco envolto em chamas estrepitantes que, entretanto, não se consumia (Ex. 3). Que objetividade! Não era ele mesmo um arbusto envolto desde a infância no fogo da provação? Ainda no ventre de sua mãe e já a sentença de morte lhe era ditada. Nascido, devia ficar oculto. Com três meses foi lançado ao Nilo. Voltou para sua mãe, mas apenas poucos anos decorreram e ele teve de viver na casa de estranhos. Sua juventude foi passada no meio da idolatria e da magia da corte egípcia. Ao mesmo tempo queimava no seu coração o fogo do chamamento para a sua missão, enquanto observava com amargura de alma o procedimento dos algozes de sua gente. Aos quarenta anos tentou socorrer os seus e não foi compreendido. Teve de fugir e, então, de príncipe e guerreiro, passou a ser um simples camponês. Durante quarenta anos a fio foi trabalhado pela solidão, pela saudade e por quantos outros sentimentos! Sim, sua vida estava toda ela bem representada naquele arbusto que ardia e não se consumia.

Mas no fogo estava também o símbolo da divindade. Deus se manifestaria assim outras vezes. Quando saíram do Egito, uma co-

luna de fogo os guiava e esta era a presença do Anjo do Senhor (Ex. 14:19). Havia fogo sobre o Tabernáculo (40:38). Na outorga da lei "todo o Monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo" (19:18). Sabia ele que o fogo da presença de Deus o acompanhara desde o ventre de sua mãe, nunca o deixara, e agora estava ali, envolvendo o arbusto, retrato de sua própria vida. E isto era verdade também com relação ao seu povo. Da mesma maneira eles tinham estado por anos envoltos no fogo da provação, mas a presença do Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó não permitira que fossem consumidos. E agora os gemidos dessa gente escravizada tinha chegado ao céu (3:7). Era, na verdade, de todo necessário que Jeová esperasse até o momento que não mais suportassem suas dores porque assim suspirariam pela terra prometida. Não fosse a escravidão e o sofrimento, teria sido impossível motivá-lo a marchar para Canaã.

E do meio do fogo o Deus dos pais lhe diz: "Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito" (Ex. 3:10). Há todo um mundo de desculpas dadas pelo príncipe que vivera um longo período como camponês, o que mostra que ele "aprendeu humildade na escola de Midiã".[12] Contudo Deus o incita a aceitar o desafio e lhe promete que lhe dará como companheiro seu irmão Arão. "E ele", diz o Senhor, "te será por boca, e tu lhe serás por Deus" (4:16), "Essa expressão", diz Connell, "descreve perfeitamente a função de um profeta, alguém que serve de mediador da mente de Deus para com o povo".[13]

SUMÁRIO

Moisés foi vocacionado para ser o agente de uma grande parte da revelação de Deus. As verdades que ele recebeu e transmitiu ao seu povo formam o arcabouço doutrinário do Velho Testamento e têm desdobramentos no Novo Testamento. Sendo um homem que teve parte tão importante no tratamento de Deus com a humanidade, toda a sua vida, incluindo seu nascimento e sua preparação, foi cercada por fatos extraordinários.

Nasceu em um período escuro da história do seu povo. Estavam escravizados no Egito. Além disso, algum tempo antes do seu nascimento, o governo daquele país decretou que todos os meninos que nascessem dos hebreus deveriam ser mortos. Moisés só escapou por um milagre. Foi salvo da morte no Rio Nilo pela filha

de Faraó. Levado para o palácio real, recebeu o melhor preparo intelectual que se poderia obter em sua época. Tendo de fugir do Egito, passou quarenta anos no deserto, onde recebeu a maturidade espiritual que precisava. Naturalmente, o preparo extraordinário que recebeu estava de acordo com o trabalho tão estupendo que teria de fazer.

NOTAS

1. Adam Clarke, *A Commentary and Critical Notes*, I (Nova Iorque: Lane & Scott, 1851), p. 294.
2. Flávio Josefo, *História dos Hebreus*, I (São Paulo: Editora das Américas, s/data), p. 209.
3. Flávio Josefo, *op. cit.*, p. 209
4. Adam Clarke, *op. cit.*, p. 297.
5. Mathew Henry, *An Exposition of the Old and New Testament*, I (Londres. James Nisbet and Co., 1866), p. 274.
6. Flávio Josefo, *op. cit.*, p. 216.
7. John P. Lange, *A Commentary on the Holy Scriptures*, II (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1876), p. 5.
8. *Ibid.* p. 5.
9. Edição Claretina. Editora Ave Maria Ltda.
10. Samuel J. Schultz, *A História de Israel no A.T.* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1984), p. 49.
11. Martin Buber, *Moses: The Revelation and the Covenant* (Nova Iorque: Harper and Row, 1965), p. 42.
12. Keil, citado por John P. Lange, *op. cit.*, p. 10.
13. J. C. Connell, "Exodo", em *O Novo Comentário da Bíblia*, ed. Russel P. Shedd, I (São Paulo: Edições Vida Nova, 1972), p. 124.

Capítulo 3

A NAÇÃO ISRAELITA, CHAMADA PARA SER TESTEMUNHA DE DEUS ENTRE OS POVOS, É FORJADA EM AMBIENTES HOSTIS

O homem Moisés, comissionado por Deus, desce ao Egito para de lá retirar as doze tribos de Israel e fazer desse aglomerado de gente a nação israelita. Devia ainda, dentro do escopo de sua missão, dar formação política à nova nação e introduzi-la na terra de Canaã. Havia dificuldades indizíveis que se interpunham à consecução de semelhante façanha. A primeira seria a de ser aceito como o líder designado pelo céu para esse mister. Antevendo essa dificuldade, Deus dera a Moisés poderes miraculosos, pois quando um líder espiritual conta com os sinais sobrenaturais que seguem à proclamação das verdades que ele apresenta como divinas, e se estes sinais se comprovam verossímeis, a gente que o ouve é movida a aceitar sua palavra. Os sinais sobrenaturais ali estavam e não demorou para que os filhos de Jacó percebessem a autoridade que havia no servo de Deus.

É verdade que de início quem falava era Arão, visto que Moisés havia apresentado a Deus a dificuldade que tinha para se expressar. Fosse real essa dificuldade ou simplesmente a inibição diante de tão grande empreendimento, Deus lhe havia dado um companheiro para o desempenho da tarefa. E diz o texto bíblico que "Arão falou todas as palavras que o Senhor tinha dito a Moisés, e fez os sinais à vista do povo. E o povo creu" (Ex. 4:30, 31).

Faraó, porém, não quis dar crédito à Moisés. É esta outra lei espiritual. Os atos poderosos de Deus tornam mais tementes aqueles que já honram o Senhor, mas, ao mesmo tempo, conduzem à maior incredulidade aqueles que costumeiramente se recusam ouvi-lO. No caso de Faraó, seu endurecimento é contado como sendo ação de Deus ("Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó" — Ex. 7:3), e, ao mesmo tempo, como expressão da vontade livre do monarca egípcio ("Mas ainda esta vez endureceu Faraó o coração", Ex. 8:32). Sem dúvida não lhe foi retirado o livre arbítrio. Ele

continuou no pleno exercício de sua vontade e era responsável por suas atitudes. O que certamente lhe faltava era a graça de Deus para abrir seu coração e fazer a vontade do Todo-Poderoso. Não teria ele contudo chegado a esse estado por causa de seu coração orgulhoso e obstinado? Não seriam a idolatria, o afastamento contínuo de Deus, a prática da falsa religião, responsáveis por seu endurecimento quando é abordado pela legítima palavra de Deus?

A insensibilidade dos dirigentes egípcios para com a mensagem divina provocou o surto de dez terríveis pragas que se abateram sobre sua terra, culminando com a morte dos primogênitos, o que os levou, em uma situação de desespero nacional, permitir a saída dos israelitas.

A gente que sai é numerosa. "Cerca de seiscentos mil a pé, somente de homens, sem contar mulheres e crianças. Subiu também com eles um misto de gente..." (Êx. 12:37,38). Um ano após o povo ter deixado o Egito, Deus manda Moisés levantar o censo e, então, se diz que "todos os contados... de vinte anos para cima, todos os capazes de sair à guerra... foram seiscentos e três mil quinhentos e cinqüenta" (Nm. 1:45,46). Qual seria o número total dos que saíram? Adam Clarke calcula o número de pessoas que compunham aquela multidão em três milhões, duzentos e sessenta e três mil[1]. Ainda que Clarke tenha superestimado os números e tivéssemos que abater cinqüenta por cento desse total, teríamos de concordar com ele quando diz:

Se Moisés não tivesse a mais completa prova de sua divina missão, ele jamais se teria colocado à frente de tão imensa multidão de povo que, sem a mais especial e efetiva providência, teria perecido por falta de alimento. Esta simples circunstância, mesmo sem se levar em conta todas as outras, é uma ampla demonstração da missão divina de Moisés e da autenticidade e divina inspiração do Pentateuco. Supor que um impostor, ou alguém que simulasse ter uma chamada divina, pudesse ter se aventurado a colocar-se à frente de tão imenso corpo de gente, para conduzi-lo através de um deserto sem estradas, completamente desprovidos para tal jornada, para uma terra ainda em possessão de diversas nações poderosas a quem eles deveriam expelir antes que pudessem possuir a região, teria implicado em tão extremado ato de loucura e tolice como jamais foi testemunhado em um indivíduo; e tal crendice cega em uma multidão seria sem para-

lelo nos anais da humanidade. Os estupendos eventos que se sucederam provaram que Moisés tinha a autoridade de Deus para fazer o que fez; e o povo tinha pelo menos tal convicção de que ele possuia tal autoridade, que eles seguiram incondicionalmente suas ordens e receberam a lei de sua boca.[2]

Quando Jacó desceu para o Egito, eram setenta ou setenta e cinco pessoas (Ex. 46:27; Atos 7:14). Agora contavam-se aos milhões. Quanto tempo teria sido necessário para que houvesse tal multiplicação?

O PERÍODO QUE ISRAEL PASSOU NO EGITO

O texto hebraico afirma que Deus havia dito a Abraão que seus descendentes seriam oprimidos em uma terra estranha por quatrocentos anos. E acrescentou que na quarta geração eles retornariam para Canaã (Gn. 15:12-16). No capítulo doze de Êxodo, declara-se que o "tempo que os filhos de Israel ficaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos" (Ex. 12:40). Estevão, em seu discurso perante o Sinédrio, em Jerusalém, repete a informação de que Deus prometeu a Abraão que sua descendência, após ser maltratada em terra estranha durante quatrocentos anos, serviria o Senhor em Canaã (Atos 7:6,7). O apóstolo Paulo declara que a Lei foi dada quatrocentos e trinta anos depois de a promessa ter sido feita a Abraão (Gl. 3:17).

É evidente que há problemas de ordem cronológica nestas declarações. Mesmo concedendo-se a diferença de informação entre quatrocentos anos de Gênesis 15 e Atos 7, e quatrocentos e trinta de Êxodo 12, seja pelo fato de que ao se dizer "quatrocentos" não se quis precisar exatamente o número de anos mas apenas um período, persistiria ainda a dúvida sobre a contagem de Paulo em Gálatas 3 como sendo de quatrocentos e trinta anos após Abraão.

O Pentateuco Samaritano difere do texto hebraico em Êxodo 12:40 oferecendo a seguinte leitura: "Agora, a peregrinação dos filhos de Israel, e de seus pais, que eles peregrinaram na terra de Canaã e na terra do Egito foi de quatrocentos e trinta anos". As duas cláusulas, "e de seus pais" e na "terra de Canaã", não constam do atual texto hebraico. Tomando por base essa leitura do Pentateuco Samaritano, e o fato de que é idêntica à leitura desse

texto no Manuscrito Alexandrino (da LXX), e ainda supondo que os crentes da Galácia estariam mais acostumados com a LXX, razão pela qual Gálatas 3:17 seria citação dessa versão,[3] Clarke conclui que os israelitas estiveram no Egito apenas duzentos e quinze anos. No seu entender, esta cronologia do Apóstolo, que concorda com o Pentateuco Samaritano (o qual tem preservado as duas declarações "eles e seus pais" e "na terra de Canaã", que foram perdidas das atuais cópias do texto hebraico), "tem salvado esta passagem da obscuridade e contradição".[4]

Os outros duzentos e quinze anos são assim contados: da data que Abraão entrou em Canaã até ao nascimento de Isaque: vinte e cinco anos, conforme Gênesis 12:4 e 17:1,21. Quando Jacó nasceu, Isaque tinha sessenta anos, conforme Gênesis 25:26. Jacó tinha cento e trinta anos quando chegou ao Egito, conforme Gênesis 47:9. Seriam, então, vinte e cinco, mais sessenta, mais cento e trinta, totalizando duzentos e quinze anos.

*Flávio Josefo, em Antigüidades, livro V, faz alusão a "qua*trocentos anos" sem especificar bem a que está se referindo. No livro VI, entretanto, diz claramente que "os israelitas saíram do Egito no mês Xântico (ou Nizan), a quinze da lua, quatrocentos e trinta anos depois que Abraão, nosso pai, tinha vindo à terra de Canaã e duzentos e quinze anos depois que Jacó veio ao Egito.[5]

Archer levanta algumas objeções a esta linha de pensamento, chamando a atenção para a declaração clara do texto hebraico de que o período que os filhos de Jacó ficaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. E apresenta mais duas razões a favor de um período maior. A primeira é com relação às gerações: embora no caso dos descendentes de Levi apenas quatro gerações sejam mencionadas, a partir de Jacó, a saber, Levi, Coate, Anrã e Moisés (Ex. 6:16-20), em outros casos há muito mais. Efraim é um exemplo. Seus descendentes são Refa, Resefe, Tela, Taã, Ladã, Amiúde, Elisama, Num, Josué (I Cr 7:25). Quatro gerações seriam viáveis dentro de um período de duzentos e quinze anos, mas para nove ou dez gerações seria necessário período mais longo. A outra razão diz respeito ao espantoso crescimento desse povo no Egito. Quando Jacó chegou naquela terra eram setenta ou setenta e cinco pessoas (Gn. 46:26,27; Atos 7:14). Ao sairem são mais de três milhões. Um crescimento tão grande só pode ser entendido se o tempo que lá estiveram fosse bem mais longo, incluindo pelo menos sete gerações.[6]

A seu favor há ainda o texto de Gênesis 15:13, onde Deus diz a Abraão que sua descendência seria peregrina em terra estranha, acrescentando, em seguida, que seriam afligidos por quatrocentos anos. A linguagem parece dar a entender que Abraão não estava incluído nesse período. A palavra de Estevão em Atos 7:6, confirmando Gênesis 15:13, poderia também ser alistada nessa linha de pensamento.

Mas qual seria então a explicação para a palavra de Paulo em Gálatas 3:17? Uma das tentativas de elucidação é que a preocupação central ali não era de ordem cronológica, razão pela qual o Apóstolo não procurou colocar as coisas em termos exatos. Ainda que essa explicação não consiga resolver o impasse, é, contudo, viável. Por outro lado, a solução completa para as diferenças de informações sobre esse assunto, só poderia ser alcançada com o surgimento de mais algum dado, arrancado pela arqueologia das cinzas do passado.

ISRAEL SOB UMA POTÊNCIA ESTRANGEIRA NO EGITO

Maior ou menor o período que Israel esteve no Egito, alguns eruditos crêem que eles ali estiveram durante a ocupação dos hicsos.

Maneto, que viveu em Heliópolis nos dias de Ptolomeu II (285-246 a.C.), e que elaborou uma lista das dinastias do Egito, colocou a invasão do Egito pelos hicsos no fim do que ele chama Segundo Período Intermediário (1780-1580 a.C.). O Faraó Abmose, fundador da 18ª Dinastia, teria sido o homem que conseguiu expulsar os invasores. Nesse período é que teria vivido Hatsheput (possivelmente a mãe adotiva de Moisés, segundo alguns).

Segundo Archer, "uma tradição que remonta pelo menos até à época de Josefo (cerca de 90 d.C.) declara que uma dinastia dos hicsos reinava no Egito quando José subiu ao poder como primeiro-ministro (ou vizir) na corte de Faraó".[7]

Se tomarmos por base o ano de 1.400 a.C. para a destruição de Jericó pelos israelitas, comandados por Josué[8], a data que se presume que os hicsos estavam dominando o Egito coincide com o período de permanência de Israel naquele país.

Para confirmar a teoria de que realmente Israel esteve no Egito durante a ocupação hicsa, tem sido apresentado o argumento de que um estrangeiro, especialmente um semita que cuidava de ove-

lhas (o que era abominação para os egípcios, conforme Gênesis 46:34), dificilmente teria sido elevado ao cargo de primeiro ministro por um Faraó que fosse da linhagem dos egípcios, Archer crê que realmente Israel viveu sob os hicsos no Egito. Contudo ele pensa que fossem os hicsos os governantes, não haveria razão para a ressalva de Gênesis 46:34. Os hicsos também criavam ovelhas, não sendo portanto para eles abominável essa ocupação e sim para os egípcios. Ainda no entender de Archer o mais provável é que aquele rei do qual se diz que não conhecera José (Êx. 1:8) é que fosse dos hicsos. Isto estaria de acordo também com a preocupação desse rei que "vindo a guerra, ele (Israel) se ajunte com os nossos inimigos, pelege contra nós, e saia da terra" (Êx. 1:10). O contexto mostra que Faraó estava preocupado com o fato de Israel ser mais numeroso do que o seu próprio povo. Seria difícil conceber que Israel fosse mais numeroso do que os egípcios, podendo, contudo, ser mais numeroso do que os hicsos, especialmente em termos de seu exército.[9]

Ainda que não se tenha absoluta certeza da data exata da entrada de Israel no Egito, e de quando ocorreu o Êxodo, não se podendo, portanto, afirmar se José foi mesmo vice-governador de uma potência de ocupação, ou se o Faraó do êxodo é que foi dos hicsos, há contudo, aceitação generalizada atualmente de que houve de fato uma ocupação dos hicsos e que, em algum tempo, Israel esteve sob o seu domínio.

O QUE ESTAVA ACONTECENDO EM CANAÃ NO PERÍODO DO ÊXODO

Em Juízes 11:26, Jefté argumenta com os invasores amonitas dizendo que "enquanto Israel habitou trezentos anos em Hebrom e nas suas vilas, e em Aroer e nas suas vilas, em todas as cidades que estão ao longe de Arnon", eles, os amonitas, não tentaram recuperá-las. Nos versos anteriores procura provar-lhes que têm o direito de permanecer na terra que o seu Deus lhes tinha dado. Sendo evidente que Jefté é bem anterior a Saul, que começou a reinar por volta de 1.050 a.C., fica claro que a data do êxodo tem de ser colocada antes de 1.400 a.C.

I Reis 6:1 tem também um dado cronológico muito importante. Diz que "no ano de quatrocentos e oitenta, depois de sairem os filhos de Israel do Egito, Salomão, no ano quarto do seu reina-

do sobre Israel... começou a edificar a casa do Senhor". A data de início do reinado de Salomão tem sido colocada por volta de 960-970 a.C. Se somarmos esta data com os quatrocentos e oitenta anos referidos no texto como sendo o período que Israel já habitava em Canaã, chegaremos à mesma conclusão quanto a data do êxodo.

Contrariando esses dados da cronologia bíblica, alguns eruditos colocam o êxodo por volta de 1.300 a.C., o que não parece muito recomendável em vista não só das conclusões de Garstrang sobre a data da destruição de Jericó como de outras descobertas arqueológicas.[10] Assim, o êxodo teria se dado no século XIV a.C. Nessa ocasião, Canaã[11] estaria sendo abalada não só pela pressão da investida israelita mas também pela invasão dos heteus. As cartas de Tel-El-Amarna comprovam essa situação.

Em 1887 uma camponesa achou algumas tabuinhas de argila nas imediações da localidade egípcia de El-Tell. De início pensou-se que era algo sem importância e muitas destas tabuinhas foram totalmente ou em parte destruídas, outras foram parar nas mãos de pessoas que não podiam dar-lhes o valor que realmente tinham e, assim, uma boa parte se perdeu. Quando se soube do valor real do achado procurou-se investigar melhor e descobriu-se que se tratava de cartas dirigidas a Amenetepe IV. Escavações e estudos posteriores mostraram que esse Faraó, desejoso de estabelecer sua religião monoteísta em torno do deus do sol[12], mudou sua capital para Tel-El-Amarna (localidade hoje denominada El-Tell). As tabuinhas aí encontradas, que faziam parte dos arquivos reais, eram em grande parte a correspondência por ele recebida dos governadores de Canaã, na sua maioria vassalos do Egito nesse período. Solicitavam de Sua Majestade o auxílio contra invasores de sua terra. Esses invasores seriam, pelo menos em parte, os israelitas sob a liderança de Josué, ainda que os heteus poderiam estar atacando também pelo norte. Estas cartas teriam sido escritas entre 1411 e 1358[13]

Uma destas cartas é de Rib-Adi, governador de Biblos. Ele escreve:

Rib-Adi ao rei...
Aos pés do meu senhor, meu sol,
Sete vezes e sete vezes eu me prostro...
O rei está deixando a sua cidade fiel sair da sua mão...

Por que te deténs com respeito da tua terra?
Eis, assim tenho escrito ao palácio,
Mas não deste nenhuma atenção à minha palavra...
Cuida, ó rei, da tua terra...
Que farei eu na minha solidão?[14]

A leitura desta carta e de outras dessa mesma pessoa deixa claro que os vassalos do Egito, nesse período, foram deixados à sua própria sorte, ou porque o rei estivesse ocupado demais com suas atividades religiosas, esquecendo-se de seus deveres políticos, ou simplesmente porque a situação do Egito não oferecia condições para que o exército fosse enviado em socorro dos seus aliados, ou por razões ainda não descobertas.

É notável como através dessas cartas pode-se ter um quadro geral da situação de Canaã nesse período. Pode-se perceber que a região estava dividida em pequenas províncias, como cidades-estados, governados por reis tributários do Egito, e que estavam sendo atacadas pelos heteus (ao norte) e pelos habiru (nome que aparece nas cartas e que com toda probabilidade era a designação dos hebreus, que entravam pelo sul). É muito interessante o fato de não aparecer qualquer correspondência de Jericó, evidentemente, como tudo faz crer, em razão de esta cidade já ter sido destruída.

A NAÇÃO VOCACIONADA PARA COMUNICAR A REVELAÇÃO DIVINA ÀS DEMAIS NAÇÕES

Quando Deus chamou Abraão para que de seus descendentes fosse formada uma nação, e o fez peregrinar em Canaã, não lhe deu de imediato a terra onde aquele povo habitaria. Contudo, prometeu-lhe que seus descendentes a possuiriam. O Senhor lhe disse:

Ergue os teus olhos e olha desde onde estás para o norte e para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda esta terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência. Levanta-te, percorre esta terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei (Gn. 13:14-17).

Durante alguns séculos Deus operou na vida desse homem e

dos seus descendentes, preparando-os para sua missão. Chegava agora o momento de lhes dar a herança prometida: a terra de Canaã.

Não foi ao acaso que Deus lhe designou aquela terra. Fosse seu intento lhes dar uma boa terra, que manasse leite e mel, onde pudessem estar quietos e sossegados, sem serem perturbados pelas demais nações, Deus, por certo, ter-lhes-ia encaminhado para a periferia do mundo conhecido daquela época, onde seria possível encontrar melhor localização para tal propósito. Mas a aspiração do Senhor era bem outra. Por isso "quando o Altíssimo distribuia as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens uns dos outros, fixou os termos dos povos, segundo o número dos filhos de Israel" (Dt. 32:8). O objetivo não era abençoar um povo em detrimento dos outros povos, mas eleger um povo que se tornasse testemunha de Deus (Isaías 43:10,12). Seria um povo no qual fossem abençoadas "todas as famílias da terra" (Gn. 12:3). Para tal meta que lugar seria mais adequado do que Canaã?

E por que Canaã? Porque era uma região estratégica para o mundo de então. Era o caminho natural entre o Egito e a Mesopotâmia. Suas costas eram banhadas pelo Mar Grande (o Mediterrâneo), onde a navegação era a ponte para a Ásia Menor, Grécia e Roma. Por isso mesmo foi sempre o palco de grandes lutas e, através dos séculos, por ali têm desfilado carros e cavalos de guerra, conquistadores e conquistados, vencedores e vencidos. Também as caravanas comerciais por ali encontravam seus caminhos. Era o centro geográfico daquele mundo.

J. Mackee Adams, sugere que se fosse traçado um círculo de um raio de dois mil e quatrocentos quilômetros, cujo centro fosse Jerusalém, esse círculo incluiria todos os territórios mencionados no Antigo Testamento e ainda, em certos pontos, lugares que ficaram fora do contexto de Israel. Dentro desse círculo estaria Roma, bem ao ocidente; para o oriente, o círculo abrangeria a Caldéia, a Pérsia e a Média; toda a península da Arábia, na parte meridional, estaria envolvida; ao norte a linha circundaria regiões com as quais Israel não teve intercurso. O delta do Nilo, a Ásia Menor, a Grécia, Damasco e outras tantas regiões e cidades ficariam dentro de um círculo mais restrito.[15] Basta observar num mapa o mundo daquela época e se terá a confirmação do que esse autor afirma. Canaã era realmente o centro geográfico do mundo conhecido de então. E sua importância era maior ainda dada a posição estratégica que

ocupava com relação às rotas pelas quais exércitos e mercadores tinham de passar. Era, portanto, o lugar próprio para a fixação do povo que tinha uma mensagem para todas as nações.

Mas teria Israel realmente alguma coisa especial para comunicar às outras nações? Não seria o seu culto apenas a reedição melhorada dos cultos já bem estabelecidos no Egito e em Canaã? Haveria alguma verdade divina, diferente das crenças das gentes da época, da qual Israel seria portador?

OS DEUSES ADORADOS NO MUNDO DAQUELA ÉPOCA

Ur dos Caldeus, na Mesopotâmia, de onde Abraão foi chamado, fazia parte de uma civilização onde muitos deuses eram adorados. Entre os sumerianos ANU era o deus supremo, seguido por outros como EA (deus da terra), ENLIL (deus das águas), ISHTAR (deusa da fertilidade), SIN (deus da lua), SHAMASH (deus do sol). Não parava aí a lista de suas divindades. Havia muito mais. E essas divindades variavam de lugar para lugar e de tempo em tempo.

Os acadianos que invadiram aquela região, e lá estabeleceram sua cultura, trouxeram outros deuses, tendo havido então fusão de divindades. Mais tarde, os babilônios colocaram MARDUQUE na posição de deus supremo, enquanto na Assíria ASSUR suplantou ANU, vindo a tornar-se o principal.

Na estela de Hamurabi[16] há um baixo relevo onde o deus-sol (SHAMASH) aparece entregando ao soberano as leis que ele mandou registrar na coluna de pedra. Há também uma inscrição em que o Rei presta homenagem aos deuses BEL, ANU e MARDUQUE. Além disso se diz: "Os deuses me chamaram a mim, Hamurabi, o príncipe nobre que reverencia os deuses, para fazer brilhar a justiça na terra...[17] Percebe-se, portanto, em todas estas declarações, a preocupação com as diversas divindades.

No panteão egípcio os deuses eram, geralmente, representados em forma de animais. A deusa HATOR era uma vaca; CHNUM, um carneiro; HORO, um falcão; TOT, uma íbis; SUCHOS, um crocodilo; BUBASTE, uma gata; BUTO uma serpente. Naturalmente, estes são apenas alguns exemplares entre as muitas centenas de divindades.

Por vezes era adorado um espécime do animal que era a representação de determinado deus. O caso mais notável é o famoso ÀPIS, o touro sagrado. Era cuidadosamente guardado em um tem-

plo e tratado pelos sacerdotes. Seus mugidos eram, em certas ocasiões, considerados oráculos divinos, e, como tal, interpretados pelos que deles tomavam conta. Quando um boi ÁPIS morria era embalsamado e sepultado com todas as honras a ele devidas. Nesse caso um outro boi ocupava o lugar do falecido.[18]

Além das representações de deuses em forma de animais, e da adoração de animais vivos que eram a "encarnação" de tais deuses, havia os deuses em forma de plantas e emblemas. O deus NEFERTEM, por exemplo, era uma flor de loto e a deusa HEITH era representada na forma de um escudo com duas flechas cruzadas.

A opinião de Oliveira Lima é que os ignorantes adoravam o crocodilo, o gato, a íbis, o escaravelho, e outros. Os sacerdotes, entretanto, sabiam que o seu deus era invisível. Os animais em si mesmos só tinham certos poderes dados pela divindade ou, melhor ainda, apenas traziam em si certos traços que se identificavam com as qualidades atribuídas àqueles deuses. A luminosidade do escaravelho, por exemplo, teria relação com certa qualidade atribuída ao deus, encontrada num espécime que era adorado.[19]

Parece que, nesse sentido, teria havido espíritos "iluminados", como é o caso de Amenetepe IV, que lutou para organizar uma religião monoteísta em sua nova capital construída para substituir Tebas, por volta de 1370 a.C., onde procurou estabelecer o culto de ATEN, o deus do sol.

> *O jovem rei, porém, não adorava a imagem do disco, ao que parece, mas sim o deus, desconhecido por ele, cuja visível emanação era o disco. O disco era, por assim dizer, a janela do céu através da qual o deus desconhecido, o 'Senhor do Disco', enviava uma parte do seu esplendor ao mundo.*[20]

Mas, ainda que à semelhança de Amenetepe, haja exemplos de outros homens que foram um pouco além do politeísmo grosseiro, jamais se encontram casos de pessoas ou culturas que por seus próprios recursos tenham chegado à noção clara da divindade. E como Amenetepe elegeu ATEN como seu deus principal, assim, em certo período de sua história, os babilônios elegeram MARDUQUE e os assírios, ASSUR. E assim como eram eleitos pelos homens também por eles eram colocados em segundo plano. Além disso, estas divindades principais estavam sempre rodeadas de um sem número de deuses secundários, como em Canaã, onde o deus

principal era BAAL, havendo, entretanto, muitas outras divindades que o circundavam.

Em razão da posição geográfica que ocupava em relação ao mundo de sua época, Canaã deve ter sofrido a influência tanto da religião do Egito como da Mesopotâmia, e também da Ásia Menor. Sendo a rota natural entre as culturas que a circundavam, por certo não deixou de ser atingida por suas religiões. Além disso, sendo uma região habitada por povos de formação diferente, não é de se estranhar que os deuses principais se diferenciassem de povo para povo espalhados por essa região.

Uma das fontes mais antigas sobre os cultos de Canaã são os escritos de Filon, de Biblos[21], cujos documentos foram descobertos por Eusébio. Há coisas pitorescas aí sobre o deus EL, que teria ocupado o primeiro lugar entre os BAALS. Esse deus era truculento e, entre outras coisas desastrosas por ele feitas, estaria o fato de ter matado seu próprio irmão e seu filho. Teria, também, cortado a cabeça de sua filha, castrado seu pai e a si mesmo. Suas esposas eram ASERÁ e ASTARTE.

Mais recentemente, o conhecimento das religiões dos cananeus foi ampliado especialmente com as descobertas feitas em Ugarit[22], por volta de 1929, pelo arqueólogo Schaeffer e seus auxiliares. Dessas descobertas se identificou BAAL como a divindade central no culto cananeu. Aparece como figura principal em diversos mitos. É o senhor da terra, da tempestade e da chuva; era também o deus da fecundidade. Fertilizava o gado nos prados com chuva para que engordasse.

Assim como BAAL é do sexo masculino, havendo também outros deuses desse mesmo sexo, não faltavam as divindades do sexo feminino. ANATH é irmã e esposa de BAAL. ASTARTE é também feminina. Dessa deusa foram encontradas imagens onde ela aparece nua. A pomba e a serpente são seus símbolos.[23]

A CORRUPÇÃO DOS DEUSES

Entre os achados em Ugarit encontra-se a Epopéia de Baal, de natureza literária, onde se descreve com cores exuberantes a deusa ANATH. "Com violência ceifava os habitantes das cidades, matava o povo das costas do mar, aniquilava os homens do Oriente." Diz-se dela que trancava os homens em seu templo para matá-los e que o sangue de suas vítimas chegava aos seus joelhos e até mesmo ao

seu pescoço. Ao seu redor ficavam cabeças e mãos humanas. O "seu fígado inchava de tanto rir, seu coração enchia-se de alegria, o fígado de ANATH era cheio de júbilo". Seu festim era finalizado quando a deusa lavava as mãos no sangue que tinha derramado.[24] Essa descrição, ainda que literária, pode dar uma idéia da concepção que esse povo tinha dos seus deuses. Eram eles impúdicos, orgulhosos, violentos, cheios de cobiça e vingança. Os cultos naturalmente eram a expressão do caráter dos deuses adorados.

Robertson Smith faz notar a diferença do conceito de santidade entre essas religiões e o cristianismo. A santidade para o cristão tem a ver com o seu interior. Deus é perfeito; os homens são santos na medida em que se assemelham a Deus. Objetos e lugares são considerados santos somente em termos de sua relação com as coisas espirituais. Esse conceito não pode ser aplicado àquelas religiões antigas. Ali, a santidade nada tinha a ver com a pureza de vida. Determinada pessoa era santa não porque fosse virtuosa, mas por causa de seu relacionamento com aquilo que era devotado à divindade. Era o caso do sacerdote. Sua santidade era só em termos de suas atividades no serviço religioso. Havia pessoas tão depravadas empregadas nas práticas corrompidas da religião, que, mesmo do ponto de vista do paganismo, suas vidas seriam consideradas vergonhosas.[25]

Pode-se aplicar perfeitamente ao culto cananeu, e por extensão, a todos os outros ritos pagãos, o que Allen diz da religião egípcia, com referência ao fato de que o culto

> *Era um ato impessoal prestado principalmente para deles (dos deuses) conseguir-se a segurança presente e futura. Não existia o conceito de pecado e de redenção como nós os entendemos; os deuses aparentemente eram respeitados pelos seus poderes mágicos e não por suas qualidades morais.*[28]

Para a mente com formação cristã, onde estão enraizados os conceitos bíblicos da perfeição de Deus, é quase incompreensível a situação de um povo que prestava homenagens a deuses tão extravagantes. Como se podia conceber a idéia de santidade atribuída a pessoas, objetos e lugares, unicamente em função de seu ofício religioso, sem que fosse aplicada à moral? O que se evidencia no ensino bíblico sobre esse tema é tão estreitamente ligado ao pensamento de integridade interior, de justiça, amor, paz, paciência,

domínio próprio, que soa como absurda a filosofia pagã sobre os seus deuses e o relacionamento que se tinha com eles. Aqui, possivelmente, o pensamento de Robertson Smith nos ajude a penetrar um pouco mais nas razões daqueles conceitos. Para ele, a falta de bondade dos deuses gentios era causada por não serem eles justos no sentido absoluto. Contudo, a falta de retidão neles não era devida ao seu desinteresse pela justiça, como se fazer o mal fosse um capricho constante daquelas divindades. Os deuses não tinham uma natureza injusta, quando essa natureza era medida pelos padrões de justiça daquela sociedade. Eram concebidos como seres que compartilhavam da natureza humana. Eram parecidos com os homens. Havia, por vezes, até certo grau de parentesco especialmente entre os soberanos e seus deuses, como também entre a tribo e a divindade por ela prestigiada. Robertson lembra ainda que "os deuses eram sujeitos às limitações de tempo e espaço e podiam agir somente onde eles ou seus mensageiros estivessem presentes".[27]

Faziam-se, portanto, uma projeção da natureza humana sobre a divina. Os deuses não eram muito melhores do que os homens a não ser em seus poderes mágicos. Isto explica, pelo menos em parte, a representação dos deuses em forma humana. E quando se queria dar ênfase a certas peculiaridades, que se pensava existentes na divindade, expressava-se tal conceito por se fazer sobressair certos traços físicos da figura humana que a representava. Assim, muitos olhos seriam o símbolo de uma visão ampliada e muitos braços expressariam as muitas possibilidades daquele deus.

AS PRÁTICAS RELIGIOSAS DE CANAÃ ERAM VOLTADAS PARA A NATUREZA, COM ÊNFASE NA FERTILIDADE

No contexto de um povo tipicamente agricultor, tendo deuses cujas qualidades e debilidades eram, em geral, a projeção da própria natureza humana, e de quem se esperava, por causa dos poderes mágicos que lhes eram atribuídos, a proteção contra as intempéries e a provisão para o bem estar da família e do povo em geral pelo crescimento da lavoura, pela multiplicação do rebanho e pela prosperidade nos afazeres cotidianos, era evidente que o culto fosse uma expressão de tais sentimentos e conceitos. Por isso o culto era vinculado à natureza.

Não significa que houvesse completa despreocupação com a

vida futura. Os conceitos de vida além-túmulo, tão evidentes na religião egípcia e da Mesopotâmia, por certo não ficaram completamente ausentes em Canaã. Pode-se perceber a grande preocupação, tanto dos egípcios como dos povos da Mesopotâmia, com o bem estar dos seus mortos, no seu costume de colocar nos túmulos tudo aquilo que pudesse ajudá-los na outra vida. Por isso, enterravam com a pessoa que havia morrido muitos dos seus pertences e, às vezes, seus próprios servos e servas. Nos túmulos dos mais afortunados faziam-se inscrições de fórmulas mágicas das quais pudessem lançar mão em sua peregrinação no outro mundo. Muitos destes conceitos teriam tido lugar também no contexto religioso cananeu. Entretanto, o volume cada vez maior de informações, conseguidas pela arqueologia, a respeito do culto dos povos que habitavam essa terra prometida a Israel, deixa claro que sua peregrinação maior era com o bem estar atual, o que determinava que suas práticas religiosas girassem em torno da natureza e dos seus ciclos.

Seria difícil afirmar-se com absoluta certeza se a concepção da divindade levou à forma de culto ou se foi precisamente ao contrário, isto é, à medida que o culto foi se desenvolvendo, as práticas religiosas foram influenciando a formação do conceito a respeito dos deuses. É fato inegável, entretanto, que há íntima conexão entre o conceito que se tem da divindade e a forma de culto que se pratica.

Como se conceituava o deus BAAL? Robertson Smith pensa que quando um deus era designado como o baal de determinado lugar isto significava que ele possuia aquele lugar. MELCARTE, por exemplo, era o baal de Tiro e ASTARTE era a senhora de Biblos. Havia o baal do Líbano, o do Monte Hermon, o de Peor, e assim por diante. Baalim é o plural de baal, havendo então os baalins de determinadas cidades ou lugares específicos. O baal de um lugar tinha certos direitos sobre aquele lugar e naturalmente se esperava dele sua proteção sobre o que era seu. Sendo concebido também como aquele que age como a parte masculina na reprodução, sendo o marido da terra que ele fertilizava, devia operar no sentido da frutificação tanto vegetal como animal[28]. Ele, também, "assume a forma de touro e copula com bezerras".[29]

O culto de baal era um sistema mais ou menos elaborado e era realizado com muita pompa. Um dos rituais mais importantes era relacionado com a morte e a ressurreição da divindade. Baal

expirava quando terminavam as últimas chuvas e sua ressurreição se dava quando estas retornavam. Sua volta à vida trazia novo vigor à terra, e assim começava o ano agrícola.[30]

Esta ênfase na fertilidade acabou degenerando o culto. O sexo veio a ser parte atuante da adoração, como aquilo que melhor poderia expressar o sentido da fertilidade. Os deuses tinham suas esposas e filhos e lhes eram atribuídas as desventuras humanas. Na literatura cananéia aparecem as concepções mais monstruosas possíveis a respeito de suas atividades sexuais, sendo natural portanto que o culto apresentasse ritos que estivessem relacionados com estes atos das divindades adoradas. Keller diz que

Naquele tempo o culto dos sentidos era um serviço aos deuses, os templos ocupavam os lugares dos bordéis, os amantes de ambos os sexos eram 'consagrados' ao serviço do templo e os donativos por seus 'serviços' iam para as caixas do templo como 'oferendas para a divindade'.[31]

Afirma ele que aquelas práticas religiosas eram "cultos mágicos de sensualidade torpe de deuses e semi-deuses". Nos templos, as deusas-mães eram representadas pelas "cortesãs sagradas". Keller acrescenta:

As deusas da fecundidade eram sobretudo veneradas nos montes e nos lugares elevados. Ali, plantavam-lhes bosques, erguiam-lhes 'colunas sagradas', e debaixo das árvores se efetuavam os cultos, como se indica na Bíblia repetidamente: 'Porque também os de Judá edificaram altos, estátuas, colunas e postes-ídolos no alto de todos os elevados outeiros, e debaixo de todas as árvores verdes' (I Reis 14:23).[32]

Na discussão desse tema, Heaton diz:

Não há qualquer dúvida sobre o fato de que a religião dos cananeus era espetacular e faustosa; não há dúvida, igualmente, de que era imensamente obscena. Além dos membros masculinos do panteão (pois Baal não era o único), sabemos que também havia várias deusas como, por exemplo, Anatote, Aserá e Astarte, e os mitos dos quais elas faziam parte integrante referiam-se, como principais preocupações, ao sexo e à fertilidade.

Os templos tinham um pessoal especial para por em prática, diariamente, essas vergonhosas noções.[33]

Os cananeus não podiam ser melhores do que os deuses que tinham, como nenhuma nação jamais suplantou, na vida prática, o conceito de retidão que atribui às divindades que adora. Se os seus deuses eram tão pervertidos, e se os cultos a eles prestados se revestiam de tanta imoralidade, que se haveria de esperar da vida do povo que tinha tal religião?

Tendo diante dos olhos esse quadro religioso-moral dos cananeus, não se pode atribuir à ordem de Deus aos israelitas para que arrasassem Jericó, destruindo todos os seres vivos que nela viviam, tanto homens, como mulheres, crianças e animais, queimando a cidade até que nada dela restasse, e tudo anatematizando, até ao ponto de Josué amaldiçoar o homem que intentasse reconstruí-la ("Com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos, e à custa do mais novo, as portas", Js. 6:26), sim, não se pode ver em tal fato uma simples decisão divina de destruir um povo para que outro tomasse o seu lugar. A queda de Jericó sucedida pela violenta destruição de tantas outras cidades cananéias, era o derramar do juízo de Deus sobre povos cuja corrupção havia chegado a um nível insuportável para o Criador. Séculos antes, Deus havia dito a Abraão que ainda não se enchera a medida da iniqüidade dos amorreus (Gn. 15:16). Mas agora, a medida estava extravasando. O livro de Deuteronômio traz em si um libelo contra essas nações. No seu capítulo sete as palavras são contundentes:

Quando o Senhor teu Deus te introduzir na terra a qual passas a possuir, e tiver lançado fora muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas; nem contrairás matrimônio com os filhos dessas nações; não darás tuas filhas a seus filhos, nem tomarás suas filhas para teus filhos; pois elas fariam desviar teus filhos de mim para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós outros, e depressa vos destruiria; porém assim lhes fareis: derrubareis os seus altares, quebrareis as suas colunas, cortareis os seus postes-ídolos, e queimareis

a fogo as suas imagens de escultura (1 a 5). Além disso o Senhor teu Deus mandará entre eles vespões, até que pereçam os que ficarem e se escondam de diante de ti (20).

As imagens de escultura de seus deuses queimarás a fogo; a prata e o ouro que estão sobre elas não cobiçarás, nem os tomarás para ti, para que te enlaces neles; pois é abominação ao Senhor teu Deus. Não meterás, pois, cousa abominável em tua casa, para que não sejas amaldiçoado semelhante a ela: de todo o detestarás, e de todo o abominarás, pois é amaldiçoada (25-26).

Por que tanta ira do Todo Poderoso? A explicação é que a medida da iniqüidade daquelas nações havia transbordado e chegara o momento de fazer justiça. Poder-se-ia comparar a calamidade que se abateu sobre estes povos, nessa ocasião, com o dilúvio ou com a destruição de Sodoma e Gomorra, Havia semelhante multiplicação de iniqüidades em todos esses casos. Não era, portanto, um ato arbitrário de Deus, favorecendo Israel em detrimento de outras nações. Era tão somente a mão d'Aquele que é Santo se abatendo para trazer a juízo uma geração por demais corrompida.

A RELIGIÃO DE ISRAEL FOI PRODUZIDA POR UM ATO REVELADOR DO DEUS SUPREMO

Lendo o Velho Testamento não se pode deixar de perceber que o pensamento ali assumido é de que o homem foi criado por um ato especial de Deus e que este ser criado se relacionava, no princípio, diretamente com o Criador. Ainda que as primeiras criaturas precisariam crescer no conhecimento da Divindade, isto aconteceria, entretanto, de modo espontâneo, na medida de sua comunhão com o Pai. Andavam com Deus e dEle absorveriam a luz espiritual de que precisavam.

Se entre o segundo e o sexto capítulos de Gênesis não houvesse qualquer informação a respeito do desvio de Adão e Eva, e nem da conseqüente expulsão de ambos do Éden, isto é, se o capítulo sexto fosse o terceiro, a conclusão natural seria de que um transtorno teria havido e que a humanidade criada para viver santamente tinha se corrompido ao ponto de Deus estar projetando sua destruição. As coisas recomeçam com Noé. Diz-se dele que "achou graça diante do Senhor" (Gn. 6:8). A partir do dilúvio uma nova geração se desenvolve. Mas, também essa geração se corrompe e

assim se estabelece o pensamento bíblico de que o homem tem descido em vez de subir e, em vez de melhorar, tem piorado. Tem partido do melhor para chegar ao pior.[34]

O Novo Testamento corrobora esse pensamento. O primeiro capítulo de Romanos é o recontar da história em termos conceituais. O apóstolo diz:

> *Desde que Deus criou o mundo, as suas qualidades invisíveis, tanto o seu poder eterno como a sua natureza divina, têm sido vistos claramente. Os homens podem ver tudo isso no que Deus tem feito, e portanto, eles não têm desculpa nenhuma. Embora conheçam a Deus, não lhe dão a honra que merece, e não lhe são agradecidos. Ao contrário, os seus pensamentos se tornaram absurdos, e suas mentes vazias estão cheias de escuridão. Eles dizem que são sábios, mas são loucos. Em vez de adorarem o Deus imortal adoram ídolos que parecem com homens ou com pássaros, ou com animais, ou com bichos que se arrastam (Rm. 1:20-23 — N.T. na Linguagem de Hoje).*

O orgulho humano tem sempre se dado ao trabalho de tentar provar o contrário. Fere o brio do homem tal conceito. O pensamento de que evolui, de que parte do politeísmo para o monoteísmo, de que descobre Deus, de que aos poucos se purifica dos seus mal-entendidos religiosos, é mais grato ao coração humano. Este é, afinal, um dos postulados da Teoria Documentária do Pentateuco, de Julius Welhausen, que acreditava ter a religião de Israel se elevado do politeísmo para o monoteísmo.

Archer, que discute longamente o pensamento de Welhausen, demonstra que "nenhuma outra nação (à parte daquelas que foram influenciadas pela fé dos hebreus) já chegou a uma religião verdadeiramente monoteísta que comande a lealdade generalizada do seu povo". Archer lembra ainda que uma ou outra nação que tiveram certa evolução[35], do politeísmo para o monoteísmo, continuaram "firmemente comprometidas a uma crença em muitos deuses e deusas". "Este é o veredito da história: só Israel surgiu com o monoteísmo em bases nacionais", diz esse autor.[36]

O que se depreende do contexto bíblico é que a religião de Israel foi estabelecida, no seu nascimento, como um culto monoteísta. Se houve culto a outros deuses, em Israel, foi por um desvio da religião, pois ela, em si, proclamava a existência de um só Deus.

É verdade que a Teoria Documentária afirma que os conceitos exarados nos livros do Pentateuco são a projeção da fé já desenvolvida em Israel, ao tempo da monarquia, quando o monoteísmo tinha sido estabelecido. Isto é, o Pentateuco, segundo essa teoria, não descreve a história de maneira pura e sim, lança sobre o passado politeísta de Israel os postulados de sua religião em um estágio posterior.[37] A verdade entretanto é que quanto mais se dá ênfase à evolução da religião em Israel, e quanto mais se procura estabelecer seu politeísmo primitivo, mais notável se torna o fato de que só Israel tenha tido uma religião monoteísta num contexto de povos politeístas. E naturalmente surge a pergunta; por que só Israel teria chegado a adorar um único Deus? Se se procurar responder à essa questão aventando-se a possibilidade de que esse povo tinha uma índole melhor do que os outros, a realidade o contraditaria. Nem se pode pensar que tivesse havido influências sociais externas capazes de fazê-los progredir. Na realidade as nações politeístas com as quais Israel convivia só poderiam ter exercido sobre essa nação uma influência negativa nesse sentido. A única explicação cabível é que Israel tinha uma religião revelada.

Essa religião revelada não teve início no Sinai, nem com Israel no Egito, e nem mesmo nos dias dos patriarcas. O relacionamento entre Abraão e Deus, como historiado em Gênesis, não pode ser explicado como uma fé surgida de um momento para outro, como se num abrir e fechar de olhos um homem que vivia no meio da mais crassa idolatria, de repente, passasse a uma fé diametralmente oposta àquilo que até há pouco era a base de sua religião. O mais razoável é que tenha havido um fio de ouro de fé no verdadeiro Deus que atravessou os séculos e chegou à Abraão e, deste homem, à toda uma nação. A conservação dos fatos dos primeiros capítulos de Gênesis teria sido feita através desse fio de ouro de homens que foram fiéis ao Deus da criação. Paralelamente teria sido conservado o culto a Deus bem como a noção da retidão por ele exigida de suas criaturas. Pode ser que fosse essa fé como a luz bruxoleante no meio das trevas tão densas da idolatria e da corrupção moral e espiritual. Mas a luz não se apagou. E desse meio Deus chamou Abraão para que formasse uma nação a quem Ele se revelaria de modo mais completo e, então, através desse povo, seria comunicado o conhecimento do Deus verdadeiro à todas as nações da terra.

Depois de Abraão, Deus continuou trabalhando na vida de

Isaque e, depois, na vida de Jacó. A Bíblia faz referências a visitas de anjos a esses homens; fala de seus encontros com Deus através de visões e sonhos; fala de ordens a eles dadas e promessas que lhes foram feitas; fala dos seus altares e de sua fé. Sua descendência foi para o Egito e, apesar do silêncio a respeito do relacionamento deles com Deus nesse período, é certo que a ação divina não parou.

Quando o Senhor encontrou Moisés e falou com ele do meio da sarça ardente, aquele homem não estava comunicando-se com um Deus desconhecido. Era, antes, o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Era o mesmo Deus que por séculos vinha formando uma nação e preparando-a para ser uma bênção entre todos os outros povos. E aí se inicia um novo ciclo de revelações. Chegara o momento de serem estabelecidas as verdades mais notáveis sobre Deus e a relação entre Ele e os homens. Moisés é o rebento desse povo, talhado para ser o canal através do qual Deus faria registrar tudo o que já fora revelado aos pais e tudo o que passaria a revelar nesse período extraordinário da organização da nação israelita.

Levítico é a expressão dessa fé. Ali estão registrados não só a forma de culto revelada por Deus para esse período de infância espiritual, mas estão também os grandes conceitos de expiação, redenção, santificação e retidão moral. É essa fé que Israel deve transmitir a todos os povos. A revelação não é dada propriamente aos descendentes de Abraão. É dada ao mundo, a todos os homens, Israel é apenas o veículo. A promessa deve ser cumprida: "De ti farei uma grande nação, e te abençoarei e te engrandecerei o nome. SÊ TU UMA BÊNÇÃO: abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; EM TI SERÃO BENDITAS TODAS AS FAMÍLIAS DA TERRA" (Gn. 12:2-3).

SUMÁRIO

Deus tinha um objetivo bem definido ao preparar Moisés. Durante aqueles oitenta anos, em diferentes ambientes, Deus trabalhou o homem que seria o libertador dos israelitas de sua escravidão no Egito. Ele transformaria as doze tribos em uma nação e seria o comunicador da revelação de Deus ao Seu povo. Assim, Moisés desce ao Egito e procura convencer Faraó de que deve deixar Israel partir. O monarca endurece seu coração e tremendas

pragas se abatem sobre sua terra. Com a morte dos primogênitos vem a decisão de deixar os filhos de Jacó sair. O número de pessoas que parte em demanda de Canaã forma uma multidão calculada em aproximadamente três milhões de pessoas.

O período de tempo que Israel vivera no Egito é discutível. Há textos bíblicos que falam em quatrocentos e trinta anos. Outros indicam duzentos e quinze. As informações extra-bíblicas também não são suficientes para uma conclusão final. Contudo, há indicações de que aquele período teria sido mesmo de mais de quatro séculos. Durante todos esses anos não só receberam influência da cultura egípcia mas também dos hicsos, povo que teria dominado os egípcios durante um certo período da estadia de Israel nesse país.

Depois de quarenta anos no deserto, os israelitas se defrontaram com a cultura cananéia. Em Canaã os cultos eram voltados para a natureza com ênfase no sexo. Havia diferentes deuses em cada região. As imperfeições humanas, e até as desventuras amorosas dos homens, eram atribuídas a essas divindades. A depravação dessas nações chegou a um ponto insuportável para Deus e, assim, a entrada de Israel em Canaã é o período em que o povo que ali habita está sendo chamado a juízo. No livro de Deuteronômio há um verdadeiro libelo de Deus contra esses povos. Israel deve destruir suas cidades, matar a população e, de alguma delas, não pode nem sequer poupar o despojo.

Vivendo em ambientes onde a religião era politeísta, desponta em Israel uma religião monoteísta, com um culto bem organizado, no qual a santidade é o fator principal. Não se pode pensar que essa religião tenha sido o resultado de evolução espiritual. A única conclusão possível é que a religião de Israel é uma religião revelada. Deus mesmo comunicou ao Seu povo a maneira como deveriam adorá-Lo. Um dado a mais que leva a essa conclusão é o fato de que os conceitos de santidade, retidão e justiça envolvidos nessa religião, serem completamente desconhecidos nas religiões dos povos no meio dos quais Israel viveu.

Essa religião revelada não teve início no Sinai, nem com a aparição de Deus a Moisés no meio da sarça, e nem mesmo com os patriarcas. Quando Abraão foi chamado de Ur dos Caldeus, ele já conhecia o Deus que o vocacionava para ser o pai de uma grande nação. Houve um fio de ouro de conhecimento do Deus verdadeiro que atravessou os séculos de multiplicação dos deuses e de corrup-

ção do culto. Em Abraão tem início como que uma linha ascendente da revelação. Nessa linha da revelação, o período do êxodo é de suma importância porque nesse período Deus revela verdades extraordinárias ao Seu povo. Esse povo deve ser uma bênção para todas as nações da terra. Eles devem ser as testemunhas de Deus entre todos os povos.

NOTAS

1. O raciocínio de Adam Clarke é o seguinte:
   Dos 600.000 de 20 anos para cima dois terços seriam casados. Seriam, portanto, 400.000 esposas. Supondo-se que estes 400.000 casais tivessem em média 5 filhos de 20 anos para baixo, seriam mais 2.000.000 de pessoas. Os levitas, que provavelmente não eram incluídos entre os efetivos do exército, somariam 45.000, computando-se neste número os 22.000 machos de Num. 3:39, mais as possíveis 23.000 pessoas do sexo feminino dessa tribo. Se dos levitas 2/3 fossem casados, seriam mais 33.000 esposas. Se estes 33.000 casais levitas tivessem em média 5 filhos, seriam mais 165.000 pessoas.
   Somando-se 600.000 + 400.000 + 2.000.000 + 45.000 + 33.000 + 145.000 = 3.243.000.
   Calculando-se em 20.000 o "misto de gente", teríamos a cifra de 3.263.000. (Adam Clarke, op. cit., p. 358).
2. Adam Clarke, *A Commentary and Critical Notes,* I (Nova Iorque: Lane & Scott, 1851), p. 358.
3. Lange, na discussão desse assunto, cita Wieseler: "Dificilmente se poderia dizer que Paulo cometeu aqui um erro de memória, sendo mais provável que, em razão de seus leitores serem de fala grega, sendo portanto comum entre eles a LXX, ele tenha aqui, como era comum em suas citações do VT, aderido à tradução da LXX,...". Contudo, Lange demonstra que isso não resolve completamente esse problema cronológico. (John P. Lange, op. cit., p. 77).
4. Adam Clarke, op. cit., pp. 358-359.
5. Flávio Josefo, *História dos Hebreus*, I (São Paulo: Editora das Américas, s/data), pp. 85 e 96.
6. Gleason L. Archer Jr., *Merece Confiança o Antigo Testamento: Panorama de Introdução*, (São Paulo: Edições Vida Nova, 1974), pp. 248-249.
7. Gleason L. Archer, op. cit., p. 240.
8. Crabtree, com base nas conclusões de Garstrang, arqueólogo que fez escavações na região onde se situava a cidade de Jericó, destruída por Josué, oferece os seguintes argumentos em favor da data de 1.400 a.C. para a queda dessa cidade. 1. Escaravelhos de Amenotepe III e vasos de barro datados do mesmo período encontrados numa camada logo abaixo dos detritos da destruição. Nada foi encontrado de Akenaton, que o sucedeu. 2. Nas cartas de Tel-El-Amarna não há qualquer menção de Jericó. A maioria dessas cartas se dirigiam a Akenaton que começou seu reino em 1377 a.C. Daí se conclui que Jericó já estava destruída nesse período. 3. Esta data concorda com I Reis 6:1. 4. A declaração de Merenpta (c. 1230 a.C.) prova que os hebreus já se achavam estabelecidos na Palestina por ocasião das campanhas desse monarca egíp-

cio. 5. A saída dos hebreus do Egito teria se dado no reinado de Amenotepe III, que reinou entre 1450-1425 a.C. 6. Distúrbios na Palestina por volta de 1.400 a.C. teria facilitado a entrada dos israelitas (A.R. Crabtree, op. cit., pp. 153-154).

9. Gleason L. Archer, op. cit., pp. 240-243.

10. Gleason L. Archer, op. cit., pp. 251-264.

11. Schultz assim define o termo Canaã:
"O nome 'Canaã' aplica-se à terra entre Gaza no sul e Hamate no norte ao longo da costa oriental do Mediterrâneo (Gn. 10:15-19). Os gregos em seu comércio com Canaã durante o primeiro milênio antes de Cristo se referiam aos habitantes como fenícios, um nome que provavelmente tem sua origem na palavra grega púrpura designando a cor carmesim de uma tinta têxtil desenvolvida em Canaã. Já no décimo quinto século a.C. o nome 'Canaã' foi aplicado em geral à província egípcia da Síria ou pelo menos à costa fenícia, o centro da indústria de púrpura. Conseqüentemente as palavras 'cananeus' e 'fenícios' têm a mesma origem cultural, geográfica e histórica. Mais tarde essa área veio a ser conhecida como Síria ou Palestina. A designação 'palestina' tem sua origem no nome 'Filistia' ". (Samuel J. Schultz, *A História de Israel no A.T.* 2a. Ed. (São Paulo: Edições Vida Nova, 1984, pp. 25-26).

12. "... Amenetepe IV, melhor conhecido na história como Akhenaten (ou Akhnaton), fugindo do ambiente hostil de Tebas em cerca de 1370 a.C., construiu sua nova capital à qual deu o nome de Akhenaten, onde estabelecera uma religião monoteísta, assim hostilizando os poderosos sacerdotes de AMEN, deus titular de Tebas. Estes sacerdotes dominavam, nesta época, o país, intrometendo-se na política. O deus de Akhenaten era também o deus do sol, conhecido como ATEN, 'o Senhor do Disco Solar'." (Edith A. Allen, *op. cit.*; pp. 40, 41.)

13. Edith A. Allen, *Compêndio de Arqueologia do Velho Testamento* (Rio: Casa Publicadora Batista, 1957), p. 42.

14. A.R. Crabtree, *Arqueologia Bíblica* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1958), p. 55.

15. J. Mackee Adams, *A Bíblia e as Civilizações Antigas* (Rio: Editora Dois Irmãos, 1962), pp. 23-24.

16. A ESTELA DE HAMURABI, uma coluna de pedra de dois metros de altura, onde está gravado o código de leis desse monarca, é um dos grandes achados da arqueologia. Sua descoberta deve-se a Morgan e Sheil. Eles a encontraram em Susa (capital da antiga Elã), em escavações feitas em 1901/1902. Teria sido transportada de Babilônia para Susa como troféu de guerra.
Hamurabi foi um dos reis do império babilónico, que teria reinado de 1728 a 1686, sendo um dos mais proeminentes legisladores do mundo antigo. Nessa coluna, que é chamada de "Estela de Hamurabi", ele deixou registradas cerca de trezentas leis. Há semelhanças notáveis entre suas leis e as do Pentateuco (Edith A. Allen, *op. cit.*; p. 82).

17. A. R. Crabtree, *op. cit.*, p. 114.

18. Augusto Mariette, arqueólogo francês, descobriu o cemitério dos bois ÁPIS, nas ruínas de Sacara. À entrada havia uma capela. As câmaras mortuárias ficavam no fim de corredores íngremes de aproximadamente cem metros. Nas câmaras foram encontrados todos os touros ÁPIS desde os tempos de Ramessés, o Grande. Outras escavações ampliaram estes corredores para trezentos e cinqüenta metros. Os touros embalsamados foram colocados em sarcófagos de pedra de granito, e cada sarcófago era um bloco polido medindo aproximadamente três metros de altura, dois de largura e quatro de comprimento. (C.W. Ceram, *Deuses, Túmulos e Sábios* (São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958), pp. 121-122).

19. Oliveira Lima, *História da Civilização* (São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962), p. 55.

20. Edith A. Allen, *op. cit.*, p. 41.

21. Filon, de Biblos, era um sábio egípcio que viveu cem anos antes de Cristo. Deixou escrito vasto material sobre sua gente.

22. A cidade de Ugarit foi destruída há quase três mil anos. As ruínas foram sendo cobertas pela terra e em seu lugar, ficou uma protuberância que veio a ser chamada de Ras Shamra, que significa Morro do Funchal. Esse nome foi atribuído a essa elevação em virtude de ali ter crescido muito funcho. Localiza-se na costa norte da Síria, a cerca de 800 m da praia. Em 1928 um camponês, que trabalhava na terra, descobriu vestígios de ruínas. Em 1929 Schaeffer começou a fazer escavações naquele local e descobriu que se tratava da antiga cidade de Ugarit. Havia aí um templo dedicado a BAAL e outro a DAGON. Descobriu também uma rica biblioteca onde numerosas tabuinhas de argila informavam sobre os deuses e sobre o culto da terra (Werner Keller, *E a Bíblia Tinha Razão*, 2a. Ed. (Edições Melhoramentos, 1958), p. 233).

23. Werner Keller, *E a Bíblia Tinha Razão*, 3a. Ed. (Edições Melhoramentos, 1958), pp. 233-235.

24. Werner Keller, *op. cit.*, p. 234.

25. Robertson W. Smith, *The Religion of the Semites: The Fundamental Institutions*, 2a. Ed. (Nova Iorque: The Meridian Library, 1957), p. 140.

26. Edith A. Allen, *op. cit.*, p. 33.

27. Robertson W. Smith, *op. cit.*, p. 62 e 114.

28. Robertson W. Smith faz uma descrição pormenorizada sobre os baals e baalins (*op. cit.*, pp. 93 a 108).

29. A. R. Crabtree, *op. cit.*, p. 132.

30. E. W. Heaton, *O Mundo do Antigo Testamento* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965), p. 221.

31. Werner Keller, *op. cit.*, pp. 233-235.

32. Werner Keller, *op. cit.*, pp. 233-235.

33. E. W. Heaton, *op. cit.*, p. 222.

34. Crabtree, ao considerar o fato de que o monoteísmo teria sido anterior ao politeísmo, cita S. H. Langdon e Wilhein Schmidt, dois homens que trabalhando independentemente um do outro, por volta de 1931, chegaram a essa conclusão pelo conjunto de informações obtidas no campo da arqueologia. Ele cita Langdon: "Talvez não satisfaça a todos a minha conclusão de que nas religiões sumerianas e semíticas o monoteísmo precedeu o politeísmo e as crenças nos espíritos bons e maus. As provas e as linhas de argumento que me levam a esta conclusão, tão em contrário à teoria geralmente aceita, têm sido reunidas com muito cuidado e apresentadas com entendimento da crítica adversa. Apresento, porém, esta minha conclusão na base de conhecimentos, e não simplesmente como preconceito audacioso" (S. H. Langdon, Mythology of all Races-Semitic, p. XVII). O número de deuses nessas civilizações tende a diminuir na proporção em que se conseguem dados de épocas mais remotas. Aumentam à medida que os séculos passam. Trezentas tabuinhas encontradas em Kishi, que seriam de 4.000 a.C., apresentam um panteão de apenas três deuses: Firmamento, Terra e Sol. Entretanto, inscrições de 3.000 a.C. já apresentam 750 deuses sumerianos. Ainda segundo Langdon "a palavra Deus, na língua semítica, significa originalmente 'Aquele que é alto', Deus no firmamento. Creio que assim começou a sua religião mo-

noteísta. É provável que adoraram EL ou ILAH, como o seu primeiro Deus" (A. R. Crabtree, *op. cit.*, pp. 235-236).

35. Pode-se citar o caso dos egípcios no tempo de Akenaton, que tentou estabelecer o culto de Amon-Rê; os babilônios, que evoluiram para a adoração do deus supremo Marduque, seria outro exemplo; na Grécia também houve um desenvolvimento do politeísmo de Homero para as filosofias monoteístas de Xenofontes e Platão.

36. Gleason L. Archer Jr., *op. cit.*, pp. 158-159.

37. Archer demonstra que os argumentos apresentados pela teoria documentária em favor de seus postulados já foram contraditados pelas descobertas arqueológicas mais recentes (Gleason L. Archer Jr., *op. cit.*, capítulo 10).

Capítulo 4

LEVÍTICO: O MANUAL DO CULTO ISRAELITA

O nome "Levítico", usado como título desse livro em nossas versões, tem a ver com o seu conteúdo, isto é, são as coisas relacionadas com as atividades dos levitas. Levítico expressa "o que é concernente aos levitas", segundo Halley.[1] Este termo começou a ser usado para designar o terceiro livro de Moisés com a Setuaginta e a Vulgata que, por certo, o adotaram em razão do assunto do livro, que, em sua maior parte, trata do serviço dos levitas no Tabernáculo. E, mesmo aquilo que não se relaciona diretamente com o trabalho do Tabernáculo, como as diversas leis sobre alimentos, ano sabático, etc., era relacionado com os sacerdotes, pois eles é que ensinariam ao povo todas as coisas.

Por sua vez o termo "levita" se originou do nome do pai da tribo que foi escolhida para cuidar das coisas sagradas. Foi isto que Deus ordenou a Moisés:

> *Faze chegar a tribo de Levi, e põe-na diante de Arão, o sacerdote, para que o sirvam, e cumpram seus deveres para com ele e para com todo o povo, diante da tenda da congregação, para ministrar no tabernáculo. Terão cuidado de todos os utensílios da tenda da congregação, e cumprirão o seu dever para com os filhos de Israel no ministrar no tabernáculo. Darás, pois, os levitas a Arão e a seus filhos; dentre os filhos de Israel lhes são dados. Mas a Arão e a seus filhos ordenarás que se dediquem só ao seu sacerdócio, e o estranho que se aproximar morrerá (Nm. 3:6-10).*

Assim, Deus separou a tribo de Levi para que tivesse sobre si os encargos gerais do Tabernáculo e de todas as coisas sagradas. E, dentro dessa tribo, separou a família de Arão para o sacerdócio, isto é, seriam eles os responsáveis pelo oferecimento das ofertas a Deus e pela manutenção do culto.

Levítico pode ser chamado, portanto, de o manual dos levitas. Segundo Lange é "o livro da teocracia sacerdotal, ou do sacerdócio de Israel, para estabelecer sua santidade típica". Ou, ainda, "as observâncias religiosas pelas quais o povo de Deus poderia se tornar santo e continuar santo".[2]

As leis e orientações gerais registradas em Levítico são dadas a partir do momento em que o Tabernáculo foi levantado. Êxodo termina com a benção de Deus sobre a obra da construção daquele templo ambulante, sendo claro no texto que o Senhor havia orientado tudo naquela construção não só com relação às paredes, colunas e coberturas, mas também com os seus móveis e utensílios, e que eles seguiram meticulosamente cada pormenor revelado pelo Senhor. No momento em que tudo estava pronto, e em que o Tabernáculo foi erigido, tendo sido colocados no lugar todos os objetos que viriam a ser usados no culto, a nuvem da glória do Senhor desceu sobre aquela casa e a sua presença encheu todo aquele recinto. Era o selo de Deus de que tudo fora feito conforme sua prescrição e que, a partir de então, ele se manifestaria nesse lugar preparado para Sua habitação (Ex. 25:8). É aí precisamente que Levítico começa. "E chamou o Senhor a Moisés e, da tenda da congregação, lhe disse..." (Lv. 1:1). As revelações registradas em Levítico são, portanto, transmitidas pelo Senhor a Moisés ou a Moisés e a Arão, em seus encontros com eles na tenda da Congregação. Deus falara com Moisés no monte, mas agora falaria do lugar que escolheu para habitação no meio de Israel.

O Tabernáculo foi levantado no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano da partida de Israel do Egito (Ex. 40:17). Aos vinte dias do segundo mês do ano dois, portanto cinqüenta dias após o Tabernáculo ter sido levantado, eles partiram do Monte Sinai (Nm. 10:11-12). Isto significa que o conteúdo de Levítico teria sido dado nesse período de cinqüenta dias. Todo esse conteúdo tem um ponto central em volta do qual todas as normas, cerimônias e leis devem girar: a SANTIDADE. O Deus Santo, que vem habitar no meio do Seu povo, não poderá suportar a iniqüidade naqueles no meio de quem estará se movendo. Mas o próprio Deus aponta ao povo o caminho através do qual suas culpas poderão ser expiadas e lhes dá a direção para que se conservem puros.

SANTIDADE É O PENSAMENTO CENTRAL EM LEVÍTICO

Já vimos, no capítulo anterior, que o conceito de santidade

das religiões do meio ambiente onde a nação israelita foi formada se resumia em considerar santo o que era usado no culto ou o que fazia parte do contexto religioso, sem qualquer relação com a vida interior das pessoas. E não há dúvida de que na religião de Israel também havia lugar para objetos, ocasiões e lugares santos. O Pentateuco tem muitos exemplos desse conceito. Fala-se no sal santo (Ex. 30:35), vestes santas (Ex. 16:32), pães santos (Ex. 23:20), animais santos (Ex. 27:30), água santa (Nm. 5:17), incensários santos (Nm. 16:38), óleo santo (Nm. 35:25). O Tabernáculo e todos os seus móveis e utensílios eram santos (Ex. 40:9). Há certas ocasiões consideradas santas, como as santas assembléias (Ex. 12:16), o sábado santo (Ex. 19:16), as festas fixas (Lv. 23:2), o qüinquagésimo ano (Lv. 25:11-12). O Tabernáculo é referido como o lugar santo, onde, por exemplo, parte da oferta pelo pecado deveria ser comida pelo sacerdote (Lv. 6:26). O próprio acampamento de Israel era considerado santo (Dt. 23:14). À Moisés e Josué foi dito que o lugar em que pisavam era terra santa (Ex. 3:5; Josué 5:15).

Contudo, a santidade do lugar, nesses casos, era apenas temporária. Prendia-se exclusivamente ao fato de ali estar manifestando-se a presença de Deus. O acampamento de Israel era santo no sentido de que Deus estava no meio do Seu povo. "Porquanto o Senhor teu Deus anda no meio do teu acampamento para te livrar, e para entregar-te os teus inimigos; portanto o teu acampamento será santo, para que ele não veja em ti cousa indecente, e se aparte de ti" (Dt. 23:14). O lugar onde o Tabernáculo era erigido também era lugar santo nesse sentido da manifestação de Deus. Foram muitos os lugares onde acamparam e montaram o Tabernáculo, e muitas vezes Deus se manifestou de formas extraordinárias nestes lugares. Mas, jamais houve qualquer intenção de se tomar providências para estabelecer nesses lugares um ponto definitivo de culto após se terem locomovido para outras paragens, como se o lugar em si tivesse alguma coisa de sagrado ou de mágico. O lugar só era santo em função de estar ali a tenda onde o Senhor se manifestava. O acampamento era santo somente no sentido de que o Senhor se movia no meio do seu povo. A terra que Moisés e Josué pisavam era santa porque havia poucos palmos de distância entre eles e a manifestação visível do Deus Eterno, infinitamente Santo.

O termo usado para expressar o que é santo é o vocábulo *qadosh,* que tem o sentido de "separado", "ser colocado à parte". Bonnard diz que "radicalmente significa 'separação' por oposição a

profano".[3] Esta palavra, aplicada a Deus, dá ênfase à sua absoluta perfeição moral que o torna separado de tudo o que é imperfeito. E, como diz Pearlman, "quando o Santo deseja usar uma pessoa ou um objeto para seu serviço, Ele então separa essa pessoa ou aquele objeto do seu uso comum e, em virtude dessa separação, a pessoa ou objeto torna-se santo".[4]

Assim, quando se fala em pães santos, vestes santas, sal santo, incensários santos e inúmeros outros objetos qualificados como santos, a referência é às coisas separadas do uso comum para o serviço de Deus. Não há no Pentateuco qualquer pensamento de que essas coisas santas tivessem em si mesmas poder mágico ou força sobrenatural, mas que sua importância estava exclusivamente no fato de que foram colocadas ao serviço de Jeová. Do mesmo modo, os sábados, ou semanas, ou anos, ou quaisquer outras ocasiões consideradas santas, assim eram referidas em virtude de serem separadas do restante do tempo que tinham disponível para cuidar de seus próprios afazeres e, então, eram dedicados somente ao serviço do Senhor. A ordem reiterada para todas estas ocasiões dá ênfase em que "é reunião solene, nenhuma obra servil fareis" (Lv. 23:36). Isto porque "são estas as festas fixas do Senhor, que proclamareis para santas convocações, para oferecer ao Senhor oferta queimada, holocausto e oferta de manjares, sacrifício e libações, cada qual em seu dia próprio" (v. 37).

Há um profundo abismo com relação ao conceito de santidade, ou do que é sagrado, entre a religião de Israel e as demais religiões. Enquanto naquelas religiões os lugares e os objetos santos (isto é, objetos e lugares separados para o culto dos seus deuses) eram revestidos de certos poderes mágicos, no Pentateuco não havia lugar para tal idéia. Se podem ser detectados traços desses desvirtuamento em Israel, não se responsabilize a religião em si mesma, pois esta, em seus fundamentos, dados por instrumentalidade de Moisés, era por demais sublime para conter um conceito tão desvirtuado.

Mais profunda ainda era a diferença de concepção a respeito da divindade, no que concerne ao seu caráter moral. Enquanto se podiam atribuir aos deuses daquelas gentes, ações sumamente pecaminosas, pois ainda que poderosos não eram perfeitamente justos, do Deus de Israel só se podia esperar o que fosse perfeitamente puro, justo e bom, dado o seu caráter perfeito. "Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é

fidelidade, e não há nele injustiça: é justo e reto" (Dt. 32:4).

Esse Deus justo e reto exigia justiça e retidão de seus adoradores. Quando Ele fez o concerto com Israel, comprometendo-se a ser o seu Deus, havendo por causa disto todas aquelas bênçãos da expiação, do perdão, da paz, seguidas pelas bênçãos da provisão material, incluindo ainda o tremendo privilégio de Israel ser nação sacerdotal para as outras nações, estavam implícito, entretanto, certos deveres dentro desse pacto aos quais o povo se obrigava. Estes deveres, ou as leis e as orientações que devem ser cumpridas, são registradas em um livro (Ex. 24:7) e aparecem bem explícitas em Levítico. De que natureza são? Teriam a ver somente com os atos do culto, com os sacrifícios, com os rituais, ou seriam também postulados que levariam à retidão, à pureza interior, ao amor e à paz? Santidade não faz sentido sem que haja pureza interior. O conteúdo de Levítico dá ênfase constante nesse tipo de santidade. Basta um relance pelo livro e essa verdade se torna transparente.

Realmente a palavra "santo" é central em Levítico. É repetida setenta e três vezes. O pensamento que permeia todo esse livro é "santidade". Há um desafio ao homem para que alcance esse alvo, isto é, seja santo, e a motivação é colocada no próprio caráter de Deus: "Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo" (Lv. 19:2).

ESBOÇO GERAL DE LEVÍTICO

Por causa da retidão moral de Deus, tudo que com Ele se relacionasse seria o reflexo de Sua própria natureza: as leis que dele procedessem seriam retas; seus atos, quer fossem recompensas ou castigos, seriam fundamentados num comportamento perfeitamente justo; seu governo seria de infinita retidão. Por seu lado, a nação israelita teria de se relacionar com Ele dentro de padrões de perfeição moral absoluta. Isto, entretanto, seria impossível a um povo constituído de pessoas cuja natureza era imperfeita. Mas, em Levítico, há resposta para esse impasse. Deus lhes ensina como um povo imperfeito pode entrar para a presença do Santo e, após ser recebido, continuar em comunhão com Ele.

Seguindo-se esse pensamento pode-se dividir Levítico em duas grandes seções:

I. Ensino de como um povo imperfeito pode ser recebido por Aquele que é infinitamente santo (caps. 1 a 10).

A. Isto dar-se-ia através da expiação que seria realizada por meio do sangue dos sacrifícios. Estes sacrifícios, além de conterem essa idéia fundamental de expiação, trazem em si outros aspectos do relacionamento com Deus. São assim distribuídos:
   a. os holocaustos, onde havia também o pensamento de dedicação completa da vida ao Senhor (cap. 1);
   b. as ofertas de manjares, que eram ações de graças (cap. 2);
   c. os sacrifícios pacíficos, que falavam da comunhão entre o adorador e Deus (cap. 3);
   d. os sacrifícios pelos pecados, que falavam da confissão, restituição, perdão e expiação (caps. 4 a 6:7);
   e. diversas leis sobre estes sacrifícios (caps. 6:8 e 7).

B. O pecador não poderia oferecer os sacrifícios por si mesmo. Teria de haver um sacerdócio que fosse representante credenciado por Jeová e fosse por Ele ungido especialmente para a realização da expiação em Seu nome. Era também o representante credenciado e ungido para o desempenho dos outros atos do culto. Era o mediador entre Deus e a nação (caps. 8 a 10).

II. Ensino de como continuar vivendo santamente com o Deus perfeito, o que era possível somente se houvesse a disposição de viver segundo os preceitos do Senhor (caps. 11 a 27). Estes preceitos não eram arbitrários. Eram a expressão da natureza santa do Pai. Por isso precisava haver:

A. Cuidados pessoais com relação
   a. aos alimentos (cap. 11);
   b. à higiene íntima (caps. 12 e 15);
   c. à saúde (caps. 13 e 14).

B. Purificação espiritual periódica, que era realizada especialmente no Dia da Expiação. Nesse dia fazia-se confissão nacional dos erros do povo e se obtinha o perdão divino (cap. 16).

C. A matança de animais seria de acordo com princípios estabelecidos e deveria haver abstenção de se alimentar com o sangue desses animais (cap. 17).

D. As relações familiares teriam de ser corretas (cap. 18).

E. Necessidade de santidade nos outros aspectos da vida: balanças justas, justiça no trato com escravos e estrangeiros, dizer somente a verdade, etc. (caps. 19 a 22, 24, 25:35 a 26:2).

F. Contato constante com Deus. Para isto seriam separados dias, semanas e anos, em que o tempo seria dedicado ao Senhor e, em alguns desses períodos, não se poderiam fazer quaisquer outras coisas a não ser atos de comunhão com Deus e sua adoração (caps. 23 e 25:1 a 34).

Conclusão: promessas, castigos, votos (caps. 26 e 27).

Observações sobre o item I:

1. Só pode haver relacionamento entre a criatura imperfeita e o Deus perfeito na base da expiação, que é um ato redentor de Deus no qual Ele provê um substituto para o homem. Sobre este substituto recaem as culpas e, em razão disto, é condenado e executado no lugar do penitente.

2. O sangue é o fundamento da expiação (17:11), porque a vida da carne está no sangue. A substituição tem que ser feita na base de vida por vida. A vida do pecador está condenada por causa de suas culpas. Mas, a culpa, e sua subseqüente condenação, são transferidas para o substituto que é executado no lugar do verdadeiro culpado.

3. Mesmo nas ofertas onde havia ênfase na dedicação (holocausto), gratidão (manjares) e comunhão (pacífica), a expiação entrava como elemento essencial no ato da morte do animal e apresentação do seu sangue ao Senhor. A Oferta de Manjares, constituída de cereais, era feita no altar onde estava presente o sangue da expiação.

Observações sobre o item II:

1. O Dia da Expiação Nacional era a oportunidade para a purificação da nação. Esta já vivia em comunhão com o Deus Santo mas precisava a cada ano fazer uma minuciosa verificação do seu comportamento, sondando se alguma coisa precisava ser recolocada em seu devido lugar.

2. Dentro do esquema da santificação estavam também as ofertas pelo pecado. Com estas ofertas dava-se ênfase ao fato de que cada falha deveria ser tratada. Por isso, cada vez que um israelita cometesse uma transgressão, deveria procurar o sacerdote para que houvesse um novo derramamento de sangue em seu favor. Depois disto, aquele que havia pecado estava outra vez em condições de continuar em comunhão com o Pai.

3. Os sacrifícios do holocausto, de manjares e pacíficos, eram também oportunidade para uma volta contínua para Deus. Toda vez que alguém trouxesse ao Senhor alguma oferta estava dando

oportunidade para que aquele poder purificador permeasse toda a sua vida.

4. As festas, os sábados e quaisquer outras ocasiões separadas para o Senhor, também faziam parte do esquema de santificação. O contato constante e demorado com o Deus Perfeito transmitiria sua natureza a seus filhos. Por isso há tanta ênfase em que nesses dias nada se fizesse exceto aquilo que estivesse relacionado com a comunhão com o Senhor.

Quem poderia produzir um manual do culto tão perfeito? Que mente humana, por mais privilegiada que fosse, poderia elaborar um sistema que estivesse tão de acordo com os planos eternos de Deus para o homem e que fossem a sombra perfeita do que seria revelado posteriormente na encarnação? Somente quem observa os detalhes divinos desse culto e fé pode perceber com clareza a mão de Deus trabalhando para produzir um caminho tão singular.

E esta religião revelada por Deus está, em muitos aspectos, em flagrante desacordo com as religiões que se formaram como resultado do labor humano. A diferença sobressai especialmente no que se refere à santidade. Há aqui uma preocupação sem medida com o viver em retidão diante de Deus e dos homens. As leis acerca do casamento, furto, mentira, falsidade, opressão, salários, justiça nos julgamentos, convívio com o estrangeiro, balanças justas (cap. 18), como também acerca da propriedade, dos pobres e escravos (cap. 25), demonstram com clareza a ênfase na pureza de vida. E mesmo nos rituais dos sacrifícios eram estes aspectos lembrados (6:2-4).

A razão dessa diferença é clara. O conceito de santidade nas religiões de origem humana só poderia ir até a altura do que o homem por si só consegue alcançar. Na religião revelada o alvo é a perfeição, porque o Deus que o revelou tem o poder para alçar a sua criatura até aquele padrão.

Não se pode considerar atentamente a religião de Israel sem se perceber que só Deus poderia produzi-la.

A ORIGEM DIVINA NOS CONCEITOS EXPRESSOS EM LEVÍTICO

Lendo Levítico não há como se escapar da sólida convicção, claramente expressa em suas páginas, de que o seu conteúdo é o resultado de um ato revelador de Deus feito à nação israelita atra-

vés do seu líder. Moisés foi preparado por Deus desde a sua infância para ser o homem capaz de traduzir para a linguagem humana aquilo que o Senhor queria que fosse revelado. Não que Moisés se tornasse um robô e passasse a psicografar o que um espírito ou qualquer outro ser sobrenatural estivesse a lhe transmitir, num processo mecânico em que o ser humano se torna apenas o instrumento sem qualquer participação volitiva. Nem que tudo o que Moisés registrou fosse a ele ditado por Deus. Para esse tipo de inspiração não se precisa de preparo tão demorado, por anos a fio, nos quais seu ser vai sendo trabalhado através de crises e experiências múltiplas, para que venha a tornar-se capaz de transmitir os pensamentos do céu sem ser violada sua própria vontade e sem que se lhe precise ditar tudo o que se desejou comunicar e, muito menos, sem fazer dele um autômato cuja mão se movimenta sob um poder mágico, que aniquila sua autodeterminação nos movimentos do seu corpo.

Sem dúvida, há em Levítico, como em todo o Pentateuco, leis, direções, observações, dadas diretamente por Deus ou pelo ministério de anjos (Hb. 2:2). Mas, pode-se ter certeza de que o homem Moisés, vivendo num clima de espiritualidade tão acima da média humana, tendo a "mente de Cristo" (I Co. 2:16) desenvolvida nele, possuindo em alto grau o "espírito de revelação e de sabedoria no pleno conhecimento d'Ele" (Ef. 1:17), podia transmitir a vontade de Deus para o Seu povo, sem desvios e sem ser manchada pela imperfeição humana. Neste processo muitas vezes o profeta está apenas interpretando uma visão dada pelo Senhor e coloca, em palavras simples, fatos gloriosos para os quais o Senhor abriu os olhos do seu espírito para ver. Outras vezes o Senhor alça os seus pensamentos a alturas infinitas e ele passa a falar daquilo que jamais ouviu e nem aprendeu. Há muitas maneiras pelas quais o Senhor pode levar o Seu profeta a transmitir os Seus pensamentos sem que lhe precise ditar as palavras, nem tolher o livre curso de sua própria vontade.

Mas, nesse condicionamento de Moisés para sua missão, teria entrado alguma coisa da cultura de sua época? Haveria qualquer influência dos conhecimentos adquiridos no Egito e em Midiã?

A BAGAGEM CULTURAL DE MOISÉS COMO PARTE INTEGRANTE DE SEU MINISTÉRIO DE LEGISLADOR SAGRADO

"E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios" (Atos 7:22). Que o Egito era um país desenvolvido culturalmente nessa época é matéria pacífica. Seus conhecimentos de geometria que tornaram possível a construção de suas enormes pirâmides o comprovam. A maneira como embalsamavam os seus mortos, seus sistemas de irrigação, sua escrita desenvolvida, sua literatura, sua legislação, são fatos que atestam o desenvolvimento daquele povo naquele período da história da raça humana. Impressiona o fato de que quando Deus se propôs preparar um homem para que fosse capaz de interpretar a ação que havia desenvolvido na vida do seu povo e, ao mesmo tempo, que fosse capaz de receber novas revelações do céu, em uma dimensão não conhecida pelos seus antepassados, tendo também a capacidade de registrar essa revelação, sim, quando Deus levantou um homem para tal missão, Ele o colocou no lugar onde captaria os melhores conhecimentos da mais adiantada cultura de sua época.

Uma das grandes necessidades de Moisés era o conhecimento da escrita. Ora, um sistema religioso que deveria tornar-se a base para toda a revelação divina posterior e que, ao mesmo tempo, seria veículo para o testemunho entre as demais nações, sendo também tão volumoso como é, com pormenores pejados de significados, precisava ser devidamente registrado. O Pentateuco refere-se várias vezes a esse registro. Após ter sido feito o Pacto, no Monte Sinai, "Moisés escreveu todas as palavras do Senhor" (Ex. 24:4). No seu discurso diante do povo, Moisés os admoesta dizendo: "Se não tiveres cuidado de guardar todas as palavras desta lei, escritas neste livro, para temeres este nome glorioso e terrível, o Senhor teu Deus, então o senhor fará terríveis as tuas pragas e as pragas de tua descendência..." (Dt. 28:58-59). E ainda diz-se que

> *Tendo Moisés acabado de escrever integralmente as palavras desta lei num livro, deu ordem aos levitas que levavam a arca da aliança do Senhor, dizendo: Tomai este livro da lei, e ponde-o ao lado da arca da aliança do Senhor vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti (Dt. 31:24-26).*

A crítica tem levantado a pressuposição de que Israel não possuia conhecimento da escrita nessa época. Entretanto, várias descobertas arqueológicas dos últimos decênios têm provado o contrário. As inscrições de Serabite-El-Khadim[5], na Península do

Sinai, demonstram que a escrita era praticada até por pessoas menos cultas no ambiente em que Moisés viveu. Allen afirma, com razão, que estas "inscrições desmentem a hipótese dos críticos de que o povo de Israel não possuia uma escrita nesta época, visto que os operários humildes de cerca de 1500 a.C. conheciam e usavam a sinaítica".[6] Esta é também a opinião de Archer, que, refutando os argumentos da crítica quanto à exatidão histórica do Pentateuco, diz que estas inscrições descobertas por Petrie nestas minas de turquesa

> *Exibem um sistema alfabético que nos fornece a chave da origem das letras do alfabeto fenício. É óbvio que os autores destas inscrições eram os mineiros semíticos empregados pelos egípcios. A inferência natural é que a escrita era tão amplamente divulgada entre os semitas da época pré-mosaica, que até as classes mais baixas podiam ler e escrever.*[7]

Não somente esta descoberta, mas também o que se encontrou na Mesopotâmia, no Egito e, especialmente, as descobertas feitas em UGARITE, demonstram que a escrita já era tão desenvolvida nessa época que seria contrasenso afirmar-se que Moisés não tinha possibilidade de registrar em livro aquilo que lhe estava sendo revelado. Contudo, havia muito mais no pano-de-fundo cultural de Moisés, recebido do meio ambiente em que viveu. Ele, por certo, era profundo conhecedor dos sistemas de governo do Egito e de outras nações que mantinham relações com esse povo. Conhecia também seus sistemas religiosos, sua legislação e filosofia. Todo esse volume cultural foi, sem dúvida, um elemento positivo na vida e obra desse servo do Senhor, como bem coloca Fairbairn ao dizer que o

> *Relacionamento com o saber egípcio foi uma vantagem para Moisés. Pelo menos serviria para o propósito de expandir e amadurecer as faculdades de sua mente, dar-lhe familiaridade com os princípios e métodos gerais do governo político, fornecer-lhe um conhecimento dos sistemas religiosos e da moral da mais capaz e civilizada nação da antiguidade gentílica. Isto aumentaria sua capacidade para sua posterior missão.*[8]

Dada a preparação recebida por Moisés no Egito, levantam-se

vozes que querem colocar a religião judaica como o resultado da mente privilegiada desse homem, mais o seu pano-de-fundo cultural. Isto só é possível por não se levar em conta o fato de ter havido um veio de ouro que percorreu os séculos, passando por Abel, Enoque, Noé, chegando a Abraão, e daí aos seus descendentes, que fez com que certas verdades sobre o Deus Criador fossem passadas de pais a filhos. Não leva também em conta que as religiões humanas são a expressão deturpada da verdadeira adoração. Além disso, há a verdade insofismável de que a religião judaica é única e sem paralelo no que se relaciona ao monoteísmo, à santidade do Deus de Israel, ao conceito de Santidade por Ele revelado e ao processo de expiação. Sobre tudo isto há a declaração do próprio registro de que foi Deus quem disse as coisas aí registradas. Negada a possibilidade de Deus ter falado diretamente com Moisés, está negada a própria inspiração bíblica, e tudo o mais pode ser colocado como fruto da evolução humana.

Mas, de fato, a religião hebraica *foi revelada,* e o pano-de-fundo cultural de Moisés fazia parte da preparação de todo o seu ser (físico, espírito, intelecto, emoções, tudo!) para que ele se tornasse o veículo apropriado para receber e transmitir essa revelação.

RELAÇÃO ENTRE O REVELADO E O PANO-DE-FUNDO CULTURAL

Levítico começa com uma frase muito significativa: "Chamou o Senhor a Moisés... e lhe disse" (1:1). Através do livro as expressões "Fala aos filhos de Israel", "Disse mais o Senhor", "Falou mais o Senhor", e correlatas, aparecem perto de quarenta vezes. Além disso, toda a linguagem é em termos de comando, isto é, o Senhor ordenando todos os pormenores para o culto, para a vida diária, para o relacionamento com o próximo, enfim, o Senhor orientando a vida toda do seu povo. Ainda aparece a palavra de Moisés dizendo "Isto é o que o Senhor ordenou que se fizesse". O livro termina afirmando que "são estes os mandamentos que o Senhor ordenou a Moisés, para os filhos de Israel, no monte Sinai" (27:34). Não há dúvida, portanto, de que este livro, de acordo com suas declarações e o teor de sua linguagem, reivindica origem divina.

Como se explicaria então os traços comuns da religião de Israel com os cultos de outras nações? Até que ponto teria havido

influência da cultura adquirida por Moisés, ao ser elaborado não só o sistema religioso hebraico mas também toda a sua legislação e seu sistema de governo?

Há de se lembrar, de princípio, que nossos primeiros ancestrais conheceram o Deus verdadeiro que com eles comunicava-se diretamente. O culto prestado por Abel (Gn. 4:4) e os sacrifícios oferecidos por Noé, após o dilúvio (Gn. 8:20-22), são apenas dois sinais, entre os outros, de um culto monoteísta dirigido ao Deus verdadeiro. Esse conhecimento deve ter passado de pai para filho, seguindo uma linhagem de crentes que foram testemunhas de Deus através dos séculos (At. 14:16-17), e que culminou com a chamada de Abraão para a formação de um povo que expressaria, como nação organizada, os conceitos certos sobre a divindade. Os outros cultos eram a degeneração do culto verdadeiro, assim como as diversas divindades eram a expressão deturpada do primitivo conhecimento do Deus da criação. Ora, sendo que há ligações entre a religião primitiva e as religiões que se desenvolveram por iniciativa humana, seja essa ligação maior ou menor, é natural que haja traços comuns entre todas elas. O ato da adoração, a crença no sobrenatural, os sacrifícios, são exemplos de aspectos presentes nas diferentes formas de culto. As ênfases erradas e os conceitos desvirtuados podem ser simplesmente evidências de que há uma maneira certa de procedimento neste campo. É natural que a religião de Israel não partiu do vazio, do nada.

Quando se proclama uma verdade é preciso que se respeite o fundo cultural daqueles a quem a verdade é endereçada, para que possa haver comunicação. Deve-se falar na linguagem desse povo, usar as expressões já cunhadas, lançar mão das instituições já estabelecidas, porque do contrário o mensageiro não se fará entender. Quando se quer transmitir uma verdade espiritual não se pode deixar de usar determinada expressão sob a alegação de que essa expressão tem origem profana. Ora, a expressão é simplesmente um veículo para a comunicação daquela verdade. O conteúdo de Levítico não pode fugir a essas leis gerais da comunicação. Esse conteúdo deve ter sido expresso em termos usados no meio ambiente do povo que o receberia. Isto, todavia, não significa que a verdade que estava sendo comunicada tinha origem naquela cultura. Por exemplo, ao se usar o termo "holocausto", para se descrever um determinado tipo de sacrifício que seria feito no Tabernáculo, Deus estava transmitindo uma verdade completamente nova ou

recompondo aquilo que no passado fora comunicado mas, que, no decorrer do tempo, tinha sido perdido. Assim, usando um termo já conhecido e até certas formas rituais já praticadas, há, entretanto, verdades nesse sacrifício do Tabernáculo que o distingue completamente de ritos semelhantes, com o mesmo nome, praticados nas outras religiões.[9]

Sendo instruído na sabedoria egípcia, Moisés, com toda certeza, apreendeu os conceitos religiosos e filosóficos que permeavam toda aquela civilização. Conhecendo os sistemas de governo, era capaz de ver suas múltiplas nuanças e possibilidades. Como conseqüência disto ele teria muita capacidade de raciocínio e expressão. Seria natural, portanto, esperar dele conhecimento dos símbolos que mais falavam ao povo, apreensão do sentido real das palavras e do alcance das mesmas, e discernimento das instituições que mais poderiam apelar, pelo seu sentido, ao coração daqueles a quem comandava.

Tudo isto poderia ser nada mais do que *inútil por si só*. Mas este homem desde cedo foi alvo de uma graça especial de Deus, que trabalhou cada fibra de seu ser, para torná-lo eficiente no seu ministério. Esta graça reservou-lhe quarenta anos de deserto nos quais o seu ouvido espiritual foi aguçado para perceber o mais leve sussurrar da eternidade. Quando, no fim desse retiro, Deus perguntou-lhe o que ele tinha na mão, sua resposta foi muito interessante: tenho uma vara (Ex. 4:2). Apenas uma vara. Que poderia significar uma simples vara seca? Quem jamais entraria numa batalha de guerreiros bem armados com um bordão? Ocorre, entretanto, que essa vara estava nas mãos de um homem tremendamente ungido e por isso podia produzir coisas monumentais. Poderia haver homens da estatura cultural de Moisés que viveram na mesma época em que ele viveu, e certamente os houve, mas que só tinham a cultura (somente a vara), e nada puderam produzir para o Reino de Deus. Mas as possibilidades culturais do homem Moisés foram impregnadas do poder de Deus e este homem foi o veículo através do qual a graça transmitiu e fez registrar o que seria a base da religião israelita e, por fim, a base do próprio cristianismo. Como diz Fairbairn:

> *Em seus elementos fundamentais as religiões do Velho e Novo Testamentos são idênticas. A diferença está em que no Velho Testamento aparece como em uma plataforma mais baixa revelando suas idéias e comunicando suas bençãos através de imper-*

feitos instrumentos de relações sensoriais e interesses temporais, enquanto em o Novo cada coisa se ergue em direção ao céu, e as realidades eternas são colocadas em destaque.[10]

Não só isto, pois unicamente Aquele que conhecia toda a verdade, como está em o Novo Testamento, só Ele, poderia fazer uma "parábola" tão perfeita dessa mesma verdade no Velho Testamento. Ao se comparar o Novo e o Velho Testamentos percebe-se que a "sombra" lá, a "figura", corresponde tão bem à realidade aqui, que somente o Senhor da Verdade poderia tê-la exposto. Ao analisar-se o sistema sacrificial elaborado de forma tão significativa, como está em Levítico; ao meditar-se no significado espiritual tão amplo dos diversos sacrifícios; ao identificar-se a pureza, a santidade, a disciplina, que envolvia todo aquele ritual; não se pode atribuir ao homem sua origem nem nivelá-los aos rituais dos outros cultos de então. Ainda que se encontrem semelhanças entre esse culto e os cultos gentílicos, sejam semelhanças quanto a lugares de adoração, ou quanto aos rituais, ou com relação aos animais sacrificados, as verdades contidas no culto revelado estavam tão de acordo com a natureza do Deus Verdadeiro que não se pode confundir este e aqueles.[11]

Era o Senhor revelando a uma nação, através de um vaso para isto preparado, os fundamentos do culto que o ser humano deve prestar ao Deus verdadeiro. Esse culto expressava, de modo simples e claro, as tremendas verdades de Deus. Deveria ser instrumento de fixação dessas verdades no coração do Seu povo. O culto seria uma força motivadora em direção à santidade. Seria também o elemento de comunicação do conhecimento de Jeová às demais nações da terra. Teria de se revestir da dignidade d'Aquele que é o seu centro e o alvo da adoração: o Deus do Céu e da Terra, o Senhor de todos os povos, o Eterno.

O SISTEMA SACRIFICIAL DO TABERNÁCULO ERA A REGULAMENTAÇÃO DE CONCEITOS JÁ CONHECIDOS DE SACRIFÍCIOS, AO MESMO TEMPO QUE EXPANDIA A REVELAÇÃO

Comparando-se o sistema sacrificial de Levítico com o que se praticava nos cultos das outras nações, pode-se notar semelhanças inegáveis. Daí, tem-se desenvolvido o pensamento de que esse siste-

ma sacrificial é apenas o aprimoramento dos cultos gentílicos. Mas, realmente o que aconteceu?

Os sacrifícios são referidos na Bíblia como sendo já praticados em períodos remotos da história da humanidade. Estes sacrifícios são, geralmente, holocaustos. Aparecem, pela primeira vez, com Caim e Abel, em Gênesis: "Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho, e da gordura deste. Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta" (Gn.4:3-4). A referência seguinte encontra-se na história de Noé. "Levantou Noé um altar ao Senhor e, tomando de animais limpos e de aves limpas, ofereceu holocausto sobre o altar" (Gn. 8:20). Durante sua peregrinação, Abraão erigiu diversos altares ao Senhor (Gn. 12:8, 13:18, 26:25, 33:20). Jacó também os edificou (Gn. 35). Não há referência ao sacrifício de animais nesse período, mas, sem dúvida, eles o praticaram. Quando o Senhor deu a Abraão um carneiro para que fosse sacrificado em lugar de seu filho (Gn. 22:13), o desembaraço que ele demonstrou com relação aos apetrechos para o holocausto (a lenha, o fogo, o cutelo, o altar), como também o conhecimento que Isaque revelou ter do assunto, ao dizer "Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" (verso 7), indicam que estavam familiarizados com o culto onde havia oferecimento de animais ao Senhor.

Quando Jacó fugiu de Padan Arã, e seu sogro foi em seu encalço, houve séria divergência entre ambos. Depois de um acerto, fez-se um pacto e, então, Jacó ofereceu "sacrifício na montanha, e convidou seus irmãos para comerem pão" (Gn. 31:54). Esta é a última referência aos sacrifícios até ao período do êxodo. Mas, nesse período, as diversas referências a este assunto, antes que fossem dadas as diretrizes do culto que aparecem em Levítico, evidenciam que entre os descendentes de Abraão, que habitavam o Egito, já era costume estabelecido sacrificar animais como parte do relacionamento com Deus. Assim é que o pedido ao rei egípcio para que deixasse o povo sair incluía o argumento de que eles deveriam "ir caminho de três dias para o deserto, a fim de que sacrifiquemos ao Senhor nosso Deus" (Ex. 3:18). Este argumento é repetido outras vezes diante de Faraó (Ex. 5:3,8; 8:26-27). A maneira como foi recebida a ordem para o sacrifício da Páscoa (Ex. 12) demonstra a mesma coisa.

Quando Jetro trouxe a esposa de Moisés ao acampamento de

Israel, no Sinai, ele "tomou holocaustos e sacrifícios para Deus" (Ex. 18:12). Ali mesmo no Monte Sinai, depois de promulgarem as leis do pacto, no terceiro mês após terem saído do Egito, foram feitos sacrifícios de animais para selar o compromisso assumido entre Deus e Seu povo (Ex. 24:3-8).

Todas estas referências a sacrifícios, a partir de Abel, Noé e os patriarcas, tornam evidente que essa forma de culto foi praticada pelos servos de Deus desde o princípio da história humana. As últimas referências, e especialmente o sacrifício feito na promulgação do Pacto, fato ocorrido quase um ano antes de ser dado o conteúdo de Levítico, tornam claro que era prática comum entre Israel os holocaustos, antes de serem transmitidas as leis que estão nesse livro.

Além dessa conclusão, pode-se ver no texto bíblico que Deus não só aceitou este tipo de culto mas que até o ordenou. No caso de Abel o texto diz que "agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta" (Gn. 4:3). Ele havia oferecido ao Senhor das primícias do seu rebanho. Quando Noé, após o dilúvio, levantou um altar e fez ofertas de sacrifícios de animais "o Senhor aspirou o suave cheiro" e prometeu não mais trazer semelhante castigo sobre os homens (Gn. 8:20-22). No caso de Abraão o Senhor ordenou que sacrificasse seu filho, sendo isto naturalmente apenas uma provação, pois logo depois o Senhor mesmo providenciou o carneiro para o holocausto (Gen. 22:13). Por ocasião do êxodo foi o Senhor quem deu as palavras a Moisés sobre o caminhar três dias em direção ao deserto para que sacrificassem ao Senhor (Ex. 3:18). A morte do cordeiro pascal também foi ordem direta do Senhor (Ex. 12:2). Portanto, se Gênesis e Êxodo foram considerados livros históricos, há de se concluir que os sacrifícios de animais fizeram parte do culto ao verdadeiro Deus desde o princípio da raça.

Só resta perguntar se tal prática começou por iniciativa humana ou se surgiu com uma revelação de Deus. Sendo que o primeiro relato bíblico de um ato de sacrifício como culto ocorreu depois da queda, seria natural perguntar-se se o homem caído tinha possibilidade de atinar com a forma de culto agradável ao Senhor. Ainda mais, sendo que o conceito de expiação é evidente no derramamento do sangue do animal, fato bem estabelecido em Levítico, como teria o homem pecador atinado com a possibilidade de o Deus Santo aceitar um substituto para aquele que estava condenado?[12] Mesmo para os que têm dificuldade em aceitar a ocorrência

de milagres, pode-se garantir-lhes que é menor o milagre de Deus ter ensinado ao homem a forma de culto que seria agradável ao Senhor, bem como o caminho da reconciliação com Ele através da expiação, tornada possível ao se executar um substituto, sim, seria menor milagre o atribuir-se a Deus essa revelação do que se considerar a possibilidade de a mente da criatura decaída descobrir tão perfeito caminho.

Deve-se ainda pensar, no tratamento desse assunto, na implicação do fato de que Jesus é o "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap. 13:8). Esta declaração bíblica implica em que a redenção é um plano feito na eternidade por Deus. Hebreus 8:5, diz que o Tabernáculo, e o que ali se fazia, era "figura e sombra" e ainda "uma parábola" (9:9) do verdadeiro, isto é, da revelação completa que se dá em Jesus Cristo. Se o derramamento de sangue no Tabernáculo não era coisa completamente nova, isto é, foi praticada pelos servos de Deus em séculos anteriores, e se aqueles sacrifícios e os do Tabernáculo apontavam para o sacrifício de Jesus Cristo, não é natural que se creia que Deus estava presente em todo esse processo? Se estava na mente de Deus tão extraordinário plano para a redenção humana, não seria razoável que Ele instruísse os homens desde o princípio sobre tal acontecimento?

Alguns imaginam que o homem estaria simplesmente copiando o que Deus fez quando provocou a morte de animais para fazer de sua pele roupas para o homem e a mulher que fugiam da presença de Deus envergonhados de sua nudez (Gn. 3:21).[13] Sem dúvida, pode-se ver aqui uma das primeiras lições da redenção no ato de se tirar a vida de um ser para que se providenciasse a cobertura do homem que se vê nu por causa do seu pecado. Contudo, não se pode pensar que a prática do sacrifício, tanto no sentido de adoração, gratidão ou expiação, pudesse ser estabelecido apenas como imitação daquela providência de Deus. Não se pode fugir ao fato de que somente uma revelação especial de Deus possibilitasse ao homem compreender tão grande mistério. Ainda que essa revelação fosse na proporção da possibilidade de conhecimento que nossos primeiros antepassados poderiam alcançar, todavia, ela forçosamente seria necessária.

O livro de Levítico diz textualmente que Deus deu o sangue para fazer expiação. O sentido claro da linguagem é que a questão do uso do sangue no sacrifício redentor foi iniciativa de Deus e

não do homem. Deus é quem deu e não o homem que ofereceu. Deus é quem revelou e não o homem que fez tão grande descoberta. Aqui está a chave da religião verdadeira. É uma religião revelada e não formada a partir das práticas e tradições humanas.

E como se explicaria a presença dos sacrifícios nas religiões pagãs? Estas religiões são apenas a degeneração da religião revelada; e os seus sacrifícios, o desvirtuamento dos sacrifícios orientados por Deus. Assim é que no auge do desvirtuamento chegou-se à prática de se apresentar aos deuses o holocausto de vidas humanas. É contrasenso pensar-se que Deus teria aproveitado estas práticas pagãs como base do seu culto no Tabernáculo.

SUMÁRIO

O livro de Levítico é o manual do culto no Tabernáculo. O nome "Levítico" é originado do nome da tribo de Levi, que foi separada para cuidar do culto em geral, ficando também a seu cargo os cuidados com o Tabernáculo. Dessa tribo, Deus separou uma família, a família de Arão, de onde sairiam os sacerdotes que teriam sob sua responsabilidade o oferecimento dos sacrifícios do incenso; enfim, seriam os oficiantes do culto.

Nesse livro, santidade é o pensamento dominante. Há forte ênfase na pureza de vida, que deve abranger todos os aspectos do comportamento humano. É um conceito de santidade completamente novo. Nas outras religiões, santidade tinha a ver apenas com objetos e lugares, que eram considerados santos apenas no sentido de serem consagrados às divindades. Isto ocorria mesmo em se tratando de pessoas que eram consagradas às práticas da religião. A essas pessoas, lugares e objetos eram atribuídos certos poderes mágicos que são totalmente estranhos à religião de Israel.

O esboço de Levítico pode ser visto do ponto de vista dessa ênfase do livro. Realmente, os dez primeiros capítulos apontam para a maneira como um povo imperfeito pode ser recebido na presença do Deus Santo. O restante do livro mostra como permanecer em comunhão com Deus.

Fica muito evidente que somente o Deus Puro poderia outorgar tal manual de culto. De fato, todo o conteúdo de Levítico reivindica autoria divina. São ordens emanadas de Deus. São orientações gerais que procedem do Senhor. Expressões como "falar aos filhos de Israel" (e correlatas) aparecem aproximadamente quaren-

ta vezes em suas páginas. Contudo, não se pensa que Moisés tivesse se tornado um autômato nas mãos de Deus. O que ocorreu é que o Senhor o preparou desde o nascimento para ser capaz de receber a revelação e transmiti-la ao Seu povo, inclusive de forma escrita, sem que se lhe precisasse ditar palavra por palavra. Ele foi um homem que alcançou um alto grau de convivência com Deus, tornando-se portanto o intérprete da perfeita vontade do Senhor para o Seu povo. É certo que ele recebeu o melhor preparo intelectual da época. Isso lhe deu um formidável pano-de-fundo, que foi ferramenta apropriada para seu difícil ministério. Nesse sentido, ele estava apto para usar as figuras de linguagem conhecidas pelo povo, os costumes da época e a organização das instituições de então. A religião que foi formulada por seu intermédio não foi edificada em um vazio. Aproveitou-se do que era conhecido. Ele também tinha a capacidade de usar a escrita para registrar a revelação. Contudo, somente isto não bastava. Deus lhe deu preparo espiritual adequado e a indispensável unção para a realização do seu ministério. Além disso, revelou-Se a ele de forma direta e constante, de tal modo que o que foi produzido era a expressão perfeita da vontade de Deus para o homem. Deus lhe deu o necessário para o estabelecimento do culto e das bases de toda a revelação futura.

NOTAS

1. Henry H. Halley, *Manual Bíblico*, 2a. ed. (São Paulo: Edições Vida Nova, 1971), p. 128.
2. John Peter, *Lenge's Commentary on the Holy Scriptures*, Vol. II (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1876), p. 10.
3. P. Bonnard, *Vocabulário Bíblico*, ed. por Jean-Jacques Von Allmen (São Paulo: Aste, 1963), p. 305.
4. Myer Pearlman, *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, 3a. Ed. (Rio: Emprevan Editora, 1968), p. 247.
5. Serabite-El-Khadim é uma localidade na península do Sinai onde havia abundância de cobre e turquesa e por isto instalou-se ali um centro de mineração egípcia, a aproximadamente 85 km do Monte Sinai. Nesse lugar foi descoberto um templo erigido a Hator-Mafkat pela rainha Hatsheput. Ela teria sustentado a religião ali praticada durante o período de 1501-1486 a.C. As inscrições encontradas por Petrie, no início deste século, nos seus arredores, datam do tempo da XVIII dinastia (1580-1320) e também, da XII dinastia (2000-1780). Estas inscrições são de suma importância, pois são os escritos mais antigos conhecidos pelos filólogos (Edith A. Allen, *op. cit.*, pp. 47-50).
6. Edith A. Allen, *op. cit., p. 49.*

7. Gleason L. Archer Jr., *op. cit.*, p. 187.

8. Patrick Fairbairn, *The Typology of the Scripture: Viewed in Connection with the Whole Series of the Divine Dispensations*, (Nova Iorque e Londres. Funk & Wagnalls *Company, 1900), p. 178.*

9. "... os filhos de Israel foram levados a estar em contato com os ritos e usos religiosos de um povo profundamente imbuído de um espírito de depravação e superstição, mas abundando em artes e ordenanças simbólicas. E é impossível, segundo a natureza das coisas, que uma outra religião também abundante dessas mesmas formas de expressão pudesse ser forjada sem adotar, em larga escala, os traços com os quais, por causa do acidente de sua posição, tinham se tornado familiar. A religião introduzida realmente diferia daquela já estabelecida, como a luz difere das trevas. Mas sendo semelhante no aspecto simbólico, ela deve servir-se dos símbolos que a outra já tinha apreendido como capazes de expressar para os olhos idéias particulares. Isto tinha se tornado, por assim dizer, a linguagem corrente, que podia em alguma extensão ser modificada e melhorada, mas não podia ser colocada de lado arbitrariamente (Patrick Fairbairn, *op. cit.*, p. 195.

10. Patrick Fairbairn, *op. cit.*, p. 57.

11. "Por maiores semelhanças ou analogias gerais que possam ser indicadas entre estas regras levíticas e os cultos praticados por outros semitas antigos, há nelas (nas regras levíticas) uma ausência total dos elementos supersticiosos ou degradantes que caracterizam o culto das nações idólatras na época do A.T." (Gleason L. Archer jr., *op. cit.*, p. 267).

12. Fairbarn apresenta argumentos muito incisivos, que contrariam a possibilidade do sacrifício ter sido invenção humana. Ele diz: "I. Deus em nenhuma outra era deixou que recaísse sobre o seu próprio povo a tarefa de descobrir um modo aceitável de aproximar-se d'Ele e a maneira de expressar seus sentimentos religiosos. II. Desde que os sacrifícios, pelo menos os que temos no registro bíblico, estão no princípio da raça, como poderiam eles imaginar que o ato de se entregar à morte uma criatura viva seria o modo apropriado de expressar a propiciação, redenção e gratidão? (A aceitação da parte de Deus requeria esses passos.) III. O sacrifício de Caim e Abel. Havia fé e Abel, não somente fé na existência de Deus, mas uma qualidade de fé que o levou a fazer o sacrifício de acordo com a vontade de Deus. Ao contrário, Caim apresentou um sacrifício que não era aceito por Deus. Aquela fé foi baseada em uma revelação de Deus" (Patrick Fairbairn, *op. cit.*, p. 246).

13. "A cobertura de sua nudez foi um toque gracioso da mão de Deus, para que o pecado que os tinha alienado d'Ele e feito que ficassem cônscios da sua dificuldade, estivesse a partir daí como se não existisse; assim que, cobrindo sua carne, ao mesmo tempo Ele cobria a sua consciência. Visto à parte deste alvo simbólico mais alto, o ato exterior parecerá pequeno e indigno de Deus. Foi feito propositalmente para significar que a culpa estava encoberta aos olhos do céu, um ato que só Deus poderia ter realizado. E Ele o fez por meio de uma morte. Um sacrifício da vida daquelas criaturas que Deus não tinha ainda permitido aos homens matar para servirem de alimento, e em conexão com uma constituição de graça que abria para o caído a perspectiva de vida recoberta e abençoada. Eles eram pessoas que tinham andado com Deus. Certamente poderiam pensar que aquele era o caminho para cobrir sua vergonha — a morte de um animal. Sua vida pela vida deles. Eles poderiam pensar que esse seria o caminho para chegar a Deus. Não tivessem eles esse comportamento seria difícil explicar como Abel pôde apossar-se da verdade tão cedo" (Patrick Fairbairn, *op. cit.*, p. 249).

Capítulo 5

OS SACRIFÍCIOS NO LIVRO DE LEVÍTICO

Os primeiros sete capítulos de Levítico tratam especificamente dos sacrifícios que eram feitos no Tabernáculo. Estes sacrifícios compunham o culto prestado a Deus pelos israelitas. Era um culto diário e contínuo, em que a presença de Jeová, que habitava no meio das tribos de Israel, recebia ênfase constante.

Além da concentração dos sacrifícios nesses capítulos, vários outros textos desse livro apresentam descrições e ordens concernentes àquele culto. Os capítulos oito a dez descrevem a consagração dos sacerdotes, que eram os responsáveis pela manutenção das atividades do santuário. O capítulo onze trata dos animais limpos e imundos. A purificação da mulher depois do parto constava de uma cerimônia que deveria ser feita pelo sacerdote no Tabernáculo (cap. 12). O capítulo treze, que fala da lepra, prescreve o exame por parte do sacerdote daquele em quem houvesse sinal da enfermidade. O leproso, depois de sarado, deveria ir à tenda da congregação e apresentar diversos sacrifícios ao Senhor (v. 10 e seguintes). O capítulo quinze prescreve também sacrifícios à porta da tenda da congregação para o homem ou mulher que tenham sarado de fluxos. O capítulo dezesseis trata do Dia da Expiação, que era a grande solenidade nacional realizada no Tabernáculo. No capítulo dezessete ordena-se que todo animal que fosse abatido deveria ser trazido à porta da tenda da congregação e o seu sangue oferecido ao Senhor. Há também nesse capítulo a proibição de se comer sangue, por que este fora dado como expiação pelo pecado. No capítulo dezenove repetem-se diversas leis, sendo uma parte delas referente ao culto (vv.5-8; 20-22; 23-24; 30). No capítulo vinte proibe-se o oferecimento de vidas a Moloque. Os capítulos vinte e um e vinte e dois são constituídos de leis para os sacerdotes. No capítulo vinte e três encontram-se as ordens sobre as festas solenes. A primeira parte do capítulo vinte e quatro trata do azeite para o can-

delabro e do pão para a mesa do Senhor. O capítulo vinte e seis começa com a proibição da idolatria, e o incentivo para guardar os sábados e reverenciar o Santuário. O capítulo vinte e oito fala dos votos ao Senhor, que eram feitos em função da vida religiosa da nação.

Assim, pode-se chamar o livro de Levítico de "manual do culto levítico". Ainda que nesse livro apareçam leis sobre outros assuntos (como escravidão, propriedades, tratamento do estrangeiro, etc.), o que sobressai, entretanto, são as diversas orientações relacionadas com o culto. O culto tinha como centro os sacrifícios de animais no Tabernáculo. Veremos a seguir como eles eram feitos.

VISÃO PANORÂMICA DOS SACRIFÍCIOS

Os sete primeiros capítulos descrevem as cinco principais ofertas que compunham o culto no Tabernáculo: holocaustos (caps. 1 e 6:8-13); manjares (caps. 2 e 6:14-18); sacrifícios pacíficos (caps. 3 e 7:11-21); sacrifícios pelo pecado (caps. 4 a 5.13 e 6:24-30); sacrifícios pela culpa (caps. 5:14 a 6:7 e 7:1-7).

Naturalmente, estes capítulos apresentam somente a descrição e as ordenanças para estas ofertas. Elas não eram feitas necessariamente nessa ordem. Em algumas ocasiões todas elas eram apresentadas em uma só cerimônia (como no evento da consagração dos sacerdotes), e em outras apenas uma ou duas eram apresentadas. Dependiam do motivo individual, ou das prescrições litúrgicas para cada dia ou para datas especiais. Dependiam, às vezes, das necessidades da nação ou de um indivíduo. Desta forma, estas ofertas estão relacionadas com diversas cerimônias que se realizavam no decorrer do ano, a partir da Páscoa até a Festa dos Tabernáculos. Estavam também relacionadas com o culto diário no Tabernáculo. E estavam relacionadas ainda com a vida devocional individual e familiar de cada israelita.

A Ordem das Ofertas

A ordem das ofertas, como descritas nestes primeiros capítulos, não corresponde à ordem pela qual eram apresentadas nas cerimônias efetuadas no Tabernáculo. Nestes capítulos a ordem é a seguinte: holocausto, manjares, sacrifícios pacíficos, sacrifícios pelo pecado e sacrifício pela culpa. Entretanto, na primeira cerimônia

realizada no Tabernáculo, que foi a ordenação dos sacerdotes (caps. 8 a 10), essa ordem é completamente alterada. A primeira oferta apresentada naquela ocasião foi a oferta pelo pecado (8:14-17).[1] Em seguida é apresentado o carneiro do holocausto (18-21). Depois foi apresentado o carneiro da consagração (22-25).[2] Continuando a cerimônia, é apresentada a oferta de manjares (26-28). Não há referência direta, nesse caso, à oferta pacífica. Contudo, o carneiro da consagração, que serviu como alimento, tomou o lugar daquela oferta, na qual praticamente toda a carne era consumida pelo ofertante e pelo sacerdote que apresentava a oferta. Desse carneiro da consagração foi queimado apenas a gordura, a cauda, o redenho do fígado, os dois rins e a coxa direita (25). O peito foi dado a Moisés (29). Arão e seus filhos ficaram com quase todo o carneiro para a refeição (31), que pode ser considerada como a refeição da oferta pacífica. Verifica-se portanto que nessa cerimônia as cinco ofertas foram apresentadas, mas a ordem seguida foi o inverso daquela que aparece nos primeiros capítulos de Levítico.

Deve-se notar que a ordem seguida na apresentação das ofertas nessa e noutras cerimônias do Tabernáculo ajusta-se às necessidades do homem perante Deus. Primeiro, ele deve ser purificado do seu pecado. Depois deve colocar toda a sua vida à disposição do Senhor. Então poderá alimentar-se do banquete divino na casa de Deus.[3] Mas, porque a descrição das ofertas não segue essa orientação? Mackintosh sugere que nos primeiros capítulos a ordem das ofertas tem como princípio colocar em primeiro lugar o que pertence a Deus e, depois, tratar das necessidades humanas. "O Senhor começa com o holocausto e termina com a expiação da culpa. Quer dizer, termina onde nós começamos".[4] Poder-se-ia aduzir a isto o fato de que o holocausto era a oferta mais constante no culto do Tabernáculo. Fazia parte do cerimonial diário. Cada dia eram oferecidos dois cordeiros, um pela manhã e outro à tarde. Êxodo 29:38-39 declara: "Isto é o que oferecerás sobre o altar: dois cordeiros de um ano cada dia continuamente. Um cordeiro oferecerás pelas manhã, e o outro, ao por do sol". Em Levítico 6:9,13 diz-se: "Esta é a lei do holocausto: o holocausto ficará na lareira do altar toda a noite até pela manhã, e nela se manterá aceso o fogo do altar. O fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará". Além do holocausto diário, oferecido pela manhã e à tarde, havia aqueles holocaustos prescritos para cerimônias especiais. Era, assim, a oferta mais constante no Tabernáculo. Não era

muito diferente a posição da oferta de manjares, que também devia ser oferecida diariamente (Ex. 29:40,41).

Conclui-se, portanto, que essas duas ofertas vêm primeiro, nos capítulos que as descrevem, porque dá-se ênfase primeiro naquilo que é de Deus e depois apresenta-se o que atende às necessidades humanas. A segunda razão seria o fato de essas ofertas serem as mais constantes no culto do Tabernáculo.

Relacionando essa ordem das ofertas com o seu cumprimento em Cristo, Ritchie diz:

> *A ordem em que elas são dadas a nós no Livro de Levítico é, primeiro, o holocausto, e por último, as ofertas pelo pecado e pela transgressão. Deus começa por falar-nos, em tipo, da porção que Ele encontrou no sacrifício de Cristo, e então daquilo que responde à nossa necessidade. Mas a ordem em que elas eram oferecidas era o oposto disto, como, por exemplo, na purificação do leproso (Lv. 14:12,13), ou na consagração do sacerdócio (Lv. 8:14,18). E esta é a ordem em que nossas almas apreendem as riquezas diversas do sacrifício de Jesus Cristo. Nós o conhecemos primeiro como Aquele que "morreu por nossos pecados", então como Aquele que deu-se a si mesmo totalmente a Deus pela falta de devoção em nós. Não pode haver nenhuma comunhão, nem culto, até que o pecado tenha sido resolvido e a consciência posta em paz.*[5]

Ofertas Voluntárias e Ofertas Obrigatórias

As cinco ofertas podem ser classificadas em ofertas voluntárias e ofertas obrigatórias. O holocausto, a oferta de manjares e as ofertas pacíficas eram voluntárias. As duas últimas eram obrigatórias: os sacrifícios pelo pecado e pela culpa.

É verdade que para o cerimonial do culto eram prescritos o holocausto e a oferta de manjares, diariamente (Ex. 29.38-42). Contudo, por causa do significado dessas ofertas elas não podiam ser de caráter obrigatório. Mesmo prescritas para o cerimonial diário, não deviam ser oferecidas como obrigação, como necessidade. O pensamento seria que, aquela nação que devia tudo a Deus, se comprazia em oferecer-Lhe essas ofertas de "cheiro suave ao Senhor" (Lv. 1:9,13,17, 2.2,9; 3:5,16). Elas estavam relacionadas com a dedicação da vida a Deus, com a gratidão a Ele e com a co-

munhão que deveria existir entre o Senhor e os seus servos. Eram, portanto, voluntárias e de cheiro suave.

As duas últimas estavam relacionadas com o pecado. Quando oferecidas lembravam a natureza depravada do homem e sua necessidade de expiação. Não eram feitas com base em alguma coisa agradável ao Senhor. Não eram, portanto, nem ofertas voluntárias e nem de cheiro suave.

As Cinco Ofertas Tocam nos Aspectos Críticos do Relacionamento Deus-Homem

Cada oferta tem como centro um dos aspectos do relacionamento do homem com Deus. Os sacrifícios pelo pecado são a provisão para a normalização das relações entre Criador e criaturas; as ofertas pacíficas, a provisão para a manifestação da paz que nasce após ter sido feita a expiação dos pecados; as ofertas de manjares são o meio pelo qual o pecador perdoado pode demonstrar sua gratidão ao Pai; os holocaustos, a expressão da dedicação completa da vida ao Senhor. Desta maneira as cinco ofertas tocam nos aspectos críticos do relacionamento entre o homem e Deus.

O SIGNIFICADO DO SANGUE NOS SACRIFÍCIOS

Dos cinco tipos de ofertas, quatro eram feitas com o sacrifício de animais. Em todas essas ofertas o sangue era apresentado a Deus, sendo às vezes levado para dentro do véu (no Santo dos Santos), ou aspergido no altar do incenso (no Lugar Santo), ou colocado nos chifres, nos lados e na base do altar do holocausto (no pátio). Apenas a oferta de manjares não consistia de sacrifícios de animais. Era feita com o produto da terra. Mas mesmo essa oferta estava sempre relacionada com as outras ofertas (como se observa em Números 15), e era queimada no altar do holocausto onde havia o oferecimento contínuo de uma vítima. Desta maneira, todas as ofertas eram ligadas com o sangue.

De fato, o derramamento de sangue de animais ocupava lugar proeminente no culto do Tabernáculo. Deus disse que o havia dado como expiação pelo pecado, conforme Levítico 17:11,14:

Porque a vida da carne está no sangue. Eu vô-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto

é o sangue que fará expiação em virtude da vida. Portanto a vida de toda carne é o seu sangue; por isso tenho dito aos filhos de Israel: Não comereis o sangue de nenhuma carne, porque a vida de toda carne é o seu sangue; qualquer que o comer será eliminado.

A Ênfase no Sangue em Toda a Bíblia

O sangue está presente em toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse. Coleman, em seu livro *Written in Blood* (Escrito com Sangue), diz que há trezentas e sessenta e duas referências ao sangue no hebraico (sendo a maioria em Levítico e Ezequiel) e noventa e oito referências em grego (especialmente em Hebreus e Apocalipse), perfazendo quatrocentas e sessenta referências específicas a esse ingrediente da vida animal.[6] E ele acrescenta:

Se conceitos relacionados forem contados, tais como altar, sacrifício, oferta, pacto, expiação e muitos outros, o total (460 referências) seria multiplicado muitas vezes. Eu duvido que haja uma página na Bíblia que não tenha alguma alusão ao sangue. Ele é o fio escarlate que permeia o escopo total da revelação em um testemunho harmonioso do drama da redenção.[7]

Relação Entre Sangue e Vida

Na proibição de se comer sangue (17:11,14), dá-se como razão o fato de que "a vida está no sangue". Portanto, não deveria ser comido. E de fato o sangue está estreitamente relacionado com a vida. Coleman, falando sobre a transfusão de sangue, diz que através desse "processo físico há literalmente uma transferência de vida".[8] E ele acrescenta:

Vida — essa misteriosa qualidade que a ciência não tem conseguido definir completamente — traz imediatamente á mente o sangue. Este fluido vital corre através da carne de todas as formas mais elevadas da existência animada, trazendo o alimento e o oxigênio que sustêm as funções do corpo. O sangue também combate as enfermidades que entram no corpo e dá assistência ao processo de expelir os produtos inúteis. Em um indivíduo médio, ele circula duas vezes por minuto. Enquanto o coração bombeia o sangue através da rede de artérias e veias, cada célula

no corpo é continuamente alimentada e limpa. Nenhuma parte da carne pode viver, sem estar em contato com esta palpitante fonte de vida.[9]

Sendo elemento tão importante na manutenção da vida física, não é de se admirar que viesse a se tornar o símbolo da vida criada e da morte. Falar em sangue é falar em vida e também em morte. Derramar o sangue de uma criatura é tirar sua vida. Não derramar sangue é sinônimo de não matar. Sangue, vida e morte são conceitos essencialmente relacionados entre si. O sangue dos animais que fossem mortos devia ser coberto com terra. "Qualquer homem dos filhos de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinam entre eles, que caçar animal ou ave que se come, derramará o seu sangue, e o cobrirá com pó" (Lv. 17:13). "Tão somente o sangue não comerás: sobre a terra o derramarás como água" (Dt. 12:16). Sobre isto Coleman diz: "O ato de devolver o sangue à terra sugere que a vida estava sendo dada de volta a Deus, o Criador da terra, enquanto o ato de cobri-lo assemelha-se ao enterro de um corpo".[10]

Turnbull diz:

... a virtude do sangue não está no próprio sangue, mas na vida que é mantida pelo sangue. E porque o sangue é vida-sangue há tanto poder nele para expiação do pecado. Quando o sangue é derramado, a vida sai com ele.

... A vida está no sangue. É assim que a vida faz a expiação; e não o sangue em si mesmo.[11]

Além de ser elemento tão ligado à vida física, o sangue foi também, desde cedo, ligado ao culto. No pronunciamento da sentença que cairia sobre Adão e Eva, se comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal, estava feita a ligação entre sangue e vida espiritual. "Porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn. 2:17). A salvação proposta, depois de terem comido e estarem sob condenação, também envolvia sangue. "Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn. 3:15). Possivelmente, os crentes da antiga dispensação não puderam discernir de maneira mais clara o que estava envolvido no derramamento do sangue de animais como parte do culto, mas, como bem expressa Coleman, "eles sabiam que o sangue pertencia a Deus, e que de alguma maneira ele era o meio de sua redenção".[12]

Realmente, no contexto do V.T., o sangue não só está ligado com a redenção, mas com outros vários aspectos da vida espiritual. A. B. Simpson, em seu livro *Christ in the Tabernacle* (Cristo no Tabernáculo) lembra sete aspectos espirituais do sangue, sendo seis no Velho Testamento e um no Novo. Primeiro, o sangue nas portas dos israelitas no Egito, como sinal de redenção. Segundo, o sangue no altar, como sinal de expiação. Terceiro, o sangue aspergido na pessoa curada de lepra, como sinal de purificação. Quarto, o sangue aspergido no livro do pacto, como selo dos compromissos recíprocos entre Deus e o povo e as promessas de Deus feitas a eles. Quinto, o sangue aspergido nos sacerdotes e nos vasos do santuário, como sinal de consagração ao Senhor. Sexto, o sangue aspergido no propiciatório como intercessão diante de Deus. Por fim, o sangue vivo, que é o sangue de Cristo, o "sangue vivificador dando vida à alma e corpo e guardando-nos vivos e fortalecidos através da vida que vem do Seu coração".[13]

Coleman afirma:

> *Provavelmente nenhuma palavra no inspirado Livro de Deus revele de maneira tão viva o propósito da vinda de nosso Senhor à terra. São tão inter-relacionadas as duas, que quando Cristo retorna em Sua Majestade Ele estará vestido com um manto tinto de sangue (Ap. 19:13). Isto pode indicar que Deus tem ordenado Seu aparecimento dessa maneira porque isto tipifica mais claramente Sua obra entre nós.*[14]

A obra de Cristo estava toda ela tipificada nos sacrifícios que faziam parte do culto levítico. Todos eles eram como sombra do sacrifício perfeito. Vale a pena conhecer melhor esses sacrifícios.

DESCRIÇÃO DAS OFERTAS DO CULTO NO TABERNÁCULO

Os sacrifícios do culto no Tabernáculo estão descritos, com minúcias, nos primeiros capítulos de Levítico. No restante desse livro também há referências a eles. Deuteronômio e Números trazem repetições do que é exposto em Levítico, às vezes acrescentando mais informações. Em Êxodo são dados alguns princípios do que seria largamente ampliado em Levítico. Contudo, mesmo juntando-se todas as informações que constam nesses livros, ainda ficam interrogações sobre alguns aspectos daquele culto rico em va-

riedade e em símbolos. No estudo dessas ofertas nos concentraremos nos primeiros sete capítulos de Levítico, ao mesmo tempo que procuraremos auxílio também nos outros livros.

O primeiro versículo de Levítico tem ligação com os acontecimentos do final do livro de Êxodo. O último capítulo de Êxodo trata da montagem do Tabernáculo. Seus últimos versículos descrevem a vinda da glória do Senhor para a tenda, de tal modo que "Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porquanto a nuvem ficava sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo" (Ex. 40:35). Em Levítico 1:1 diz-se que "chamou o Senhor a Moisés e, da tenda da congregação, lhe disse". Deus ordenara a construção do Tabernáculo, prometendo que, com sua presença nesse local de culto, estaria assegurada sua habitação no meio de Israel. "E me farão um santuário, e habitarei no meio deles" (Ex. 25:8). A promessa é reiterada em Êxodo 29:45-46: "E habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei o seu Deus. E saberão que eu sou o Senhor seu Deus, que os tirou da terra do Egito, para habitar no meio deles; eu sou o Senhor seu Deus". Com a vinda da glória do Senhor para a tenda (Ex. 40), havia se cumprido a promessa do Senhor. Agora, Deus passa a falar a Moisés desse lugar, mostrando que de fato está ali a Sua presença que, daquele lugar, dirigirá Sua nação.

É digno de destaque o fato de as primeiras revelações dadas pelo Senhor, a partir de Sua nova habitação, serem instruções a respeito do culto que a Ele se devia. É verdade que em Êxodo já ocorrem algumas determinações sobre o culto, especialmente no que se refere à consagração dos sacerdotes, mas o cerimonial do culto, como um todo, é dado nesse novo ambiente. O Senhor fala com Moisés de dentro da tenda, dando-lhe instruções sobre o culto, ensinando aos filhos de Israel como poderiam se consagrar a Ele, como poderiam mostrar-Lhe gratidão, como poderiam assentar-se à mesa com Ele e como poderiam ter seus pecados expiados. Como introdução geral às instruções relacionadas com o culto, Ele diz: "Fala aos filhos de Israel: Quando algum de vós trouxer oferta ao Senhor, trareis a vossa oferta de gado, de rebanho ou de gado miúdo" (Lv. 1:2). A palavra traduzida "oferta" é QORBAN (que significa oferecer voluntariamente). É a palavra técnica para esse ato de culto. Ela é repetida nos cinco tipos de ofertas. Passemos à análise destas ofertas.

HOLOCAUSTO

A primeira oferta descrita em Levítico é o holocausto. O termo hebraico para holocausto é 'OLAH, que significa "fazer subir". Na LXX foi traduzida como OLOKAÚTOMA ou OLOKAÚTOSIS. Na Vulgata aparece como HOLOCAUSTUM. O sentido geral da oferta é que ela subia para Deus como cheiro suave, era também totalmente queimada, nada restando para o homem. Era uma oferta voluntária, tanto quando apresentada pelo indivíduo como quando apresentada como parte do cerimonial diário. Mesmo como parte do cerimonial diário (Ex. 29:38-42; Lv. 6:8-13), o espírito da oferta deveria ser a de oferta voluntária, ainda, que era prescrita de antemão para aquelas cerimônias. Além do holocausto diário, esta oferta era apresentada em solenidades anuais e em acontecimentos especiais (como ordenação do sacerdote, purificação do leproso, etc.). Quer fosse apresentada como parte do cerimonial ou como oferta individual, o ofertante deveria seguir certas determinações pré-estabelecidas.

Tipos de Animais Aceitos

Os animais que seriam oferecidos deveriam ser domésticos: do gado (v. 3) ou do rebanho (v. 10). Havia a possibilidade de serem oferecidas rolas ou pombinhos (v. 14), mas apenas como concessão para os de menos possibilidades econômicas, quando tivessem de apresentar holocaustos nas cerimônias de purificação (12:8, 14:20-22).

Além de ser doméstico, o animal deveria ser limpo (conforme a distinção feita entre animais limpos e imundos – cap. 11). Deveria também ser sem defeito (v. 3) e ser macho (v. 3). Tudo isso envolvia o fato de que quando o israelita apresentasse um holocausto ao Senhor, apresentaria aquilo que fosse de valor para ele e que fosse o melhor para Deus. As exigências de Deus nesse sentido são reiteradas em 22:18-20,22,24-25:

Qualquer que, da casa de Israel, ou dos estrangeiros em Israel, apresentar a sua oferta, quer em cumprimento de seus votos, ou como ofertas voluntárias, que apresentar ao Senhor em holocausto, para que seja aceitável, oferecerá macho sem defeito, ou do gado, ou do rebanho de ovelhas ou de cabras. Porém todo o que tiver defeito, a esse não oferecerás, porque não seria aceito a vosso favor ... O cego, ou aleijado, ou mutilado, ou ulceroso,

ou sarnoso, ou cheio de impigens, não os oferecereis ao Senhor, e deles não poreis oferta queimada ao Senhor sobre o altar... Não oferecereis ao Senhor animal que tiver os testículos machucados, ou moídos, ou arrancados, ou cortados; nem fareis isso na vossa terra. Também da mão do estrangeiro nenhum desses animais oferecereis como pão do vosso Deus, porque são corrompidos pelo defeito que há neles: não serão aceitos a vosso favor.

O Ritual

O ritual do holocausto tinha início quando o israelita entrava para o pátio do Tabernáculo puxando o seu animal para oferecê-lo ao Senhor. "À porta da tenda da congregação o trará" (v. 3). Era a apresentação da vítima perante Jeová. Começava aí o cerimonial. Ele tinha de declarar o motivo que o impelira a vir perante o Senhor nessa ocasião. No caso do holocausto, seu motivo era o mais alto, o mais sublime. Ele queria ofertar um animal como sinal do oferecimento de sua própria vida a Deus. O que iria acontecer com aquele animal seria uma representação do que esse homem queria para a sua própria vida com relação ao seu Deus. Este era o primeiro passo — a apresentação da vítima.

Tendo declarado o seu intento ao sacerdote, este começa a conduzir a cerimônia. Sob sua orientação o ofertante coloca a mão sobre a cabeça do animal (v. 3).[15] Com esse ato o ofertante está identificando-se com a vítima e transferindo-lhe, simbolicamente, sua própria vida e suas aspirações. Por certo, a imposição das mãos era acompanhada de uma confissão, como ocorria em outras ocasiões (Lv. 16:21).

A declaração seguinte parece não se harmonizar com o objetivo daquela oferta. "Para que seja aceito a favor dele, para a sua expiação" (v. 4). Isto implicaria em que a oferta está sendo trazida *não como dedicação ao Senhor* — como consagração da vida — *mas* como sacrifício para expiação do pecado. Contudo, ainda que a idéia de expiação está presente nessa oferta, este não é o pensamento dominante que a envolve. Para esse objetivo específico foram estabelecidas as ofertas pelo pecado e pela culpa. Entretanto, ainda que a idéia dominante era a dedicação completa a Deus, antes que isso pudesse ser feito devia haver o derramamento de sangue para expiação daquele que a Deus estava se achegando para consagrar-se, mostrando que mesmo para a dedicação da vida a

Deus não há outro caminho senão através do sangue. O israelita vem consagrar-se ao Senhor, mas antes que sua consagração seja recebida por Jeová, ele "porá a mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito a favor dele, para sua expiação" (v. 4). Como diz Ritchie, ao relacionar essa oferta com Jesus, oferecido como holocausto: "A oferta queimada era toda para Jeová; contudo, era oferecida para a aceitação do ofertante com Ele".[16] E falando mais especificamente sobre a oferta no Tabernáculo:

> *O ofertante permanecia com sua mão sobre a cabeça da vítima como se estivesse dizendo: eu não tenho qualquer devoção, nada precioso, mas eu apresento esta oferta perfeita para a minha aceitação perante o Senhor. Assim ele se identificava com sua oferta e era aceito nela. A totalidade de seu valor tornava-se dele no momento em que sua mão era colocada sobre sua cabeça. A partir daquele momento a questão não era mais o que ele era, e se tornava a questão do que era a sua oferta.*[17]

Mackintosh também, aplicando essa oferta a Cristo, traz-nos um pouco mais de luz sobre o seu objetivo no Tabernáculo. Ele diz: "Não se trata aqui de uma questão de se ter a consciência tranqüilizada pelo sangue de Cristo, como o que levou sobre Si o peca do, mas de comunhão com Deus na rendição perfeita de Cristo na cruz".[18]

"Depois imolará o novilho perante o Senhor" (v. 5). O Tabernáculo era a habitação do Senhor no meio do Seu povo. Imolar o animal ali era ter certeza de que estava sendo morto sob os olhos de Deus. "E os filhos de Arão, os sacerdotes, apresentarão o sangue, e o espargirão ao redor sobre o altar que está diante da porta da tenda da congregação" (v. 5). Os dois passos são quase simultâneos: o ofertante mata o animal e o sacerdote recolhe seu sangue e o apresenta diante do Senhor.

Depois disto o ofertante executa sua última atividade nesse ritual. "Então ele esfolará o holocausto, e o cortará em seus pedaços" (v. 6). Aqui termina o trabalho do ofertante. Ele havia imolado o animal e agora o esfola e o corta em pedaços deixando-o pronto para que o sacerdote o colocasse sobre o altar. O sacerdote, que já havia oferecido o sangue, fará o restante do trabalho: "porão fogo sobre o altar, e porão em ordem a lenha sobre o fogo" (v. 7). Colocava, então, os pedaços sobre o altar, incluindo a cabeça e o

redenho (v. 8). Depois, ele lavava as entranhas e as pernas do animal e também as queimava sobre o altar (v. 9). Todo o animal era queimado, a não ser o seu couro que era dado ao sacerdote (7:8). Era uma oferta total ao Senhor. O ponto culminante dessa oferta era justamente o queimar-se totalmente a vítima sobre o altar.

O ritual pode ser assim resumido:

Primeiro — Apresentação da vítima (v. 3)
Segundo — Imposição da mão do ofertante sobre a vítima (v. 4)
Terceiro — Morte da vítima (v. 5)
Quarto — Aspersão do sangue (v. 5)
Quinto — Ato de esfolar o animal (v. 6)
Sexto — Ato de partir o animal em seus pedaços (v. 6)
Sétimo — Preparo do Altar (v. 7)
Oitavo — Ato de queimar o holocausto (vv 8-9)

Esse ritual, prescrito para o oferecimento de gado, é repetido com menos detalhes para o sacrifício de carneiros ou cabritos (vv. 10 a 13). Para o oferecimento de aves o ritual era bem diferente. A morte da ave era provocada pelo sacerdote, que destroncava sua cabeça com a unha, "sem a separar do pescoço" (v. 15). "O seu sangue ele o fará correr na parede do altar" (v. 15). Ele tirava-lhe as penas e o papo (que eram jogados no lugar das cinzas, para posterior remoção), e depois abria a ave, sem contudo separá-la em dois pedaços (vv. 16,17). Em seguida queimava-a sobre o altar. Era também inteiramente dedicada ao Senhor.

Gardiner, descrevendo o holocausto, diz:

Com o matar o animal a vida se extingue; com o ato de esfolá-lo vai-se a velha aparência de vida; sob a ordem de dividí-lo em pedaços desaparece a velha figura de vida; com o ato de queimar-se desaparece a substância do corpo. Somente o sangue, a alma, não desaparece, mas passa através do processo purificador do sacrifício, e vai daqui para o invisível, para Deus. O derramar do sangue à base do altar, não é de modo algum 'a disposição conveniente do sangue'. O Sangue vai através da terra santificada para Deus.[19]

O PROPÓSITO ESPIRITUAL IMEDIATO DO HOLOCAUSTO PARA O ISRAELITA

Todas as ofertas tinham seu cumprimento em Cristo e só

Mozinho Rodrigues!

n'Ele alcançam sua plena significação. Por isso, somente com a vinda do Messias é que se pôde compreender claramente aquilo que apontava para Ele. Os israelitas, vivendo séculos antes de Sua vinda, não compreendiam o alcance espiritual total dos seus atos de culto. Todavia, esses atos não eram desprovidos de significado para eles. Dentro dos limites da revelação que tinham, podiam ver nas cerimônias do culto levítico os lances de seu relacionamento com Deus. Dentro desses limites de conhecimento, o holocausto lhes era de grande significação.

Dedicação Contínua a Jeová

O altar de bronze, onde o holocausto era oferecido, foi tocado pelo fogo que veio de Deus. Isto aconteceu no final da cerimônia da consagração de Arão e seus filhos (que durou sete dias). O acontecimento se deu no oitavo dia, quando estavam fazendo os sacrifícios pelo povo. Quando o holocausto e as demais ofertas pelo povo estavam sendo queimadas no altar "o fogo saiu de diante do Senhor, e consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar" (9:24). Se esse fogo foi preservado miraculosamente até a construção do templo, como tendo sido sustentado por expositores cristãos, pelo menos em épocas mais remotas, ou se foi preservado por meios naturais, como sustentam outros, não discutiremos aqui.[20] Contudo, evidentemente aquele altar ficou sendo visto como uma peça muito especial no culto levítico. A reverência por ele devia ser aumentada pelo fato de estar continuamente aceso, de dia e de noite (6:12, 13). Era sobre ele que as ofertas da manhã e da tarde eram oferecidas (Ex. 29:38-42). Tudo isto deveria ter implicações muito sérias para o israelita que trazia sua oferta para ser oferecida sobre esse altar. Depois de todo o ritual seguido para preparar a vítima para o holocausto, vê-la sendo consumida totalmente por aquele fogo que ardia continuamente, devia ser algo profundamente tocante para ele. Era sua oferta de dedicação. Simbolizava sua vida completamente entregue ao seu Deus, o holocausto de seu ser, de sua vontade, de sua fidelidade, de seu amor. Era o ato de culto que correspondia ao profundo desejo de Deus de ter a completa dedicação do Seu povo, expresso nas palavras de Deuteronômio 6:5: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força".

Significação Espiritual dos Diversos Lances do Holocausto

Desde o momento em que o israelita se dispunha a levar sua oferta ao Tabernáculo, até ao final da cerimônia do holocausto, os vários atos, iniciativas e atitudes se revestiam de profunda significação espiritual. Vejamos o significado de vários passos do cerimonial.

O Ato de Separar um Animal e Trazê-lo ao Local de Culto para ser Sacrificado

Um motivo bem definido deveria estar por trás da decisão de determinada pessoa quando ela separava um dos seus animais para ser oferecido em holocausto. Podia ser uma mulher que iria fazer a cerimônia de purificação depois do parto (cap. 12); ou o leproso, curado (cap. 14); ou o sacerdote, para sua consagração (cap. 8); ou toda a nação, na Festa do Pentecoste (23:15-25).

Imaginemos um israelita separando um dos seus animais para ser levado e queimado ao Senhor. O Senhor o tinha guardado, ou curado, ou perdoado, ou uma outra misericórdia tinha alcançado sua vida, e ele queria apresentar-Lhe uma oferta que fosse mais do que gratidão. Queria, em reconhecimento a Jeová, dedicar toda a sua vida a Ele. O ato de separar um dos seus animais, ou ao comprar um para este mister, falava daquela sua disposição de dedicar-se completamente ao seu Deus. Ao levar sua oferta ao Tabernáculo, viesse ele de perto ou de longe, sua caminhada era a confirmação do sentimento que ardia em seu coração.

As Qualidades do Animal a ser Oferecido

Um animal considerado limpo (boi ou carneiro), macho, sem defeito, era expressão do melhor. Esse animal representava um determinado valor para o proprietário — era realmente o que valia mais. As palavras de Davi a Ornã, quando este queria lhe dar de graça os bois para que o Rei os oferecesse em holocausto, ilustram bem este fato: "... pelo seu inteiro valor a quero comprar; porque não tomarei o que é teu, para o Senhor, nem oferecerei holocausto que não me custe nada" (I Cr. 21:24). Não há dúvida de que, quanto mais profundo o sentimento de consagração, melhor o animal que seria escolhido para ser entregue ao Senhor. Deve-se ter

em mente, entretanto, que nem por isto tinha mais valor para Deus um animal de grande preço do que uma rola ou pomba, trazida por um pobre dentre o povo. Em ambos os casos o que tinha valor era a disposição do coração do ofertante e, no caso do rico, essa disposição o levaria a dar o de mais valor.

A Imposição das Mãos

A imposição das mãos era um gesto conhecido pelos israelitas (Gn. 48:13-20; Dt. 34:9). Impor as mãos sobre uma pessoa, abençoando-a, significava que aquele que impunha as mãos estava transmitindo a bênção para o que recebia a imposição das mãos. Quando alguém, ao lado do altar de bronze, impunha a mão sobre o seu substituto, estava lhe transmitindo tudo o que se relacionava consigo mesmo no tocante ao sacrifício que faria. Em 16:21 diz-se:

> *Arão imporá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniqüidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados: e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão dum homem à disposição para isso.*

Observe-se a expressão "e os porá sobre a cabeça do bode". Nesse caso tratava-se de "pôr" sobre o animal, ou de se transferir para ele, os pecados da nação israelita. No caso de holocausto, a imposição da mão do ofertante sobre a cabeça de sua oferta, significava que sua inteira consagração ao Senhor, que ele queria fosse vivamente representada naquele ato de culto, estava sendo transferida para o seu substituto. Assim, quando o animal estivesse sendo oferecido sobre o altar, era como se a própria vida do ofertante estivesse sendo oferecida.

A Aspersão do Sangue em Volta e na Base do Altar

"Os sacerdotes apresentarão o sangue, e o espargirão ao redor sobre o altar" (1:5). Morto o animal, seu sangue era colhido, apresentado ao Senhor e aspergido ao redor do altar. Era uma oferta de consagração, mas antes que fosse consagrado ao Senhor, o sangue deveria ser apresentado. Estava ali o princípio de que "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb. 9:22). O israelita deve-

ria apreender esta terrível necessidade. Mesmo para um ato de consagração, só se poderia achegar a Deus através do sangue de uma vítima perfeita.

O Oferecimento das Entranhas do Animal

Com o ato de se esfolar o animal, suas entranhas eram colocadas a descoberto. Era como se o íntimo fosse mostrado a Deus. Verificava-se então que não somente o exterior era perfeito, mas que também o interior não tinha qualquer mancha. As entranhas eram lavadas e, com todos os órgãos que a compunham, eram colocadas sobre o altar. Toda a gordura era queimada, como a dizer que o melhor da vida sacrificada estava sendo oferecido ao Senhor. Esse ato bem podia significar a plena dedicação dos pensamentos, dos sentimentos e da vontade a Deus.

O Animal Totalmente Queimado Sobre o Altar

A característica do holocausto e o seu ponto alto era o ato de queimar totalmente o animal sobre o altar. Apenas o couro era poupado e dado ao sacerdote que oficiava a cerimônia. Dividia-se o animal em suas partes e estas eram colocadas no altar. Nada sobrava para o ofertante. Por isso esta oferta é também chamada de oferta total (ou completa). Teria isto significação para o israelita? Por certo. O animal totalmente queimado sobre o altar estava a falar de sua própria vida inteiramente consagrada a Deus. A isto ainda acrescia o fato de sua oferta completa ser queimada no altar que um dia fora visitado pelo fogo do céu e do qual se ordenara: "O fogo, pois, sempre arderá sobre o altar, não se apagará" (6:12). Sua oferta queimava-se naquele fogo que não se deveria extinguir, como que a dizer que também sua consagração deveria ser perene.

Oferta de Cheiro Suave

Somente o holocausto, a oferta de manjares e os sacrifícios pacíficos eram considerados ofertas de cheiro suave. Os sacrifícios pelos pecados não o eram. Não podiam ser de cheiro suave para Deus sacrifícios que estivessem tratando com os pecados. Mas aqueles que falavam de comunhão, gratidão e consagração eram muito agradáveis ao Senhor. Tratava-se naturalmente de um antro-

pomorfismo. O cheiro de carnes que se queimavam não tocavam em Deus. Era, sim, o que representava aquele sacrifício que sensibilizava Jeová. O "cheiro suave" da consagração de uma vida que estava desejosa de comunicar a Deus quanto O amava e quanto desejava servi-Lo e viver para Ele. Esse "cheiro suave" subia até Deus.

OFERTA DE MANJARES

A segunda oferta é a oferta de manjares, que é exposta no capítulo dois. O termo "manjares" é aplicado a essa oferta porque ela é feita com alimentos vegetais em várias formas. No texto, entretanto, tanto no verso primeiro como no quarto, usa-se a expressão QORBAN MINHAH que pode ser traduzida como dádiva, presente, tributo, uma oferta a Deus, um sacrifício. A tradução literal seria "oferta de presente". Esta é a única oferta que não dependia do derramamento de sangue. Enquanto as outras eram feitas com o oferecimento de animais, esta consistia de ofertas de produtos do solo.

Oferecida no Altar do Holocausto

A oferta de manjares era também oferecida no altar do holocausto. Um dos sacerdotes devia tomar uma certa quantidade da oferta e "do azeite com todo o seu incenso, e os queimará como porção memorial sobre o altar" (v. 2). "Da oferta de manjares tomará o sacerdote a porção memorial, e a queimará sobre o altar" (v. 9). "Assim o sacerdote queimará a porção memorial do grão esmagado, e do azeite, com todo o incenso: é oferta queimada ao Senhor" (v. 16). Portanto, a parte da oferta que cabia a Deus era queimada sobre o mesmo altar onde o holocausto era consumido.

Oferecida com Outras Ofertas

A oferta de manjares era sempre oferecida com outras ofertas. Em Números se prescrevem ofertas de manjares que deveriam ser oferecidas com "oferta queimada, holocausto ou sacrifício" (Nm. 15:3). Para cada animal havia uma medida, de acordo com o seu tamanho. Em Números 15:5-11 diz-se:

v. 5 E de vinho para libação prepararás a quarta parte de um him para cada cordeiro, além do holocausto ou do sacrifício.

v. 6 Para cada carneiro prepararás uma oferta de manjares de duas décimas de um efa de flor de farinha, misturada com a terça parte de um him de azeite;

v. 7 e de vinho para a libação oferecerás a terça parte de um him ao Senhor, em aroma agradável.

v. 8 Quando preparares novilho para holocausto ou sacrifício, em cumprimento de um voto, ou um sacrifício pacífico ao Senhor,

v. 9 com o novilho trarás uma oferta de manjares de três décimas de um efa de flor de farinha misturada com a metade de um him de azeite,

v. 10 e de vinho para a libação trarás a metade de um him, oferta queimada de aroma agradável ao Senhor.

v. 11 Assim se fará com todos os novilhos, carneiros, cordeiros e bodes.

Êxodo 29:39-42 também prescreve a oferta de manjares que deveria ser oferecida juntamente com o holocausto da manhã e da tarde.

Ocasiões em que era Apresentada

Além da oferta diária, juntamente com o holocausto (Ex. 29: 39-42), a oferta de manjares era prescrita para certas cerimônias como a consagração dos sacerdotes (8:26), a purificação dos leprosos (14:20) e a festa das primícias (23:13).

Variedades

A oferta de manjares podia ser de três variedades: podia ser apresentada apenas como farinha (v. 1), ou como bolos (v. 4), ou como espigas verdes (v. 14).

Oferta de manjares de farinha. Era a apresentação da farinha sem que com ela se fizesse alimento. A farinha que deveria ser trazida é chamada de "flor de farinha" — SOLÊTH (farinha fina, flor). A palavra indica que a farinha deveria ser pura, sem mistura, e perfeitamente moída.

Oferta de manjares de bolos. Outra possibilidade era a apresentação de bolos feitos com a flor de farinha. Nesse caso poderiam ser cozidos no forno (v. 4), ou na assadeira (v. 5) ou na frigideira (v. 7).

Oferta de manjares de espigas verdes. A terceira possibilidade de se apresentar essa oferta era na forma de espigas verdes das primícias da colheita (v. 14).

Composição da Oferta

O elemento básico da oferta de manjares era a flor de farinha de trigo (excetuando-se aquela feita com espigas verdes). Oferecida somente como farinha, ou sendo cozida em forma de bolos, a exigência é que fosse de farinha pura, sem mistura.

Além desse elemento básico, havia outros que não podiam faltar: o azeite, o incenso (v. 1) e o sal (v. 13). Dois elementos foram proibidos: o fermento e o mel (v. 11). Esses elementos podiam ser trazidos por oferta das primícias (v. 12), mas não poderiam ser colocados sobre a oferta de manjares.

Outros textos mencionam também o vinho como sendo usado nessas ocasiões, como libação (Ex. 39:40 e Nm. 15:5ss). Era derramado perante o Senhor por ocasião do oferecimento da oferta de manjares.

O Ritual da Oferta de Manjares

O ritual da oferta de manjares era bem simples em comparação com o ritual das outras. Se a oferta era de farinha, o ofertante juntava à mesma o azeite e o incenso e dava-a ao sacerdote. Ele tomava um punhado de farinha, um pouco do azeite e todo o incenso e queimava tudo sobre o altar (v. 2). Se a oferta era de bolos, devia ser cortada em pedaços e colocado azeite sobre ela (v. 6). O sacerdote tomava a porção memorial e a queimava sobre o altar. Nesse caso o texto não é claro se era oferecida com incenso, mas é muito provável que sim. O sal sempre era misturado nas ofertas (v. 13).

Quando se tratava de oferta de espigas verdes, colocava-se azeite, sal e incenso sobre os grãos esmagados e queimava-se sobre o altar (vv. 14-16). Também aqui era queimada apenas a porção

memorial (v. 14), sendo todo o restante dado ao sacerdote.

Alimento para os Sacerdotes

De todas as ofertas de manjares, apenas a "porção memorial" era queimada (vv. 2,9,16). O restante era dos sacerdotes (vv. 3,10). Fazia parte da sua alimentação. Como tal, todo "varão entre os filhos de Arão comerá dela" (6:18). Devia ser comida no átrio e sem fermento (6:16).

O PROPOSITO ESPIRITUAL IMEDIATO DA OFERTA DE MANJARES PARA O ISRAELITA

A oferta de manjares, como as demais ofertas, longe de ser apenas um cerimonialismo vazio, deveria ter significação espiritual para aqueles que a ofereciam. Pode-se imaginar que alguns penetravam mais profundamente no significado daquele ato de culto do que outros, mas todos deveriam ter compreensão, em algum grau, do que estavam fazendo, ao levar a oferta de manjares ao Tabernáculo.

Expressão de Gratidão

Os elementos componentes da oferta de manjares eram os alimentos cotidianos do israelita, excetuando-se apenas o incenso que era elemento usado no culto diário. Eram, portanto, alimentos que faziam parte das refeições diárias: os bolos de diversas formas feitos de farinha, o azeite, o sal, o vinho. As espigas, por sua vez, eram a fonte da farinha. Apresentar um pouco de suas colheitas a Deus, para que fosse queimada uma "porção memorial" diante de Jeová, e o restante servisse de alimento para os ministros de Deus, tinha, naturalmente, o objetivo de expressar gratidão ao Senhor pelo pão de cada dia.

Dedicação dos Frutos do Trabalho

Turnbull diz que "enquanto o holocausto representava a consagração da vida e da própria pessoa a Deus, a oferta de manjares simbolizava a consagração dos frutos do seu trabalho".[21] Ele mostra que os frutos da terra, apresentados a Deus nessa oferta, não

eram quaisquer frutos, mas aqueles que dependeram de esforços físicos para serem colhidos. Trazê-los perante o Senhor era, portanto, dedicar-Lhe o seu próprio trabalho.

Significação dos Diversos Elementos que Compunham a Oferta

Colocar certos elementos e não colocar outros, sendo que a maior parte deles fazia parte da alimentação cotidiana (e um fazia parte do culto diário), devia trazer à mentê do israelita o significado desses elementos.

Flor de farinha. Era a farinha pura que, conforme Pfeiffer, correspondia ao "animal sem mancha" dos outros sacrifícios.[22] Mostrava que para Deus devia ser oferecido o perfeito.

Azeite. O azeite é o símbolo do Espírito Santo em toda a Bíblia (I Sm. 16:12,13; Is. 61:1; II Co. 1:21,22, I Jo. 2:27). Sua presença na oferta de manjares estaria apontando para a realidade de que só o Espírito Santo poderia dar graça suficiente para uma verdadeira relação com Deus naquelas circunstâncias. Gardiner diz:

> *Na oblação, reconhecendo como um todo que o homem dá de volta a Deus daquilo que Deus lhe tem dado, o uso do azeite parece ter uma significação toda especial. Como um artigo de alimento ele tinha a mesma significação da fina flor, contudo, como o azeite na Escritura é constantemente o emblema da graça divina dada através do Espírito, seu uso na oblação significaria o reconhecimento que as dádivas espirituais vêm de Deus e a Ele pertencem.*[23]

D. Lys, num artigo do *Vocabulário Bíblico*, de Allmen, falando sobre a importância do azeite entre os israelitas, diz:

> *Usava-se azeite (fruto da oliveira que, como a videira, simboliza a eleição) para conferir a unção, por considerar Israel que ele era matéria de saudável propriedade: além de ser uma marca de alegria, riqueza e liberdade (Sl. 23:5; Jl. 1:10; Mq. 6.15, Mt. 6:17) — portanto, importante objeto de toucador – o azeite serve para a saúde (Is. 1:6; Lc. 10:34; Tg. 5:14), como tônico por excelência. Convém portanto aos ungidos (saúde e santidade são*

afins nas perspectivas bíblicas, pois a santidade significa um degrau superior na posse do poder vital), chamados a realizar coisas extraordinárias: em certo modo o azeite é o veículo do Espírito de Deus (I Sm. 10:1-6; 16:13; II Sm. 23:1-2; Is. 61:1) que investe o eleito de Deus de força necessária para cumprir a sua vocação.[24]

O incenso. O fato de se colocar incenso na parte da oferta de manjares que era queimada, é também evidência de que tinha ela expressão espiritual, de gratidão, de louvor, de culto. O incenso estava relacionado com o culto no Tabernáculo. Era oferecido especialmente no altar de ouro, ou altar do incenso, todas as manhãs e todas as tardes (Ex. 30:7-8), e era colocado também sobre os pães da proposição (Lv. 24:7). Era compreendido como expressão de adoração, de comunhão, de oração, fato esse que se pode compreender de alguns textos. No Salmo 141:2 diz-se: "Suba à tua presença a minha oração, como incenso". No capítulo primeiro de Lucas fala-se sobre Zacarias entrando no templo para queimar o incenso, e diz-se que "durante esse tempo, toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando" (v. 10). Em Apocalipse 5:8 fala-se que "os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos". E em 8:3-4:

Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos.

As orações do israelita, fossem articuladas ou somente feitas no íntimo, subiam ao Senhor, misturadas com o cheiro agradável do incenso aromático (Ex. 30:34-38), queimado no altar de bronze, juntamente com a farinha, ou os bolos ou os grãos amassados da oferta de manjares.

O sal. Havia ordem expressa de que "à tua oferta de manjares não deixarás faltar o sal da aliança do teu Deus" (v. 13). O próprio texto já define o significado do sal — era um tipo de aliança. Como

o sal é aplicado a outros produtos como ingrediente contra a corrupção, a deterioração, sua presença na oferta de manjares falava de uma aliança permanente entre a casa de Israel e o Deus de Israel. "A relação que existe entre o crente e o Senhor, não é ocasional e temporária, mas eterna e incorruptível", diz Turnbull.[25]

Ensinamentos Derivados dos Ingredientes Proibidos

Assim como o azeite, o incenso e o sal eram obrigatórios na oferta de manjares, havia dois ingredientes que não podiam ser adicionados: o fermento e o mel. "Nenhuma oferta de manjares que fizeres ao Senhor, se fará com fermento: porque de nenhum fermento, e de mel nenhum, queimareis por oferta ao Senhor" (v. 11).

Sobre o significado do fermento, a Escritura é rica em referências. Sobre o mel só por inferência se pode falar. Esses dois alimentos podiam ser oferecidos por oferta das primícias, mas não podiam ser queimados sobre o altar (v. 12).

O fermento. A primeira referência à proibição de se comer alimento levedado é a que se relaciona com a instituição da Páscoa (Ex. 12). Durante sete dias, a partir do dia da Páscoa, não se podia comer pão levedado. A proibição era tão forte que se estendia até ao ponto de não se poder ter aquele elemento dentro das casas dos israelitas naquele período. E isto o que diz Êxodo 12:18-20.

> *Desde o dia catorze do primeiro mês à tarde, comereis pães asmos até a tarde do dia vinte e um do mesmo mês. Por sete dias não se ache nenhum fermento nas vossas casas, porque qualquer que comer pão levedado será eliminado da congregação de Israel, assim o peregrino como o natural da terra.*
>
> *Nenhuma coisa levedada comereis; em todas as vossas habitações comereis pães asmos.*

A Páscoa marca a libertação da escravidão do Egito, que por sua vez, é figura da servidão do mundo (Ap. 11:8). Abster-se de fermento durante sete dias, comemorando-se a libertação, poderia referir-se a abstinência de toda prática pecaminosa. Haldeman diz.

> *O fermento em si mesmo é uma coisa azeda e corrupta. Em razão disso ele era banido pela lei de Deus da observância da Pás-*

coa. Quem o tivesse em sua casa naqueles dias, mesmo que fosse uma pequena quantidade, mesmo a sombra de uma partícula, era excomungado pelo decreto de Deus.

O Filho de Deus o usou como um símbolo de doutrina falsa e corrupta.

É um símbolo da carne e de suas iniqüidades.

Não é somente um símbolo de atos corruptos, mas da herança do pecado da carne – 'pecado na carne'.[26]

Pfeiffer acrescenta que "o processo de fermentação efetuado pelo fermento era visto como semelhante à corrupção. Como tal era inconveniente para o altar do Senhor, não obstante ser oferecido continuamente às divindades gentílicas".[27]

O mel. O mel também não podia ser oferecido sobre o altar. Há diferentes opiniões sobre as razões de não se usar mel. Jamieson cita duas possibilidades. A primeira é que nenhuma coisa azeda ou doce deveria ser oferecida sobre o altar; a segunda é que tanto o fermento como o mel eram oferecidos a deuses gentios e daí sua não aceitação no altar do Deus de Israel.[28] Clarke pensa que o mel era proibido pelo fato de produzir acidez "quando batido com a pasta de farinha". Comparando o mel com o fermento, ele diz:

Como o fermento era proibido porque produzia fermentação, e era considerado uma espécie de corrupção, e daí significar hipocrisia, malícia, etc., que corrompe a alma, é possível que o mel pudesse ter também uma referência moral, e significar, como pensava São Jerônimo, prazeres carnais e satisfação sexual.[29]

Gardiner também relaciona o mel e o fermento com a corrupção:

O fermento significa uma inconveniente comunhão com o mundo, tornando-se facilmente contagioso, o que deve ser excluído da comunhão sacerdotal com Jeová. O mel, por outro lado, significava, em contraste com o fermento, o melindroso prazer das crianças (Is. 7.15) e não era alimento para a comunhão de homens da ordem sacerdotal com Jeová.[30]

Entre os estudiosos do assunto, prevalece o ponto de vista de

que o mel tinha a propriedade de fermentação e que também era símbolo de delícias carnais. Por isso não deveria entrar na oferta de manjares.

Alimento Para os Sacerdotes

Queimada a "porção memorial" das ofertas de manjares, todo o restante pertencia aos sacerdotes. Era seu alimento. Desta maneira Deus estava provendo o sustento para aqueles que trabalhavam no ministério sagrado. O israelita, por sua vez, ao trazer sua oferta de manjares estava participando desse propósito de Deus. Em decorrência de sua participação advinham bênçãos para sua vida.

Oferta de Aroma Agradável ao Senhor

Os versos dois e nove declaram que essa era uma oferta de "aroma agradável a Deus". O israelita é lembrado de que todas as vezes que vinha ao Tabernáculo, trazendo sua oferta de manjares, estava dando prazer a Deus. Nada mais pode produzir tanta alegria no coração do crente do que ter o privilégio de alegrar o seu Deus e Criador. Deveria ser de grande significado para o israelita o fato de estar envolvido em um ato de culto, cujo objetivo era fazer ascender um aroma agradável a Deus através de sua oferta queimada sobre o altar.

OFERTAS PACÍFICAS

A descrição das ofertas pacíficas encontra-se especialmente nos capítulos 3 e 7:11-25. O termo traduzido "pacífico" é SHELAMI, do verbo SHALAM (ser completo, estar em paz, fazer paz com). Nessa oferta podia haver duas situações. Poderia significar que aquilo que estava faltando tinha sido realizado (a expiação), isto é, o que havia sido quebrado (o pacto), por causa do pecado, tinha sido recomposto. Por causa dos desvios, o israelita estivera afastado da comunhão do seu Deus, mas agora se recompõe com Jeová. Por outro lado, podia significar também a reafirmação da comunhão com Jeová. Era a festa de comunhão daqueles que andavam em harmonia com o Senhor. Mesmo nesse caso, o sangue era dado como expiação, porque é somente através dele que o homem pode ser aceito para estar com o Senhor. Quer seja no primei-

ro como no segundo caso.

Deus estava em paz com o crente e indicava a sua atitude amiga, convidando-o a sentar-se à Sua mesa e participar da festa que Ele havia preparado. Que bela expressão de amizade e de comunhão restaurada, Deus assim mostrava.[31]

Três Motivos da Oferta Pacífica

No capítulo sete faz-se referência a três motivos da oferta pacífica: a) por ações de graças; b) votivas; c) voluntárias. Gardiner diz:

As ofertas pacíficas se referem à prosperidade como dádiva generosa de Jeová no passado, presente e futuro. Com relação ao passado, é louvor e ação de graças (um Ebenezer, Am. 5:22). Em referência a um presente feliz, ela é um contentamento, alegria, ou uma festa. No que se relaciona ao futuro, é uma experiência de salvação ainda a se realizar, e uma libertação ou demonstração de misericórdia pela qual está se orando com um voto, é uma oferta votiva.[32]

Espécies de Animais Aceitos

Para as ofertas pacíficas eram aceitos tanto machos como fêmeas, tanto de gado (v. 1), como do rebanho (v. 6). Do rebanho podia ser, também, uma cabra (v. 12). Portanto, verifica-se que as exigências para essa oferta, no que se relacionam aos animais, eram menores do que as para o holocausto. Como naquela, entretanto, aqui também exigia-se que o animal fosse perfeito (vv. 1 e 6).

Ocasiões em que a Oferta Pacífica era Oferecida

Certamente, em qualquer tempo o israelita podia oferecer essa oferta ao Senhor, como expressão de seu desejo de comunhão com Jeová. Em 19:5 está dito. "Quando sacrificardes sacrifício pacífico ao Senhor, da vossa própria vontade o sacrificareis". Realmente, a única prescrição da oferta pacífica era com referência à festa das primícias: "Também oferecereis um bode para oferta pelo pecado, e dois cordeiros de um ano por oferta pacífica" (23-19). Em todos os outros lugares onde aparece é sempre realizada como

expressão de um desejo do coração do homem de ofertá-la ao Senhor. Josué a ofereceu após suas vitórias (Js. 8.31), numa ocasião em que houve derrota na guerra também foi oferecida (Jz. 20:26), foi oferecida por Davi, ao transportar a arca (II Sm. 6.17), Salomão a oferecia três vezes por ano (I Rs 9:25).

O Ritual

O ritual da oferta pacífica seguia praticamente os mesmos passos do holocausto. O primeiro ato era a apresentação da oferta diante do Senhor (v. 1), em seguida o ofertante impunha sua mão sobre a cabeça da vítima (v. 2); depois imolava-a (v. 2), os sacerdotes aspergiam o seu sangue sobre o altar e em redor dele (v. 2); em seguida vinha o ato de queimar o melhor do animal para o Senhor (vv. 3-5):

> *Do sacrifício pacífico fará oferta queimada ao Senhor: a gordura que cobre as entranhas, e toda gordura que está sobre as entranhas; como também os dois rins, a gordura que está sobre eles e junto aos lombos, e o redenho sobre o fígado com os rins, tirá-los-á. E os filhos de Arão queimarão tudo isso sobre o altar, em cima do holocausto, que estará sobre a lenha no fogo. é oferta queimada de aroma agradável ao Senhor.*

Após este ato, o ofertante coloca nas mãos do sacerdote o peito do animal com sua gordura, que é movido perante o Senhor (7:30); o sacerdote queima a gordura do peito perante o Senhor (v. 30); o ofertante entrega também ao sacerdote a coxa direita do animal (v. 32), o restante do animal é comido pelo ofertante, sua família e outros convidados (vv. 15, 16, 19b).

Assim como no ritual do holocausto o ponto alto era, o ato de queimar totalmente a oferta sobre o altar, aqui, na oferta pacífica, o ponto cultimante era a festa em que se comia a carne do animal oferecido. Nota-se que apenas a gordura, algumas partes internas e a cauda (quando se tratava de ovelhas) eram queimados. Todo o restante era comido por aqueles que ofereciam o sacrifício pacífico, tanto pelo sacerdote como pelo ofertante e seus acompanhantes.

Ritchie diz o seguinte sobre o cerimonial da oferta pacífica:

O sangue era aspergido sobre o altar, e a gordura e órgãos internos eram queimados para produzir o aroma agradável. A vida e o melhor que havia no interior era a porção de Jeová; Ele recebia Sua porção primeiro, então o ofertante e o sacerdote recebiam suas porções. Deus sendo satisfeito, uma mesa era colocada para o homem, e servida com parte do sacrifício já apresentado no altar. O altar é lugar de oferta para Deus; a mesa, o lugar onde Deus ministra ao seu povo.[33]

O SIGNIFICADO DA OFERTA PACÍFICA PARA O ISRAELITA

O fato de ser uma oferta que, mais do que as outras, tinha de ser feita sobre uma motivação muito pessoal, dava, por certo, especial significação para o israelita.

Ação de Graças

Um dos significados da oferta pacífica era que ela expressava gratidão a Deus (7.12). Nesse sentido é chamada de "sacrifício de louvores ao Senhor" (22:29). Josué, ao oferecer sacrifícios pacíficos (Js. 8:31) estava rendendo ações de graças pelas vitórias alcançadas. A oferta, assim, expressava a gratidão de alguém que se sentia visitado por Deus, de quem recebera uma bênção especial.

Comunhão com Deus e com o Próximo

O banquete que se tinha como o ponto alto da oferta pacífica, falava de comunhão. O ofertante sentia-se em paz e em harmonia com Deus e, por isso, podia comer de Sua mesa. Era como se o animal oferecido a Deus fosse colocado agora sobre a mesa para que o israelita comesse dele. Era uma festa em que, por um lado, Deus e os Seus representantes (os sacerdotes); e por outro lado, o adorador e seus acompanhantes, participavam da mesma mesa. Isto só era possível porque havia paz entre todos eles. Possivelmente este fosse o significado mais profundo da oferta pacífica para o israelita. "Ela tipificava a união que agora existia entre Deus e o homem, e era um penhor de seu futuro companheirismo", diz Coleman.[34] E Haldeman assevera: "comer perante o Senhor é ter comunhão com o Senhor. É um quadro que mostra Deus e o pecador em paz um com o outro. É uma paz sobre a base de um sacrifício mutua-

mente aceito. É um quadro da reconciliação".[35]

OS SACRIFÍCIOS PELOS PECADOS

A partir do capítulo quatro começa-se uma nova seção na descrição dos sacrifícios. Esta seção trata dos sacrifícios pelos pecados (4:1 a 6:7). Até aqui o texto tratou das ofertas de "cheiro suave", que são os sacrifícios voluntários. Eram ofertas já conhecidas por Israel que estavam sendo disciplinadas para o culto no Tabernáculo. A segunda seção, entretanto, é inteiramente diferente. Não são mais ofertas voluntárias, e nem de "cheiro suave". Eram obrigatórias, se o indivíduo viesse a pecar. Gardiner diz: "Estes sacrifícios designados para fins específicos foram uma criação da lei mosaica, e são portanto naturalmente colocadas após os sacrifícios mais gerais dos capítulos 1 a 3".[36]

DISTINÇÃO ENTRE PECADO E CULPA

A seção que trata dos sacrifícios pelos pecados divide-se em duas partes: sacrifícios pelo pecado (4:1 a 5:13) e sacrifícios pela culpa (5:14 a 6:17). Em geral há certa dificuldade na distinção entre os dois tipos de sacrifícios, mas o próprio texto mostra essa diferença, como se pode perceber no fato de que nas leis das ofertas, distingue-se a lei da oferta pelo pecado (6:24-30) da lei da oferta pela culpa (7:1-10).

No primeiro caso as exigências fundamentais consistiam na confissão do pecado e na imolação de um animal em favor do transgressor; no segundo caso, entretanto, era acrescida a exigência de que fosse feita restituição daquilo em que a pessoa houvesse lesado a Deus ou ao seu próximo.

Tem sido sugerido que a primeira seção trata do pecado na natureza humana e que a segunda seção trata dos atos pecaminosos. Entretanto, ainda que com o conhecimento dessas duas categorias de pecado, tão evidentes no Novo Testamento, possamos "ver" em Levítico tal distinção, é pouco provável que o israelita mesmo pudesse percebe-la.

Gardiner faz a seguinte distinção:

'Pecado é a transgressão da lei', e pode não envolver dano adicional, e requer expiação somente por sua própria culpa, enquan-

to a transgressão é o mal feito a outrem (seja a Deus ou ao homem), e envolve não somente sacrifício por seu próprio pecado, mas também a correção do mal praticado.[37]

Von Rad, faz distinção entre "sacrifício pelo pecado" ou "de expiação" (4:1 a 5:13) e "sacrifício pela culpa" ou "de reparação" (5.14-19). Ele diz também que na categoria de sacrifício pelo pecado "entram todas as faltas possíveis contra ritos e estatutos cultuais, em particular contra diversas prescrições de pureza transgredidas por inadvertência".[38]

OFERTA PELO PECADO

A primeira seção, que fala dos sacrifícios pelo pecado, trata a ação pecaminosa como sendo feita por ignorância (4:1, 13, 22, 27). Diz também que a pessoa poderia tornar-se imunda, ainda que lhe fosse oculto o motivo de ter caído nesse estado (5:2-4). Ailis, considerando esses textos, diz que "embora involuntariamente, cometia-se pecado ao se praticar algo 'do que não se devia fazer' (vv. 2, 13, 22, 27), sem poder recorrer-se à desculpa da ignorância".[39] Isto é, embora o pecado fosse por ignorância, sem conhecimento de que se estava praticando o mal, nem por isso deixava de ser pecado. Sendo caracterizado como pecado, era imprescindível haver a expiação. O pensamento de Clarke é que

Se alguém faz o que Deus tem proibido, ou deixa de fazer o que Deus tem ordenado, por ignorância da lei naquele ponto, tão cedo quanto a transgressão ou omissão vem ao seu conhecimento, ele deve oferecer o sacrifício prescrito, não supondo que sua ignorância é uma excusa para o pecado.[40]

O Grau de Responsabilidade Condiciona o Tipo de Animal para a Oferta pelo Pecado

Há uma variação do valor do animal requerido para a oferta pelo pecado, de acordo com o grau de responsabilidade daquele que precisava da expiação. No caso de ser um sacerdote, ele deveria apresentar um novilho (v. 3); fosse toda a congregação também deveria ser apresentado um novilho (v. 13); se fosse o caso de um princípe, requeria-se um bode (v. 23); fosse uma pessoa comum,

seria suficiente uma cordeira (v. 32); se a pessoa fosse muito pobre poderia apresentar duas rolas ou dois pombinhos (5:7); e se nem isso pudesse levar, seria recebido a décima parte de uma efa de flor de farinha (5:11).[41]

Uma exigência com referência a todos os animais oferecidos como oferta pelo pecado, é que fossem "sem defeito" (v. 3, 22, 28, 32). Assim, mesmo havendo uma variação no tipo do animal exigido, não poderia ser um animal defeituoso. Só serviam animais perfeitos.

Os Motivos dos Sacrifícios pelo Pecado

Os motivos apresentados no texto, pelos quais se requeriam o sacrifício pelo pecado, são quase todos de natureza cerimonial. É isto que se diz em 5:1-4:

> *Quando alguém pecar nisto: porque tendo ouvido a voz da imprecação, sendo testemunha de um fato, por ter visto, ou sabido, e, contudo, não o revelar, levará a sua iniqüidade. Ou, quando alguém tocar em alguma coisa imunda, seja corpo morto de besta-fera imunda, seja corpo de animal imundo, seja corpo morto de réptil imundo, ainda que lhe fosse oculto, e tornar-se imundo, então será culpado; ou quando tocar a imundícia dum homem, seja qual for a imundícia com que se faça imundo, e lhe for oculto, e o souber depois, será culpado, ou quando alguém jurar temerariamente com seus lábios fazer mal ou fazer bem, seja o que for que o homem pronuncie temerariamente com juramento, e lhe for oculto, e o souber depois, culpado será numa destas cousas.*

No verso primeiro há motivos de natureza moral. Contudo, tratam-se apenas de omissões. Os pecados ali apresentados são pelo fato de não se comunicar a imprecação ouvida ou um delito cometido por outrem. Os versos dois e três falam de alguém que se torna imundo por tocar em coisas imundas. O verso quatro trata de juramento feito temerariamente e não cumprido. Certamente são apenas exemplos de situações pelas quais se exigiam expiação. Mas não há exemplos de delitos graves.[42] Este tipo de sacrifício não era para o malfeitor, mas para o crente que vivia vida santificada, de comunhão com Deus, e que viesse a se tornar impuro, não por pe-

cados graves e grosseiros, mas por expressões da natureza pervertida que persegue o homem desejoso de servir a Deus. A religião de Israel era de tal natureza que exigia santidade completa e constante. Todas as vezes que o indivíduo se tornasse impuro, mesmo que fosse apenas impureza cerimonial, deveria buscar a purificação no sangue da expiação.

O RITUAL DO SACRIFÍCIO PELO PECADO

O cerimonial do sacrifício pelo pecado tinha algumas variações do cerimonial do holocausto e das ofertas pacíficas. Havia diferenças também entre sacrifícios pelos pecados realizados por categorias distintas de pessoas, como, por exemplo, o sacrifício feito a favor de um sacerdote e o feito a favor de um princípe, ou de uma pessoa comum do povo.

A Apresentação da Vítima

O primeiro passo no sacrifício pelo pecado era a apresentação da vítima (4:4, 14, 23, 28, 5:6,11). Ainda que em todas as ofertas esse era o primeiro passo, aqui, a decisão de apresentar ao Senhor um animal para o sacrifício pelo pecado envolvia pelo menos dois aspectos muito singulares. O primeiro era o fato de o ofertante considerar-se pecador. Deus o havia declarado como tal. O delito cometido, ou simplesmente o ato que o tornou cerimonialmente impuro, foi declarado por Deus como sendo uma situação através da qual ele tornou-se devedor. *Já não era mais a sua santidade.* Isto fora declarado por Deus. Todavia, entre o ter sido declarado por Deus e o considerar-se a si mesmo culpado, havia diferença. Mas, com a decisão de apresentar a Deus um animal para o sacrifício, o pecador estava declarando que aceitava o julgamento divino. Deus o havia declarado culpado e ele mesmo assim se sentia.

Havia, entretanto, outro aspecto que se expressava no ato da apresentação do animal. Deus havia declarado que aquele que fosse culpado por ter feito

> *Alguma de todas as coisas que o Senhor seu Deus ordenou se não fizessem, e se tornar culpado; ... trará por sua oferta um bode sem defeito... e o imolará no lugar onde se imola o holocausto, perante o Senhor: é oferta pelo pecado... assim o sacerdote*

fará expiação por ele no tocante ao seu pecado, e este lhe será perdoado (4:22, 23, 24, 26).

Deus havia declarado que a culpa poderia ser expiada desde que fosse apresentado um substituto que moresse no lugar do pecador. A apresentação do animal era sinal de que aquele que cometera o delito estava crendo na promessa de perdão. Ele confiava que o sangue faria expiação por ele. Sabia-se pecador e aceitava o plano de Deus para a sua purificação.

A Imposição da Mão

O segundo passo era a imposição da mão sobre a cabeça do animal (4:4,15,24,29,33). Com este gesto o ofertante estava transmitindo ao animal aquilo que o perturbava: o seu pecado e a sua condenação. Relacionado com a imposição da mão estava a confissão. "Será, pois, que, sendo culpado numa destas cousas, confessará aquilo em que pecou" (5:5). É bem possível que essa confissão fosse feita no ato da imposição da mão, como em 16:21.[43]

O Ato de Imolar o Animal

O terceiro passo era o ato de imolar o animal "perante o Senhor" (4:4,15,24). Com a imposição da mão aquele animal se tornara o substituto do pecador. Seu pecado e a penalidade que lhe cabia passam para o animal. Quando, então, o pecador degola o animal, perante o Senhor, ele o faz ciente de que sua própria vida é que deveria ser tirada. Seu substituto está morrendo para que ele venha a ter paz e comunhão com Deus e, então, possa continuar vivendo.

A Apresentação do Sangue

O quarto passo da oferta pelo pecado era a apresentação do sangue (4:4-7, 16-18, 25, 30, 34; 5:9). Se o sacrifício era em favor de um sacerdote ou de toda a congregação, o sangue era levado também para o interior da tenda. "E molhando o dedo no sangue, espargirá dele sete vezes perante o Senhor, diante do véu do santuário" (v. 6). Colocava também daquele sangue "sobre os chifres do altar do incenso aromático, perante o Senhor, altar que está na

tenda da congregação" (v. 7). O mesmo se dava com o sacrifício em favor de toda a congregação. Também neste caso o sangue era levado à tenda da congregação, espargido sete vezes diante do véu e colocado nas pontas do altar do incenso. O restante do sangue, nos dois casos, era derramado "à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da congregação" (4:7,18).[44]

Nas ofertas por um príncipe ou por uma pessoa comum, o sangue era apresentado apenas no altar do holocausto. "Então o sacerdote com o dedo tomará do sangue da oferta pelo pecado, e o porá sobre os chifres do altar do holocausto: e todo o restante do sangue derramará à base do altar do holocausto" (v. 25). Era, portanto, no altar do holocausto que a maior parte do sangue era apresentada.[45] Realmente o sangue era derramado à base daquele altar (4:7,18,25,30,34). "O altar era assim estabelecido sobre sangue — sangue derramado era a própria base sobre a qual ele se mantinha".[46] Aquele era o altar do julgamento. Comparando-o com o altar de ouro, dentro da tenda, Ritchie diz:

> *Ele era feito de cobre, ou madeira de sitim e cobre; enquanto os vasos da tenda eram de ouro, ou de madeira de sitim e ouro. Cobre nos fala de Deus em julgamento; ouro, de Deus em glória. Fora é Deus em justo tratamento com o pecado e a impureza; dentro é Deus revelado em glória divina para Seus santos em comunhão com Ele mesmo.*
>
> *Não há outro caminho para se aproximar de Deus a não ser passando por aquele altar; não havia acesso a Deus a não ser na base do sacrifício.*
>
> *A chama brilhante de fogo, queimando noite e dia sobre o altar (6:12,13), era a primeira cena que vinha de encontro ao olhar do pecador enquanto ele olhava o lugar da habitação de Deus.*
>
> *O altar deve ser satisfeito, todas suas exigências respondidas completamente, antes que ele pudesse avançar um só passo em seu caminho para Deus.*[47]

Apresentado o sangue perante o Senhor, quer fosse conduzido para a tenda da congregação e ali aspergido perante Deus, ou fosse colocado nas pontas do altar de bronze e derramado o restante à sua base, a expiação havia sido feita. O sangue derramado significava uma vida tirada. O pecador havia transferido para seu subs-

tituto o pecado e a condenação que sobre ele pesavam, e o substituto havia morrido em seu lugar. Mais uma vez cumpria-se Êxodo 12:13,23: "Vendo eu sangue, passarei por cima de vós".

A Gordura Queimada Sobre o Altar

O quinto passo era queimar a gordura sobre o altar do holocausto. Esta era a única parte do animal que deveria ser queimada sobre o altar, no sacrifício pelo pecado. Como diz Haldeman. "Esta oferta acha-se em contraste com o holocausto. No holocausto, tudo é de Deus. Na oferta pelo pecado tudo é do homem".[48]

O Tratamento da Carne do Animal

O sexto passo nessa oferta era consumir a carne do animal sacrificado. Se o sangue tivesse sido apresentado apenas no altar do holocausto, "o sacerdote que a oferecer pelo pecado, a comerá, no lugar santo se comerá, no pátio da tenda da congregação" (6:26). Comendo a carne da oferta pelo pecado, os sacerdotes estavam levando a iniqüidade do povo. "O Senhor a deu a vós outros, para levardes a iniqüidade da congregação, para fazerdes expiação por eles diante do Senhor" (10:17). A carne do animal cujo sangue tivesse sido levado à tenda da congregação, tinha fim diferente. A ordem dada nesse sentido é que não se poderia comer a carne do animal cujo sangue tivesse sido levado ao interior da tenda da congregação, "para fazer expiação no santuário: no fogo será queimado" (6:30). E então,

> *O couro do novilho, toda a sua carne, a cabeça, as pernas, as entranhas e o excremento, a saber, o novilho todo, levá-lo-á fora do arraial, a um lugar limpo, onde se lança a cinza, e o queimará com fogo sobre a lenha, será queimado onde se lança a cinza (4:11,12).*

Ritchie assim interpreta esse fato:

> *A justiça não pede mais.*
> *As exigências justas de Deus estão satisfeitas. As cinzas sendo espalhadas pelos ventos do céu para fora do campo: elas são sinais da ira aplacada e do pecado retirado. Seus pecados se foram*

— foram-se para não mais retornar. E Deus quem os justifica; quem os condenará?[49]

O SIGNIFICADO DA OFERTA PELO PECADO PARA O ISRAELITA

A grande dificuldade no relacionamento entre Deus e o homem é o pecado. Esta enfermidade humana está sempre a interferir na comunhão entre a criatura e o Criador. A revelação da santidade de Deus e da exigência de que aqueles que com Ele se relacionam sejam também santos (como exposta em Levítico), fez aumentar a inquietação humana. O homem sente-se impossibilitado de responder de modo adequado às exigências da natureza perfeita de Jeová. A lei, englobada nessa revelação, fez reviver o pecado (Rm. 7:9). "A fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno" (7:13).

A Exigência de Vida Limpa

Por um lado a lei faz com que o pecado fique bem evidente no comportamento humano. Por outro lado o Deus Santo está a exigir santidade completa da parte dos que com Ele convivem. Nesse sentido, as ofertas pelo pecado tornaram bem claro para o israelita que qualquer impureza humana devia ser devidamente tratada. Mesmo que o homem procure viver santamente, às vezes peca "por ignorância". Às vezes torna-se impuro sem o desejar, entrando em contato com a impureza (É o caso de tocar em alguma coisa imunda — 5:2). Os sacrifícios pelo pecado ensinaram ao israelita que ele não é desculpável porque não pecou intencionalmente. Como diz Haldeman:

> *A oferta pelo pecado era por pecados de ignorância. O homem é um pecador quer ele saiba ou não. Pecado não é somente o que um homem faz mas o que ele é. Ele tem uma natureza pecaminosa. 'Pecado na carne' (Rm 8:3). Aquela é a raiz do pecado.*
>
> *Pecado é pecado, seja congênito, dormente, ou soprando em violência e explodindo em transgressão.*[50]

A Necessidade da Expiação

As ofertas pelo pecado mostravam ao israelita que havia necessidade da expiação. A natureza santa de Deus exige santidade no homem. No momento em que este comete um delito, mesmo que por ignorância, e ainda que involuntariamente, é estritamente necessário que seja feita a expiação pelo culpado. Fugir desse padrão é ter uma vida completamente divorciada de Deus. Era de suma importância que o israelita tomasse consciência desse fato. E a oferta pelo pecado o levava nessa direção.

Contudo, se a exigência é tão grande, maior a graça pela qual é respondida. Deus fez provisão para que a expiação fosse realizada por todos que dela necessitassem.

A Graduação de Responsabilidade Diante de Deus

O valor da vítima oferecida pela expiação não era o mesmo para todos. Se o sacerdote pecasse deveria trazer um novilho para sua expiação (4:3). Era o animal mais caro. Sua responsabilidade, do ponto de vista espiritual, era maior do que a de qualquer outra pessoa. A necessidade que tinha de manter sua vida pura ultrapassava a dos outros, pois a ele cabia levar o povo a Deus e transmitir a vontade divina ao povo.

Se toda a congregação pecasse, também deveria oferecer um novilho (4:14). Isso porque Israel era "um reino sacerdotal e o povo santo" (Ex. 19:6). Como tal, não havia variação na responsabilidade, fosse um sacerdote que pecasse ou toda a nação.

O valor das ofertas iam decrescendo até chegar à possibilidade de se oferecer apenas dois pombinhos ou duas rolas (5:7), e mesmo até um pouco de flor de farinha (5:11). Mas aqui estava um outro princípio importante, que veremos a seguir.

A Expiação à Altura de Todos

Um outro significado importante da oferta pelo pecado é que esse tipo de sacrifício mostrava que a expiação está à altura de todas as pessoas. Por mais pobre que fosse o israelita, ele teria condições de se chegar a Deus para sua purificação. Se não pudesse trazer um animal caro, poderia trazer duas rolas ou dois pombinhos, ou até mesmo um pouco de flor de farinha. E ele seria aceito diante do Senhor. A fonte da expiação estava aberta para qualquer pessoa que dela precisasse e se aproximasse com verdadeira fé.

OFERTA PELA CULPA

A quinta oferta descrita em Levítico é a oferta pela culpa (5:14-19; 6:1-7; 7:1-10). São salientados dois tipos de transgressão: a) o primeiro é o que se relaciona com as coisas sagradas, isto é, quando alguém tomasse para si aquilo que pertencia a Deus (os dízimos, os primogênitos do gado, os primeiros frutos, etc.). "Quando alguém cometer ofensa, e pecar por ignorância nas cousas sagradas do Senhor..." (5:15); b) o segundo se refere ao pecado de lesar o próximo naquilo que lhe pertence. É o que diz 6:2-3:

> *Quando alguma pessoa pecar, e cometer ofensa contra o Senhor, e negar ao seu próximo o que este lhe deu em depósito, ou penhor ou roubo, ou tiver usado de extorsão para com o seu próximo; ou que, tendo achado o perdido, e o negar com falso juramento, ou fizer alguma outra cousa de todas em que o homem costuma pecar.*

A palavra usada para descrever este sacrifício, que é traduzida "oferta pela culpa", é a palavra 'ASHAM, que significa culpa, prejuízo, sacrifício pela culpa, oferta pela transgressão. "Cometer ofensa" — a palavra usada para ofensa é MA'AL — agir perversamente, traiçoeiramente, ser infiel. Estas palavras dão o escopo geral dessa oferta. Ela era prescrita para aqueles casos em que a pessoa tinha agido perversamente provocando prejuízo a Deus ou ao seu próximo. Era o caso da infidelidade com relação às coisas sagradas ou à propriedade alheia. Às vezes a falta poderia ter sido cometida por ignorância ou inadvertência (5:15,17), mas ainda assim a pessoa era considerada culpada. Como diz Gardiner: "O erro, como pecado, pode ser cometido por inadvertência. Mesmo assim precisa ser expiado. Boas intenções não reparam o erro".[51] Do contexto dessa oferta percebe-se que ela era feita também por pecados cometidos deliberadamente. Fosse por inadvertência, por ignorância ou deliberadamente, a oferta pela culpa era a maneira de se alcançar a expiação.

Havia, por certo, diferença entre um mal feito por alguém temente a Deus, mesmo que deliberadamente, e o mai feito por aquele que não temia a Deus. Para o primeiro havia expiação, para o segundo não. Gardiner faz essa distinção:

Pelo pecado feito com 'mão levantada', arrogantemente, não fora feita provisão de sacrifício, porque o ofensor se colocava deliberadamente em oposição a Deus; mas por ofensa contra o homem, tais como aquelas aqui enumeradas, algumas das quais devem ter sido feitas deliberadamente, é permitido sacrifício, porque mesmo que tais erros foram feitos intencionalmente eles não constituem a mesma atitude de oposição a Deus. Eles podem ser feitos por paixão ou cobiça, sem reflexão sobre sua responsabilidade moral. Portanto, na base do arrependimento, restituição e propiciação, eles podiam ser perdoados.[52]

A Ênfase na Correção do Erro Praticado

A ênfase nessa oferta é com relação ao mal praticado e na necessidade de ser corrigido o dano feito. Na oferta pelo pecado, o mal cometido não era tão enfatizado, e sim o pecado em si mesmo. Na oferta pela culpa o que recebia quase total ênfase era o mal feito. Como diz Ritchie: "Não é tanto a pessoa culpada como o ato prejudicial que era proeminente nessa oferta"[53] Por isso, a restituição tinha de ser feita como pré-requisito para a expiação. Se a pessoa transgrediu naquilo que pertencia a Deus, "restituirá o que ele tirou das cousas sagradas, e ainda acrescentará o seu quinto" (4:16). Se se tratasse de transgressão contra os direitos do próximo, "restituirá aquilo que roubou, ou que extorquiu, ou o depósito que lhe foi dado, ou o perdido que achou, ou tudo aquilo sobre que jurou falsamente; e o restituirá por inteiro, e ainda a isso acrescentará a quinta parte" (6:4-5).

Era, portanto, essencial que a pessoa culpada, que desejava livrar-se da culpa do seu pecado, fizesse reparo do mal cometido. O reparo não consistia apenas em devolver o que não lhe pertencia. Havia um passo a mais. Ela deveria pagar uma multa pelo seu delito. A multa seria de vinte por cento do valor do dízimo, ou do animal, ou do objeto, ou de qualquer coisa que houvesse ficado em seu poder, e que pertencesse a Deus ou ao seu próximo.

Carneiro — O Único Animal Aceito

Feito o reparo do mal cometido, permanecia ainda o impedimento espiritual ao relacionamento entre o Deus Santo e o homem que se deixou envolver pelo pecado. Somente a expiação com san-

gue poderia remover essa barreira. O israelita, desejoso de viver em comunhão com o seu Deus, queria se ver livre daquela situação. Deus mesmo fizera a provisão para a expiação:

> *Então trará ao Senhor por oferta um carneiro sem defeito do rebanho, ...*
> *Assim o sacerdote, com o carneiro da oferta pela culpa, fará expiação por ele; e lhe será perdoado.*
> *Será perdoada de qualquer de todas as coisas que fez, tornando-se por isso culpada (5:15,16, 6:7).*

Desde que o israelita aceitasse o plano de Deus para sua expiação, e cumprisse o que lhe era requerido, estava outra vez em paz com sua consciência e com o seu Deus.

O único animal aceito para a expiação era o carneiro. Sobre isso Gardiner diz:

> *A oferta pelo pecado podia ser diminuída por sucessivos estágios para o pobre, e para o muito pobre, de tal maneira que poderia ser trazido o que estava ao alcance de qualquer um; pois todos devem ter propiciação pelo pecado; mas a oferta pela transgressão não sofre variação; é a mesma para todos; isto porque se alguém não pode fazer a correção pelo erro cometido, ele deve ser deixado só - uma dádiva inferior não pode restabelecer a situação.*[54]

O Ritual

Os passos que deveriam ser dados com relação ao tratamento da vítima não são expressos no texto. A ausência dessa informação pode indicar que se seguia o mesmo cerimonial da oferta pelo pecado. Além disso, em 7.7 diz-se que "como a oferta pelo pecado, assim será a oferta pela culpa, uma única lei haverá para elas". Ainda que o restante desse verso trate de quem seria a carne do animal oferecido, há forte indicação de que não era somente nesse aspecto que as duas ofertas eram idênticas. Por certo eram idênticas também nos outros passos do ritual, a não ser na apresentação do sangue. Aqui, o sangue era tratado como no holocausto e na oferta pacífica. Era sempre colocado sobre o altar e em redor dele (7:2).

O SIGNIFICADO DA OFERTA PELA CULPA PARA O ISRAELITA

Além daqueles significados da oferta pelo pecado, que podem ser aqui também aplicados, havia pelo menos mais dois aspectos que sobressaem nesta oferta e que falavam bem de perto ao israelita.

O Senso de Retidão

Essa oferta despertava o senso de retidão no tratamento das coisas sagradas e também com relação à propriedade alheia. Ela expressava o que era exigido pelo caráter santo de Jeová. Só poderiam permanecer em comunhão com Ele aqueles que não transgredissem naquilo que a outrem pertencesse. O israelita que viesse a cair no erro de transgredir na propriedade alheia, teria um duro caminho a percorrer: confessar o seu erro, restituir o que não lhe pertencia, acrescentar a multa prescrita e levar o seu substituto ao santuário, para que fosse feita expiação por ele. Todo esse processo teria, por certo, o efeito salutar de fazer com que a pessoa tivesse maior temor em se deixar envolver novamente em situação idêntica.

O Mal Cometido Contra o Homem é Tomado como Feito a Deus

Um outro significado dessa oferta é que, ao se cometer um mal contra o semelhante, o efeito do pecado não se restringe somente ao ser humano contra quem se pecou, mas atinge também a Deus. Esse tipo de pecado fere o caráter santo de Deus e torna o homem inaceitável diante do Pai. Deus é santo e não tem comunhão com o mal. Além disso, há um aspecto de sofrimento causado em Deus, quando se faz sofrer um dos seus filhos. Talvez o melhor exemplo disso é a história de Saulo de Tarso. A perseguição movida por ele contra os servos de Deus, era sentida como movida contra Jesus mesmo (At. 9:4). É evidente que quanto mais íntima de Deus é a pessoa que recebe o mal, maior se torna o efeito dele em Deus.

Na oferta pela culpa esse fato fica bem evidente na declaração de 6:2: "Quando alguma pessoa pecar, *e cometer ofensa contra o Senhor*, e negar ao seu próximo o que este lhe deu em depósito, ou penhor, ou roubo, ou tiver usado de extorsão para com o seu próximo ...". É claro que a transgressão aí prevista é contra o homem,

mas a ofensa atinge a Deus.

PECADOS SEM PERDÃO

Levítico faz referência a vários pecados para os quais não havia provisão de expiação. São os pecados sem perdão; isto é, aquelas situações em que a pessoa sofria o castigo do seu erro. E o que era levado em conta era mais a atitude do que o ato pecaminoso em si. Seria esta a interpretação de Números 15:30-31:

> *Mas a pessoa que fizer alguma cousa atrevidamente, quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injuria ao Senhor; tal pessoa será eliminada do meio do seu povo, pois desprezou a palavra do Senhor, e violou o seu mandamento: será eliminada essa pessoa, e a sua iniqüidade será sobre ela.*

Estaria envolvido no pecado um espírito obstinado contra a lei do Senhor. Seria caracterizada uma atitude atrevida contra o Senhor e de desprezo para com a Sua Palavra.

Nesse caso, poder-se-iam fazer as seguintes distinções no grau de culpabilidade do transgressor. O pecado poderia ter sido cometido por ignorância ou por inadvertência. Não houve propósito de praticá-lo. A maioria dos pecados relacionados nessa categoria eram de natureza cerimonial (5:1-4). Havia, entretanto, um grau maior de responsabilidade quando a pessoa, conscientemente, provocava prejuízo a Deus ou ao seu próximo (5:15 a 6:4). Esse tipo de pecado envolvia uma deliberação pessoal. Contudo, era considerado ainda como um desvio causado pela fraqueza humana, que não caracterizava atitude impiedosa para com a lei de Deus. Era um deslize de alguém que queria servir a Deus e não conseguia fazê-lo de forma completa. O terceiro tipo de pecado, entretanto, era aquele cometido por alguém que não tinha o temor de Deus. "A mão levantada", conforme Nm. 15:30 (Almeida, Ed. Rev. e Corrigida, 1974, IBB). "Atrevidamente" (Almeida, Rev. e Atualizada). Clarke assim discute esse tipo de pecado:

> *Atos presunçosamente desafiantes de transgressão contra a mais completa evidência, e a despeito da autoridade divina, não admitiam expiação; a pessoa devia ser cortada — excluída do povo de Deus e de todos os seus privilégios e bênçãos.*

Provavelmente a arrogância mencionada aqui implicava um absoluto menosprezo pela palavra e autoridade de Deus, brotando de uma mente idólatra ou ateísta. Em tais casos, todo arrependimento era excluído, por causa da negação da palavra e da existência de Deus. É provável que seja um caso similar àquele mencionado em Hb. 6:4-8 e 10:26-31.[55]

EXEMPLOS DESSE TIPO DE PECADO EM LEVÍTICO

É considerável o número de pecados que, em Levítico, são considerados sem perdão. Vejamos os que mais se destacam.

Capítulo 17:3,4: ordena-se que todos os animais sacrificados fossem mortos à porta da tenda da congregação. As pessoas que não obedecessem deveriam morrer. A explicação da ordem está no verso sete: "Nunca mais oferecerão os seus sacrifícios aos demônios, com os quais eles se prostituem". Há forte indicação de que se estava legislando a respeito de *não serem oferecidos animais a outros deuses.* Para os que incorressem neste tipo de pecado não haveria expiação porque caracterizaria arrogância contra a palavra do Senhor.

Capítulo 17:10 — *Comer sangue* implicava em ser excluído do povo.

Capítulo 18 — Trata de *abominações sexuais* e diz que aqueles que cometessem essas abominações seriam eliminados do seu povo (v. 29).

Capítulo 20 — Os vv. 1-5 tratam do pecado de se fazer *sacrifícios humanos a Moloque*, Quem assim agisse deveria ser apedrejado. O v. 6 diz que *se alguém se voltasse para os necromantes e feiticeiros* seria eliminado do meio do seu povo. O v. 9 condena à morte *aquele que amaldiçoasse o pai ou a mãe.* Os vv. 10-12 dizem que o *adultério* teria pena de morte. A mesma sorte teria o *homossexual,* conforme o v. 13. No v. 14 diz-se *que se alguém tomasse como mulher uma mãe e sua filha* seria morto. Os vv. 15-16 declaram que a prática de *atos sexuais com animais* era sujeita à pena de morte. No v. 18 o *ato sexual no período da menstruação* teria como conseqüência a morte dos dois praticantes. Os vv. 19-20 mostram que a *relação sexual entre consagüíneos* causaria a esterilidade dos envolvidos. No v. 27 os *necromantes e feiticeiros* recebem pena de morte.

Capítulo 22 — No v. 3 diz-se que "todo homem, que entre as

vossas gerações, de toda a vossa descendência, *se chegar às cousas sagradas* que os filhos de Israel dedicam ao Senhor, tendo sobre si a sua imundícia, aquela alma será eliminada de diante de mim".

Capítulo 23 — Os vv. 28-30 dizem que aquele que *não guardasse o Dia da Expiação* seria eliminado do seu povo.

Capítulo 24 — Os vv. 10-16 não só afirmam que o *blasfemo* deveria ser apedrejado como mostram o exemplo de alguém sendo apedrejado por causa desse pecado. No v. 17 diz-se que o *homicida* deve morrer.

Todos esses pecados estavam classificados naquela terceira categoria, isto é, eram o resultado de uma atitude arrogante para com Deus. Para esse tipo de transgressão não havia expiação. Deve-se, contudo, lembrar que ainda havia a possibilidade de se incorrer num desses pecados sem se ter uma atitude obstinada contra Deus. Era, então, o resultado da fraqueza humana. Um dos exemplos mais vivos de uma situação semelhante a essa foi o pecado de adultério e homicídio de Davi (I Sm. 11). A atitude de Davi, quando visitado por Natã, foi de arrependimento tão profundo que Deus o perdoou (I Sm. 12:13). Certamente Davi não era contumaz nem rebelde. Seu fracasso foi por falta de vigilância. Queria, entretanto, a todo custo, servir a Deus. O Salmo 51 é uma forte evidência de que ele era um homem que temia a Deus.

SUMÁRIO

Os sacrifícios eram centrais no culto do Tabernáculo. Eles são tratados de maneira específica nos primeiros sete capítulos de Levítico, e aparecem também em vários outros textos no restante do livro. Aliás, Levítico pode ser considerado o "manual do culto no Tabernáculo", pois, ainda que apresenta leis e direções para vários outros assuntos, o seu texto se concentra no que se relacionava com o serviço sacerdotal. E mesmo a maioria de outros assuntos ali tratados tem conexão com o trabalho dos sacerdotes, que deviam ensinar ao povo a justiça social, o relacionamento familiar correto, etc.

Levítico prescreve cinco tipos diferentes de sacrifícios: holocausto, manjares, sacrifício pacífico, sacrifício pelo pecado e sacrifício pela culpa. Essas ofertas são tratadas nessa ordem nos seus primeiros capítulos. Entretanto, a ordem de apresentação poderia ser totalmente diferente, dependendo das circunstâncias e dos mo-

tivos pelas quais eram oferecidas. Havia ofertas voluntárias e ofertas obrigatórias, sendo que as primeiras eram de "cheiro suave" e as outras não. Como um todo, essas ofertas tocam em aspectos críticos do relacionamento Deus-homem. O sangue é a base fundamental de quatro delas, e a importância tão grande que se dá a ele é devido ao fato do sangue ser vida. O que se queria expressar basicamente é que para fazer-se expiação era preciso que uma vida fosse tirada em lugar do condenado. Era vida por vida. Mesmo nos sacrifícios que representavam consagração, ou gratidão, ou festa de paz, a vida de um substituto deveria ser tirada (isto é, seu sangue derramado), antes que fosse possível aceitar-se a consagração do homem imperfeito, ou sua gratidão, ou que a paz entre Deus e o homem pudesse ser desfrutada.

O holocausto é a primeira oferta que aparece em Levítico. Significa consagração total da vida a Deus. Todo o animal era queimado no altar do holocausto, até mesmo suas pernas e entranhas, depois de lavadas. Somente o couro era poupado. Para esse tipo de sacrifício somente serviam animais da melhor qualidade. Representava o melhor da vida dado a Deus. O ritual era bem elaborado. Começando com a apresentação da vítima, até que se chegava ao ponto de ser queimada no altar, passava-se por várias cerimônias que tinham significados bem específicos. Havia significados imediatos nesse sacrifício para o israelita, que podia ser visto em cada passo do ritual e também nas qualificações do animal oferecido.

A oferta de manjares era a única que não era feita com sangue. Era o oferecimento de produtos do solo, acrescidos de sal, incenso e azeite. Podia ser apresentada em forma de flor de farinha, de bolos, ou ainda de espigas verdes. Era queimada no altar do holocausto e, normalmente, apresentada junto com outras ofertas. O ritual era simples. Entregue ao sacerdote, este tirava um punhado da farinha, ou uma parte dos bolos ou grãos, colocava sobre esses produtos azeite e o incenso, e os queimava para o Senhor. O restante lhe pertencia. Fazia parte do sustento provido por Deus para os seus ministros. Tinha também esta oferta significação imediata para o israelita. Falava de sua gratidão a Deus e representava a dedicação do fruto do seu trabalho ao Senhor. Havia lições também nos elementos que compunham a oferta. O sal, por exemplo, representava a indissolubilidade da aliança entre Jeová e o Seu povo. Por outro lado, o fermento não podia ser colocado nessa oferta, porque representava a maldade.

O sacrifício pacífico consistia do oferecimento de animais. O seu ritual era quase o mesmo do holocausto, com uma diferença fundamental no último passo. Enquanto no holocausto todo o animal era queimado, nos sacrifícios pacíficos somente a gordura e alguns órgãos internos o eram. Todo o restante do animal ficava para os sacerdotes e os ofertantes. O ponto alto desse sacrifício era a festa de comunhão, onde o ofertante e seus acompanhantes comiam daquele animal. O fato de uma parte ter sido queimada, outra ser comida pelos sacerdotes e outra pela família e pessoas relacionadas com aquele que oferecera o sacrifício, falava da harmonia perfeita existente entre o ofertante e Deus, entre ele e os seus ministros, sua família e as outras pessoas. Além disso representava também ação de graças por bênçãos recebidas.

O sacrifício pelo pecado era a oferta de expiação. Os três sacrifícios anteriores eram de "cheiro suave". Este não. Aqueles eram feitos para expressar consagração, gratidão, comunhão. Este era exigido por causa de pecados que tinham manchado a pureza do crente. Os motivos que exigiam esse tipo de sacrifício eram mais de natureza cerimonial. Na maioria dos casos eram pecados por ignorância. Isto significava que se uma pessoa entra em contato com a impureza torna-se impura ainda que o tenha feito involuntariamente. Precisava da expiação. O ritual era praticamente o mesmo do holocausto, ainda que havia significação diferente em alguns passos. O ponto alto desse sacrifício era a apresentação do sangue, que, em alguns casos, era levado ao lugar santo e aspergido no altar do incenso. No Dia da Expiação o sangue do sacrifício pelo pecado era levado ao Santo dos Santos e aspergido sobre a arca. A apresentação do sangue significava que uma vida tinha sido tirada em lugar do pecador e que, portanto, ele podia continuar vivendo em comunhão com Deus. A carne do sacrifício pelo pecado nunca era queimada sobre o altar. Ou era comida pelos sacerdotes (que assim levavam sobre si a iniqüidade do pecador), ou queimada fora do arraial (no caso do sangue ter sido levado à tenda). Havia uma graduação de responsabilidades diante de Deus, expressa no fato de que quanto maior a responsabilidade do crente no meio dos seus irmãos, mais caro deveria ser o animal ofertado. De outro lado, a porta da expiação estava aberta para todos, pois para os excessivamente pobres era possível oferecer-se dois pássaros, ou mesmo um pouco de flor de farinha.

A oferta pela culpa é o último tipo de sacrifício apresentado

nesses primeiros sete capítulos de Levítico. É também oferta de expiação. A diferença entre esta e o sacrifício pelo pecado é que, enquanto este último era o tratamento de casos de contaminação cerimonial, o primeiro envolvia condenação por transgressão deliberada. Precisava ser feita quando o homem prejudicava a Deus (usurpando coisas sagradas, como os dízimos, por exemplo), ou quando dava prejuízo ao seu próximo. As exigências, então, eram maiores. Para um acerto com Deus, o pecador tinha de fazer restituição do que tinha sido usurpado, devolvendo-o a Deus ou ao próximo. Devia ainda acrescentar vinte por cento sobre o valor total daquilo, como uma multa. Depois deveria levar o animal para a expiação, pois ainda que tivesse restituído o que usurpou, sua culpa permanecia diante de Deus como um pecado de contaminação. Derramado o sangue do substituto, o pecador era absolvido. Nesse caso não havia variação no tipo e valor do animal a ser apresentado. Era requerido um carneiro. Uma oferta menor não teria valor para esse tipo de culpa. O ritual da oferta era a mesma do sacrifício pelo pecado. Para o israelita essa oferta ensinava o senso de retidão e também que um mal feito ao próximo fere a Deus.

Havia os pecados sem perdão. Eram aqueles que caracterizavam uma atitude atrevida contra Deus e o desprezo por Sua Palavra. Nesse caso não havia prescrição de expiação. O indivíduo devia ser castigado, às vezes com a própria morte. A ênfase não era propriamente no pecado, mas na atitude do indivíduo que o praticava. Por causa de sua rebeldia ele não tinha condições para reconhecer seu erro e muito menos para arrepender-se. Às vezes, uma pessoa temente a Deus poderia incorrer num desses pecados, por falta de vigilância ou por paixão carnal. Voltava-se entretanto para Deus e era perdoado.

NOTAS

1. Não se faz aqui nenhuma distinção entre oferta pelo pecado e oferta pela culpa. Fala-se em oferta pelo pecado em sentido amplo, abrangendo os dois tipos de sacrifícios. Posteriormente trataremos dessa distinção. No momento o que se deseja é acentuar o fato de que antes de serem aceitos como sacerdotes, a questão do pecado em suas vidas precisava ser tratada.

2. Essa oferta não foi prevista nos capítulos onde são descritos os cinco tipos básicos de sacrifícios. Entra aí como um elemento novo, como uma ordem específica para essa cerimônia. O que havia de peculiar com relação a essa oferta é que o sangue do carneiro da consagração era colocado na ponta da orelha direita, no polegar da mão direita

e no polegar do pé direito da pessoa que estava sendo consagrada para o sacerdócio (Lv. 8:23, 24).

3. No capítulo 9, onde se dá o início das ofertas pelo povo, e que poder-se-ia chamar também de consagração do Tabernáculo, a ordem das ofertas é a mesma como aqui.
4. C.H. Mackintosh, *Estudos Sobre o Livro de Levítico* (Lisboa: Depósito de Literatura Cristã, s/ data), pp. 7-8.
5. John Ritchie, *The Tabernacle in The Wilderness* (Kilmarnock, Escócia: John Ritchie Limited, s/ data), p. 37.
6. Robert E. Coleman, *Written in Blood, A Devotional Study of the Blood of Christ* (Old Tappan, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1972), p. 13.
7. *Ibid.*
8. *Ibid.* p. 18.
9. *Ibid.* pp. 18-19.
10. *Ibid.* p. 22.
11. Ryerson M. Turnbull, *Estudando o Livro de Levítico e a Epístola aos Hebreus* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1954), p. 20.
12. Robert E. Coleman, *op. cit.*, p. 22.
13. A. B. Simpson, *Christ in the Tabernacle* (Harrisburg, Pa.: Christian Publications, Inc., s/ data), pp. 38-47.
14. Robert E. Coleman, *op. cit.*, p. 13.
15. Quando o sacrifício era feito por uma só pessoa, somente ela impunha sua mão sobre a cabeça do seu substituto (Lv. 1:4, 4:4); havia sacrifícios em que os anciãos, como representantes do povo, impunham suas mãos sobre o animal (4:15); no Dia da Expiação, o Sumo Sacerdote fazia o ato da imposição das mãos sobre o animal, representando toda a nação (16:21).
16. John Ritchie, *op. cit.*, p. 43.
17. *Ibid.*
18. C. H. Mackintosh, *op. cit.*, p. 20.
19. Frederic Gardiner, "The Commentary on Leviticus", *Commentary on the Holy Scriptures by John Peter Lange*, Ed. Philip Schaff (Grand Rapids 2, Michigan: Zondervan Publishing House, 1876), p. 25.
20. Para discussão extensiva desse assunto, ver. C.F. Keil e F. Delitzch, *Biblical Commentary on the Old Testament*, Vol. II, Pentateuch (Grand Rapids: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1949), pp. 348ss.
21. M. Ryerson Turnbull, *op. cit.*, p. 33.
22. Charles F. Pfeiffer, *The Book of Leviticus* (2a. ed.; Grand Rapids: Baker Book House, 1963), p. 16.
23. Frederic Gardiner, *op. cit.*, p. 32.
24. D. Lys, "Ungir ou Unção", *Vocabulário Bíblico, Ed. Jean Jacques Von Allmen* (São Paulo: Aste, 1963), pp. 332, 333.
25. M. Ryerson Turnbull, *op. cit.*, p. 34.
26. I. M. Haldeman, *The Tabernacle Priesthood and Offerings* (Old Tappan, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, s/ data), p. 332.

27. Charles F. Pfeiffer, *op. cit.*, p. 17.
28. Roberto Jamieson e outros, *Comentário Exegetico y Explicativo de La Biblia*, Tomo I: El Antiguo Testamento (5a. ed.; El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1976), p. 95.
29. Adam Clarke, *Clarke's Commentary*, Vol. I: Genesis to Deuteronomy (Nova Iorque: Lane & Scott, 1851), p. 514.
30. Frederic Gardiner, *op. cit.*, p. 31.
31. M. Ryerson Turnbull, *op. cit.*, p. 35.
32. Frederic Gardiner, *op. cit.*, p. 34.
33. John Ritchie, *op. cit.*, p. 51.
34. Robert E. Coleman, *op. cit.*, p. 55.
35. I. M. Haldeman, *op. cit.*, p. 355.
36. Frederic Gardiner, *op. cit.*, p. 40.
37. *Ibid.*
38. Gerhard Von Rad, *Teologia do Antigo Testamento* (Aste, 1973), p. 254.
39. Oswald T. Allis, "Levítico", *Novo Comentário da Bíblia*, Ed. Russel P. Shedd, Vol. I (São Paulo: Edições Vida Nova, 1972), p. 160.
40. Adam Clarke, *op. cit.*, p. 517.
41. É interessante notar que, no caso de ter sido trazida flor de farinha como oferta pelo pecado, não se podia oferecer com ela azeite ou incenso. "Pois é oferta pelo pecado", é a razão dada. Como tal, nada tinha a ver com a oferta de "cheiro suave", feita com aquele mesmo material, sobre o qual se colocava o azeite e o incenso, e que era oferecida como ações de graças.
42. Posteriormente veremos que havia uma lista de pecados para os quais não havia perdão e que não havia prescrição de sacrifícios para eles.
43. A imposição das mãos já foi discutida quando se tratou do holocausto. Por isso, apenas seu significado é mencionado aqui (pp. 73).
44. O sacerdote tinha acesso à tenda da congregação e ministrava no altar de ouro perante o Senhor. Por isso, o sangue da oferta pelo pecado, feita em seu favor, deveria ser ali apresentada. A nação israelita era uma nação sacerdotal, "um reino sacerdotal" (Ex. 19:6). Em função disto o sangue do sacrifício pelo pecado por essa nação também deveria ser apresentado na tenda da congregação.
45. No caso do sacerdote, o sangue era levado para o interior da tenda, pois ele tinha acesso àquele lugar como ministro de Deus, e a expiação deveria ser feita lá também. O mesmo acontecia no caso de sacrifício pela nação, pelo fato de ser considerada *reino sacerdotal*.
46. Henry H. Soltau, *The Tabernacle: The Priesthood and Offerings* (3a. ed.; Grand Rapids: Kregel Publications, 1976), p. 365.
47. John Ritchie, *op. cit.*, pp. 29-30.
48. I. M. Haldeman, *op. cit.*, p. 346.
49. John Ritchie, *op. cit.*, p. 42.
50. I. M. Haldeman, *op. cit.*, p. 346.
51. Frederic Gardiner, *op. cit.*, p. 52.
52. *Ibid.*
53. John Ritchie, *op. cit.*, p. 37.
54. Frederic Gardiner, *op. cit.*, p. 52.
55. Adam Clarke, *op. cit.*, p. 668.

Capítulo 6

A SEQÜÊNCIA DO CERIMONIAL DO CULTO NO TABERNÁCULO

No livro de Levítico encontra-se a maior parte da programação do culto do Tabernáculo. Há, contudo, algumas partes que só estão registradas em outros livros do Pentateuco, e também ocorrem outros registros que acrescentam informações às que aparecem em Levítico. Assim, tomando-se por base o texto de Levítico (que pode ser considerado como o manual do culto no Tabernáculo), e com o auxílio das informações dos outros livros, procuraremos delinear a seqüência do culto no Tabernáculo.

O Tabernáculo não era um lugar onde se invocava, uma vez ou outra, a presença de Jeová. Era o lugar da Sua habitação (Ex. 24:8; 29:45,46). Deus lhes falava de dentro da tenda (Lv. 1.1). Todos os atos feitos no Tabernáculo eram considerados como feitos a Jeová, pessoalmente, que ali habitava. Quando alguém trazia um animal para o sacrifício, trazia-o ao Senhor (1.2). Ao matar o animal, matava-o "perante o Senhor" (1.5). Ao se espargir o sangue na tenda, era aspergido "perante o Senhor" (4.6). Nadabe e Abiú "trouxeram *fogo estranho perante a face do Senhor*" (10.1). Também "saiu fogo de diante do Senhor, e os consumiu" (10.2). Era, portanto, uma presença real e ativa. Não se pensava, em princípio, em invocá-lO, mas em adorá-lO. A maneira de adorá-lO continuamente fora revelada por Ele mesmo. Era o culto que Lhe era prestado, tanto nos atos diários, como nos semanais e anuais.

Ao se estudar os diferentes sacrifícios feitos no Tabernáculo, pode-se ficar com uma noção fragmentária do que era ali realizado. Isto é, poder-se-ia ter a impressão de que o cerimonial do Tabernáculo era composto de atos isolados de culto. Bem ao contrário disto, o livro de Levítico, e outros do Pentateuco, demonstram que havia um bem unificado sistema de adoração que incluía desde os atos diários de culto da comunidade até as cerimônias semanais, mensais e anuais. Paralelamente aos atos da comunidade, havia os

atos individuais. Era um conjunto, muito bem elaborado, para cada dia e para o ano inteiro.

O CULTO DIÁRIO DA COMUNIDADE ISRAELITA

Os livros de Êxodo e Levítico tornam claro o fato de que Jeová vive no meio do Seu povo. Ele ordenara a construção do Tabernáculo e prometera que iria habitá-lo (Ex. 25:8; 29:45,46). Construído o Tabernáculo, ocorreram nele fenômenos sobrenaturais que evidenciaram Sua presença naquele lugar (Ex. 40:34-38; Lv. 9:23,24; cap. 10). Sua presença, então, é ali celebrada continuamente. Como já se notou, não era o Tabernáculo lugar para invocar o Senhor, e sim, local onde Ele era adorado. O culto diário, do qual havia aspectos que eram contínuos, era a celebração dessa presença constante.

O Holocausto Diário

Cada manhã e cada tarde era oferecido um cordeiro no altar de bronze, como holocausto ao Senhor. É isto o que se diz em Êxodo 29:38,39 e Números 28:3,4:

> *Isto é o que oferecerás sobre o altar: dois cordeiros de um ano cada dia continuamente. Um cordeiro oferecerás pela manhã, e o outro, ao por do sol.*
>
> *Dir-lhes-ás: Esta é a oferta queimada que oferecereis ao Senhor, dia após dia: dois cordeiros de um ano, sem defeito, em contínuo holocausto: um cordeiro oferecerá pela manhã, e o outro ao crepúsculo da tarde.*

Este não era um ato individual de culto, mas era realizado pela nação toda através de seus representantes diante de Deus, os sacerdotes.

Expressão de consagração. Como já vimos, o holocausto era a expressão de consagração total ao Senhor. Feito pela manhã e à tarde, todos os dias, indicava o comprometimento total e geral da nação ao Senhor seu Deus, que viera habitar no meio deles. Ele era o Senhor de suas vidas.

Celebração contínua da presença de Deus. O altar, onde a vítima era queimada, tinha significação profunda. Pelo menos uma

vez ele fora visitado pelo fogo do céu (Lv. 9:24). Havia ordem expressa de que aquele altar ardesse continuamente.

Dá ordem a Arão, e a seus filhos, dizendo: Esta é a lei do holocausto: o holocausto ficará na lareira do altar toda a noite até pela manhã, e nela se manterá aceso o fogo do altar.

O fogo, pois, sempre arderá sobre o altar, não se apagará; mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã, e sobre ele porá em ordem o holocausto e sobre ele queimará a gordura das ofertas pacíficas.

O fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará (Lv. 6:9,12,13).

Assim, o ato de consagração pelo oferecimento do holocausto diário, se entrelaçava com a celebração contínua da presença do Senhor no meio do Seu povo, pelo fogo que não se extinguia no altar do holocausto. De dia e de noite havia fogo ardendo perante o Senhor. Certamente, quando os sacerdotes tinham de fazer a limpeza do altar, tirando dele as cinzas, as brasas que dariam início ao fogo no próximo holocausto eram mantidas acesas.

A presença do Senhor era proteção para o Seu povo. Se de um lado o altar era a expressão da adoração que subia do povo para Deus, de outro lado havia a proteção decorrente da presença de Jeová entre eles. Soltau diz:

O campo de Israel descansava com toda a segurança a noite inteira sob o abrigo do cordeiro oferecido à tarde em holocausto no altar. Eles podiam repousar sem temor, pois havia um aroma agradável subindo para Deus, a favor deles. Havia uma baliza de fogo ardendo diante dos olhos de Deus sob o qual se podia descansar, e nenhum inimigo poderia prevalecer — nenhum poder das trevas poderia fazer-lhes mal, por causa da proteção que lhes era oferecida através daquele sacrifício.[1]

A expiação. Antes do oferecimento dos cordeiros sobre o altar, de manhã e à tarde, havia a cerimônia do derramamento do sangue perante o Senhor (Lv. 1). Isto tinha a ver com a expiação dos pecados da nação. Cada dia era repetido o sacrifício. Isto possibilitava o derramamento constante de sangue. "É o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Lv. 17:11). A fonte da expia-

ção estava continuamente aberta. Por isso, este sacrifício matutino e vespertino era de tão grande importância. Não é de se estranhar, portanto, que Deus tivesse feito promessas tão grandes com relação à oferta diária:

> *Este será o holocausto contínuo por vossas gerações, à porta da tenda da congregação, perante o Senhor, onde vos encontrarei, para falar contigo ali.*
>
> *Ali virei aos filhos de Israel para que por minha glória sejam santificados, e consagrarei a tenda da congregação e o altar; também santificarei a Arão e a seus filhos, para que me oficiem como sacerdotes.*
>
> *E habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei o seu Deus.*
>
> *E saberão que eu sou o Senhor seu Deus, que os tirou da terra do Egito, para habitar no meio deles; eu sou o Senhor seu Deus (Ex. 29:42-46).*

As Ofertas de Manjares

Como parte dos sacrifícios diários, eram oferecidas as ofertas de manjares, que consistiam de uma "décima parte de um efa de flor de farinha... amassada com azeite batido" (Nm. 28:25). Esta oferta era feita também de manhã e à tarde (*cf.* v. 8). Falava especialmente da gratidão a Deus pelo sustento dado ao povo.

As Libações

Ainda como parte das ofertas diárias eram feitas as libações. Tanto de manhã como à tarde, juntamente com o cordeiro e a oferta de manjares, era oferecido "a quarta parte de um him de azeite" (Ex. 29:40). As libações eram feitas como adoração a Deus. Eram um sinal de respeito e de reconhecimento de que o Ser a quem eram oferecidas era realmente divino.

Assim, tanto os holocaustos, como as ofertas de manjares e as libações faziam parte do culto nacional diário a Jeová. Falavam de sua consagração total a Ele, de sua gratidão e de seu louvor.

O Oferecimento Diário do Incenso

Como parte do culto diário, era também queimado incenso

ao Senhor todas as manhãs e todas as tardes. Falando do altar do incenso, que ficava no Lugar Santo, Êxodo 30:7-8 diz:

> *Arão queimará sobre ele o incenso aromático; cada manhã, quando preparar as lâmpadas, o queimará.*
> *Quando ao crepúsculo da tarde acender as lâmpadas, o queimará: será incenso contínuo perante o Senhor pelas vossas gerações.*

O incenso é símbolo de oração. Um tipo de oração que tem muito a ver com louvor e adoração. "Suba à tua presença a minha oração, como incenso, e seja o erguer de minhas mãos como oferenda vespertina" (Sl. 141:2). O oferecimento do incenso cada manhã e cada tarde era a oração, o louvor e a adoração da nação sacerdotal ao Deus de toda a terra. Este Deus habitava bem ali, no Santo dos Santos, a poucos passos do altar de ouro (ou altar do incenso), onde o incenso era queimado.

A Lâmpada Acesa Continuamente

O castiçal, que ficava à esquerda de quem entrava na tenda, fazia também parte do culto diário. Naturalmente, a função primária do castiçal era alumiar o interior do santuário. Esta era a única luz que havia na tenda e fora a provisão de Deus para que seus servos ministrassem sob ela. A ordem do Senhor era que essa lâmpada estivesse "acesa continuamente" (Lv. 24:2). É verdade que o verso seguinte diz que "Arão a conservará em ordem, desde a tarde até pela manhã". Isto daria a entender que o candelabro somente era aceso à noite. Entretanto o fim desse verso acrescenta: "De contínuo perante o Senhor". E o verso quatro dá ênfase nisso. "Sobre o candeeiro de ouro puro conservará em ordem as lâmpadas perante o Senhor continuamente". Sendo que a função principal do candelabro era alumiar o ambiente da tenda para que os sacerdotes ali ministrassem, e relembrando que seu trabalho aí era de dia, a conclusão natural é que o candelabro permanecia aceso de dia e de noite, isto é, continuamente.

O fato de ficar aceso também à noite chama a atenção para uma outra função dessa peça de ouro. Por certo, sua luz brilhando continuamente, era também a celebração da presença constante de Jeová naquele lugar. O candelabro aceso assinalava que o Senhor

ali estava quer estivessem presentes ou ausentes os sacerdotes. Ele viera habitar no Tabernáculo. A luz acesa continuamente testificava esse fato glorioso. E, assim como do lado de fora o fogo da consagração não se podia apagar, do lado de dentro, no Lugar Santo, bem perto do Santo dos Santos, onde estava a arca da aliança, as lâmpadas permaneciam acesas de dia e de noite.[2] Um e outro falavam da presença do Senhor do céu e da terra. Um e outro faziam parte da adoração contínua que a Ele se prestava pela nação que Ele havia escolhido para ser o Seú povo peculiar.

O CULTO SEMANAL

O sábado era o dia de descanso do povo judeu, como estabelecido no quarto mandamento do decálogo. A ênfase quase que total no Pentateuco, com relação a esse dia, era o de cessarem todas as atividades de trabalho feito nos outros seis dias da semana. Não se mencionam assembléias especiais do povo aos sábados, a não ser quando uma das grandes festividades era marcada nesse dia. Todavia, no Tabernáculo havia uma alteração no culto, em dois aspectos, como cerimonial especial do sábado.

As Ofertas Diárias eram Duplicadas

Aos sábados eram oferecidos dois cordeiros pela manhã e dois à tarde, como holocausto. A oferta de manjares e a libação eram também duplicadas. Números 28:9,10 diz:

> *No dia de sábado oferecerá dois cordeiros de um ano, sem defeito e duas décimas de uma efa de flor de farinha, amassada com azeite, em oferta de manjares, e a sua libação; é holocausto de cada sábado, além do holocausto contínuo, e a sua libação.*

A Oferta dos Pães da Proposição

No Lugar Santo, à direita de quem entrava na tenda, havia uma mesa sobre a qual eram colocados doze pães que ficavam diante do Senhor durante os sete dias da semana. Os doze pães eram distribuídos em duas filerias de seis; sobre eles (ou talvez, ao lado deles) eram colocados recipientes com incenso. Eram os pães da proposição (Lv. 24:5-7). Aos sábados esses pães eram substi-

tuídos. "Em cada sábado, Arão o porá em ordem perante o Senhor continuamente" (Lv. 24:8). Os pães que permaneceram os seis dias sobre a mesa, eram comidos pelos sacerdotes no Lugar Santo (v. 9). O incenso que havia sido depositado sobre aqueles pães (ou ao lado deles), e que também ali permanecera os sete dias, era então queimado perante o Senhor, no altar do incenso. Tanto o comer os pães como o queimar o incenso eram atos de culto ao Senhor.

Assim, a substituição dos pães na mesa, o ato de comê-los, a queima do incenso e o oferecimento dos sacrifícios duplos, marcavam a adoração feita no santuário aos sábados.

O CALENDÁRIO LITÚRGICO ANUAL

Além do culto diário e contínuo, e além dos atos especiais que marcavam o culto no sábado, foi feita provisão para que houvesse datas especiais durante o ano, na maioria das quais o povo deveria se ajuntar para adorar o Senhor e ouvir seu ensinamentos. Havia cerimônias específicas para essas ocasiões. Elas podem ser consideradas em dois grupos: as solenidades do início de cada mês e as festividades anuais.

Solenidades para o Início de Cada Mês

Havia solenidades especiais que marcavam o início de cada mês. Eram as festas da lua nova.[3] Mathew Henry diz: "Alguns sugerem que, como o sábado era guardado com vistas à criação do mundo, assim as luas novas eram santificadas relembrando a providência divina".[4]

Em Números 28:11 ordena-se: "Nos princípios dos vossos meses oferecereis, em holocausto ao Senhor, dois novilhos e um carneiro, sete cordeiros de um ano, sem defeito". Nos versos seguintes especificam-se as ofertas de manjares e as libações que deveriam ser oferecidas juntamente com aqueles sacrifícios. Além dos sacrifícios, dos manjares e das libações especiais ordenados para essa ocasião, deveria haver também o toque de trombetas como parte do cerimonial. "Da mesma sorte, no dia da vossa alegria, e nas vossas solenidades, *e nos princípios dos vossos meses*, também tocareis as vossas trombetas sobre os vossos holocaustos, sobre os vossos sacrifícios, e vos serão por lembrança perante vosso Deus: Eu sou o Senhor vosso Deus" (Nm. 10:10).

Assim, Israel reunia-se diante do Senhor, no Tabernáculo, no início de cada mês, para buscar Sua face. Eram oferecidos os holocaustos, as ofertas de manjares e as libações. "Este é o holocausto da lua nova de cada mês, por todos os meses do ano" (Nm. 28:14). Edersheim lembra que

> *É um princípio universal no Velho Testamento que o 'primeiro' vale pelo todo — os primeiros frutos por toda a colheita, o primogênito e as primícias por todo o restante, e que 'se as primícias são santas, a massa também o é'. Por esta razão as ofertas queimadas e a oferta pelo pecado, no começo de cada mês, consagravam-no todo.*[5]

As Festividades Anuais

Havia três períodos no ano em que Israel deveria realizar comemorações especiais diante do Senhor. Estas ocasiões lembravam fatos históricos da nação, a vida espiritual do povo e seus ciclos agrícolas. Estes três períodos são relacionados com a Páscoa, a Festa das Semanas e a dos Tabernáculos. Eram eventos nos quais o povo deveria comparecer diante do Senhor, como diz Warnock:

> *As Escrituras revelam o fato de que houve três períodos festivos no culto de Israel. Agregaram-se outros dias, nos anos posteriores, para comemorar certos eventos; porém, conforme o modelo levítico original, houve três ocasiões durante o ano quando todo o Israel era exortado a observar uma festa religiosa nacional.* [6]

A Páscoa. A Páscoa era a festa nacional em que se comemorava a libertação de Israel de debaixo do jugo egípcio. Realmente teve o seu início quando o povo ainda estava no Egito, e, pela dureza do coração de Faraó, Deus enviou a décima praga: a morte de todos os primogênitos em todas as famílias egípcias. Deus ordenou que as famílias hebraicas sacrificassem um cordeiro e que o seu sangue fosse aspergido nas ombreiras de suas casas. O anjo da morte passaria aquela noite pelo meio do Egito e feriria todos os primogênitos. Entretanto, nos lares onde o sangue fosse visto nas ombreiras das portas, os primogênitos seriam poupados. "Porque o Senhor passará para ferir os egípcios; quando vir, porém, o sangue

na verga da porta e em ambas as ombreiras, passará o Senhor àquela porta, e não permitirá ao destruidor que entre em vossas casas, para vos ferir" (Ex. 12:23). Ficou, portanto, estabelecida a Festa da Páscoa, que deveria ser sempre celebrada, como dizem os versos 24-27:

> *Guardai, pois, isto por estatuto para vós outros e para vossos filhos, para sempre. E, uma vez dentro na terra que o Senhor vos dará, como tem dito, observai este rito. Quando vossos filhos vos perguntarem: Que rito é este? Respondereis: É o sacrifício da páscoa ao Senhor que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas.*

Em estreita relação com a Páscoa estava a Festa dos Pães Asmos. A Páscoa era realizada aos quatorze dias do primeiro mês (Lv. 23:5). Aos quinze dias desse mês começava a Festa dos Pães Asmos que se estendia por sete dias. Durante aqueles dias eram oferecidas ofertas queimadas ao Senhor. Tanto no primeiro dia como no último havia santa convocação (Lv. 23:6-8). Era, portanto, um período de oito dias (contando-se um dia para a Páscoa e sete dias para os Pães Asmos) em que o povo permanecia perante o Senhor. Nesse período não havia qualquer outra atividade a não ser a de caráter devocional.

A Festa das Semanas. Esta festa é também chamada de "Festa da Colheita" e de "Dia das Primícias". Tornou-se conhecida posteriormente como "Pentecostes", por ser celebrada cinqüenta dias a contar do sábado em que era comemorada a Páscoa. Nesse dia eram trazidos ao Senhor dois pães para serem movidos perante Ele. Eram também oferecidos ao Senhor sete cordeiros, um novilho e dois carneiros como oferta queimada; e ainda era oferecido um bode para expiação e dois cordeiros por oferta pacífica (Lv. 23:17-19).

Constituia-se oportunidade para estarem na presença de Jeová, em atitude de ação de graças pela colheita, alegrando-se diante d'Ele e buscando o Seu perdão.

A Festa dos Tabernáculos. A Festa dos Tabernáculos dava-se no sétimo mês, e com ela relacionavam-se dois grandes eventos: o

toque das trombetas e o Dia da Expiação. O toque de trombetas, no primeiro dia desse mês, era o prenúncio de grandes acontecimentos naquele período. Em todo princípio de mês havia o toque de trombetas, mas aqui esse toque se revestia de significado especial. É o que diz Números 29:1: "No primeiro dia do sétimo mês, tereis santa convocação; nenhuma obra servil fareis: ser-vos-á dia do sonido de trombetas". Eram, então, oferecidos sacrifícios especiais ao Senhor como mostram os outros versos desse capítulo.

No dia dez do mês sétimo dava-se o Dia da Expiação, que se revestia de profundo significado para todo o povo (Lv. 23:26-32). Era no Dia da Expiação que se fazia propiciação por todos. Toda a nação reunia-se diante do Senhor para que seus pecados fossem confessados e recebessem a absolvição pelo sangue. Havia duas ordens de sacrifícios. Primeiro, por Arão e sua família, por quem era imolado um novilho por oferta pelo pecado e um carneiro como holocausto (16:3). Segundo, por toda a nação, sendo oferecidos dois bodes como oferta pelo pecado e um carneiro como holocausto (16:5). O sangue do novilho oferecido por Arão e sua casa, e o sangue do bode que era imolado pela nação, era conduzido para dentro do véu e aspergido sobre a tampa da arca para fazer expiação por Arão e sua família e por todo o povo (16:14, 15). Com esse sangue fazia-se expiação também pelo santuário (v. 16). Depois era oferecido o outro bode, do qual os versos 21 e 22 dizem:

> *Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniqüidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados: e os porá sobre a cabeça do bode, e envia-lo-á ao deserto, pela mão dum homem à disposição para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniqüidades deles para terra solitária: e o homem soltará o bode no deserto.*

Falando sobre a significação especial desse dia para os israelitas, Allis diz:

> *É mesmo notável que este era o único dia em que se exigiam sacrifícios excepcionais: afligireis as vossas almas (29ss.; 23,27; Nm. 29:7). Talvez a melhor tradução seja: 'humilhai-vos', já que a arrogância, o orgulho, a auto-suficiência eram desde o início as*

características dos filhos de Israel (cf. Dt. 8:2,3,16 onde se utiliza o mesmo vocábulo), pelos quais muitas vezes foram severamente castigados.[7]

A partir do décimo quinto dia do mês sétimo celebrava-se a Festa dos Tabernáculos. Durante sete dias o povo habitava em tendas feitas de ramos e se alegrava diante do Senhor. Oferecia-se grande número de sacrifícios nessa semana, descritos em Números 29. No dia 15, que era o primeiro dia da festa, ofereciam-se treze novilhos, dois carneiros, quatorze cordeiros e um bode. Nos outros dias o número de carneiros, cordeiros e bodes continuava sendo o mesmo, mas o número de novilhos ia decrescendo até que no sétimo dia eram oferecidos sete novilhos, dois carneiros, quatorze cordeiros e um bode. No oitavo dia era oferecido um novilho, um carneiro, sete cordeiros e um bode. Eram, assim, dias de grandes ofertas para o Senhor e de grande regozijo para o povo.

Com a Festa dos Tabernáculos era concluído o ciclo de cerimônias religiosas anuais. Esse ciclo começava com a Páscoa (no primeiro mês), vindo depois a Festa das Semanas (cinqüenta dias depois da Páscoa) e concluia com os ajuntamentos do sétimo mês. Em todos estes dias Israel deveria preocupar-se somente com Jeová. A expressão "nenhuma obra servil fareis" é repetida inúmeras vezes. O coração e a mente dos filhos de Israel deveriam estar voltados para o Senhor nesses dias; somente para Ele. Não eram dias para negócios, para viagens, para plantar, colher, casar, ou para outra qualquer atividade. Eram dias para o Senhor. Deveriam ficar diante de Jeová adorando-O e aprendendo d'Ele.

OS ATOS INDIVIDUAIS DE CULTO

Algumas cerimônias no Tabernáculo eram realizadas apenas pelos sacerdotes. Ainda que as fizessem por todo o povo, somente eles participavam delas. Isto acontecia com o holocausto diário, o oferecimento do incenso, o acender das lâmpadas, o comer dos pães e outras cerimônias. Também havia as cerimônias das quais o povo participava ativamente, como as solenidades anuais. Mas, além destes dois tipos de cerimônias que compunham o culto no Tabernáculo, havia os atos individuais de culto. Em Levítico encontram-se especificados vários destes atos individuais de culto.

Expiação Individual

Os capítulos quatro a seis de Levítico mostram que havia necessidade de expiação individual sempre que uma pessoa incorresse em algum erro. "Quando alguém pecar por ignorância contra qualquer dos mandamentos do Senhor, por fazer contra algum deles o que não se deve fazer... trará o novilho à porta da tenda da congregação" (Lv. 4:2,4). Esse capítulo quatro fala do possível erro de um sacerdote, ou de um príncipe, ou de uma pessoa do povo. Não importa a posição que a pessoa ocupava; a expiação era necessária para todas elas. O capítulo cinco e parte do seis continuam descrevendo situações em que alguém poderia tornar-se contaminado e então precisaria buscar expiação individual. A prescrição é sempre que a pessoa que pecou vá ao Tabernáculo, leve consigo sua oferta pelo pecado, confesse seu erro. Em alguns casos deveria fazer restituição. Então, pelo derramamento do sangue da vítima substituta, o pecador seria redimido.

Levítico é, portanto, uma afirmação da necessidade de expiação para cada pecado cometido e é também a afirmação da provisão divina para a necessidade humana de expiação. Quando a pessoa se decidia a atender a prescrição para libertar-se da culpa do pecado que pesava sobre ela, ia ao Tabernáculo e realizava aquele ato individual de culto, e voltava purificada.

Purificações Cerimoniais

Havia também as purificações cerimoniais. As mulheres depois do parto, deviam levar ao sacerdote, no Tabernáculo, um cordeiro de um ano por holocausto e um pombinho ou uma rola por oferta pelo pecado (Lv. 12:6). O sacerdote oferecia aquela oferta ao Senhor e ela era purificada (v. 7). Assim também uma pessoa que tivesse sarado de lepra, deveria levar ao Tabernáculo sua oferta para sua purificação (cap. 14). No caso de contato com pessoas que tivessem fluxo, tanto homem como mulher, a pessoa que a tocasse, ou se assentasse onde ela se assentou, ou se deitasse em sua cama, seria considerado imundo até à tarde. Ficaria purificado lavando suas vestes e banhando-se (5:1-12). O portador do fluxo, entretanto, sendo curado, deveria oferecer a oferta ao Senhor no Tabernáculo e assim ficaria purificado (15:13-15). Situações semelhantes são descritas no restante do capítulo quinze.

Estas eram purificações cerimoniais por situações em que a pessoa tornou-se impura, mas que não houve ação pecaminosa propriamente. Contudo, por causa do contato com alguma coisa considerada impura, deveria atender àquilo que foi prescrito para sua purificação.

Holocaustos Oferecidos por Indivíduos

Além do "holocausto contínuo" (Ex. 29:42), e além dos holocaustos dos sábados, das luas novas e das festas anuais (Nm. 28:11-31 e 29), havia os holocaustos individuais. Pelo menos três razões poderiam ensejar os holocaustos individuais. Podiam ser como ação de graças e consagração pessoal, como se diz em Nm. 29:39: "Estas cousas oferecereis ao Senhor nas vossas festas fixas, além dos vossos votos, e das vossas ofertas voluntárias, para os vossos holocaustos, as vossas ofertas de manjares, as vossas libações, e as vossas ofertas pacíficas". Eram oferecidos também por ocasião das purificações individuais; purificação das mulheres depois do parto (Lv. 12:6); pelos nazireus, após contaminação ou ao expirarem seus votos (Nm. 6:11-14); pelo leproso curado (Lv. 14:13,19, 20). Por último, eram oferecidos em ocasiões de consagração: na consagração dos levitas (Nm. 8:12); na consagração dos sacerdotes (9:2,12,14).

Oferta de Manjares

A oferta de manjares era oferecida com os sacrifícios diários (Ex. 29:40-42) e com todos os sacrifícios queimados (Nm. 15: 3-12). Isto significa que ela acompanhava sempre os oferecimentos de holocaustos e que, quando alguém oferecesse um holocausto individual, haveria também de oferecer a oferta de manjares.

Sacrifícios Pacíficos

Os sacrifícios pacíficos eram mais de natureza individual e familiar, segundo está descrito em Levítico 3 e 7:11-21. A família do ofertante, e às vezes outros convidados, comiam a maior parte do animal que fosse oferecido como sacrifício pacífico. Tratava-se quase sempre de uma solenidade de louvor ao Senhor, em que se dava ênfase na comunhão entre o ofertante e Jeová. Às vezes a

comunhão tinha sido rompida e estava sendo restabelecida; outras vezes era simplesmente a afirmação da comunhão existente entre o crente e o Senhor. Era, por assim dizer, uma festa de comunhão entre o adorador, sua família, Jeová e seus representantes, os sacerdotes.

Na consagração dos sacerdotes (Lv. 8:22-32), e no fim do voto do nazireu (Nm. 6:1-14), era também apresentado o sacrifício pacífico como oferta individual.

Os Dízimos

Fazia parte dos atos individuais de culto o oferecimento de todos os dízimos ao Senhor (Lv. 27:30-33).

Os Votos

Os votos particulares também faziam parte dos atos individuais de culto. Era uma maneira pela qual a pessoa poderia consagrar-se a si mesmo ao Senhor, ou um membro de sua família ou alguma coisa que lhe pertencesse. Segundo Allis, estes votos tratam "das ofertas 'santificadas' (*corban*); que não eram levadas à conta de sacrifício, e que podiam abranger pessoas, animais, casas e campos".[8] Como um exemplo do que se deveria fazer com o que era consagrado ao Senhor como um voto, Mathew Henry fala do animal que fazia parte de um voto:

> *Após ser consagrado, não poderia ser usado no serviço comum, nem trocado por outro, com segundas intenções; devia ser oferecido no altar, ou, se por causa de qualquer defeito não pudesse ser assim oferecido, aquele que votou não poderia lançar mão desse argumento para ficar com ele para si mesmo, mas devia entregá-Lo aos sacerdotes para o seu próprio uso (pois eles eram os depositários de Deus), ou deveria ser vendido para que o lucro fosse usado no serviço do santuário.*[9]

Mathew Henry mostra ainda que esta parte da lei tratava de "votos singulares, extraordinários", que não foram estabelecidos como obrigação para o israelita. Naturalmente seriam agradáveis a Deus, desde que estivessem de acordo com os preceitos gerais estabelecidos para esses casos. Não faziam parte do que era obrigató-

rio, mas do que se podia fazer para a honra e glória de Deus. E Mathew Henry acrescenta:

> *'O liberal projeta coisas liberais' (Isaias 32:8), assim os piedosos projetam coisas piedosas, e o coração dilatado alegremente faz coisas extraordinárias no serviço de tão bom Senhor como é Deus. Quando recebemos ou esperamos alguma misericórdia singular é bom honrar a Deus com algum voto singular.*[10]

O israelita podia, portanto, fazer um voto com relação a pessoas (a si mesmo ou outrem — Lv. 27:2); com relação a um animal (v. 8); com relação à sua casa (v. 14); com relação a uma parte de seu campo (v. 16). O que era dedicado ao Senhor deveria ser usado exclusivamente no serviço do Senhor, a não ser que fosse feito resgate por aquilo. Quando, entretanto, o voto era de dedicação irremissível não mais se poderia voltar atrás. "Toda coisa assim consagrada será santíssima ao Senhor" (v. 28). Assim, através dos votos, os israelitas tinham o privilégio de demonstrar sua afeição a Jeová e o seu desejo de consagração total a Ele.

SUMÁRIO

O Tabernáculo era o centro do culto estabelecido em Levítico, para o qual havia um bem elaborado sistema que fazia com que a adoração à Jeová e o convívio com Ele alcançassem os fins propostos. De conformidade com a promessa do Senhor de que, constituído o Tabernáculo, habitaria naquele lugar e, pelas evidências produzidas por fatos sobrenaturais ocorridos naquele templo, realmente o Senhor tinha cumprido sua promessa. Eram os atos de culto ali executados como celebração de Sua presença e de Sua adoração. Por isso não se pensava em invocá-lO, mas em prestar-Lhe culto. Tudo o que se fazia no Tabernáculo era feito "perante o Senhor" e para a Sua glória.

O culto no Tabernáculo incluía cerimônias diárias, semanais, mensais e anuais. Havia cerimônias feitas apenas pelos sacerdotes, ainda que realizadas por toda a nação. Havia outras cerimônias que eram atos individuais de culto prestados pelo israelita ou por ele e sua família. O indivíduo podia trazer um holocausto ao Senhor, como demonstração de sua consagração. Podia trazer a oferta pacífica e a oferta de manjares. Devia buscar expiação pelo san-

gue toda vez que incorresse em algum erro. Os atos de purificação cerimonial traziam o israelita ao templo sempre que necessitasse dessa provisão para libertar-se de contaminações. Os dízimos e os votos eram também possibilidades de expressar sua gratidão e consagração ao Senhor.

No culto diário havia o holocausto contínuo, acompanhado das ofertas de manjares e das libações. Diariamente era oferecido o incenso, de manhã e à tarde. O fogo ardia continuamente no altar do holocausto. O castiçal, aceso de dia e de noite, dentro da tenda, falava da presença permanente do Senhor naquele lugar. Aos sábados havia duplicação dos holocaustos e das outras ofertas. Nesse dia eram trocados os pães da proposição, e os que tinham ficado perante o Senhor durante a semana eram comidos pelos sacerdotes no Lugar Santo. O incenso que ficara sobre estes pães era queimado perante o Senhor. Além dos atos diários de culto e das cerimônias especiais dos sábados, havia também as solenidades mensais e anuais, em que todo o povo tomava parte. Cada início de mês havia a Festa da Lua Nova, com o toque de trombetas e o oferecimento de sacrifícios ao Senhor. Havia três ciclos de grandes solenidades durante o ano: Páscoa, Pentecostes e Festa dos Tabernáculos. "Três vezes no ano todo homem entre ti aparecerá perante o Senhor, Deus de Israel" (Ex. 34:23).

Tudo isso fazia parte do cerimonial do culto do Tabernáculo. Não era um cerimonialismo frio e vazio. Os atos de culto só tinham valor se feitos com consagração ao Senhor. Aquele culto era por vezes o cenário de sinais da presença do sobrenatural. Naqueles quarenta anos de deserto a nuvem do Senhor sempre esteve sobre o Tabernáculo (Ex. 40). Da tenda, o Senhor falava com Moisés (Lv. 1). Atos poderosos, como sair fogo de diante do Senhor para consumir o holocausto sobre o altar de bronze (Lv. 8:24) e a morte de Nadabe e Abiú, por terem oferecido fogo estranho diante de Deus (Lv. 10), são exemplos de que o culto era visitado por sinais do céu.

As confissões dos erros nos sacrifícios pelo pecado, a apresentação dos holocaustos, dos manjares e das ofertas pacíficas, só tinham valor, por certo, se fossem feitas com o desejo real de servir ao Senhor. O nazireado, a consagração dos sacerdotes, os dízimos, os votos particulares, tudo devia falar de uma comunhão viva e alegre com o Senhor de toda a terra. Talvez, olhando para trás, da perspectiva da graça, achemos pesados os fardos do culto no

Tabernáculo. Contudo, deveríamos nos lembrarmos de expressões como a de Números 29:12: "Mas sete dias celebrareis festa ao Senhor". Os dias dessa festa eram de oferecimento de holocaustos, de ofertas de manjares e de libações. Deveríamos olhar para o Deus de Israel não somente como o Deus que fazia grandes demandas do Seu povo, mas como Aquele que o alimentava com o maná, que da rocha tirava água, que o protegia contra seus inimigos, que o ensinava, que o preparava para tomar Canaã e que, por fim, com muitos milagres, o colocou na terra prometida. Esse Deus era, por certo, temido, buscado, amado e adorado. O culto, com todas as suas cerimônias, dava ao israelita essa oportunidade e privilégio.

NOTAS

1. Henry W. Soltau, *The Tabernacle: The Priesthood and the Offerings* (3a. ed.; Grand Rapids: Kregel Publications, 1976), p. 415.
2. Para um estudo pormenorizado do significado da luz do castiçal, ver C. Summer Wemp, *Teaching from the Tabernacle* (Chicago: Moody Press, 1976).
3. Alfredo Edersheim, em seu livro *Festas de Israel* (São Paulo: União Cultural Editora Ltda.), apresenta estudo detalhado sobre as festas da Lua Nova.
4. Mathew Henry, *An Exposition of the Old and New Testament*, Vol. I — Genesis to Deuteronomy (2a. ed.; Londres: James Nisbet and Co., 1866), p. 699.
5. Alfredo Edersheim, *Festas de Israel* (São Paulo: União Cultural Editora Ltda., s/ data), p. 105.
6. George H. Warnock, *La Fiesta de los Tabernaculos* (Pedidos de Cópias a Ricardo Enlow, 426 W. High Street, Springfield, Mo. 65803), p. 6.
7. Oswald T. Allis, "Levítico", *O Novo Comentário da Bíblia,* Vol. I (2a. ed.; São Paulo: Edições Vida Nova, 1972), p. 170.
8. *Ibid.* p. 183.
9. Mathew Henry, *op. cit.*, p. 559.
10. *Ibid.*

Capítulo 7

AS RAZÕES PARA OS ATOS DE CULTO REALIZADOS NO TABERNÁCULO

A Carta aos Hebreus fala do culto no Tabernáculo como figura, sombra e parábola. Nos capítulos 7-10 dessa carta, o autor mostra que o sacerdócio de Cristo é superior ao levítico; que enquanto o levítico teve fim, o de Cristo é eterno; que a Antiga Aliança era símbolo da nova; que os ritos, ofertas e sacrifícios do Tabernáculo eram ineficazes e que o sacrifício de Cristo é eficaz e perfeito. Diz que aqueles sacerdotes ministravam "em figura e sombra das cousas celestes" (8:5); que aquele santuário e o serviço feito ali era "uma parábola para a época presente" (9:9); que o santuário onde ministravam era "figura do verdadeiro" (9:24); que "a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das cousas" (10:1). Por estas declarações conclui-se que Hebreus coloca o Tabernáculo e o que nele se realizava como símbolos das realidades trazidas e cumpridas em Cristo; de que não apresentavam em si mesmo a realidade das coisas, mas apenas a sombra destas. A pergunta é se aqueles atos de culto, como símbolo, como figura, como sombra, como parábola, tinham valor para o homem e para Deus. Haveria razões fortes para que aquele culto se realizasse da maneira como era realizado? Qual a utilidade do cerimonial do Tabernáculo?

A promessa de Deus de que habitaria no Tabernáculo (Ex. 25:8) e sua garantia de que, ao serem feitos os sacrifícios contínuos naquele lugar, Ele encontraria ali os filhos de Israel e falaria ao seu representante (Ex. 29:42), tinham de ser levadas a sério pelos israelitas. Eles conheciam o Deus que o disse. Se alguns não creram no que o Senhor havia prometido, foram surpreendidos pela presença do sobrenatural naquele lugar. Coisas estranhas aconteceram em algumas ocasiões, enquanto adoravam ao Senhor no Tabernáculo (Ex. 40:34-38; Lv. 9:24; 10). Além disso, o Senhor falava com Moisés na tenda (Lv. 1:1). Havia, portanto, base suficiente para se crer que o Senhor havia ordenado a construção do

Tabernáculo e que, de fato, os atos de culto nele realizados eram feitos em Sua presença e com Sua bênção.

Os cristãos, hoje, olhando da perspectiva da Nova Dispensação, crendo que o Velho Testamento é parte da revelação de Deus para o Seu povo, não têm como fugir ao fato de que o culto realizado por muitos anos no Tabernáculo era o cumprimento do propósito de Deus. Negar isso seria negar a própria inspiração do Pentateuco. De fato, cremos naqueles livros como históricos e inspirados, e, portanto, cremos que havia razões fortes da parte do Senhor quando Ele orientou Seu povo a agir daquela maneira. Pensemos nessas razões.

VIVÊNCIA CONSTANTE COM O SENHOR

Por um lado Deus ordenou a construção do Tabernáculo, prometendo que nele habitaria e dando sinais que evidenciavam Sua *presença ali. Por outro lado, ordenou que Seu povo empregasse* boa parte do seu tempo em ajuntamentos naquele lugar. Além do culto que os sacerdotes deveriam realizar diária e constantemente, o próprio povo deveria acercar-se do Tabernáculo diversas vezes durante o ano, em assembléias solenes, e estar diante do Senhor. Afora isso, havia os diversos atos individuais de culto que traziam também as pessoas à presença do Senhor. Tudo isto ensejava vivência constante com Jeová. O que essa vivência poderia produzir?

Uma Consciência da Constante Presença do Senhor no Meio do Seu Povo

Dezenas de vezes aparece em Levítico a expressão "perante o Senhor". O leitor cuidadoso não pode ficar sem se aperceber de que realmente tudo que se fazia no Tabernáculo era feito na presença de Deus. Certamente Deus queria que o povo tivesse consciência de Sua presença perene no meio dele. Israel era uma nação especial. Deveria constituir-se numa bênção para todos os povos da terra. Seria uma nação governada pelo Senhor mesmo. No pacto que havia sido feito, o povo havia concordado em ser o povo de Deus e Este prometera ser o seu Deus. Ele abençoaria Seu povo com toda a sorte de bênçãos, e eles, por sua vez, temeriam a Jeová como o seu único Deus e o obedeceriam em todas as coisas. Por isso mesmo precisavam ter consciência clara de Sua presença em

seu meio, e o Tabernáculo e o culto nele realizado era o meio de despertar essa consciência. "O Santuário de Deus está no meio do povo, para que, prestando culto ali, saibam que se encontram 'perante o Senhor' ".[1]

O Recebimento da Graça de Deus

Mackintosh lembra que Deus falou ao povo no Monte Sinai e que "a sua posição ali imprimiu um caráter particular à comunicação. Do monte saiu 'o fogo da lei' (Dt. 33:2)." Era o Deus Santo exigindo santidade. Agora, construído o Tabernáculo, Deus fala "da tenda da congregação".[2] Mackintosh acrescenta:

> *Ora, o Tabernáculo era o lugar onde Deus habitava em graça... Se tivesse vindo ao meio deles na plena manifestação do caráter revelado no Monte Sinai só podia ser para 'os consumir num momento' como 'povo obstinado' (Ex. 33:5). Porém, retirou-se para dentro do véu — figura da carne de Cristo (Hb. 10:20) e tomou o Seu lugar sobre o propiciatório, onde o sangue da expiação, e não 'o povo obstinado' de Israel, se apresentava à sua vista e satisfazia às exigências de sua natureza... Deus é santo, seja qual for o lugar de onde fala. É santo no Monte Sinai e santo no propiciatório; porém, no primeiro caso a Sua santidade estava ligada a 'um fogo consumidor', enquanto que no segundo estava ligada com paciente graça.*[3]

É verdade que, falando da tenda, Deus revela também santidade e faz ver a Israel que seria impossível haver comunhão entre o imundo e o puro, entre o pecador e o santo. Todas as exigências de sacrifícios expiatórios e todas as purificações cerimoniais revelavam esse fato. Mas, a própria provisão dos sacrifícios remidores e a possibilidade de serem feitas purificações cerimoniais eram revelações da graça de Deus. "A vida da carne está no sangue. Eu vô-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Lv. 17: 11). Isto era graça. Cada vez que um israelita entrava no Tabernáculo carregando o fardo de Seus pecados e ali era redimido pelo sangue, podendo voltar em paz para sua tenda, aumentava a convicção de que o Deus que é justo e que exige santidade é o mesmo que salva o pecador pela provisão do sangue da vítima substituta.

Todos os dias havia matança de animais no Tabernáculo. Era o sacrifício contínuo (Ex. 29:42). Aos sábados esses sacrifícios eram duplicados (Nm. 28:9,10). No princípio de cada mês, isto é, nas luas novas, aumentava mais ainda o número de animais sacrificados (Nm. 28:11,15). Nas festas anuais era, via de regra, grande o número de vítimas oferecidas ao Senhor (Nm. 29). O sangue era assim continuamente derramado para a expiação do povo. Mesmo quando se tratava de holocaustos e ofertas pacíficas, antes da consagração, da comunhão, da alegria, o substituto deveria morrer e o seu sangue ser apresentado ao Senhor.

O Dia da Expiação era a maior revelação desse lado da natureza divina. "No sétimo mês, aos dez do mês, afligireis as vossas almas" (Lv. 16:29). Seria dia de confissão de pecado, de tristeza por causa dos erros cometidos, dia em que afligiriam suas almas diante do Senhor. Toda a nação reunida diante de Jeová estaria revendo suas impurezas, sua falta de retidão, seus crimes individuais e coletivos; toda crueldade, impiedade, malícia, estaria sendo confessada ao Senhor. Mas, após se afligirem e confessarem suas faltas, viria a resposta de Deus. "Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos: e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor" (v. 30).

Até que ponto suas mentes e seus corações podiam penetrar no significado da graça do Senhor seria difícil dizer. Mas, por certo, mesmo os menos iluminados podiam ter uma certa percepção da misericórdia do céu e dos benefícios da graça de Deus.

O Aprendizado da Vontade de Deus

Adorando continuamente a Jeová e estando tantas vezes na Sua presença, dava-se o aprendizado da vontade do Senhor. Essa era outra razão para as cerimônias do Tabernáculo: fazer com que o povo do Senhor conhecesse a vontade do Seu Deus. Em Deuteronômio 5:29 o Senhor expressa o seu grande alvo para o Seu povo: "Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre!" Aquela nação vinha sendo formada a partir de Abraão. Deus revelara-se aos patriarcas e a seus filhos de diferentes maneiras. Haviam passado séculos no Egito, onde, de um lado recebiam influência negativa egípcia, mas de outro lado estavam sendo trabalhados por Deus.

Deus agora os tira com mão forte daquela terra e os faz peregrinar no deserto durante quarenta anos. Esse período seria tempo de preciosa aprendizagem dos caminhos do Senhor. Seriam dias de revelação e de conhecimento da vontade de Deus. Deuteronômio 8 mostra esse propósito de Deus:

> *Recordar-te-ás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos (v. 2).*
>
> *Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que nem só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem (v. 3).*
>
> *Nunca envelheceu a tua veste sobre ti, nem se inchou o teu pé nestes quarenta anos (v. 4).*
>
> *Se te esqueceres do Senhor teu Deus e andares após outros deuses, e os servires, e os adorares, protesto hoje contra vós outros que perecereis (v. 19).*

Deus faz construir o Tabernáculo, promete que habitaria no meio deles, dá sinais de Sua presença ali e, então, os traz constantemente à Sua presença, quer em atos individuais de culto ou em solenidades coletivas, para que pela vivência Seus filhos aprendam Sua vontade.

A Comunicação da Santidade Divina

O tema central de Levítico é santidade. "Eu sou o Senhor vosso Deus: portanto vós vos consagrareis, e sereis santos, porque eu sou santo" (Lv. 11:44). "Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo" (19:2). Estas declarações são reiteradas em Levítico. Todo o livro é uma constante afirmação da santidade divina e da necessidade de serem santos os que com Deus convivem. A ordem para que fossem santos estava fundada no real desejo divino de que expressassem a santidade em suas vidas. "Como Pai Ele sempre deseja que Seus filhos exibam e reproduzam o Seu caráter. Sendo um Deus de amor, não haveria outra opção."[4] Coleman lembra o antigo refrão: "Mostra-me teus deuses e eu te

mostrarei o seu povo".[5] E acrescenta:

Quão verdadeiro! Por exemplo, se adorássemos um deus de violência, como faziam os antigos romanos que adoravam Júpiter, esperaríamos que o povo vivesse uma experiência de violência, pois aquela seria a expressão do deus que estaríamos adorando. Ou se adorássemos um deus de imoralidade, como o fizeram os devotos de Baal e Astarote nas culturas primitivas do Oriente Médio, esperaríamos que o povo levasse uma vida sexual perversa. Aquela seria a espécie de deus que estaríamos adorando. Nunca conseguimos nos colocar acima dos nossos deuses.

Mas o Deus que nós adoramos, o Deus da Bíblia, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é Santo. Ele é tão puro de olhos que não pode ver o mal (Hc. 1:13). Santo, Santo, Santo é o cântico que as hostes celestiais cantam perpetuamente em Sua presença. Tudo em Sua natureza é santo. [6]

Convivendo com o Deus Santo, o povo haveria de absorver a Sua santidade. Isto se daria por dois caminhos:

1. *Separação de toda coisa imunda.* Um destes caminhos seria a separação de todo mal. "Assim separareis os filhos de Israel das suas impurezas, para que não morram nelas, ao contaminar o meu Tabernáculo, que está no meio deles" (Lv. 15:31). E, como prática dessa demanda, Deus deu a Moisés princípios norteadores "para ensinar quando qualquer coisa é limpa ou imunda" (14:57). Esses princípios estão especialmente nos capítulos 11-15 de Levítico. Em todos esses capítulos o ensinamento eminente é que o israelita deve guardar-se incontaminado de tudo o que é fisicamente imundo. Não resta dúvida de que estas leis expressam também conceitos de higiene. Contudo, como lembra Coleman, as ofertas de sangue dos sacrifícios feitos em conexão com as cerimônias de banhos e de lavagens cerimoniais, faziam daqueles ritos "símbolos de uma verdade espiritual mais profunda".[7] Coleman cita o exemplo de pessoas consideradas imundas após terem contato com um corpo morto.

Por causa da mancha do pecado associado com a morte, qualquer um que viesse a ter contato com um cadáver era considerado impuro — aqueles que morassem na casa onde o corpo ja-

zia, aqueles que entrassem na casa, aqueles que atendessem o cerimonial fúnebre, e mesmo os que andassem sobre o túmulo. Não somente se tornavam imundos, mas qualquer coisa que tocasse se tornaria imunda até que a purificação fosse realizada (Nm. 19:11-22; 31:19; Os. 9:4). Havia leis similares relacionadas com pessoas que viessem a ter contato com a lepra (Lv. 14) e outras enfermidades (cap. 15).[8]

2. *Santificação pelo poder da presença do Senhor.* O povo de Israel seria santificado pela presença do Senhor. De um lado estariam separados de todo o mal, e de outro, estariam em comunhão constante com a fonte de todo o bem. O convívio com Jeová, nesse sentido, haveria de levá-los a absorção de Sua santidade. Em Êxodo 29:43, quando Deus ordena o sacrifício contínuo no Tabernáculo, diz-lhes que viria encontrá-los naquele lugar "para que por minha glória sejam santificados". É a infusão do caráter do Pai no íntimo do filho. É o beber das qualidades daquele com quem se convive. Isto se daria através dos contatos constantes, quando o povo se reunia em assembléia solene diante do Senhor ou quando a pessoa viesse, sozinha ou com a família, trazer sua oferta de consagração, de gratidão, de comunhão, ou seu sacrifício pelo pecado. Haveria muitas oportunidades para isso. Deveriam estar diante de Jeová e, em comunhão com Ele, inundados pela Sua glória. Tinham visto pelo menos um exemplo dessa possibilidade. Quando Moisés desceu do monte, após quarenta dias em convívio com Ele, seu rosto brilhava tão intensamente que os filhos de Israel não podiam contemplar aquele que estivera em tão bendita presença (Ex. 34:29-35).

O culto no Tabernáculo era a possibilidade dessa vivência com o Deus de Moisés. Não constava apenas de exigências frias. Não eram apenas demandas de um Deus impessoal e intransigente. Ao contrário disso, era o culto de adoração àquele que se comprometera a vir morar no meio deles e, habitando com eles, transmitir-lhes o Seu próprio caráter.

A Consagração Total a Jeová

A finalidade última de tudo o que fazia no Tabernáculo era a consagração total de Israel ao seu Deus. "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a

tua força" (Dt. 6:5), era o alvo final proposto por Deus mesmo para todos aqueles que O buscavam. Evidentemente se o cerimonial fosse esvaziado de amor seria inaceitável. Não houvesse a consagração do coração ao Senhor e todos os atos de culto seriam meros exercícios religiosos sem qualquer aprovação divina. É como diz Coleman:

> *Provavelmente o maior erro da religião é deixar que o ritualismo tome o lugar da realidade do Espírito que a cerimônia deve representar. A cerimônia externa ajuda a mente e a alma a perceberem a verdade espiritual, mas ela é somente o meio para um fim. Onde isto não é guardado em mente, a forma torna-se idolatria e superstição e a magia impera. Esta foi a tragédia que levou o mundo antigo ao paganismo, e foi um perigo evidente na vida religiosa de Israel, assim como o é em nossa vida hoje.*
>
> *Quando houve abuso dos sacrifícios no judaísmo, os responsáveis foram severamente reprovados e punidos por Deus. Isto incluiu aqueles que encorajaram a superficialidade por causa de sua conduta errada.*[9]

O altar do holocausto, ardendo dia e noite, era a figura exata do que Deus almejava de Seu povo. O alvo era que seus corações estivessem continuamente queimando por Ele. Afinal de contas "que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que invocamos? E que grande nação há, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho?" (Dt. 4:7 e 8).

ENSINAMENTOS BÁSICOS DE GRANDES VERDADES

A saída de Israel do Egito e sua travessia pelo deserto, durante quarenta anos, foi um período da história israelita em que se deram grandes revelações de Deus para o Seu povo. Estas revelações traziam em si preciosas verdades que precisavam ser absorvidas por eles. O culto no Tabernáculo era um meio de ensinar as verdades de Deus a Israel. Era um ensinamento básico de verdades profundas. Assim diz Turnbull:

> *Um fato muito interessante acerca de Levítico é que esse livro apresenta a verdade em quadros, por meio de lições objeti-*

vas. Pode-se dizer que esse livro foi dado à Igreja nos dias em que ela ainda estava no jardim da infância. Os filhos de Israel ainda não haviam alcançado a fase de desenvolvimento mental e espiritual de modo a se tornarem capazes de apreender as grandes verdades espirituais, se estas fossem apresentadas de uma forma abstrata. Eles não poderiam, por exemplo, entender uma Epístola aos Romanos. Esta foi a razão pela qual Deus apresentou estas grandes verdades espirituais por meio de objetos concretos. A verdade estava viva, assim, diante deles. Deus fez a verdade alcançar suas mentes tanto por meio da visão como pelo coração.[10]

Neste "jardim da infância", onde as aulas eram transmitidas por meios "audio-visuais", as bases fundamentais do plano da salvação estão presentes. Levítico ensina a expiação, a propiciação, a redenção, a justificação, a santificação, a consagração. E não se tratava apenas de enriquecimento intelectual. Era mais do que isto. Essas verdades precisavam ser "encarnadas", absorvidas. Precisavam fazer parte da filosofia de vida do povo, de tal maneira que seu comportamento estivesse continuamente influenciado pela revelação que lhes chegava do céu. Vejamos algumas dessas verdades.

O Deus Santo que se Comunica em Termos Pessoais

"Eu sou Santo" (Lv. 11:14) é uma declaração enfática no Livro de Levítico. Esta qualidade do Deus de Israel O distinguia completamente das divindades das outras nações. Deus apresenta-Se como revestido de pureza completa. Por isso, o Tabernáculo, onde Ele habita, e todos os seus utensílios são santos. As ofertas eram santas, o sacerdócio era santo, as festas eram santas, tudo enfim que viesse a ter contato com o Deus Santo era santificado por Sua presença. Este Deus Santo vem, entretanto, habitar no meio do Seu povo. E do meio de Sua santa habitação fala com eles, orientando-os, dirigindo-os, abençoando-os. É o Deus que se revela como Deus pessoal. Não é um ídolo mudo, nem uma força sobrenatural incontrolável e impessoal. É o Deus-Pessoa que vive de contínuo em comunhão com o Seu povo. Esta revelação do Deus Santo, que se comunica pessoalmente com aqueles que O buscam, teria desdobramentos maravilhosos no futuro e haveria de chegar ao ponto da vinda pessoal de Deus para habitar entre os

homens, na encarnação da Segunda Pessoa da Trindade. O culto no Tabernáculo, contudo, já colocava os israelitas em uma dimensão de comunhão com Deus não conhecida por seus antepassados e inteiramente distinta do relacionamento que as nações pagãs tinham com os seus deuses.

Deus é o Sustentador do Seu Povo

Desde que Israel saiu do Egito e começou a peregrinar no deserto, teve a experiência de ser sustentado pelo Senhor. Maná, codornizes, água da rocha, e quantas outras providências ordenadas por Deus a favor deles para dar-lhes o que precisavam. "Estes quarenta anos o Senhor teu Deus esteve contigo; cousa nenhuma te faltou" (Dt. 2:7). O culto no Tabernáculo era um passo a mais nessa revelação de que Jeová é o sustentador da nação. As ofertas de manjares, as primícias trazidas diante do Senhor, os dízimos, deviam ser o reconhecimento de que só é possível ter o pão de cada dia porque Deus está enviando a chuva no tempo certo, está dando as condições propícias para a colheita, está abençoando o rebanho e, enfim, Sua boa mão está distilando as bênçãos sobre o Seu povo. O próprio ano sabático era a expressão de que o sustento da nação dependia de Deus. Era um ano no qual a terra descansaria, isto é, não se faria plantação (Lv. 25:1-7). Contudo, o que fosse colhido no sexto ano daria para o sustento no sétimo e até que viesse a colheita do oitavo ano. Em Levítico 25:18-22 diz-se:

> *Observai os meus estatutos, guardai os meus juízos, e cumpri-os: assim habitareis seguros na terra. A terra dará o seu fruto e comereis a fartar, e nela habitareis seguros. Se disserdes: que comeremos no ano sétimo, visto que não havemos de semear nem colher a nossa messe? Então eu vos darei a minha bênção no sexto ano, para que dê fruto por três anos. No oitavo ano semeareis e comereis a colheita anterior até o ano nono: até que venha a sua messe, comereis da antiga.*

Assim, a nação deveria aprender que Jeová é o sustentador do Seu povo.

O Pecado Impede a Comunhão com o Senhor

O Senhor é Santo e só poderá conviver com Ele quem for santo. Se o homem deixar-se contaminar com o pecado perderá o privilégio da comunhão com Jeová. Essa contaminação poderia ser o resultado de uma ação consciente, em que Deus ou o próximo fosse prejudicado (Lv. 5:14 a 6:7); poderia ser pelo contato inadvertido com alguma coisa impura (5:1-13); ou ainda por um pecado feito por ignorância (cap. 4). Fosse consciente ou inconsciente o ato pecaminoso, fosse por ignorância, fosse apenas contaminação cerimonial, sempre deveria haver purificação. Sempre que o indivíduo estivesse em uma situação de impureza deveria dar os passos prescritos para se purificar. Isto ensinava ao povo que a impureza impede a comunhão com o Deus Santo.

A Necessidade Constante de Expiação e Propiciação

A expiação é elemento central no culto do Tabernáculo. Ela é feita diariamente com a morte do sacrifício contínuo (Ex. 29:42). Ela é feita também todas as vezes que o sangue de um animal é derramado ao lado do altar do holocausto. "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Lv. 17:11). Ela é especialmente notável no Dia da Expiação, quando o Sumo Sacerdote asperge sangue sobre a tampa da arca. Primeiro ele asperge o sangue do novilho que é morto por ele mesmo e pela sua casa (Lv. 16:11). Depois asperge o sangue do bode que é imolado por toda a nação (16:15). A tampa da arca é chamada de KAPORETH. Segundo Davis, "este nome não significa somente uma tampa; tem a idéia de um lugar onde operavam as expiações".[11] A tradução inglesa chama-a de "Mercy-Seat".[12] A LXX traduziu o nome deste lugar por ILASTERION. A Vulgata o traduziu por PROPICIATORIUM. Dentro da arca estavam as tábuas da lei que eram a manifestação da vontade santa de Deus. Cobrir a tampa da arca com o sangue do animal sacrificado era fazer com que o olhar santo de Deus não visse sua santa lei quebrada pelos israelitas, mas visse o sangue do substituto morto pela nação, aspergido sobre o KAPORETH. Como diz Teixeira: "...o propiciatório era a tampa que cobria a arca e o sangue ali aspergido cobria os pecados de quem o oferecia".[13]

Expiação e propiciação podem ser consideradas como lados diferentes da mesma verdade. Expiação seria o ato de "apagar" o

pecado de diante da face de Deus. Propiciação seria o desviar da justa ira de Deus ao Lhe ser apresentado os sinais de que uma vida fora tirada em lugar do pecador. A. G. Herbert diz:

> *A palavra para 'expiação' é KAPHAR, com seus derivados (grego:* hilaskesthai *e seus derivados). Tem sido discutido se KAPHAR denota primariamente uma ação expiatória em direção a Deus ('propiciação') ou em direção à ofensa ('expiação'). Mas ambos os sentidos são bíblicos e são expressos também em outras palavras.*[14]

Assim, não só através de palavras, mas também de atos, os israelitas estavam absorvendo a verdade de que precisavam de expiação por causa de seus pecados. Eram também levados a buscá-la nos atos de culto no Tabernáculo. Assim fazendo, aprendiam ainda a verdade de que não poderiam eles mesmos prover sua própria expiação, mas que precisavam do substituto provido por Deus.

Para se Conviver com Deus é Preciso Ter Uma Vida Santa

A nação israelita estava entrando em contato mais íntimo com o Deus dos Patriarcas. Através dos séculos seus antepassados conheciam a Deus e, de alguma maneira, prestavam-Lhe culto, mas, agora, começavam uma fase de convivência muito mais profunda do que a experimentada até então. E nessa convivência a nação estava aprendendo que o seu Deus é Santo e que exige santidade *completa* daqueles que *com Ele convivem.*

Nesta fase da revelação divina a noção de santificação era apenas inicial. Estava longe da compreensão, por exemplo, do que seria ter a lei de Deus escrita nos corações. Mas, já estavam no início da caminhada que teria seu desdobramento completo no Novo Testamento. Aqui em Levítico recebem lições a respeito de alimentos que não deveriam usar, da abstinência de relações sexuais impuras, das atitudes injustas com relação ao próximo, e outras. Há também ensinamentos sobre as contaminações cerimoniais, para as quais eram prescritos certos atos purificadores. Tudo isso tinha por objetivo levar a nação israelita a uma inteira santificação.

Deus Espera que seu Povo se Consagre Inteiramente a Ele

O Deus Santo que vem habitar no meio de Seu povo e que convive em termos pessoais com ele, é o soberano sobre a nação. Ele a abençoa respondendo a todas as suas necessidades. Por sua vez, o povo escolhido deve tê-Lo como o único Deus (Ex. 20:1-7; Dt. 5:1-11), e deve consagrar-se inteiramente a Ele. Uma nota de rodapé da *Bíblia Vida Nova* sobre Levítico 11:44, diz:

> *É muito significativo para se entender as relações do povo de Israel com Deus, que o motivo para se não comer daqueles alimentos, não era um tabu baseado no medo, mas era um desejo de honrar a Deus, cuja mão era vista na história nacional. A obediência àquelas regras os separava para o serviço de Deus, para assim os tornar o povo santo com quem o Senhor habitava.*[15]

Realmente, o objetivo último de todas as leis e de todos os atos de culto do Tabernáculo, era levar o povo a honrar o seu Deus e a se consagrar inteiramente a Ele. Outra vez aqui, os ensinamentos sobre a consagração eram dados através de lições básicas, como o queimar o holocausto no altar de bronze, ou a dedicação dos pães da proposição, ou as vindas para a adoração nos dias especiais. O fim último era: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força".

RESPOSTA À NECESSIDADE DE PERDÃO E EXPIAÇÃO

O conceito de perdão e expiação não é apenas filosófico, que possa ficar ao nível da mente. É uma verdade existencial, pois o homem sente em seu ser a necessidade de perdão e expiação. Essa necessidade que envolve a natureza humana, pode ser constatada não só em toda a Bíblia, mas também em experiências na história da humanidade. E é uma necessidade que aumenta à proporção que o ser humano tem maior conhecimento da santidade de Deus e das exigências que a Sua natureza pura faz de suas criaturas.

O Deus que se revela aos israelitas no deserto é extremamente santo e separado de toda a impureza, injustiça e iniqüidade. Seus mandamentos, suas ordenanças, são a expressão de Sua natureza infinitamente reta. O povo a quem Deus se revela é um povo propenso ao pecado. Muitas ocorrências naqueles anos de deserto demonstraram essa lastimável verdade. Como decorrência desse distanciamento entre o caráter santo de Deus e a corrupção dos

filhos de Israel havia a necessidade de perdão e expiação. Evidentemente, precisavam de alguma coisa palpável sobre a qual pudessem basear sua fé de que haveria perdão e expiação e que, após os terem recebido, lhes desse consciência de que realmente estavam perdoados e livres da condenação. Entretanto, o israelita teria resposta para essa sua necessidade no culto do Tabernáculo? Outra vez aqui temos de verificar se os atos prescritos para aquele culto, em Levítico, são apenas simbólicos ou se tinham valor real para os que eram da Antiga Dispensação.

A Busca de Perdão e Expiação era Valorizada pelas Atitudes Positivas do Israelita

Não se pode imaginar os atos do culto no Tabernáculo como formalidades vazias e sem expressão espiritual. O Deus que as ordenou era o Deus presente que respondia em graça ao Seu povo quando este O buscava de todo o coração. Entre os atos do culto, sobressai a expiação, com o oferecimento constante de vítimas ao Senhor. Teria aquele derramamento de sangue valor real para o israelita que o oferecia? Ao se refletir sobre as atitudes exigidas do ofertante, pode-se perceber que realmente não se tratava de um ato puramente cerimonial e que havia valor prático e atual para o israelita no sangue de seu substituto morto no Tabernáculo.

Fé na Palavra de Deus. O ato de levar um cordeiro ao Tabernáculo, para ser oferecido como sacrifício pelo pecado, envolvia fé na Palavra de Deus. Deus havia dito que "se alguma pessoa pecar e fizer contra algum de todos os mandamentos do Senhor aquilo que não se deve fazer... do rebanho trará ao sacerdote um carneiro sem defeito... e o sacerdote por ela fará expiação... e lhe será perdoado" (Lv. 5:17-18). "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Lv. 17:11). Seria possível duvidar da promessa do Senhor. Poder-se-ia questionar o valor de se matar um carneiro em lugar do pecador. Poder-se-ia levantar interrogações a respeito da possibilidade daquele derramamento de sangue fazer expiação pelo pecado. Mas, havia também a possibilidade de se crer na promessa divina. Por certo, aqueles que iam ao Tabernáculo com seu animal para ser sacrificado haviam crido na Palavra de Deus. E essa fé na Palavra

de Deus era fator positivo na recepção afetiva do perdão e da expiação.

Aceitação da culpa. Procurar o perdão e a expiação evidenciava a aceitação da culpa. Em todo o livro de Levítico acham-se ensinamentos a respeito de situações que poderiam tornar culpada uma pessoa. Quando um israelita incorria em um desses deslizes, ou era envolvido em uma impureza cerimonial, ele sabia que a lei O declarava culpado, ainda que ele tivesse pecado por ignorância (Lv. 4:2). Ele aceitaria a declaração da lei? Sentir-se-ia culpado? A busca de Deus para a sua purificação era a evidência de que havia aceitado sua culpa e se sentia necessitado de perdão e expiação. Evidentemente, isto também era fato positivo no recebimento daquilo que ele buscava.

Confissão do pecado. Na busca do perdão e da expiação, havia mais um fator que valorizava a cerimônia expiatória feita no Tabernáculo. Era a confissão do pecado. "Será, pois, que, sendo culpado numa destas coisas, confessará aquilo em que pecou" (Lv. 5:5). O ato da imposição da mão sobre a cabeça do animal que ia morrer em lugar do culpado, envolvia confissão do pecado e transferência da culpa para o substituto, como em Levítico 16:21. Essa confissão, feita em sinceridade, não poderia ser menosprezada por Deus.

Restituição. Quando o pecado envolvia fraude, fosse concernente às coisas sagradas ou com relação à propriedade alheia, antes de qualquer ato cerimonial o pecador deveria fazer restituição (Lv. 5:16; 6:4-5). Além da restituição do valor total do que foi usurpado, dever-se-ia acrescentar vinte por cento de multa sobre aquele valor (Lv. 6:5; Nm. 5:7). Obedecer essa lei envolvia plena disposição de estar em harmonia com o Senhor. Além de tudo, isto envolvia humilhação por parte do transgressor diante dos homens e diante de Deus. Não se pode duvidar que essa atitude dava valor ao ato cerimonial da morte do substituto no Tabernáculo pela qual o pecador era perdoado e suas culpas expiadas.

A Morte Futura de Jesus Cristo Dava Validade à Expiação Feita no Tabernáculo

Deve-se reconhecer que todos os fatores positivos, antes descritos, relacionados com os sacrifícios expiatórios do Tabernáculo, não eram suficientes para torná-los eficazes como meio de se apagarem as culpas. Eles certamente valorizavam aqueles sacrifícios e, refletindo sobre eles, não se pode concluir que aquelas cerimônias fossem apenas simbólicas. Contudo, para que a expiação feita no Tabernáculo se tornasse válida para a alma humana, e realmente fosse aceita como eficaz perante Deus, era preciso que estivesse fundamentada no sacrifício perfeito de Jesus Cristo. Keil e Delitzch, falando sobre a dificuldade em se "atribuir ao sangue do animal sacrificial uma significação que ele não poderia naturalmente ter", diz que: "Isto foi feito com antecipação do verdadeiro e perfeito sacrifício que Cristo, o Filho do Homem e Filho de Deus, ofereceria na plenitude dos tempos (Hb. IX:14)... Isto estava escondido dos israelitas na lei mas formava o 'background' real para a sanção divina dos sacrifícios de animais".[16]

Para Teixeira, Cristo já exercia seu ofício de sacerdote no Tabernáculo. Ele assevera:

> *Do que fica dito é evidente que Cristo exerceu o seu ofício de sacerdote não só no seu estado de humilhação e exaltação, como ensinam os nossos símbolos, mas também antes de se encarnar. Os sacerdotes e suas obras sacrificiais não eram apenas sombras ou símbolos dos bens futuros, mas verdadeiros sacramentos ou antecipações desses bens. As promessas de Deus envolvidas naquelas cerimônias foram suficientes para gerar a fé, a conversão e a santificação que tiveram os crentes do Velho Testamento. Além disso, a declaração de que Cristo foi crucificado antes da fundação do mundo revela que a graça redentora de Deus acompanhou a humanidade desde a sua queda, beneficiando-a mesmo antes de ser conhecida, como acontece com a esmola da mão direita ignorada pela esquerda. Assim como o ofício de profeta foi exercido de muitos modos pelo Filho antes que Ele viesse falar pessoalmente, o mesmo também se deu com o seu ofício de sacerdote. Todavia, a expiação dos pecados, eternamente pré-determinada, só teve a realização histórica quando, no seu estado de humilhação, Cristo sacrificou-se como substi-*

tuto dos pecadores e quando, no seu estado de exaltação, entrou no céu para interceder por eles.[17]

Não há dúvida de que se tratava de um sacrifício imperfeito e apenas um expediente temporário. Apesar disso, tinha o seu valor prático e atual para aqueles que deles participavam. E, como lembram Keil e Delitzch:

Nós temos de nos apropriar do sacrifício de Cristo em fé, morrendo espiritualmente com Cristo, e ressuscitando com Ele para uma nova vida em Deus. Era o mesmo com os sacrifícios do V.T.. Os israelitas, confiando na Palavra de Deus, recebiam e empregavam pela fé os meios de graça que lhes eram oferecidos nos sacrifícios de animais.[18]

Até que ponto o israelita podia entender a fraqueza de seu sistema sacrificial é difícil dizer. Mas, certamente, quanto maior revelação tivesse ele da imperfeição de suas cerimônias, mais estaria predisposto a olhar para a frente e esperar o verdadeiro "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

SUMÁRIO

A Carta aos Hebreus apresenta os atos de culto realizados no Tabernáculo como símbolo, figura, sombra e parábola. Temos verificado que embora assim o fosse, aquele culto tinha valor real para aqueles que dele participavam. Deus ordenou a construção do Tabernáculo, prometeu que viria habitar nele e deu mostras, posteriormente, de que de fato cumprira sua promessa. Portanto, os atos feitos no Tabernáculo eram realizados diante do Senhor.

Deus tinha fortes razões para ordenar aquela construção e o culto que ali se realizava. Através daquele culto o israelita era levado a uma vivência constante com o Senhor. Essa vivência continuada com Deus produzia no adorador uma consciência da constante presença do Senhor no meio do Seu povo; levava-o ao recebimento da graça de Deus; promovia o aprendizado da vontade de Deus; havia comunicação da santidade divina; devia levar também a uma total consagração a Jeová. Além da vivência constante com Jeová, o culto no Tabernáculo promovia o ensinamento de grandes verdades. Esse ensinamento era básico. Era como o começar a ca-

minhar nas coisas de Deus. Contudo, verdades extremamente profundas estavam sendo transmitidas. Entre elas pode-se destacar: Deus é santo e comunica-se em termos pessoais com o Seu povo; Deus é o sustentador do Seu povo; o pecado impede a comunhão com Deus; há necessidade constante de expiação e propiciação; para se conviver com Deus é preciso ter uma vida santa; Deus espera que Seu povo se consagre inteiramente a Ele. Mas, além disso, o culto no Tabernáculo oferecia resposta à necessidade de perdão e de expiação que evidentemente o israelita tinha. É verdade que os sacrifícios expiatórios feitos no Tabernáculo não tinham eficácia em si mesmos para promover a expiação. Entretanto, certas atitudes exigidas daqueles que iam buscar o perdão e a expiação naqueles sacrifícios, os valorizavam. Essa pessoa precisava ter fé na Palavra de Deus; tinha de estar numa condição de aceitação de sua culpa; devia confessar o seu pecado; em certos casos tinha de fazer restituição daquilo que houvesse usurpado de Deus ou do próximo, antes de poder participar da cerimônia da expiação. Todas essas atitudes valorizavam aqueles sacrifícios expiatórios. Deve-se reconhecer entretanto que, apesar de valorizados por aquelas atitudes positivas assumidas pelos israelitas, os sacrifícios em si mesmos eram ineficazes. Contudo, havia alguma coisa que lhes dava validade. Era o sacrifício perfeito de Jesus Cristo. Assim, como o Filho de Deus exerceu seu ministério profético de muitas maneiras no Velho Testamento, exerceu também o seu ministério sacerdotal por antecipação. Ele é o "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1:29) e Ele é o "Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo" (Ap. 13:8). Sua graça era recebida no tempo da Antiga Dispensação pela fé nas promessas de Deus.

Assim, o cerimonial do culto no Tabernáculo não era um ritualismo frio e ineficaz. Ao contrário, era de extraordinário valor para todos aqueles que dele participavam crendo realmente nas promessas de Deus e com o coração banhado de amor e consagração ao Deus de Israel. Muitos, por certo, tinham sua visão obscurecida e pouco podiam perceber das realidades espirituais ali presentes. Outros tinham maior visão das coisas de Deus e estavam mais preparados para desfrutar da presença do Senhor naquele lugar. Todos, entretanto, podiam receber de Sua abundante graça sempre presente.

NOTAS

1. Oswald T. Allis, "Levítico", *O Novo Comentário da Bíblia*, Vol. I (2a. ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1972), p. 156.
2. C. H. Mackintosh, *Estudos sobre o Livro de Levítico* (Lisboa: Depósitos de Literatura Cristã, s/data), pp. 5 e 6.
3. Ibid.
4. Robert E. Coleman, *Written in Blood, A Devotional Study of the Blood of Christ* (Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1972), p. 40.
5. *ibid.*
6. *Ibid.* p. 39.
7. *Ibid.* p. 41.
8. *Ibid.* pp. 40-41.
9. *Ibid.* pp. 56-57.
10. M. Ryerson Turnbull, *op. cit.*, p. 14.
11. John D. Davis, *Dicionário da Bíblia* (2a. ed.; Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965), p. 488.
12. "Lugar de Misericórdia". Este é "o nome que Tyndale adotou de Lutero" (John P. Davis, *Dicionário da Bíblia* (2a. ed.; Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965), p. 488.
13. Alfredo Borges Teixeira, *Dogmática Evangélica* (São Paulo: Atena Editora, 1958), p. 207.
14. A. G. Herbert, "Atonement", *A Theological Book of the Bible*, ed. Alan Richardson (6a. ed.; Londres: SCM Press Ltd., 1957), pp. 25-26.
15. Russel P. Shedd, ed., *A Bíblia Vida Nova* (São Paulo: S. R. Edições Vida Nova, 1976), p. 122.
16. C. F. Keil e F. Delitzch, *Biblical Commentary on the Old Testament*, Vol. II: The Pentateuch. (Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Company, 1949), p. 276.
17. Alfredo Borges Teixeira, op. cit.
18. C. F. Keil e F. Delitzch, *op cit.*

Capítulo 8

O CULTO NO TABERNÁCULO TEM SEU CUMPRIMENTO NA PESSOA E NA OBRA DE CRISTO

"O Tabernáculo é o maior de todos os tipos de Cristo no Velho Testamento. Todo ele era uma grande lição objetiva da verdade espiritual", diz Simpson em seu livro *Christ in the Tabernacle* (Cristo no Tabernáculo). E acrescenta:

> *Em seu maravilhoso mobiliário, sacerdócio, culto, nós vemos, com um brilho não encontrado em qualquer outro lugar, a glória e graça de Jesus, e os privilégios do Seu povo redimido. E, como podemos entender melhor a futura construção, observando o projeto feito pelo arquiteto; sim, podemos entende-la melhor dessa maneira do que olhando o prédio sem ver a planta; assim, neste padrão dado no monte, podemos entender como em nenhum outro lugar, aquele glorioso templo do qual Cristo é a pedra de esquina...*[1]

Não é outra a conclusão a que se chega quando se analisa o Tabernáculo e seu culto. Pode-se ver naquele majestoso templo, e nos atos de culto que nele se realizavam, um magnífico esboço da vida e obra de Jesus Cristo. Naquele tempo e sob tais circunstâncias os filhos de Deus adoravam o Senhor e O buscavam na revelação do Tabernáculo. Em sua comunhão com o Pai recebiam a graça do perdão, da expiação, da santificação. "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho" (Gl. 4:4). "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênio do Pai" (Jo.1:14).[2] Sua vinda cumpriu cabalmente todo o plano de Deus para a salvação dos homens. Assim, colocava o Seu selo sobre tudo o que tinha sido feito antes, como parte do plano redentor da humanidade, e consumava a obra da redenção, como diz-se em Hebreus 10:26: "... agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas,

para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado".

O REDENTOR PROMETIDO NO VELHO TESTAMENTO

Quando Adão e Eva permitiram que seus corações dessem maior crédito aos enganos do maligno do que às palavras de Deus, e incorreram em desobediência, caíram de seu estado de santidade para o estado de pecado. Diante da situação de rebeldia dos pais da humanidade, manifestam-se dois lados da natureza divina. Por um lado a justiça de Deus faz com que a sentença de morte seja cumprida sobre eles e sejam expulsos do Éden (Gn. 3:19,23). Por outro lado, a graça de Deus promete um redentor (3:15). O ato subseqüente, em que Deus faz morrer animais para que de suas peles sejam vestidos os dois pecadores (3:21), pode ser visto como o primeiro tipo de obra que Aquele que feriria a cabeça da serpente haveria de fazer por toda a humanidade. Ele haveria de prover a capa da graça salvadora de Deus para todos os que, com fé, a Ele se achegassem.

À medida que se desdobra a história da humanidade, novas revelações são dadas a respeito do Salvador. E, nessa sucessão de revelações e profecias, Ele recebe diferentes nomes e é apresentado por diferentes tipos.[3] Ele pode ser visto no carneiro que Deus deu a Abraão para ser sacrificado em lugar de seu filho Isaque (Gn. 22: 11-14).[4] Era certamente, apenas uma sombra vaga para alguns naquele período do Velho Testamento. Para outros era um pouco mais real. Ele é o Siló a quem os povos obedecerão (Gn. 49:10). Pode ser visto na serpente abrasadora no deserto (Nm. 21:6-9). É a estrela que "procederá de Jacó" e o cetro que de "Israel subirá" (Nm. 24:17). É o profeta semelhante a Moisés (Dt. 18:18). Seria "sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl. 110:4). Seria a pedra rejeitada mas que se tornaria "a principal pedra, angular" (Sl. 118:22). Ele é o Renovo do Senhor (Is.4:2). É o Emanuel (Is. 7:14). Ele é "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz" (Is.9:6). É a Raiz de Jessé (Is. 11:10). É o Rei que haveria de reinar com justiça (Is. 32:1). É o Renovo justo (Jr. 23:5). Ele é também o homem de dores cujos sofrimentos vicários são descritos em Isaías 53:

Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os

homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso (v. 3).

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido (v. 4).

... o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados (v. 5).

... o Senhor fez caír sobre ele a iniqüidade de nós todos (v. 6).

Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca (v. 7).

Esse "homem de dores", descrito por Isaías, é o que mais se identifica com os sacrifícios do culto no Tabernáculo. Ele é retratado pelo cordeiro, o bode ou o novilho, que são trazidos ao altar de bronze e ali sacrificados em substituição a um indivíduo ou por toda a nação. Naqueles sacrifícios apresenta-se um quadro bem real do que seria a morte do Redentor que haveria de esmagar a cabeça da serpente, mas que, por outro lado, seria ferido por ela em seu calcanhar (Gn. 3:15).

A MORTE DE CRISTO É O SACRIFÍCIO PERFEITO

Ao mesmo tempo que Deus ordenou os atos sacrificiais do culto do Tabernáculo, Ele revelou a muitos dos seus servos na Velha Dispensação que haveria de ser enviado Aquele que seria o Redentor perfeito. Assim, quanto maior a intimidade que os servos de Deus do Velho Testamento tivessem com Ele, e quanto maior fosse o seu discernimento, mais necessidade sentiam de expiação. E, à medida que reconhecessem a fraqueza dos sacrifícios que ofereciam a Deus, maior deveria ser sua expectativa pela redenção perfeita. De um lado as atitudes de fé, de reconhecimento do pecado, de confissão, de restituição e de disposição em aceitar a provisão de Deus para a sua expiação, valorizavam os sacrifícios que apresentavam. Por outro lado, o fato de ser Cristo o "Cordeiro morto desde a fundação do mundo" (Ap. 13:8), fazia com que Seu sacrifício futuro fosse contado a favor dos que criam, no período do Velho Testamento.[5] Contudo, os sacrifícios em si mesmos não tinham a possibilidade de tirar pecados, como o declara Hebreus 10:1-4. Faltava ao sangue dos animais o valor expiatório do san-

gue de Jesus Cristo. Por isto mesmo eles precisavam ser feitos todos os dias. Falando sobre isso, Coleman faz uma alusão ao número de sacrifícios oferecidos pelos judeus no período que vai de Moisés a Cristo.

> *Os sacrifícios públicos oficiais prescritos pela lei alcançavam o número de 1.273 por ano (Nm. 28:1-29; 39). Se isto fosse observado regularmente, a quantidade de animais oferecidos de Moisés a Cristo alcançaria quase 2.000.000, sem contar os inumeráveis milhões de ofertas individuais e sacrifícios públicos adicionais. Embora os sacrifícios tenham sido usualmente negligenciados durante os períodos de indiferença religiosa — que foram freqüentes — ainda assim é incrível o número de animais sacrificados nas cerimônias dos judeus.* [6]

Eram sacrifícios que tinham de ser repetidos continuamente, dia após dia, ano após ano. Aqueles sacrifícios não eram destituídos de significado. Eram valorizados pelas disposições íntimas dos crentes e por causa do efeito que o sacrifício futuro de Cristo projetava sobre eles. Contudo, faltava-lhes, em si mesmos, a eficácia que teria e teve a morte expiatória do Cordeiro Perfeito.

JESUS CRISTO É A REALIZAÇÃO PLENA DO SIGNIFICADO DAS OFERTAS DO TABERNÁCULO

João Batista, que se situou no limiar da transição entre o Velho e o Novo Testamentos, apresentou Jesus Cristo como o Cordeiro de Deus (Jo. 1:14). Sem dúvida, há nessa apresentação um paralelismo entre os sacrifícios do V.T. e a Sua morte vicária. Logo depois, Jesus mesmo predisse o derramamento de Seu sangue como sacrifício remidor. Ele disse que

> *Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo. 3:14-16).*

Disse que o Filho do Homem veio "para dar a sua vida em

resgate de muitos" (Mt. 20:28). E falou claramente do Seu sangue remidor, quando passava o copo de vinho, na ceia, aos apóstolos. "Porque isto é o meu sangue, o sangue na nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados" (Mt. 26:28). Mais tarde, os apóstolos escreveram sobre Sua morte redentora mostrando que Ele morreu sacrificialmente. Em todo o Novo Testamento encontramos a idéia de redenção, de sermos comprados, de sermos libertados pelo Seu sangue (At. 20:28; Rm. 3:24,25; Ef. 1:7; I Pe. 1:19; Ap. 1:5). Somos justificados pelo Seu sangue (Rm. 5:9). Somos purificados pelo sangue (I Jo. 1:7). Ele "se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave" (Ef. 5:2). O apóstolo Pedro diz que Ele carregou "em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados" (I Pe. 2:24). Ele provou a morte por todos os homens (Hb. 2:9). Como diz Warfield: "A teologia dos escritores do Novo Testamento é uma teologia distintamente do sangue".[7]

Hebreus é a interpretação cristã do Tabernáculo e seu culto. Procura, de modo incisivo, mostrar que o Tabernáculo e o culto que ali Se realizava eram "sombra dos bens futuros" (Hb. 10:1); que o sacerdócio arônico cumpre-se no sacerdócio perfeito de Cristo (Hb. 7:20-28); e que os sacrifícios do V.T. foram substituídos pelo sacrifício perfeito de Jesus Cristo (Hb. 9).

Portanto, Jesus Cristo é apresentado pelos escritores do Novo Testamento como o Cordeiro de Deus e como a redenção perfeita. Seu sangue é sangue remidor. Sua obra expiatória é a consumação do plano redentor de Deus. Assim, n'Ele se cumprem todas as profecias messiânicas do V.T., tenham sido expressas por parábolas, figuras, símbolos, ou de alguma outra maneira.

Dentro dos limites deste trabalho, que é uma análise do culto no Tabernáculo, vejamos como se cumprem em Jesus Cristo os sacrifícios que eram apresentados a Deus naquele culto. Fazendo isso, estejamos alertas para a diversidade de significados do sacrifício de Jesus Cristo. Cada sacrifício feito no Tabernáculo apresentava um ou mais ângulos de Sua obra. É como diz Mackintosh:

> *Postas em contraste umas com as outras, as ofertas adquirem mais relevo. Consideradas em conjunto dão-nos uma visão completa de Cristo. São como espelhos dispostos de tal maneira que reflitam, sobre diferentes aspectos, a imagem do verdadeiro e único sacrifício perfeito. Nenhuma figura por si só pode repre-*

sentá-lo em toda a sua plenitude. É necessário contemplá-lo na vida e na morte como Homem e como Vítima em relação com Deus e conosco; e é assim que no-Lo apresentam os sacrifícios de Levítico.[8]

Conforme pensa Ritchie, "vistas juntas, elas nos apresentam em tipo a oferta perfeita de Cristo; vistas separadamente, apresentam cinco diferentes aspectos daquela oferta que responde às várias necessidades do povo de Deus, em seu acesso a Deus, sua comunhão e sua adoração".[9]

Jesus Cristo é o Cumprimento do Holocausto

O holocausto é a primeira oferta descrita em Levítico (cap. 1). Era apresentada todos os dias, de manhã e à tarde, como "holocausto contínuo" (Ex. 29:42). Era apresentado também nas luas novas e nas festividades anuais (Nm. 28 e 29). E fazia parte de diversas cerimônias de purificação. Jesus Cristo cumpre de modo total o significado do holocausto.

Ele se oferece voluntariamente ao Pai. Já se mostrou no capítulo cinco, ao se tratar dessa oferta, que ela era uma oferta voluntária. Ainda que prescrita para certas ocasiões e, por conseguinte, era apresentada como exigência para o culto, tinha contudo sentido de oferta voluntária, por causa do próprio significado do sacrifício. O texto de Levítico faz uma interessante distinção entre a espontaneidade do holocausto e a obrigatoriedade da oferta pelo pecado. Sobre o holocausto declara-se: "Quando algum de vós trouxer oferta ao Senhor..." (Lv. 1:2). Era oferta voluntária que podia ser trazida ou não. Mas, em se tratando da oferta pelo pecado, o texto diz claramente: "Quando alguém pecar... trará o novilho à porta da tenda da congregação" (Lv. 4:2-4). Era obrigatória. Necessariamente deveria ser trazido o sacrifício pelo pecado para que o pecador recebesse o perdão e a expiação.

Entretanto, era imperfeita a espontaneidade daquele holocausto, a partir da própria vítima. Ela, como ser irracional, não tinha possibilidade de escolha. Era trazida ao altar sem que pudesse expressar ato decisório. A voluntariedade do sacrifício era aceita por causa da disposição íntima do ofertante. Mas, mesmo essa disposição íntima do ofertante era prejudicada pela imperfeição humana.

Jesus Cristo, entretanto, é o Holocausto Perfeito. Ele entrega-se ao sacrifício voluntariamente. Ele mesmo disse: "Por isto o Pai me ama porque eu dou a minha vida... ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou" (Jo. 10:17,18). Ele "se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave (Ef. 5:2). "A si mesmo se ofereceu" (Hb. 9:14). Sua morte na cruz não é descrita como o efeito de uma ação dos homens sobre Ele, nem como a vitória da morte sobre sua vida. Os Evangelhos a descrevem como a ação voluntária d'Ele. "E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito" (Mt. 27:50). "Mas Jesus, dando um grande brado, expirou" (Mc. 15:37). "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E dito isto expirou" (Lc. 23:46). "Está consumado! E inclinando a cabeça, rendeu o espírito" (Jo. 19:30). Ninguém arrebatou Seu espírito, nem a morte e nem Satanás. Ele o entregou. Ninguém tirou Sua vida. Ele, de sua vontade, a deu.

Pode-se imaginar o novilho preso ao altar escoiceando e reagindo. Pode-se pensar nos dois malfeitores reagindo violentamente para não serem pregados na cruz. Quanto esforço teria sido empregado pelos soldados para pregá-los em suas cruzes e para mantê-los ali. Mas não se pode imaginar Jesus Cristo tentando tirar o Seu braço e afastar a mão para não ser pregada. Não se pode imaginar que qualquer pessoa tivesse de segurá-lO para que outros o pregassem. Ele era o Holocausto voluntário.

Ele é a Vítima Perfeita. Ser sem defeito era uma das qualificações exigidas de um animal que fosse oferecido em holocausto. "Se a sua oferta for holocausto de gado, trará macho sem defeito..." (Lv. 1:3). "Se a sua oferta for de gado miúdo, de carneiros ou cabritos, para holocausto, trará macho sem defeito" (v. 10). Jesus cumpre de modo absoluto essa exigência. Haldeman assim se expressa ao comentar esse fato: "Completamente sem pecado em sua vida diária, tendo cumprido cada exigência da lei, tendo vivido de tal maneira que ninguém poderia convencê-lo de pecado, na cruz Ele se ofereceu 'sem mancha' a Deus".[10]

Mackintosh também faz uma interessante observação sobre Jesus Cristo como holocausto. Ele diz:

Os aspectos primários da obra de Cristo eram Deus. Era Seu prazer inefável cumprir a vontade de Deus na terra. Ninguém a

tinha feito. Alguns, pela graça, haviam feito o que era reto aos olhos do Senhor; porém ninguém jamais tinha, perfeita e invariavelmente, desde o princípio ao fim, sem hesitação e sem divergência, feito a vontade de Deus. Mas foi isto exatamente que o Senhor Jesus fez. Ele 'foi obediente até à morte, e morte de cruz' (Fp. 2:8). '...manifestou o firme propósito de ir à Jerusalém' (Lc. 9:51). E quando se dirigia do jardim de Getsêmane ao Calvário, o afeto intenso de Seu coração foi expresso nestas palavras: '... Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?' (Jo. 18:11).[11]

Somente Jesus Cristo pôde dizer, sem qualquer dificuldade, "examina-me, Senhor, e prova-me; sonda-me o coração e os pensamentos (Sl. 26:2). E, ao ser provado e tentado, até ao mais profundo de seu ser, nenhuma mancha de pecado foi encontrada n'Ele.

Que parte teria a perfeita obediência de Cristo em nossa aceitação diante do Pai? Quando o israelita oferecia um animal em holocausto, devia "por a mão sobre a cabeça do holocausto", antes de aquele animal ser morto e queimado no altar. Ele fazia isto para que o animal fosse "aceito a favor dele, para a sua expiação" (Lv. 1:4). Assim, havia um aspecto de expiação no holocausto. De igual modo, no holocausto da Vítima Perfeita, que se ofereceu voluntariamente ao Pai no altar chamado Calvário, há um aspecto de expiação. Não é aquele lado da expiação em que Cristo faz-se pecado por nós. Esse é a face trágica do Calvário, em que Deus escondeu Seu rosto daquele que estava levando sobre si "a iniqüidade de nós todos" (Is. 53:6). Mas, é o holocausto da Vítima Perfeita que dá ao Pai o maior prazer. Mackintosh interpreta bem esse aspecto do holocausto, quando afirma:

É certo que lemos: '... para que seja aceito por ele, para a sua expiação'; mas é 'expiação' não segundo a profunda e enorme culpa humana, mas segundo a perfeita rendição de Cristo a Deus e a intensidade do prazer de Deus em Cristo. Isto dá-nos a mais elevada idéia da expiação. Se contemplamos a Cristo como o sacrifício pelo pecado, vemos expiação efetuada segundo as exigências da justiça divina em relação ao pecado. Mas quando vemos a expiação no holocausto, é segundo a medida da boa vontade e capacidade de Cristo para cumprir a vontade de Deus, segundo a medida de complacência de Deus em Cristo e na Sua

obra. Quão perfeita deve ser a expiação que é o fruto da devoção de Cristo a Deus! Poderia haver alguma coisa além disto? Certamente que não.[12]

A morte de Cristo como sacrifício pelo pecado, como "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo. 1:14), traz perdão e redenção. Sua aceitação como Holocausto Perfeito faz com que sejamos aceitos n'Ele diante de Deus. Por causa disto a justiça de Cristo nos é imputada. "... por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos" (Rm. 5:19). Sua justiça perfeita é creditada a nosso favor e, assim, somos aceitos como justos diante de Deus.

Ele é a consagração completa. O holocausto, no Tabernáculo, expressava a mais completa consagração do ofertante a Deus. Por isso, quando um animal era oferecido em holocausto, era totalmente consumido no fogo do altar, incluindo-se suas entranhas e seus pés, que, depois de serem lavados, eram também queimados (Lv. 1:9). Era a representação da dedicação completa a Deus. Jesus cumpre também esse significado do holocausto. Ele "se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave" (Ef. 5:2). Ainda mais, como no holocausto oferecido no Tabernáculo, tudo era dedicado a Jeová, nada sobrando para o ofertante, assim também, o sacrifício de Cristo foi feito somente para Deus. Haldeman expõe esse fato da seguinte maneira:

No holocausto tudo era queimado no altar. Deus recebia tudo; o ofertante, nada. 'O sacerdote queimará tudo no altar' (Lv. 1:9). É chamado oferta de 'cheiro suave' (v. 9). Uma oferta na qual Deus se deleita. O holocausto é a caracterização daquele lado da cruz em que Nosso Senhor Jesus Cristo, como o Filho do Pai, que se entrega de um modo total na morte, de tal maneira que revela seu amor como um Filho para com o Pai. É a rendição completa de si mesmo em devoção incondicional ao Pai.[13]

A cruz era a consumação de uma vida na qual Deus ocupava o primeiro lugar. N'Ele cumpre-se infinitamente Deuteronômio 6:5 — "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força". No dizer de Ritchie:

Jeová recebeu tudo; nada restou. Seus pensamentos, Suas energias interiores, Suas afeições e Seus caminhos foram totalmente devotados a Deus. D'Ele, e somente d'Ele, pode ser dito que 'Ele amou o Senhor Seu Deus com todo o Seu coração, e de toda a Sua alma, e com toda a Sua força, e toda a Sua mente'; e isto Ele fez continua e perfeitamente.[14]

É verdade que o holocausto não se cumpre na vida de Jesus, mas em Sua morte como "oferta de cheiro suave". Contudo, Aquele que se oferecera como holocausto perfeito era alguém em quem havia infinita consagração ao Pai, tanto na vida como na morte.

Jesus Cristo é o Cumprimento da Oferta de Manjares

A oferta de manjares era a única em que não havia derramamento de sangue. Era feita com produtos do solo e com outros elementos, como sal e incenso. Essa oferta representa Cristo em Sua vida, como o holocausto O representa em Sua morte. Há um paralelismo muito expressivo entre o significado dos componentes dessa oferta e o caráter de Jesus Cristo. Até mesmo nos ingredientes que não podiam ser adicionados à oferta de manjares, pode-se ver relação do seu significado com as qualidades da personalidade do Salvador. Na realidade, em Jesus Cristo cumpre-se de forma notável todo o significado da oferta de manjares. Ele é realmente a perfeita oferta de manjares.

A flor de farinha amassada com azeite. O que se chamava de "flor de farinha" era uma farinha pura, da melhor qualidade. "Não havia nela um grão mal moído. Nada desigual, nada em desproporção, nada revelava aspereza."[15] Essa farinha representava a perfeita humanidade de Jesus. Jesus, diz Trench, é "a única, verdadeira e perfeita flor que já se desdobrou da raiz e do tronco da humanidade".[16] Paulo diz que Ele é "o segundo homem" e diz que "o segundo homem é do céu" (I Co. 15:47). É o "homem celestial" (v. 47). O Evangelho de Lucas fala de como veio à existência esse "segundo homem". Diz que o anjo Gabriel foi enviado à uma virgem israelita e anunciou-lhe que ela conceberia Aquele que seria chamado Jesus. "Como será isto?", replicou Maria. Sua admiração baseava-se no fato de não ser casada (Lc. 1:34). Então, veio a preciosa revelação da encarnação. Respondeu-lhe o anjo: "Descerá

sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus" (v. 35). Jesus não seria gerado por processo normal. Seria fruto de uma geração sobrenatural. O Espírito Santo O geraria. Como o primeiro homem foi criado por uma intervenção direta de Deus, assim também ocorreria com o "segundo homem". Dessa maneira evitar-se-ia que Ele recebesse a corrupção de Sua natureza. Estaria Ele livre daquela contaminação que passa de pai para filho, e que forma o elo da natureza humana decaída, exposta por Paulo em Romanos 5:

Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram (v. 12).

... porque se pela ofensa de um só, morreram muitos (v. 15).

Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores (v. 19).

Sendo gerado pelo Espírito Santo no corpo de uma mulher, Ele recebeu a natureza humana e, ao mesmo tempo, ficou imune da pecaminosidade que atingiu a raça com a queda de Adão.

A oferta de manjares, oferecida em forma de bolos, era de "bolos asmos de flor de farinha, amassados, com azeite" (Lv. 2:4). "Se a tua oferta for de manjares, cozida na assadeira, será de flor de farinha sem fermento, amassada com azeite" (v. 5). Como isto se ajusta a Jesus! Ele é o Homem Perfeito gerado pelo Espírito Santo. A flor de farinha fala de Sua humanidade perfeita; o azeite é símbolo do Espírito Santo. O símbolo e a realidade unem-se em harmonia que somente o céu poderia produzir.

Mas os bolos para a oferta de manjares não somente eram amassados com azeite. O azeite era colocado também sobre eles. "Em pedaços a partirás, e sobre ela deitarás azeite" (v. 6). Assim também Jesus não somente foi gerado pelo Espírito Santo mas também foi ungido por Ele.

E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e estando ele a orar, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu; Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo (Lc. 3:21,22).

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos (4:18).

Com sal e incenso, sem fermento e sem mel. O sal é símbolo da incorruptibilidade. O incenso é símbolo de oração e louvor. Fermento e mel falam de corrupção. "Sobre ela porás incenso" (Lv. 2:1). "Nenhuma oferta de manjares, que fizerdes ao Senhor, se fará com fermento: porque de nenhum fermento, e de nenhum mel, queimareis por oferta ao Senhor" (v. 11). "Toda oferta dos teus manjares temperarás com sal" (v. 13). Isto retrata a pessoa de Jesus Cristo. Não havia qualquer partícula de fermento n'Ele. Nem o mel teve lugar em Sua natureza. Como diz Ritchie:

Fermento é uma coisa corrupta, e sempre na Escritura é usado como emblema do mal. Em Jesus nada havia que se relacionasse com o fermento. Sua carne não viu corrupção. ...Como o fermento é o emblema da acidez e corrupção da natureza humana, o mel é emblema do adoçamento. É uma das coisas mais doces da terra, mas com muita facilidade torna-se azedo... Nada disto se encontrava em Jesus.[17]

O que era tipificado na oferta de manjares pelo sal e incenso não faltaram em Jesus. O sal fala de Sua incorruptibilidade; o incenso, de Sua vida devotada a Deus. Deus podia dizer a respeito d'Ele: "Este é meu Filho amado em quem me comprazo" (Mt. 17:5). E Jesus, no fogo de Suas últimas horas, antes de ser preso e crucificado, podia declarar: "Aí vem o príncipe do mundo, e ele nada tem em mim" (Jo. 14:30). De fato, nenhuma artimanha humana ou diabólica conseguiu detectar n'Ele qualquer sombra de fermento ou mel. Mas Deus podia receber o "cheiro suave" do incenso queimado em Sua vida regada pelo sal e pelo azeite.

Jesus Cristo é o Cumprimento da Oferta Pacífica

A oferta pacífica, como o próprio nome indica, falava de paz. Podia representar a situação de alguém que esteve longe e separado, por causa da comunhão quebrada; ou podia expressar uma festa de comunhão daqueles que estavam em harmonia. Ao contrário

do holocausto, onde tudo era queimado no altar, a oferta pacífica era dividida em três partes: uma parte para Deus, outra para os sacerdotes, e a outra para o ofertante. Tudo isso é perfeitamente realizado em Jesus Cristo.

O melhor para Deus. Toda a gordura era oferecida a Deus, sendo queimada no altar. A gordura representava o melhor do animal. Sendo queimada no altar significava que o melhor estava sendo oferecido a Jeová. Ritchie interpreta assim esse aspecto da oferta pacífica:

> *Como todo o 'incenso' da oferta de manjares era para Ele, assim também o era toda a 'gordura' da oferta pacífica. Havia excelências interiores e escondidas no Senhor Jesus que ninguém na terra poderia valorizar ou apreciar. Eram a porção exclusiva de Jeová. As profundezas da devoção e a intensidade do amor que habitavam em Sua alma santa ninguém, a não ser Seu Pai, podia sondar.*[18]

Jesus Cristo faz a paz. "... havendo feito a paz pelo sangue da cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus" (Cl. 1:20). É evidente que a base dessa reconciliação, que trouxe a paz, é o sangue. E, nesse sentido, havia na oferta pacífica o aspecto da expiação. Antes de ser oferecida a gordura a Deus, e antes de o sacerdote e o ofertante poderem receber sua porção do sacrifício, o sangue era derramado. Feita a expiação, a paz era concretizada e poderia haver a festa de comunhão.

O crente participa da festa de comunhão. Após ser derramado o sangue da vítima e oferecida a gordura a Deus, realiza-se a festa de comunhão. O ofertante e sua família (Dt. 12:18) podem se assentar na casa de Deus e comer da vítima que fora oferecida ao Senhor. Da mesma maneira, Cristo, que foi oferecido por nossa expiação, agora nos é ofertado como alimento. Ele mesmo disse: "Se não comerdes a carne do Filho do homem... não tendes vida em vós mesmos" (Jo. 6:51). E o crente participa da festa de comunhão onde o alimento é Aquele que se ofereceu no Calvário. "Tomai e comei, isto é o meu corpo" (Mt. 26:26).

Jesus Cristo é o Cumprimento da Oferta pelo Pecado

A partir da promessa de Deus a Adão e Eva, de que um descendente de mulher haveria de ferir a cabeça da serpente (Gn. 3:15), a revelação do Salvador foi se avolumando durante os séculos. Sobre isto diz Halley:

> *As predições e vislumbres de sua vinda constituem a linguagem messiânica do Antigo Testamento. São o fio de ouro que passa por essas páginas ligando-as, de modo que os muitos e diferentes livros se juntam e formam uma admirável unidade.*
>
> *Começando com indicações vagas, logo surgem predições definidas e específicas, que, à medida que a história avança em passos, mais específicas, mais definidas e abundantes se tornam. E ao multiplicarem-se as predições definidas, também vão aumentando de número os símbolos que as acompanham, os quadros, tipos e referências indiretas. De sorte que, quando chegamos ao fim do Antigo Testamento, toda a história de Cristo já está traçada, prefigurada, em palavras e em quadros que, tomados no seu conjunto, não é possível que se refiram a ninguém mais da História.*[19]

Dentre todas as profecias, símbolos e tipos, os sacrifícios pelo pecado são os que mais se aproximam do sacrifício de Jesus como Aquele que veio para "dar a Sua vida em resgate por muitos" (Mc. 10:45). Os sacrifícios pelo pecado são de duas categorias em Levítico: sacrifício pela culpa (4:1 – 5:13) e sacrifício pela transgressão (5:14 – 6:17).

O sacrifício pela culpa tratava de pecados mais de natureza cerimonial, ainda que houvesse faltas morais entre eles. Podiam ser pecados por ignorância no sentido de o israelita ter se contaminado sem uma atitude de desobediência a Deus. O sacrifício pela transgressão tratava de atos de desobediência consciente. Esses atos podiam ser ofensivos a Deus (usurpar as coisas sagradas, como, por exemplo, deixar de entregar os dízimos); podiam também ser ofensivos ao próximo por lhe causar prejuízos. Projetando-se a revelação neo-testamentária sobre essas duas categorias de sacrifícios, pode-se dizer que o primeiro trata com a natureza pecaminosa; o segundo, com os atos pecaminosos.

O sacrifício de Jesus Cristo no Calvário é a solução tanto para

a natureza humana pecaminosa como para os atos pecaminosos que procedem dessa natureza. "Em um caso Deus está tratando com a raiz do pecado. No outro Ele está tratando com o fruto do pecado. O sangue de Cristo não somente é o remédio para a raiz ... mas também provê a solução para o fruto...", comenta Haldeman[20] Por um lado, Ele é a possibilidade do novo nascimento. "Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte?" (Rm. 6:3). "Foi crucificado com ele o nosso velho homem" (v. 6). "Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo" (v. 3). Através de Sua morte, é feita provisão para a morte da natureza humana pecaminosa. Através de Sua ressurreição é feita provisão para a vivificação do homem. "Porque se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição" (v. 5). É possível comer de Sua carne porque Ele é "o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne" (Jo. 6:51). "Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, permanece em mim e eu nele" (v. 57). Deus fez provisão para a infusão da nova vida, adquirida por Cristo, no homem. É a substituição da velha natureza (que foi crucificada com Ele), pela nova natureza que é aplicada pelo Espírito Santo àqueles que nascem de novo. Assim está declarado em I Co. 15:48-49: "Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e como é o homem celestial, tais também os celestiais. E assim, como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial". Mas, em Jesus Cristo há também o tratamento dos atos pecaminosos. Aquela nova natureza herdada de Jesus, não é propensa ao pecado. "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado" (I Jo. 3:9). "Se todavia, alguém pecar, tem advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo" (I Jo. 2:1).

Como foi possível tudo isto? Pelo sacrifício do Cordeiro que Deus mesmo providenciou para a redenção da humanidade. Esse Cordeiro cumpre os sacrifícios pelo pecado como aparecem em Levítico.

Ele é o Cordeiro sem mancha. Qualquer que fosse o animal oferecido no Tabernáculo como sacrifício pelo pecado, deveria ser sem defeito. Se o sacerdote pecasse deveria trazer "um novilho

sem defeito" (Lv. 4:3). Se fosse um príncipe, traria "um bode sem defeito" (v. 23). Uma pessoa do povo traria "uma cabra sem defeito" (v. 28). Se fosse sacrifício por transgressão, traria "um carneiro sem defeito" (5:15). Isto prefigurava a Vítima Perfeita. "Ele foi tentado em todas as coisas, mas sem pecado" (Hb. 4:15). Ele "não cometeu pecado, nem dolo se achou em sua boca" (I Pe. 1:22). E assim fomos redimidos por "Aquele que não conheceu pecado" (I Co. 5:21). "Na base de Sua perfeição, sem qualquer pecado, e pelo fato de o governo justo de Deus não ter qualquer acusação contra Ele, nosso Senhor Jesus Cristo pode ir em frente e oferecer-Se como substituto pelos pecadores, para pagar a dívida deles", diz Haldeman.[21] E, assim, o crente pode dizer: "Eu tomo esta vítima sem mancha como meu substituto; coloco todo o meu peso sobre os seus méritos".[22] E, como escreve o apóstolo Pedro:

> *Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que os vossos pais vos iegaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado nos fins dos tempos, por amor de vós (I Pe. 1:18-20).*

A culpa e a condenação lhe são transferidas. Quando alguém trazia um animal para ser sacrificado no Tabernáculo, antes que o animal morresse o ofertante impunha a mão sobre sua cabeça (Lv. 4:4). Do cerimonial do Dia da Expiação fica evidente que a razão de se colocar a mão sobre a cabeça do animal, era transferir para ele os pecados do culpado ou culpados. Nesse dia, Arão punha as mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessava a iniqüidade do povo. Com esse ato transferia para o bode os pecados, a culpa e a condenação que pesavam sobre o povo. Levítico 16:21-22 declara:

> *Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniqüidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados: e os porá sobre a cabeça do bode, e envia-lo-á ao deserto, pela mão dum homem à disposição para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniqüidades deles para terra solitária; e o homem soltará o bode no deserto.*

Quando Isaías visualizou os sofrimentos do Messias poderia estar refletindo essa cena. Suas palavras, registradas no capítulo 53, são notáveis:

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si (v. 4).

Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados (v. 5).

... o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos (v. 6)

Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo foi ele ferido (v. 8).

... porque as iniqüidades deles levará sobre si (v. 11).

... contudo levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu (v. 12).

O apóstolo Pedro citou expressões dessa profecia aplicando-a a Jesus Cristo. Ele declarou que "aquele que não conheceu o pecado, Ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (II Co. 5:21).

Seu sangue foi derramado por nós. Depois do ato de imposição da mão sobre a cabeça da vítima, ela era executada. Seu sangue era colhido e apresentado a Deus. Isto era a evidência de que uma vida fora tirada em substituição ao pecador. Não se pode pensar que a massa física, chamada sangue, tivesse poder para tirar a culpa do transgressor. O poder do sangue estava na vida a ele ligada. "A vida da carne está no sangue..." (Lv. 17:11). Vida por vida é a exigência da natureza justa de Deus. "A alma que pecar essa morrerá" (Ez. 18:4). Para que o pecador não tivesse de morrer, alguém deveria morrer em seu lugar. Uma vida precisa ser tirada. No Velho Testamento, a vida de animais era tirada para que o israelita pudesse continuar a viver, e isto apontava para o sacrifício perfeito do futuro.

Deus fez provisão para que a humanidade fosse redimida da condenação. "Cristo... morreu a seu tempo pelos ímpios" (Rm. 5:6). Não é o seu sangue, como elemento físico, que produz a redenção, mas é o Seu SANGUE-VIDA. É a Sua vida. Sua vida foi tirada para que pudéssemos ter vida eterna. Quando o soldado

furou o Seu lado, saiu sangue e água (Jo. 19:34). "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas" (Lv. 17:11). "Porquanto derramou a sua alma na morte", profetizou Isaías (53:12). Ele "veio para dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc. 16:45). "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu *a* sua vida por nós" (I Jo. 3:16).

Ele morreu fora das portas. É impressionante como os detalhes dos sacrifícios feitos no Tabernáculo se cumprem em Jesus Cristo. Quando o sacrifício pelo pecado era feito por um sacerdote ou por toda a congregação, seu sangue era levado para dentro da tenda e aspergido diante do véu e no altar do incenso (Lv. 4:5,7, 16-18). O sangue dos animais oferecidos no Dia da Expiação era levado até ao Santo dos Santos e ali aspergido sobre o propiciatório (Lv. 16:14-15). Nestes casos todo o animal era queimado fora do arraial. "Mas o novilho e o bode da oferta pelo pecado, cujo sangue foi trazido para fazer expiação no santuário, serão levados fora do arraial: porém as suas peles, sua carne e o seu excremento se queimarão com fogo" (16:28). Também o outro bode, sobre o qual eram colocadas as iniqüidades do povo, era levado fora do arraial, conduzido para o deserto e lá deixado (16:22).

Retratando de maneira notável o que era simbolizado no Tabernáculo, Jesus Cristo foi morto fora da cidade de Jerusalém. Hebreus 13:11-12 declara:

> *Pois, aqueles animais, cujo sangue é trazido para dentro do Santo dos Santos, pelo sumo sacerdote, como oblação pelo pecado, têm os seus corpos queimados fora do acampamento. Por isso foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta.*

Morto em uma cruz. Como se viu, uma parte do sangue do sacrifício pelo pecado era levado para a tenda. O que restava era derramado à base do altar do holocausto (Lv. 4:7). Era ao lado desse altar que todas as vítimas oferecidas no Tabernáculo eram sacrificadas. Esse altar fala da cruz na qual Jesus Cristo morreu. Assim como era rude aquele altar, também o foi o Calvário. O altar era lugar de sofrimento e de sangue, e trazia a marca constante do pecado. Da mesma maneira, o Calvário foi lugar de sofrimento e de sangue. Aquela cruz lembra toda a hediondez do pecado da huma-

nidade. Sob o peso imensurável do pecado de todos os homens, ali morreu o Homem Perfeito.

Sua expiação está à altura de todos. Quando uma pessoa era muito pobre, e não tinha condições de levar ao Tabernáculo o animal exigido para sua oferta pelo pecado, poderia apresentar "duas rolas, ou dois pombinhos" (5:7). Se nem isso pudesse oferecer, traria a "décima parte de uma efa de flor de farinha, como oferta pelo pecado" (5:11). Isto significava que a expiação era colocada à altura de todos. Assim é com a expiação em Jesus Cristo. Ela está à altura de todos que a procuram. Aliás, ela é inteiramente de graça (Ef. 2:8-9).

A expiação é oferecida ao pecador que crê. O perdão e a expiação no Tabernáculo eram oferecidos para o pecador que aceitava a promessa de perdão feita por Deus. O Senhor havia dito que quando alguém pecasse devia trazer um animal ao Tabernáculo, e que o sangue desse animal faria expiação pelo pecado e ele seria perdoado. Agora, para que a expiação se efetivasse, era necessário que o pecador se considerasse realmente culpado e que, achando-se sob a ira de Deus, aceitasse a promessa de expiação pelo sangue. Sob a convicção do pecado, mas crendo na promessa de Deus, ele levaria o seu substituto ao Tabernáculo para ser morto em seu lugar. Assim é com Jesus Cristo. A expiação que há em Seu sangue é oferecida àquele que se convence do seu estado miserável de pecado e que, crendo na promessa da Palavra de Deus, de que em Jesus Cristo há perdão e salvação, corre para Ele e se refugia sob o Seu manto redentor.

Jesus Cristo e Sua Obra são o Cumprimento das Festas

Havia três períodos no ano em que se davam as festividades nacionais dos israelitas. Era o período da Páscoa, o da Festa das Semanas e a dos Tabernáculos. Essas festividades cumprem-se em Jesus Cristo e Sua obra.

A Páscoa. A Páscoa foi instituída em um período singular da história do povo de Deus: marcava sua libertação do Egito e o início do estabelecimento de Israel como nação. É, portanto, expressão de libertação e do início de nova vida. A cruz de Cristo é o

cumprimento desses significados da Páscoa. Ela marca a libertação do homem de seu estado de pecado e estabelece o início de sua nova vida com Deus.

Juntamente com a Páscoa se davam duas outras comemorações: os Pães Asmos e o molho das primícias, que era movido perante o Senhor. A Páscoa se dava no dia quatorze do primeiro mês (Lv. 23:5). No dia seguinte começava a Festa dos Pães Asmos: "E aos quinze dias deste é a festa dos pães asmos do Senhor: sete dias comereis pães asmos" (Lv. 23:6). No dia seguinte (16º dia) se dá o oferecimento do molho das primícias. "No dia imediato ao sábado o sacerdote o moverá" (23:12).

Paulo nos dá o significado da festa dos pães sem fermento. "Por isso celebremos a festa, não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia; e, sim, com os asmos da sinceridade e da verdade" (I Co. 5:8). Ele mostra também que Cristo é o molho das primícias movido diante de Deus. "Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda" (I Co. 15:20,23). E, como diz Warnock, "para cumprir o tipo do Antigo Testamento, é evidente que Cristo foi crucificado no dia da Páscoa, o dia do repouso para o dia seguinte, e o molho das primícias foi movido diante de Jeová 'na manhã depois do dia de repouso' ".[23]

A Festa das Semanas. Esta festa é também chamada da Colheita. Posteriormente veio a chamar-se de Pentecoste. Ela se dava cinqüenta dias após a Páscoa (Lv. 23:15-16), e daí o nome Pentecoste. Nesse dia eram trazidos dois pães que eram movidos diante do Senhor (v. 17). Esta festa cumpre-se diretamente na vinda do Espírito Santo, cinqüenta dias após a morte de Cristo (At. 2:1-4). Era chamada de a Festa da Colheita (Ex. 23:16), porque marcava o fim da sega. Na Páscoa, o israelita trazia o molho das primícias. Na Festa da Colheita trazia os dois pães. A colheita, feita no Dia de Pentecostes, quando quase três mil almas agregaram-se aos apóstolos, marca o cumprimento neo-testamentário dessa festa.

Eram dois os pães movidos diante do Senhor. Isto fala de unidade. Dois pães juntos sendo movidos perante Deus. "É a figura do povo de Deus reunido pelo Espírito Santo e apresentado perante Ele, em conexão com toda a preciosidade de Cristo", diz Mackintosh.[24] Estes pães eram levedados. É a única apresentação de

alimento levedado no Tabernáculo. Realmente era ordenado que fossem levedados. "Levedados se cozerão" (Lv. 23:16). Era o símbolo da impureza presente na Igreja através dos séculos. Como diz Warnock:

> *Os pães foram 'cozidos com fermento' porque desde o tempo de Pentecostes até agora, a Igreja de Cristo nunca tem estado realmente livre de divisão, sectarismo e carnalidade. Quão maravilhoso é saber que Deus conhecia exatamente a condição da Igreja através de sua larga história e fez que o tipo se enquadrasse perfeitamente.*[25]

Para Mackintosh, "o Espírito Santo não desceu no dia de Pentecostes, para melhorar a natureza humana ou acabar com a realidade do mal nela, mas, sim, para batizar os crentes em um corpo e ligá-los com o Cabeça que vive no céu".[26]

Tabernáculos. Este era o terceiro período festivo da nação israelita. Dava-se no sétimo mês. Havia três solenidades nesse período: no primeiro dia do mês havia o toque de trombetas; no décimo dia dava-se o Dia da Expiação; no décimo quinto dia iniciava-se a Festa dos Tabernáculos propriamente. Evidentemente esta festa ainda não se cumpriu. Ela está também ligada a Jesus Cristo e Sua obra e, como as outras cumpriram-se de modo tão literal, esta também terá seu cumprimento.

O toque das trombetas, no primeiro dia do sétimo mês, era o prenúncio de grandes eventos naquele período. Quando e como dar-se-á esse toque de trombetas, como realizar-se-á o cumprimento do Dia da Expiação e a Festa dos Tabernáculos, são questões abertas. As trombetas poderiam significar os atalaias de Deus proclamando a chegada do descanso e do gozo do povo de Deus. O Dia da Expiação poderá ser a libertação completa da Igreja de toda a mancha, para ser apresentada como "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef. 5:27). A Festa dos Tabernáculos será a vivência com o Senhor, no pleno gozo da comunhão com Ele.

É certo que o Dia da Expiação já se cumpriu em Jesus Cristo. O novilho apresentado pelo sacerdote para expiação de si mesmo e de sua família é Jesus Cristo (Lv. 16:11-14). Os dois bodes, um morto e seu sangue levado ao Santo dos Santos, e o outro levado

vivo ao deserto, carregando sobre si as iniqüidades do povo, são dois aspectos da morte redentora de Cristo (16:15-22). Ele já entrou no Santo dos Santos, como Sumo Sacerdote, levando Seu próprio sangue (Hb. 9:12). Contudo, ainda que o cumprimento do Dia da Expiação já se deu com a morte de Jesus Cristo, a purificação completa da Igreja ainda está no futuro. Terá de ser concretizada essa purificação para que ela seja apresentada ao Senhor santa e gloriosa (Ef. 5:27). Quando isto se dará? Num período antes da volta de Cristo, a Igreja será aperfeiçoada em meio à grande tribulação. Nesse período contará com o ministério de homens revestidos de uma unção especial. Assim pensa Warnock.[27] Ele defende esse ponto de vista em seu livro *La Fiesta de los Tabernaculos.* Mackintosh pensa que isso dar-se-á no milênio.[28] Há ainda o fato de que está prometida a Israel um tipo de restauração em que eles reconhecerão que o seu Messias é Aquele que eles traspassaram (Zc. 12:10-14). Prediz-se que os pés do Messias estarão no Monte das Oliveiras (14:4); haverá plena libertação para Israel (v. 11). O Messias será rei sobre toda a terra (v. 9). As nações virão à Jerusalém celebrar a Festa dos Tabernáculos (v. 16). O apóstolo Paulo diz que a rejeição de Israel não é final (Rm. 11:12-15).

O que parece evidente é que as festividades do sétimo mês, que ainda estão no futuro, cumprir-se-ão para Israel e para a Igreja. Para Israel será a aceitação de Jesus como seu Messias. Virá, então, o tempo da purificação daquela nação e de restauração das bênçãos de Deus sobre eles. Ao mesmo tempo, a Igreja passará também pela purificação. O Dia da Expiação seria aplicado a Israel e a Igreja. Viria, então, a Festa dos Tabernáculos, na qual, como um só povo, os remidos do Senhor terão plena alegria diante d'Ele.

Os Atos de Culto feitos na Tenda Cumprem-se em Jesus Cristo e Sua Obra

No culto diário do Tabernáculo eram realizados alguns atos dentro da tenda, no Lugar Santo. Havia oferecimento de incenso, queimado todas as manhãs e todas as tardes no altar do incenso (Ex. 30:7-8). O castiçal deveria ficar aceso continuamente (Ex. 27:20-21; Lv. 24:2). Os pães da proposição permaneciam perante o Senhor sete dias, e no sábado eram comidos pelos sacerdotes. Pães frescos eram colocados no seu lugar (Lv. 24:5-9).

O incenso queimado diariamente. Cada manhã e cada tarde Arão deveria queimar o incenso aromático sobre o altar de ouro. A coluna de fumaça que subia era expressão de oração e louvor. Arão era a figura de Jesus Cristo no céu, intercedendo pelos crentes. "Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós diante de Deus" (Hb. 9:24). Assim diz Simpson:

> *O fogo no altar estava sempre ardendo, e aromas suaves e o incenso estavam continuamente subindo. E assim o Senhor Jesus está todo o tempo orando por você. Você dormiu toda a noite, mas todo o tempo Ele estava orando. Você acordou, mas Ele estava lá. Uma das mais doces experiências de minha vida é acordar e senti-Lo tão perto. É maravilhoso ter alguma cousa trazida à sua mente por Ele; sim, alguma coisa que você teria esquecido e compreender que Ele está sempre lembrando de você.*[29]

O candelabro aceso continuamente. O castiçal era feito de ouro batido, e sua função era alumiar o interior da tenda. Era abastecido diariamente com azeite e devia estar aceso continuamente. Simpson apresenta três aspectos em que o candelabro relaciona-se com Cristo e Sua obra. Primeiro, no fato de Cristo ser a luz do mundo. "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, pelo contrário terá a luz da vida" (Jo. 8:12). Segundo, o Espírito Santo é o instrumento da luz. "Enquanto a luz fala-nos de *Cristo, o óleo fala-nos do Espírito Santo... Ele ungiu Jesus de Nazaré* com o Espírito Santo...". Terceiro, o candelabro é uma figura da Igreja e do cristão. "Ele nos representa como os refletores de Sua luz. Ele nos representa como os que refletem essa luz para o mundo escuro em volta de nós e assim se tornam também as luzes do mundo. 'Vós sois a luz do mundo' ".[30]

Os pães da proposição. Doze pães eram colocados sobre a mesa na tenda, no Lugar Santo, e ali permaneciam durante sete dias. No sétimo dia eram substituídos por pães frescos, e os que tinham sido retirados eram comidos pelos sacerdotes. O pão está intimamente relacionado com a idéia de alimentação. Jesus Cristo é o verdadeiro maná que desceu do céu (Jo. 6:58). Somente Ele é o verdadeiro alimento que pode satisfazer a alma humana.

É interessante pensar que somente os sacerdotes podiam comer dos pães da proposição. É dito no Novo Testamento que cada crente é um sacerdote. Realmente somos uma família sacerdotal (I Pe. 2:5,9; Ap. 1:5). Jesus Cristo é o alimento para essa família sacerdotal que é a Igreja.

Haldeman diz:

Os pães apresentam Jesus como o Pão da Vida.

Ele declarou aos judeus que o era.

Deus tinha dado a seus pais o maná no deserto, e eles morreram.

Ele tinha vindo do céu como o verdadeiro pão, e os que dele comessem não morreriam.

O significado simbólico de comer é evidente.

É pelo comer que nos apropriamos do alimento e o fazemos uma parte de nós mesmos.

Deve haver esta apropriação pessoal e individual de Cristo, para que possamos viver por Ele e n'Ele, e tê-lO vivendo em nós.[31]

SUMÁRIO

Aqueles que têm o privilégio de apreender o significado do Tabernáculo e do culto que nele se realizava, podem perceber com maior clareza o desenvolvimento posterior de toda a obra da redenção. É como fazer o reconhecimento de um grande edifício, tendo em mãos a planta que fora seguida para a sua construção. Assim ocorre com os que estudam a vida e obra de Jesus Cristo. O culto feito no Tabernáculo era seu protótipo. Era como que um esboço de Sua vida e Seu ministério. E a recíproca é verdadeira. Em Jesus Cristo se cumprem todos os aspectos do culto no Tabernáculo, até mesmo suas minúcias.

Naquele culto havia o sacrifício constante de animais. Jesus Cristo é, entretanto, o Sacrifício Perfeito. Muitos servos de Deus, da Antiga Dispensação, puderam antever Aquele que viria para resgatar a humanidade. E, quando Ele veio, realizou-se n'Ele, de maneira plena, todo o significado das ofertas do Tabernáculo. Ele é o cumprimento do holocausto. Ele se ofereceu, voluntariamente, "como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave" (Hb. 9:14). Como tal Ele é a Vítima Perfeita e a consagração completa. N'Ele

se cumpre também a oferta de manjares. Os elementos que compunham essa oferta falam de Seu caráter. Ele é o cumprimento da oferta pacífica. Essa oferta falava da comunhão restaurada ou da afirmação da comunhão existente. Em Jesus Cristo faz-se a paz de todas as coisas, "quer sobre a terra, quer sobre os céus" (Cl. 1:20). Ele é o cumprimento da oferta pelo pecado, tanto no sentido do que faz provisão para uma nova natureza para o ser humano, como também a provisão para a expiação dos atos pecaminosos da velha natureza. Nesse sentido Ele é "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo. 1:29). Ele é o Cordeiro sem mancha; a culpa e a condenação do pecador Lhe são transferidas; Seu sangue foi derramado por nós; em Sua morte havia um "cheiro suave" para Deus; Ele morreu fora das portas, em uma cruz, provendo um tipo de expiação ao alcance de todos. Ele cumpre cabalmente o que estava simbolizado nas ofertas pelo pecado feitas no Tabernáculo.

Em Jesus Cristo se cumprem também as festividades de Israel. A Páscoa era comemoração da libertação de Israel do jugo egípcio. Jesus é a libertação do crente, tirando-o de debaixo da escravidão do pecado para uma nova vida. Paralelamente à Páscoa, havia a Festa dos Pães Asmos e a do molho das primícias. A primeira falava de incontaminação com a corrupção, o que deve ocorrer com todos aqueles que estão ligados a Cristo. A segunda fala de Cristo como as primícias dos que dormem, sendo ofertado a Deus. Em Sua obra cumpre-se também a Festa das Semanas, ou da Colheita. Esta festa ficou sendo conhecida como Pentecoste, por se dar cinqüenta dias após a Páscoa. De fato, cinqüenta dias depois da morte de Jesus, o Espírito Santo desceu e houve a primeira grande colheita para a Igreja do Senhor.

N'Ele também se deve cumprir a Festa dos Tabernáculos. Com essa festa estava relacionado o toque das trombetas e o Dia da Expiação. Ainda que o Dia da Expiação já se tenha cumprido em Cristo, o resultado da expiação para a Igreja, como um todo, fazendo-a "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef. 5:27), é coisa do futuro. Assim também com a festa das trombetas, que pode ser o anúncio dos grandes fatos escatológicos do fim desta era. Quanto à Festa dos Tabernáculos, em si mesma, evidentemente ainda não se cumpriu. Espera-se portanto que, como tudo o mais teve o seu cumprimento em Cristo, esta festividade também venha a se cumprir.

Os atos de culto feitos na tenda também se cumprem em

Cristo. Ali era queimado o incenso diariamente. Isto era símbolo de oração e louvor. Jesus Cristo é Aquele que intercede continuamente diante do Pai por todos os que Lhe pertencem. Também o candelabro aceso diuturnamente se cumpre n'Ele. Ele é a luz do mundo. Essa luz também está acesa nos crentes através do azeite do Espírito Santo. N'Ele cumpre-se ainda o significado dos pães da proposição, pois temos de nos alimentar d'Ele, como família sacerdotal da Nova Aliança.

NOTAS

1. A. B. Simpson, *Christ in the Tabernacle* (Harrisburg, Pa.: Christian Publications, Inc., s/ data), pp. 5-6.
2. O verbo traduzido como "habitou", nesse verso, é gkhvów, que significa "tabernacular", "habitar em tenda".
3. Para uma descrição pormenorizada das promessas em relação ao Messias no V.T., ver Henry P. Halley, *Manual Bíblico* (2a. ed.; São Paulo: Edições Vida Nova, 1971), pp. 371-372.
4. Jesus Cristo disse que Abraão "alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se" (Jo. 8:56).
5. Ver discussão desse assunto no capítulo sete.
6. Robert E. Coleman, *Written in Blood, Devotional Study of the Blood of Christ* (Old Tappan, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1972), pp. 30-31.
7. B. B. Warfield, *Biblical Foundations* (Londres: The Tyndale Pressa, 1958), p. 195.
8. C. H. Mackintosh, *Estudos Sobre o Livro de Levítico* (Lisboa: Depósitos de Literatura Cristã, s/data), p. 26.
9. John Ritchie, *The Tabernacle in the Wilderness* (Kilmarnock, Escócia: John Ritchie Limited, s/ data), p. 35.
10. I. M. Haldeman, *The Tabernacle, Priesthood and Offerings* (Old Tappan, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, s/ data), pp. 337-338.
11. C. H. Mackintosh, *op. cit.*, p. 9.
12. *Ibid.* p. 21.
13. I. M. Haldeman, *op. cit.*, p. 337.
14. John Ritchie, *op. cit.*, pp. 45-46.
15. C. H. Mackintosh, *op. cit.*, p. 32.
16. Emery H. Bancroft, *Teologia Elementar* (São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1966), p. 91.
17. John Ritchie, *op. cit.*, p. 48.
18. *Ibid.* p. 50.
19. Henry H. Halley, *Manual Bíblico* (2a. ed.; São Paulo: Edições Vida Nova, 1971), p. 344.

20. I. M. Haldeman, *op. cit.*, p. 364.
21. *Ibid.* p. 349.
22. John Ritchie, *op. cit.*, p. 41.
23. George H. Warnock, *La Fiesta de los Tabernaculos* (1951), p. 23.
24. C. H. Mackintosh, *op. cit.*, p. 262.
25. George H. Warnock, *op. cit.*, p. 28.
26. C. H. Mackintosh, *op. cit.*, p. 262.
27. George H. Warnock, *op. cit.*, pp. 55-108.
28. C. H. Mackintosh, *op. cit.*, pp. 254-255.
29. A. B. Simpson, *op. cit* ., p. 114.
30. *Ibid.* p. 74-76.
31. I. M. Haldeman, *op. cit.*, p. 196.

Capítulo 9

CONCLUSÃO

Neste trabalho procurou-se analisar e descrever o culto no Tabernáculo. Partindo-se do nascimento, do preparo e da chamada de Moisés, passou-se pela história da formação do povo israelita, pela verificação do meio ambiente no qual o culto no Tabernáculo foi organizado, e pela análise desse culto, até chegar-se ao seu cumprimento em Jesus Cristo. Como se verificou, aquele culto era rico em cerimônias e abundava em figuras e símbolos. Daí, não ser possível, no escopo deste trabalho, fazer uma análise pormenorizada e descrever tudo o que compunha o cerimonial do Tabernáculo. Selecionou-se o que se julgou de maior interesse para o estudante da Bíblia e tentou-se esclarecer esses aspectos.

Fazendo-se essa análise, chegou-se à verificação de certas verdades inconfundíveis sobre o culto de Israel, realizado no Tabernáculo. Dentre essas verdades, destaquemos algumas:

O LIVRO DE LEVÍTICO É O MANUAL DO CULTO NO TABERNÁCULO

A designação "Levítico", usada como título desse livro, relaciona-se com o seu conteúdo. Esse termo é originado do nome de uma das tribos, a de Levi, que fora separada por Deus para cuidar de tudo aquilo que se relacionava com o culto, tanto das cerimônias como do local e dos objetos usados no serviço sagrado. Daí também o fato daquele sacerdócio ser chamado "sacerdócio levítico".

O sacerdócio levítico era ministrado no Tabernáculo, cuja construção foi ordenada por Deus. Deveriam realizar cerimônias diversas que dariam ensejo aos israelitas para buscarem a Deus e adorarem-nO continuamente. Essas cerimônias são expostas, de maneira organizada, no livro de Levítico. É verdade que aparecem

também em outros livros do Pentateuco, especialmente em Êxodo e em Números. Mas em Levítico estão elaboradas de tal modo que o livro pode ser considerado o manual do culto no Tabernáculo, ou, então, o manual do sacerdócio levítico.

Obviamente, nem tudo em Levítico gira em torno das cerimônias do culto. Há o tratamento de outros assuntos, como a justiça social, a vivência no lar, etc. Contudo, mesmo esses assuntos deveriam ser ensinados ao povo pelos sacerdotes. Era, portanto, matéria que lhes estava afeta. Mas, na verdade, quase que a totalidade dos capítulos de Levítico tem alguma referência ao serviço dos sacerdotes e, de alguma maneira, relaciona-se com o culto. Não resta dúvida, portanto, de que de fato esse livro, mais do que qualquer outro na Bíblia, é o compêndio do culto no Tabernáculo.

O CULTO NO TABERNÁCULO ERA UM SISTEMA BEM ELABORADO

Quem lê o livro de Levítico apressadamente, sem se deter em sua análise, pode chegar à falsa conclusão de que nele são expostas cerimônias diversas de culto sem ligação entre si. Pode até imaginar que falta unidade ao conteúdo desse livro. A realidade, entretanto, é bem outra. O que se tem em Levítico é um bem elaborado sistema de culto que se centralizava no Tabernáculo.

Esse culto era composto de cerimônias diárias, semanais, mensais e anuais. Cada dia havia o cerimonial do holocausto contínuo (de manhã e à tarde). Fazia parte também do cerimonial diário o oferecimento do incenso. Aos sábados era duplicado o holocausto contínuo e eram comidos os pães da proposição, sendo oferecido o incenso que ficava sobre esses pães durante a semana. Ao mesmo tempo, eram colocados pães frescos perante o Senhor. Cada início de mês havia a solenidade das Luas Novas, com o toque de trombetas e o oferecimento de sacrifícios. Havia ainda três ciclos de festas anuais: a Páscoa, a Festa da Colheita e a dos Tabernáculos. Com o ciclo da Páscoa, havia também a Festa dos Pães Asmos; com o ciclo da Festa dos Tabernáculos, havia a Festa das Trombetas e o Dia da Expiação. Além de tudo isso, a presença de Jeová era continuamente celebrada no Tabernáculo com o fogo que não se extinguia no altar do holocausto e com o candelabro, aceso continuamente.

Além dessas cerimônias, consideradas de âmbito nacional, ha-

via aquelas feitas só pelo indivíduo, sob a orientação dos sacerdotes. Nesse sentido realizavam-se os sacrifícios individuais, as purificações cerimoniais, a entrega das primícias e dos dízimos, e os votos.

Assim, pode-se verificar que o culto no Tabernáculo era um bem elaborado sistema onde se realizavam cerimônias diversificadas com objetivos definidos.

O TABERNÁCULO ERA UM LUGAR DE ADORAÇÃO

Toda a linguagem empregada em Levítico com referência ao relacionamento do povo com o Senhor, dá a entender que, em princípio, não se pensava em invocar a presença de Jeová no Tabernáculo. Deus habitava naquele lugar. Todos os atos de culto são referidos como feitos na Sua presença. O incenso era queimado diante d'Ele, os pães eram comidos perante Sua face, quem levava um animal para ser sacrificado o levava à Sua presença, o sangue Lhe era apresentado, e assim por diante. Não se tratava, portanto, de invocá-lO. Ele ali estava. A ênfase era em festejar Sua presença, adorá-lO, buscar Seu perdão e a expiação provida por Ele.

MOISÉS, O HOMEM PREPARADO PARA RECEBER E TRANSMITIR A REVELAÇÃO

O nascimento, a vida e o chamamento de Moisés foram cercados de fatos extraordinários e sobrenaturais. Realmente, ele foi um homem tão intensamente usado por Deus, e tornou-se instrumento tão destacado no registro da revelação divina aos homens, que não é de se estranhar que sua vida tenha sido cercada de tantos fatos incomuns e acontecimentos inexplicáveis do ponto de vista puramente humano e material. O que ocorreu, entretanto, é que Deus, desde o seu nascimento, estava moldando-o para fazê-lo apto a receber e comunicar uma parte importante de Sua revelação. Na realidade, o que a humanidade recebeu através da instrumentalidade de Moisés tornou-se a base para toda a revelação futura.

Moisés foi educado na corte egípcia e, naturalmente, absorveu a cultura daquela nação. Isto lhe deu, por certo, vastos conhecimentos de religião, de filosofia, de sistemas de governo, de costumes, ao lado de conhecimentos científicos no campo da geometria, e outros. Vivendo em Midiã, no segundo período de sua vida, teria

também entrado em contato com outras culturas e assimilado outros conhecimentos. Tudo isso lhe deu uma base cultural-filosófica que foi, sem dúvida, de grande utilidade em seu ministério.

Ao lado desse preparo intelectual, Moisés foi espiritualmente moldado por Deus. Criado ao lado de sua mãe hebréia, nos primeiros anos de sua vida, deve ter recebido o conhecimento de Deus. Durante os anos de corte, por certo não faltou a atuação do Espírito do Senhor sobre sua vida. Vivendo no deserto durante quarenta anos, houve tempo suficiente para que o Senhor o trabalhasse profundamente. Seu encontro com o Senhor, aos oitenta anos, foi o ápice de todo o processo de preparação do varão que se tornaria o instrumento tão usado pelo Senhor. Em todo esse processo de preparação, Deus fez dele aquele profeta com quem o Senhor falava face a face. Dessa maneira ele foi capaz de receber e transmitir verdades profundas de Deus, sem prejudicá-las com as distorções humanas. Isso não quer dizer que Deus tenha feito dele um autômato. Ao contrário disso, ao receber e comunicar a revelação de Deus, agia conscientemente, com o pleno funcionamento de suas faculdades mentais. Todo o seu ser estava, entretanto, inteiramente banhado pela graça divina e pela unção do Todo-Poderoso, o que lhe possibilitava comunicar as verdades divinas segundo a vontade de Deus.

A RELIGIÃO FORMULADA ATRAVÉS DE MOISÉS ERA DE ORIGEM DIVINA

O pano-de-fundo religioso-científico-filosófico de Moisés foi usado por Deus. É muito significativo que ao levantar um homem que seria tão usado na comunicação de Suas verdades à humanidade, Deus tivesse colocado essa pessoa na corte egípcia, onde se concentrava a cultura da época. Não tivesse finalidade esse preparo, o Senhor poderia ter-lhe poupado esse tempo. Mas, somente como exemplo, pode-se lembrar que ali Moisés aprendeu a escrita, instrumento necessário em seu ministério futuro. Por certo, tudo o mais que aprendeu naquele período lhe foi de utilidade anos mais tarde.

Recebendo e comunicando as verdades de Deus mais tarde, Moisés lançou mão de sua bagagem de conhecimentos. A linguagem, as figuras e símbolos provenientes das religiões que conhecera, as figuras relacionadas com os costumes do povo, os modelos

de suas instituições, e muito mais, serviria de veículo na compreensão e na comunicação de tão extraordinárias verdades. Isso, entretanto, de nenhum modo pode obscurecer o fato que a religião formulada através de Moisés seja de origem divina. Isso fica evidente ao se analisar certas realidades relacionadas com essa religião. Uma dessas realidades é que a religião israelita desponta como uma fé monoteísta em um meio ambiente pejado de religiões politeístas. Nem de longe se pode imaginar que tenham havido influências de outras gentes sobre Israel que resultassem nesse tipo de religião. Israel era único nessa forma de religião. Outro fato que foi ponderado é que a religião de Israel é um esboço da vida e obra de Jesus Cristo e, sendo assim, não se pode atribui-la a ninguém mais senão Àquele que projetou a redenção da humanidade em Jesus Cristo e fê-la cumprir cabalmente na encarnação.

O que ocorreu, portanto, foi que Deus mesmo revelou o modelo a Moisés. Isto foi feito de diversas maneiras. Apontamos o fato de que a comunicação das verdades de Deus aos seus profetas se dá através de visões, sonhos, aparições, pensamentos insuflados por Deus, elaboração mental e outros. Deus usou tudo isso, além de ter falado audivelmente com Moisés, mais de uma vez. É verdade que na religião de Israel aparecem traços de costumes já conhecidos, e há certas semelhanças de alguns de seus atos de culto com os cultos de outras gentes. Isto é explicável. De um lado, Moisés, conhecedor daqueles costumes, lançou mão desse conhecimento para expressar as verdades de Deus para o Seu povo. De outro lado, a falsa religião, os falsos sacrifícios e os falsos deuses, eram a degeneração de uma religião certa, conhecida pelos primeiros habitantes da terra; os sacrifícios falsos e os deuses estranhos também tinham nisso a explicação de sua origem. O que fica evidente é que o homem parte do monoteísmo para o politeísmo e do relacionamento certo com o Deus verdadeiro para a idolatria. Desse relacionamento certo com Deus restavam certos traços entre a humanidade. Deus reorientou esses aspectos para que expressassem o Seu verdadeiro culto que Lhe seria prestado no Tabernáculo.

ISRAEL, POVO ESCOLHIDO PARA SER NAÇÃO SACERDOTAL

Quando Deus chamou a Abraão, disse-lhe que nele seriam "benditas todas as famílias da terra" (Gn. 12:3). Isto expressa o

objetivo divino no estabelecimento dos filhos de Abraão como um povo a quem seria dada a terra de Canaã. Deus ama a humanidade toda, e queria abençoar todos os homens. Para isto, chama um homem, tira-o do meio de seu povo idólatra, aparece-lhe muitas vezes, e trabalha com ele e seus filhos, para que venham a desempenhar a sublime missão entre as demais nações. Em Êxodo 19: 5-6, os israelitas são chamados de reino sacerdotal.

Lembramos que era muito significativa a decisão divina de dar Canaã a Israel. De fato, essa região era formada de terras férteis, onde manava leite e mel. Contudo, não era o lugar ideal para colocar um povo onde pudesse viver tranqüilo e sem perturbação. Fosse o objetivo de Deus abençoar Israel mais do que as outras nações, com bênçãos materiais, e colocá-la a salvo de interferências de outros povos, teria lhe dado lugar mais seguro. Canaã, por causa de sua situação geográfica, era a passagem quase obrigatória de quem viesse do oriente para o ocidente e do norte para o sul (e vice-versa). Por isso mesmo foi sempre uma região visada pelos conquistadores. Não era de modo algum lugar quieto e sossegado. Mas era o lugar ideal para a nação sacerdotal, o povo através do qual todas as nações seriam abençoadas. E, para que outros povos recebessem a influência espiritual de Israel, não havia lugar melhor que Canaã.

A história demonstra que Israel não compreendeu a razão do seu chamamento. Por isso mesmo não operou dentro da finalidade de sua missão. Isto, entretanto, não desfez o propósito de Deus que era fazer deles uma bênção para todos os homens. Esse objetivo não foi desfeito pela infidelidade de Israel. O Senhor continua operando na história e, por fim, aquilo que Ele pré-ordenou será executado.

Dentro do propósito divino, o culto no Tabernáculo seria um fator de comunicação das verdades divinas para todos os outros povos. Por isso aquele culto era tão importante.

O CULTO NO TABERNÁCULO TINHA A FINALIDADE DE TRANSMITIR A ISRAEL O CARÁTER DIVINO

Contando-se todos os sábados e todos os dias festivos prescritos para Israel, nos quais não se poderia fazer outra coisa a não ser buscar o Senhor, percebe-se que o tempo que Israel deveria gastar no culto a Jeová tomava parte considerável da vida do povo. Além

disso, havia as cerimônias particulares de purificações, de cumprimentos de votos, e outras, que levavam as pessoas a estarem diante de Deus. Fazendo com que parte tão grande de seu tempo fosse separado para Deus, o Senhor queria promover a vivência constante de Israel com Ele. Através dessa vivência constante com Jeová, Israel tomaria consciência da presença contínua do Senhor no meio deles. Assim também receberia a graça de Deus e aprenderia Sua vontade. Haveria ainda a comunicação da santidade divina através daquela comunhão. A santidade seria alcançada tanto por separar Israel de tudo o que poderia contaminá-los, como também pelo poder da presença do Senhor no meio deles. Mais ainda, havia a comunicação ao povo de grandes verdades de Deus. Essa comunicação se dava por um processo simplificado, pois temos visto que o Tabernáculo e o seu culto é um tipo de jardim da infância do povo de Deus, onde verdades extraordinárias são comunicadas a um nível básico, através de figuras, símbolos, atitudes, etc.

Assim, por meio da realização dos atos de culto no Tabernáculo, e pela permanência constante do povo diante da face do Senhor, Deus poderia comunicar-lhes Seu próprio caráter. É como se dá com um pai e seu filho. Convivendo com ele, ensinando-o, ajudando-o, influenciando-o, o pai procura transmitir-lhe seu próprio caráter. Não era diferente com relação a Deus e seus filhos. Sua santidade, Sua retidão, Sua bondade, Seu amor e as demais qualidades do caráter divino deviam ser absorvidas pela nação israelita, para que, finalmente, ela mesma fosse uma bênção para todos os povos.

HAVIA PROPÓSITOS ATUAIS PARA O ISRAELITA EM CADA ATO DE CULTO NO TABERNÁCULO

Lendo-se a carta aos Hebreus, onde se diz que o culto no Tabernáculo era figura, sombra, parábola, dos bens futuros, pode-se pensar que, afinal, o culto de Israel fosse sem propósito para eles. Isso não é realidade. Havia propósitos atuais para o israelita em cada ato de culto feito no Tabernáculo. É o caso, por exemplo, da expiação. É evidente que o sangue dos animais sacrificados não podiam tirar os seus pecados. Não havia condições intrínsecas naquele sangue para realizar a expiação. Contudo, havia certas atitudes exigidas do israelita, que buscava a expiação nos sacrifícios do Tabernáculo, que davam valor àqueles atos e que mostram que

Mazinho Rodrigues

havia propósitos atuais para o povo de Deus naquelas cerimônias. O israelita que fosse buscar a expiação, precisava, antes de mais nada, aceitar sua condição de pecador. Em segundo lugar, precisava crer na fidelidade de Deus que havia prometido perdão para os que O buscassem levando um animal para morrer como seu substituto. Se a falta fosse o resultado de ter usurpado alguma coisa alheia, ele tinha de fazer restituição do que usurpara e ainda acrescentar vinte por cento do seu valor, como multa. Precisava também confessar o seu pecado. Tudo isso dava valor ao seu ato de culto e fazia com que a cerimônia tivesse um propósito real para ele. Era assim também com os demais atos de culto. Sobre tudo isto, Deus mesmo é que ordenara aquele culto e, evidentemente, o Senhor não o teria ordenado se não tivesse propósito para o israelita.

Mas, como foi dito, os sacrifícios e os demais atos de culto, não tinham valor intrínseco. Eram valorizados peias atitudes do crente. E tinham que ser fundamentados na vida e obra de Jesus Cristo. O Mestre já exercia Seu ministério sacerdotal naqueie período, como também o Seu ministério profético. Eram, portanto, o Seu sacrifício futuro e o conjunto total da obra que faria, que davam validade àqueles sacrifícios. Por certo, a maioria dos Israelitas não tinham revelação suficiente a respeito do Salvador prometido. Alguns puderam contemplá-lO mais definidamente, como é o caso de Abraão e Isaías. Contudo, é n'Ele que repousava a validade do que se fazia no Tabernáculo.

O CUMPRIMENTO DO CULTO NO TABERNÁCULO EM JESUS CRISTO

Em Jesus Cristo e Sua obra cumprem-se cabalmente os atos cerimoniais executados no culto do Tabernáculo. Impressiona a maneira como até as minúcias daquele culto têm seu cumprimento na vida e na obra do Salvador.

Quando Deus ordenou a Moisés a construção do Tabernáculo, disse-lhe que fizesse tudo de acordo com o padrão que o Senhor lhe mostrou. "Segundo a tudo o que eu te mostrar para modelo do Tabernáculo e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis" (Ex. 25:9). Êxodo 40:16 declara que "tudo fez Moisés segundo o Senhor lhe havia ordenado". A linguagem empregada aí é de que Deus mostrou a Moisés um modelo. De que natureza era

esse modelo? Teria Deus montado um protótipo de natureza material para que Moisés o visse? Não resta dúvida de que Deus poderia ter-lhe dado visões onde poderiam aparecer esboços de tudo o que deveria ser feito por ele. Tenha Deus agido assim, ou tenha simplesmente explicado a Moisés como construir o Tabernáculo, o certo é que o modelo a ser seguido era a representação de verdades espirituais que Deus queria que os israelitas viessem a apreender. Jesus e o Céu, onde Ele entrou após Sua morte e ressurreição, são os fundamentos dessas verdades, que, por sua vez, formam o protótipo da vida e da obra do Messias de Israel. O Senhor estava dando a Moisés como que um esboço, uma planta, do que seria o Filho de Deus encarnado, do Seu ministério e dos resultados de Sua obra. Tinham Eles portanto, no Tabernáculo e no seu culto, a figura, a sombra, a parábola, da realidade que se faria presente na terra na pessoa de Jesus Cristo.

É por isso que o cumprimento do significado do Tabernáculo e do seu culto é tão real e literal em Jesus Cristo. Ninguém pode confrontar a vida de Jesus Cristo e Sua obra com o que se fazia no Tabernáculo sem ficar impressionado com a similaridade entre um e outro.

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DE LEVÍTICO

Dificilmente poder-se-ia exagerar a importância que o conhecimento de Levítico tem para o estudioso da Bíblia. Comece-se a examinar um rio a partir de sua nascente, observando-se seus afluentes, seus contornos, suas quedas, até chegar-se ao lugar em que desagua no grande oceano e, então, poder-se-á dizer que realmente se tem conhecimento daquele rio. Faça-se uma tentativa de conhecê-lo somente nos quilômetros finais de seu curso e se perderá muito da beleza do que ficou para trás, e, talvez, nunca se perceberá toda a sua magnitude.

É assim com Levítico. Ele é como a fonte, a base, o alicerce. Sobre essa base são feitos desdobramentos de tremendas verdades de Deus no restante do Velho Testamento. No Novo Testamento essas verdades realizam-se plenamente.

O convite do autor é para que cada estudioso da Bíblia tente apreender as verdades fundamentais que estão em Levítico, e, a partir daí, sua compreensão do restante do Velho e do Novo Testamentos ampliar-se-á.

Como diz Oswald T. Ailis:

Como nenhum outro livro do Velho Testamento, (Levítico) focaliza a obra maravilhosa da redenção humana através de Cristo, como que respondendo à pergunta de Jó: "Como se justificaria o homem para com Deus?" (Jó 9:1), com palavras deste gênero: "Levará a sua oferta...", "Porá as mãos na cabeça...", "E o matará...", "E o sacerdote aspergirá o sangue...", "Fará expiação por Ele, e será perdoado".

BIBLIOGRAFIA

Adams, J. Mackee. *A Bíblia e as Civilizações Antigas.* Trad. de Antônio N. de Mesquita. Rio: Editora Dois Irmãos, 1962.

Albright, William F. "Recent Discoveries in Bible Lands", 2a. ed. Nova Iorque: Funk & Wagnalls Company, 1955. Suplemento de *Young's Analytical Concordance to the Bible*. 22a. ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, s/ data.

Alexander, W. Lindsay. *A System of Biblical Theology*. Edinburgo: T. & T. Clark, 1888.

Allen, Edith A. *Compêndio de Arqueologia do Velho Testamento*. Rio: Casa Publicadora Batista, 1957.

Allis, Oswald T. "Levítico", em *O Novo Comentário da Bíblia*, pp. 155-184, Vol. 1, 2a. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1972.

Allmen, Jean-Jacques Von (ed.). *Vocabulário Bíblico*. Traduzido por Alfonso Zimmermann. São Paulo: Aste, 1963.

Almeida, Antônio. *Anotações ao Livro de Levítico*. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1955.

Archer Jr., Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Edições Vida Nova, 1974.

Bancroft, Emery H. *Teologia Elementar*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1966.

Bonar, Andrew A. *A Commentary on the Book of Leviticus. 2a. ed. Londres: James Nisbet and Co.*, 1847.

Buber, Martin. *Moses: The Revelations and the Covenant*. 5a. ed. Nova Iorque: Harper & Row, Publishers, 1965.

Cave, Alfred. *The Scriptural Doctrine of Sacrifice*. Edinburgo: T & T. Clark, 1877.

Ceram, C. W. *Deuses Túmulos e Sábios*. Traduzido por João Távora. 7a. ed. São Paulo. Edições Melhoramentos, 1958.

Challaye, Félicien. *Pequena História das Grandes Religiões.* Traduzido por Alcântara Silveira. 2a. ed. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1967.

Clarke, Adam. *Clarke's Commentary*. Vol. I: Genesis to Deuteronomy. Nova Iorque: Lane & Scott, 1851.

Coleman, Robert E. *Written in Blood, A Devotional Study of the Blood of Christ*. Old Tappan, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1972.

Connel, J. C. "Êxodo", em *O Novo Comentário da Bíblia*, pp. 119-154, Vol. I, 2a. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1972.

Crabtree, A. R. *Arqueologia Bíblica*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1958.

Davis, John D. *Dicionário da Bíblia*. 2a. ed., Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965.

Edersheim, Alfredo. *Festas de Israel*. Traduzido por Jorge Goulart. São Paulo: União Cultural Editora Ltda., s/ data.

Fairbairn, Patrick. *The Typology of Scripture: Viewed in Connection With the Whole Series of the Divine Dispensations*. 2 Vol. Nova Iorque: Funk & Wagnalls Company, 1900.

Ferreira, Júlio Andrade. *Conheça sua Fé*. Campinas: Livraria Cristã Unida Ltda., 1967.

Haldeman, I. M. *The Tabernacle: Priesthood and Offerings*. Old Tappan, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, s/ data.

Halley, Henry H. *Manual Bíblico*. 2a. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1971.

Harlow, R. E. *Estudos Sobre Êxodo e Levítico*. Porto: Livraria Esperança, s/ data.

Heaton, E. W. *O Mundo do Antigo Testamento*. Traduzido por Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

Henry, Mathew. *An Exposition of the Old and New Testament*. Vol. I: Genesis to Deuteronomy. 2a ed. Londres: James Nisbet and Co., 1866.

Horne, Thomas Hartwell. *An Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*. Vol. II. Nova Iorque: Robert Carter & Brothers, 1872.

Ironside, H. A. *Lectures on the Levitical Offerings*. 4a. ed. Nova Iorque: Loizeaus Brothers, Inc., Bible Tryth Depot, 1949.

Jamieson, Roberto, e outros. *Comentário Exegetico y Explicativo de la Biblia*. 5a. ed. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1976.

Josefo, Flávio. *História dos Hebreus*. Traduzido pelo Padre Vicente Pedroso. Vol. I. São Paulo: Editora das Américas, s/ data.

Keil, C. F. e F. Delitzch. *Biblical Commentary on the Old Testament*. Vol. II: The Pentateuch. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1949.

Keller, Werner. *E a Bíblia Tinha Razão*. Traduzido por João Távora. 2a. ed. Edições Melhoramentos, 1958.

Lange, John Peter. *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*. Vol. II: Exodus-Leviticus. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1876.

Lima, Oliveira. *História da Civilização*. 12a. ed. revista. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

Mackintosh, C. H. *Estudos Sobre o Livro de Êxodo*. Lisboa: Depósitos de Literatura Cristã, s/ data.

_____. *Estudos Sobre o Livro de Levítico*. Lisboa: Depósitos de Literatura Cristã, s/ data.

Marston, Charles. *A Bíblia Disse a Verdade*. Traduzido por Edison Moreira. 2a. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1959.

Meek, Theophile James. *Hebrew Origins*. 3a. ed. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960.

Mesquita, Antônio Neves. *Estudo no Livro de Levítico*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971.

Pearlman, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. Traduzido por N. Lawrence Olson. 3a. ed. Rio: Emprevan Editora, 1968.

Pfeiffer, Charles F. *The Book of Leviticus*. 2a. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1963.

Richardson, Alan (ed.). *A Theological Word Book of the Bible*. 6a. ed. Londres: SCM Press Ltd., 1957.

Ritchie, John. *The Tabernacle in the Wilderness*. Kilmarnock Escócia: John Ritchie Limited, s/ data.

Shultz, Samuel J. *A História de Israel no A. T.* 2a. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

Schultz, Samuel J. *The Gospel of Moses*. Nova Iorque: Harper & Row, Publishers, 1974.

Simpson, A. B. *Christ in the Tabernacle*. Harrisburg, Pa.: Christian Publications, Inc., s/ data.

Smith, W. Robertson. *The Religion of the Semites: The Fundamental Institutions*. 2a. ed. Nova Iorque: The Meridian Library, 1957.

Soltau, Henry W. *The Tabernacle: The Priesthood and the Offerings*. 3a. ed. Grand Rapids: Kregel Publications, 1976.

Stevens, George Baker, *The Christian Doctrine of Salvation*. Edinburgo: T. & T. Clark, 1905.

Teixeira, Alfredo Borges. *Dogmatica Evangélica*. São Paulo: Atena Editora, 1958.

Turnbull, M. Ryerson. *Estudando o Livro de Levítico e a Epístola aos Hebreus*. Traduzido por J. Maurício. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1954.

Von Rad, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1973.

Vos, Geerhardus. *La Ensenanza de la Epistola a los Hebreos*. Tarrasa, Barcelona. Samuel Vila Ventura (ed.), 1974.

Warfield, B. B. *Biblical Foundations*. Londres: The Tyndale Press, 1958.

Warnock, George H. *La Fiesta de los Tabernaculos*. Pedido de cópias a Ricardo Enlow, 426 W. High Street, Springfield, Mo. 65803, 1951.

Wemp, C. Summer. *Teaching From the Tabernacle*. 2a. ed. Chicago: Moody Press, 1976.

Wouk, Herman. *Este é o Meu Deus*. Traduzido por Eliezer Strauch. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1965.